

eu fui na casa da minha prima mimi, né
Eu lembrei de mamãe, sabe?
e o piano fico parado Eu passar umas férias em beforizonte

Passes e espelhos o papai deu pro col
e aquele tão diferente, né? Aí me chamô de tio
peguei minhas roupinha

Aí acabei matano o jacaré
É BOTO NUM CANTO LA DA OFICINA
ELE - ELA AÍ FALO ASSIM
Foi um belo dia mia filha, o rio encheu

ESTRUTURA

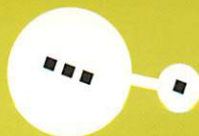
NARRATIVA

&

ESPAÇOS

MENTAIS

Adriana Maria Tenuta de Azevedo



O trabalho de Adriana Tenuta Azevedo sobre narrativas orais é uma contribuição importante e original para os estudos em Linguística Cognitiva além de uma demonstração do vigor dessa corrente teórica no Brasil.

No livro, a autora analisa, com grande refinamento, a estrutura temporal da narrativa em português, investigando como tempo, modo e aspecto verbais contribuem para o estabelecimento do foco narrativo e para a construção da relação figura-fundo entre os elementos que a compõem. Um dos pontos mais importantes neste estudo, que pode servir como inspiração para outros trabalhos na área, é sua abordagem metodológica que une elementos da semântica cognitiva com uma inspirada utilização das teorias de espaços mentais.

Apesar do crescente interesse despertado pela Linguística Cognitiva no Brasil, são poucos os estudos publicados em português de modo que a presente obra vem preencher uma importante lacuna, fornecendo um recurso precioso para aqueles que se interessam pelo estudo cognitivo da linguagem.

Maria Luíza Cunha Lima
Prof.ª na Faculdade de
Letras - UFMG

**ESTRUTURA NARRATIVA
E ESPAÇOS MENTAIS**

ADRIANA MARIA TENUTA DE AZEVEDO

**ESTRUTURA NARRATIVA
E ESPAÇOS MENTAIS**

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
2006

Copyright © 2006 Adriana Maria Tenuta de Azevedo

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Diretor: Jacyntho José Luis Brandão
Vice-diretor: Wander Emediato de Souza

Projeto Gráfico, Editoração e Capa: Visiva Comunicação

A994e Azevedo, Adriana Maria Tenuta.
Estrutura narrativa e espaços mentais / Adriana Maria Tenuta de Azevedo. – Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

249 p. : il. , graf.

Originalmente apresentada como Tese (doutorado) – UFMG, FALE, com o título: Domínios discursivos: uma visão cognitiva da estruturação de narrativas orais.

Referências: p. 161-167.

Apêndices: 169-249.

ISBN: 85-7758-006-7

1. Lingüística. 2. Cognição. 3. Gramática cognitiva. 4. História oral. 5. Psicolingüística. 6. Narrativa (Retórica). 7. Semântica. 8. Língua portuguesa – Tempo verbal. I. Título.

CDD : 401.9

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da Biblioteca FALE/UFMG

Faculdade de Letras
Av. Antônio Carlos, 6627
Belo Horizonte, MG
Fone: (31) 3499 5106
FAX: (31) 3499 4124

www.lettras.ufmg.br

Para o Arthur

PREFÁCIO

Nos últimos vinte e cinco anos temos assistido ao crescimento do paradigma investigativo denominado Linguística Cognitiva dentro do arcabouço maior dos estudos lingüísticos. A Linguística Cognitiva nunca foi oficialmente fundada, nem tem um só representante máximo. Ao contrário, vários estudiosos encontraram-se questionando princípios por longo tempo aceitos como marcos científicos dentro do campo investigatório da lingüística. Assim, o princípio da mente modular, com um módulo cognitivo específico à linguagem, passou a ser foco de escrutínio dadas as evidências a favor de princípios cognitivos operacionais comuns à visão, percepção espacial, percepção sinestésica e também à linguagem. Na década de 1980, começaram a se firmar estudos enfocando as noções de figura e fundo, e percepção gestáltica na linguagem (cf. Hopper, 1982). Ao mesmo tempo, os questionamentos em torno da validade dos princípios lógicos da semântica formal, como elementos heurísticos para a interpretação das línguas naturais, acirraram-se. Assim, em um contexto de grandes perguntas de base epistemológica, em 1984, Gilles Fauconnier lança seu livro *Espaces Mentaux*, onde é apresentada uma visão inovadora para o fenômeno da referenciação. Tal estudo estabeleceu a agenda de trabalho da investigação semântica que resulta, no momento atual, na Teoria da Mesclagem (Fauconnier & Turner, 2002). Nesse modelo, admite-se a capacidade criativa do ser humano como o fio condutor e integrativo do pensamento e da cognição lingüística.

É dentro desse campo investigatório que Adriana Tenuta Azevedo desenvolveu a pesquisa que resultou neste livro. Utilizando-se das bases epistemológicas e dos instrumentos analíticos fornecidos pela Semântica Cognitiva, a autora analisou narrativas orais com vistas ao entendimento de sua estruturação temporal. Tal empreendimento representa uma enorme contribuição aos estudos conduzidos no bojo da Linguística Cognitiva, uma vez que enfoca textos completos como objeto de análise e não, como tem sido a tradição, enunciados ou sentenças isolados.

Acredito que este trabalho em muito contribuirá para a divulgação da Linguística Cognitiva no cenário brasileiro de pesquisa em linguagem e cognição, além de nos oferecer um avanço teórico refinado dentro desse campo fascinante de estudos que é aglutinado sob o rótulo de Ciências Cognitivas.

Heliana Mello

Referências:

FAUCONNIER, Gilles. *Espaces mentaux: aspects de la construction du sens dans les langues naturelles*. Paris: Editions de Minuit. 1984.

FAUCONNIER, Gilles & Mark TURNER. *The way we think: Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. Nova York: Basic Books. 2002.

HOPPER, Paul J. (org.), *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins. 1982.

APRESENTAÇÃO

Este livro relata a pesquisa descrita na tese intitulada *Domínios discursivos: uma visão cognitiva da estruturação de narrativas orais*, realizada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Lingüísticos, área de Lingüística, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos – PosLin, da Faculdade de Letras - FALE/UFMG. Para tal trabalho, contei, de forma vital, com a orientação da Profa. Dra. Heliana Mello, da UFMG, além da colaboração do Prof. Dr. Christopher Sinha, durante estágio realizado na Universidade de Portsmouth, UK, financiado pela Capes. Foi essencial o apoio dos colegas professores da FALE/UFMG e as trocas inestimáveis com os amigos do grupo InCognito, de Estudos em Lingüística Cognitiva da FALE, e da colaboração da Profa. Dra. Janice Marinho, referente à análise gramatical dos dados.

O incentivo final para a transformação da tese em um livro veio, primeiro, da banca examinadora composta, além da orientadora, por: Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão (UFJF), Profa. Dra. Helena Franco Martins (PUC-Rio), Profa. Dra. Janice Helena Chaves Marinho (UFMG) e Prof. Dr. Fábio Alves da Silva Júnior (UFMG), que contribuíram com excelentes arguições e deram grande acolhida ao trabalho e, segundo, da Diretoria da FALE/UFMG, através de seu esforço pela realização de publicações na área da Lingüística. Na forma de livro, o trabalho torna-se significativamente mais acessível a estudantes e pesquisadores de qualquer parte do país, contribuindo para as discussões relativas aos estudos de narrativa, bem como para a divulgação do quadro da Lingüística Cognitiva, que vem sendo gradativamente mais compreendida como um arcabouço teórico de grande potencial e alcance.

Este livro apresenta uma proposta de caracterização da estruturação temporal da narrativa oral, levando em conta a realidade cognitiva que motiva essa estruturação. Alia os conceitos de figura e fundo da Psicologia Gestalt, já utilizados no âmbito da Lingüística (Hopper, 1979), à Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e à Teoria da Mesclagem Conceptual (Fauconnier & Turner, 1996, 1998, 2002), integrantes da Lingüística Cognitiva. Essa caracterização teve por base a pesquisa que partiu da análise das categorias verbais de Tempo, Aspecto e Modo (o sistema TAM) encontradas em textos narrativos orais autênticos da língua portuguesa do Brasil.

Fazem parte das concepções adotadas nesta pesquisa, primeiro, que a semântica é a base e a motivação para as formas lingüísticas e, segundo, que a utilização da linguagem pelos seres humanos não está desvinculada de recursos e habilidades cognitivos mais gerais.

De Hopper (1979)¹, foram utilizados os conceitos de Figura e Fundo, que descrevem um aspecto da estruturação narrativa que é a contraparte temporal do princípio cognitivo proposto pela Psicologia Gestalt. Esse princípio, segundo o qual nós percebemos o mundo ressaltando determinados elementos (*figure*) em relação a outros (*ground*), apesar de ter sido proposto inicialmente para o campo da percepção visual, aplica-se mais generalizadamente à percepção humana. O que se toma como pressuposto desde Hopper e outros pesquisadores é o fato de as gramáticas das línguas refletirem, de algum modo, tal pressão cognitiva.

Tal pesquisa constou de duas partes: a primeira delas visou à checagem da existência de evidência empírica para o fato de o sistema TAM ter um papel na estruturação de textos narrativos orais, desempenhando a função discursiva de marcar o material lingüístico pertencente à Figura (as estruturas da linha central da história), ao Fundo (as estruturas com informação de suporte a essa linha central: descrições, comentários, etc) e ao Discurso Direto (representação da fala de personagens).

As características semântico-formais dos elementos componentes de cada parte do texto narrativo oral revelaram ser o sistema TAM um recurso utilizado pelo falante no sentido de organizar seu texto e orientar o ouvinte para que este perceba basicamente qual é a linha seqüenciada dos eventos e qual é a informação adicional que os amplia.

A segunda etapa da pesquisa foi baseada na proposição de que Figura, Fundo e Discurso Direto poderiam ser tratados como espaços ampliados no universo do texto, como domínios discursivos independentes, interconectados, descritos mais apropriadamente através do arcabouço teórico da Lingüística Cognitiva, mais especificamente da Semântica Cognitiva (Teoria dos Espaços Mentais - Fauconnier 1994, 1997 e da Mesclagem Conceptual - Fauconnier & Turner 1996, 1998, 2002.). Assim, foram descritos: o **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS** (Figura) e o **DOMÍNIO SUPORTE** (Fundo), além do **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO** (Discurso Direto), que é material lingüístico distinto funcional e formalmente daquele presente nos dois domínios anteriores. A abordagem dos Espaços Mentais provê instrumentação teórica apropriada para se lidar com essa perspectiva de domínios, possibilitando visualizar melhor como se estruturam, se interconectam e se inter-relacionam.

i Na língua inglesa, há distinção entre a terminologia utilizada na psicologia Gestalt referindo-se ao princípio cognitivo (*figure/ground*) e a utilizada em estudos lingüísticos sobre narrativas (*foreground/background*). Já na língua portuguesa, para ambos os campos, utilizam-se os termos *figura* e *fundo*. Neste trabalho, optou-se por distingui-los marcando por iniciais maiúsculas o campo narrativo (*Figura/Fundo*).

Tal descrição envolveu, primeiro, a proposta de diagramação para os domínios do texto narrativo oral, buscando representar essa realidade de a distribuição da informação no texto refletir um princípio cognitivo geral, e, segundo, a comparação dessa proposta com uma diagramação do encadeamento discursivo de trechos extraídos das narrativas que compuseram o *corpus* da pesquisa. Utilizou-se, para as diagramações, as Noções Discursivas BASE, PONTO DE VISTA, FOCO, EVENTO; as Categorias Tempo-aspectuais PRESENTE, PASSADO, FUTURO, PERFECTIVO, IMPERFECTIVO, PROGRESSIVO, PERFEITO e os Princípios de Organização Discursiva, que estão em Cutrer (1994) e Fauconnier (1997).

Complementando meus agradecimentos, além do apoio diretamente imprescindível à realização desta pesquisa daqueles que já mencionei, desejo pontuar o papel significativo em minha formação de meus professores da graduação e pós-graduação da FALE/UFMG, especialmente, Rosália Dutra, Haj Ross, Mário Perini e Milton do Nascimento; dos professores T. Rorher e S. Coulson, pela introdução valiosa ao mundo da Semântica Cognitiva, em Odense, Dinamarca e do Prof. R. Langacker, pelo cuidado com que nos conduziu pelos caminhos da Gramática Cognitiva, em High Whycombe, UK; e dos professores Heliana Mello, Cristina Magro e Fábio Alves, da linha de pesquisa da Interação entre Linguagem, Cognição e Cultura do PosLin/UFMG.

Agradeço também, de forma especial, aos meus contadores de história, personagens de minha vida pessoal; aos meus familiares e amigos. E, finalizando, resalto a generosidade do Humberto Guimarães, que me emprestou um pouco de sua poesia, com que enfeitei o apêndice que contém o *corpus*.

As instituições e as pessoas aqui referidas possibilitaram, de uma forma ou de outra, a realização da pesquisa e da tese, cuja transformação em livro traz contribuição para discussões e o conseqüente desenvolvimento da Linguística Cognitiva no cenário do Brasil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. A INSERÇÃO DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA NAS CIÊNCIAS COGNITIVAS	19
2. LINGÜÍSTICA COGNITIVA: ABORDAGENS	24
2.1. GRAMÁTICA COGNITIVA	24
2.2. SEMÂNTICA COGNITIVA: ESPAÇOS MENTAIS	30
2.3. SEMÂNTICA COGNITIVA: MESCLAGEM	37
3. NARRATIVA	46
3.1. NARRATIVA E LINGÜÍSTICA COGNITIVA	50
3.2. NARRATIVA E A PERCEPÇÃO COGNITIVA: FIGURA E FUNDO	53
3.2.1. PRINCÍPIO GERAL DA PERCEPÇÃO COGNITIVA.	55
3.2.1.1. A EXPRESSÃO NARRATIVA DO PRINCÍPIO GERAL DA PERCEPÇÃO COGNITIVA.	55
3.3. PRESSUPOSTO: <i>PRETÉRITO PERFEITO</i> E FIGURA NARRATIVA	59
4. METODOLOGIA	60
5. CHECAGEM DA CORRELAÇÃO ENTRE SISTEMA TAM EM NARRATIVAS ORAIS E O PRINCÍPIO COGNITIVO.	65
5.1. DIVISÃO DOS TEXTOS EM UNIDADES ORACIONAIS	65
5.2. SEPARAÇÃO DAS UNIDADES EM DISCURSO DIRETO	66
5.3. SELEÇÃO DAS ESTRUTURAS EM <i>PRETÉRITO PERFEITO</i>	67
5.4. CHECAGEM DA CORRELAÇÃO <i>PRETÉRITO PERFEITO/EVENTO</i> NARRATIVO.	68
5.4.1. EVENTO NARRATIVO	68
5.4.1.1. DECISÕES RELATIVAS A EVENTOS NARRATIVOS	69
5.4.2. OBSERVOU-SE: EM RELAÇÃO AO MAPEAMENTO Nº 1.	72
5.4.3. OBSERVOU-SE: EM RELAÇÃO AO MAPEAMENTO Nº 2	73
5.4.4. GRÁFICOS.	74
6. OS VALORES TAM	77
6.1. TEMPO VERBAL.	77
6.1.1 – TEMPO VERBAL NOS DADOS.	77
6.2. ASPECTO.	81
6.2.1 – ASPECTO NOS DADOS.	84
6.3. MODO	88
6.3.1. MODO NOS DADOS	88

7. OS VALORES TAM E OS DOMÍNIOS NARRATIVOS.	92
7.1. NA PERSPECTIVA DOS VALORES TAM.	92
7.1.1. VALORES TEMPORAIS	93
7.1.2. VALORES ASPECTUAIS	93
7.1.3. VALORES MODAIS	94
7.2. NA PERSPECTIVA DOS DOMÍNIOS DISCURSIVOS.	94
7.2.1. DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS (FIGURA).	95
7.2.2. DOMÍNIO SUPORTE (FUNDO).	96
7.2.3. DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO (DISCURSO DIRETO)	97
8 – OS DOMÍNIOS DO TEXTO NARRATIVO ORAL E A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS.	99
8.1. INSTRUMENTAL DO QUADRO TEÓRICO UTILIZADO.	99
8.1.1. NOÇÕES DISCURSIVAS	99
8.1.2. PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA	100
8.1.3. CATEGORIAS TEMPO-ASPECTUAIS	101
8.1.4. REPRESENTAÇÃO DAS INTERAÇÕES ENTRE NOÇÕES DISCURSIVAS E CATEGORIAS TEMPO-ASPECTUAIS	101
8.2. PROPOSTA DE DIAGRAMAS PARA OS DOMÍNIOS DO TEXTO NARRATIVO ORAL . . .	106
8.2.1. DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS	106
8.2.2. DOMÍNIO SUPORTE	107
8.2.3. DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO	108
9. DIAGRAMAÇÃO DISCURSIVA DOS VALORES TEMPO-ASPECTUAIS	109
9.1. TRECHO DIAGRAMADO 1	110
9.2. TRECHO DIAGRAMADO 2	121
9.3. TRECHO DIAGRAMADO 3	128
9.4. DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO: MUDANÇA DE BASE	133
9.5. TRECHO DIAGRAMADO 4	136
9.6. TRECHO DIAGRAMADO 5	140
9.7. TRECHO DIAGRAMADO 6	142
9.8. TRECHO DIAGRAMADO 7	145
9.9. TRECHO DIAGRAMADO 8	147
9.10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	149
CONCLUSÃO	150
CITAÇÕES NO ORIGINAL.	154
REFERÊNCIAS	161
APÊNDICE 1 – <i>CORPUS</i>	169
APÊNDICE 2	203
PARTE A – DIVISÃO DOS TEXTOS EM UNIDADES ORACIONAIS	203
PARTE B – ANÁLISE DAS ESTRUTURAS ORACIONAIS EM TERMOS DE VALORES TAM.	217

INTRODUÇÃO

São várias as perspectivas para o estudo de narrativas. Há a *Narratologia*, com sua busca de definir os componentes comuns às narrativas, seu sistema de regras, concentrando-se, ora na história, ora na estrutura discursiva, ou na interseção de ambas (Prince, 1997). Há a *Abordagem Discursiva*, que trata do conteúdo da história em integração com a situação específica de sua produção, denotando não ser a finalidade desse tipo de texto apenas codificação de experiência (Edwards, 1997). A *Psicologia Narrativa*, por sua vez, também aponta para outras funções da história, como, por exemplo, a da organização de nossa experiência social (Bruner, 2002). Em *Análise Conversacional*, são abordadas questões relativas à visão da narrativa como um turno longo, com suas regras conversacionais específicas. Os *Estudos Sociolinguísticos* que enfocam narrativas orais, como os de Labov (1972), assim como na *Narratologia*, identificam estruturas, elementos essenciais de uma narrativa, porém numa perspectiva temporal, uma vez que a seqüência dos eventos representados pela narrativa tem de ser expressa pela ordem das frases.

O estudo apresentado neste livro aborda o texto narrativo oral de uma perspectiva gramatical-cognitivo. Enfoca o elemento verbal sob a ótica cognitiva dos estudos linguísticos, que toma por base a inter-relação entre a linguagem e os outros processos cognitivos humanos. Sob essa perspectiva integradora, revela como a expressão de um princípio da percepção cognitiva se expressa através da macro-estruturação do texto narrativo. Aproxima-se, por uma perspectiva temporal, dos estudos de Labov; no entanto, difere-se deles por incluir a dimensão da cognição. Este estudo realiza ainda a descrição dessa macro-estruturação em termos de espaços mentais, domínios discursivos, através do instrumental teórico da Linguística Cognitiva.

Dentro do quadro da Linguística Cognitiva, discurso e narrativa revelam cenários, esquemas recorrentes das histórias humanas, que são culturais. E, nesse quadro, mais que um recurso literário, narrativa é vista como uma capacidade cognitiva básica.

A Teoria dos Espaços Mentais permitiu, em relação a este trabalho, abordar vários aspectos da complexidade do discurso. Possibilitou: primeiro, descrever detalhadamente as expressões linguísticas e seus valores gramaticais, bem como o encadeamento seqüencial do discurso; segundo, representar os mecanismos linguísticos que servem à dinâmica de alterações de PONTO DE VISTA e FOCO. Essas alterações acontecem numa narrativa, pois ela apresenta alguns domínios de realidade distintos, com seus participantes específicos. A visão de qualquer participante de uma situação é sempre parcial, havendo, portanto, para

uma mesma história, mais de uma perspectiva de narração; terceiro, revelar as relações Figura/Fundo subjacentes à macro-estruturação do texto narrativo.

A Teoria da Mesclagem, com seu potencial para a modelagem de como a conceptualização humana pode envolver ativação simultânea de aspectos selecionados de domínios distintos, foi essencial para a caracterização dos domínios discursivos estruturadores do texto narrativo oral, propostos neste trabalho, em especial, do **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**, que apresenta aspectos tanto do *mundo da história* como da *situação de narração*.

Em suma, o arcabouço teórico no qual se embasa a pesquisa descrita neste livro é a Linguística Cognitiva, através de suas teorias dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceptual. Diagramações dentro desses modelos possibilitaram descrever a realidade cognitiva motivadora da estruturação do texto narrativo oral além de explicitar aspectos gramaticais referentes à dinâmica da expressão de valores verbais no texto narrativo.

O livro está organizado em 9 capítulos:

O capítulo 1 é uma apresentação da Linguística Cognitiva como integrante de um ramo de modelos teóricos que inclui a perspectiva conexionista e abordagens ligadas à corporeidade. Tais modelos constituem alternativas aos postulados objetivistas, inatistas, modularistas do cognitivismo clássico. Essa apresentação visa essencialmente a explicitar como o quadro teórico adotado para este trabalho posiciona-se em relação a noções fundamentais como as de símbolo, significado e representação e como lida com as questões de linguagem, cognição e cultura, relacionadas. É apresentado um quadro esquemático que permite uma visualização dessas tendências que se opõem, do qual destaca-se a percepção de que a Linguística Cognitiva não se coaduna com a visão do computador como a metáfora da mente.

No capítulo 2, encontra-se uma explicitação, propriamente, do quadro da Linguística Cognitiva, mostrando de forma ampla os princípios e postulados que a norteiam. Discute-se a visão, desse ponto de vista, por exemplo, do papel de imagética; da natureza dos universais; da base cognitiva da linguagem e da natureza da descrição teórica. São enfocadas a Gramática Cognitiva, proposta por Langacker (1987, 1991), as teorias da Metáfora Conceptual (Lakoff & Johnson, 1980), dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e da Mesclagem Conceptual (Fauconnier & Turner, 1996, 1998, 2002), como abordagens que compartilham desses princípios. Trabalha-se também com o que há de específico em relação a cada um desses modelos a fim de se construir as bases sobre as quais é realizada a análise proposta neste livro.

No capítulo 3, apresenta-se *narrativa* como passível de estudo sob várias perspectivas. Introduce-se a definição de Labov (1972) e o estudo translingüístico realizado por Hopper (1979), que revela a relação, encontrada nas línguas, entre aspecto verbal e estrutura narrativa. A visão desse autor de que a estrutura narrativa reflete o princípio cognitivo humano geral da figuração proposto pela Teoria Gestalt é corroborada pelo paralelo, traçado por Reinhart (1984), entre estrutura narrativa e o campo da percepção visual. Explicita-se a singularidade do presente trabalho, mostrando, primeiro, que ele relaciona padrões de utilização gramatical à macro-estruturação do texto narrativo, assumindo a perspectiva cognitiva e, segundo, que propõe a descrição dessa estruturação em termos de domínios discursivos.

O capítulo 4 descreve as duas partes da pesquisa realizada e o desenho metodológico proposto para se tratar do fenômeno sob investigação. Na primeira parte, o *corpus* com o qual se trabalhou, de 13 narrativas orais, foi dividido em unidades oracionais. A proposta foi da checagem da adequação de se dividir tais unidades oracionais em três domínios básicos no universo do texto e da busca da confirmação de um mapeamento entre o tempo verbal *Pretérito Perfeito* e os *eventos narrativos*. Na segunda, propôs-se a realização de diagramações, utilizando-se a noção de espaços mentais e os diagramas de mesclagem, tanto para os domínios do texto, caracterizados pelas análises da primeira parte da pesquisa, como para trechos dos textos narrativos, comparando-os.

Nos capítulos 5, 6 e 7 descreve-se o processo de realização da proposta metodológica para primeira parte da pesquisa. O capítulo 5 enfoca a checagem do mapeamento *Pretérito Perfeito/ evento narrativo*, confirmando a atuação do princípio cognitivo de percepção visual relativo à estruturação do texto narrativo oral. Já o capítulo 6 apresenta a quantificação dos valores relativos a Tempo, Aspecto e Modo (TAM) existentes nos elementos verbais das estruturas oracionais do *corpus*, o que permite a caracterização gramatical dos domínios que estruturam a narrativa. O capítulo 7, na seqüência, traz a análise detalhada dos elementos verbais presentes em cada uma das três partes do texto (o **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS**, o **DOMÍNIO SUPORTE** e o **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**), levando-se em conta os valores TAM emergentes no contexto de uso dos elementos lingüísticos. A marcação lingüística diferenciada dos três domínios referidos é interpretada como expressão de função discursiva: de organização, para o falante, e de guia de interpretação, para o(s) ouvinte(s).

O capítulo 8 relaciona os domínios do texto narrativo oral à Teoria dos Espaços Mentais. Prepara a realização da segunda parte da pesquisa, ou seja, a caracterização e descrição desses domínios através das ferramentas desse arcabouço teórico, o que constitui uma perspectiva mais cognitivamente embasada para os estudos lingüísticos da narrativa.

Já o capítulo 9 traz diagramações de trechos das narrativas, selecionados por apresentarem os valores TAM de maior ocorrência em cada domínio discursivo. Há diagramações do seqüenciamento discursivo, realizadas com base nas Noções Discursivas, nas Categorias Tempo-aspectuais e nos Princípios Discursivos do Modelo de Espaços Mentais, como estão em Cutrer (1994). Tais diagramações são comparadas com outras realizadas tendo por base as representações propostas para o **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS**, o **DOMÍNIO SUPORTE** e o **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**, concluindo-se haver adequação nessas representações. Destaca-se, neste processo, a realização de diagramas de mesclagem para a caracterização do **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**. A representação de falas de personagens através de mesclagens enfoca o fenômeno como envolvendo mudança de BASE, mostrando que a interpretação do valor dos tempos verbais no contexto da narrativa não pode estar presa à perspectiva do falante. Essa interpretação tem de levar em conta a dinâmica da relação entre PONTO DE VISTA/BASE e FOCO no decorrer da narração.

A conclusão do livro aponta a pesquisa como um estudo específico de narrativa e discute sua contribuição tanto da perspectiva metodológica, quanto teórica, uma vez que reforça os postulados centrais do modelo no qual se embasa, apresentando uma análise de nível discursivo. Faz menção ao potencial que o trabalho apresenta de gerar desdobramentos nas direções pedagógicas e terapêuticas. Aponta ainda para o fato de que, na forma de livro, todo o processo de realização da pesquisa torna-se potencialmente muito mais acessível a pesquisadores e estudantes dos estudos lingüísticos e dos estudos de narrativa.

1 – A INSERÇÃO DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA NAS CIÊNCIAS COGNITIVAS

A Linguística Cognitiva surge no contexto de oposição aos pressupostos do cognitivismo, ao qual Sinha (2001a) se refere como Ciências Cognitivas Clássicas (CCSⁱⁱ). Integra o grupo que, por se contrapor, em vários aspectos, a tais pressupostos, é denominado, por esse autor, de Segunda Geração das Ciências Cognitivas (G2CSⁱⁱⁱ).

O cognitivismo é caracterizado, segundo Gardner (1995), por uma ênfase nos paralelos entre os processos cognitivos dos seres vivos e a operação das máquinas de comunicação. Nesse paradigma, o computador é o modelo da mente, a inteligência é computação de representações simbólicas e pensar é calcular. Um dos elementos mais importantes de toda a abordagem cognitivista é, para Gardner, a visão de uma sintaxe (símbolos e regras estão na base das operações da mente). Esse autor confere a Chomsky o status de um dos cientistas cognitivos mais importantes. Alguns pressupostos do cognitivismo clássico são:

INATISMO – A teoria chomskiana é inatista. Nesse quadro, os indivíduos nascem dotados de princípios universais (Gramática Universal), que lhes capacitam para a linguagem, e os parâmetros específicos da língua vão sendo ajustados no processo de aprendizagem. Somente essa dotação inata explica a aquisição lingüística.^{iv}

MODULARISMO – Nesse ramo dos estudos cognitivos, o sistema cognitivo possui módulos especializados no desempenho de determinados processos. Fodor (1983) propõe um sistema cognitivo composto de dois componentes básicos: o processador periférico e o central. O processador periférico caracteriza-se por ser modular, por apresentar sub-partes/sub-divisões que são responsáveis por funções ou processos cognitivos específicos, ou seja, para esse modelo, o *input*

ii Iniciais para o rótulo em inglês (Classical Cognitive Science)

iii (Second Generation Cognitive Science) - Essa segunda geração, para Sinha, liga-se à tradição anterior ao behaviorismo, que recolhe elementos da psicologia Gestalt, da psicologia da linguagem de Bühler, da psicologia genética de Piaget e Baldwin, da teoria sócio-cognitiva de Barlett, das teorias sócio-genéticas de desenvolvimento da linguagem, da visão sócio-psicológica (Boas, Sapir, Whorf, Meillet, Baktin/Vosolínov) e do funcionalismo da Escola de Praga.

iv “Uma teoria da estrutura lingüística que objetiva adequação explicativa incorpora um tratamento dos universais lingüísticos e atribui conhecimento tácito desses universais à criança. Propõe, então, que a criança se aproxima dos dados com a pressuposição de que são extraídos de uma língua de um tipo bem definido antecedentemente, sendo seu problema o de determinar qual das línguas (humanamente) possíveis é essa a da comunidade na qual está inserido.” (Chomsky, 1965:27) (#1) - Este símbolo indica a numeração nas CITAÇÕES NO ORIGINAL.

Obs.: As traduções dos trechos cujos originais constam das CITAÇÕES NO ORIGINAL são de minha inteira responsabilidade.

que nos chega é, de certa forma, caracterizado, para ser trabalhado pelo setor especializado naquele domínio. A tese da modularidade é a de que aprendemos, processamos, vivenciamos fenômenos independentemente uns dos outros (há módulos para a visão, a audição, a produção e compreensão linguísticas, etc).^v

OBJETIVISMO E SIMBOLISMO – No cognitivismo clássico, pressupõe-se o mundo como independente do indivíduo, a ser explorado por ele. O mundo é composto de objetos, com propriedades inerentes, compostos de partes apresentando relações fixas entre si.

Para Johnson (1987), esse objetivismo é uma orientação enraizada na tradição filosófica e cultural ocidental. Nesse contexto, a língua expressa conceitos mapeados a objetos do mundo de forma literal e a combinação desses conceitos, em proposições, através da sintaxe, descreve aspectos da realidade. Essa perspectiva objetivista relaciona-se à visão composicional do significado (dos *building-blocks*). O significado é fixo, imanente às palavras, às sentenças, encontra-se na relação símbolos/objetos. O objetivismo é, então, simbolista.

De acordo com Dinsmore (1991), no paradigma simbólico, estruturas simbólicas são interpretáveis semanticamente, ou seja, representam alguma coisa (objetos, conceitos abstratos, relações entre objetos) no mundo e são manipuláveis por processos cognitivos. Através da razão conectamos esses conceitos e fazemos inferências reguladas por regras da lógica.

PRESSUPOSTOS COGNITIVISTAS REVISTOS – A Linguística Cognitiva está em consonância com abordagens que apontam para alternativas às visões cognitivistas das questões de linguagem, cognição e cultura em relacionamento:

O **inatismo**, tido como uma espécie de ponto de partida, momento no qual o aprendizado não seria observado, é discutido por Oyama (1990): mesmo os genes estão sujeitos à influência ambiental, têm de ser ativados, regulados. Qualquer ponto de partida para o início da influência ambiental que escolhermos será arbitrário, podemos sempre pensar em estágios anteriores.^{vi}

v O módulo para a compreensão linguística proposto por Fodor é responsável tanto pelo reconhecimento de letras e palavras, quanto pela estruturação das frases. A análise semântica preliminar ocorre na interface entre os componentes periféricos (modulares) e o processador cognitivo central. A partir de processos de inferência, o sentido é finalmente produzido pelo processador cognitivo central, que constrói uma representação mental. Esse é um processo serial, automático, inconsciente.

vi Oyama (2000) propõe um sistema de desenvolvimento no qual haja uma reformulação dos conceitos de ontogenia e filogenia, de natureza e ambiente (nature and nurture), ao invés de declarações conciliatórias do tipo: ambos são importantes. Nature não se contrasta com nurture. Nature não é transmitida, mas sim construída, produto de desenvolvimento. Nature é o produto de processos interacionais (nurture), ao mesmo tempo em que é base para interações subseqüentes; depende tão profundamente do contexto, quanto do genoma. O genoma deve ser visto como tendo possibilidades de desenvolvimento que serão variáveis com o estado do organismo e seu contexto. O ambiente é constitutivo da biologia, não complementar a ela. Há fenômenos que desafiam categorizações estanques.

Em relação ao **modularismo**, para a Linguística Cognitiva, princípios cognitivos mais gerais também atuam em nossa utilização da linguagem, o que é, inclusive, testado através desta pesquisa.

Somos seres complexos e nossas experiências não ocorrem de forma pura, no sentido de um domínio ser estanque e encapsulado a ponto de não sofrer ou gerar influências sobre os outros. Toda a história de nossas interações com o ambiente e com os demais indivíduos nos predispõe a vivenciarmos os processos de forma peculiar.

A visão do processamento cognitivo em paralelo do modelo conexionista aponta num sentido distinto do modularismo.^{vii}

O **objetivismo** tem como alternativa a visão da corporeidade. Para Sinha (2001a), a nova ciência cognitiva (G2CS) é corporeizada na medida em que envolve a compreensão do papel constitutivo do corpo na linguagem e cognição e tem o compromisso com a reformulação da noção de representação. O limite entre interno e externo neste contexto torna-se mais permeável. As propriedades não estão nos objetos, mas emergem da nossa relação com eles; o mundo se configura, para nós, a partir de nossas interações. A mente não é separável do corpo e o corpo, por sua vez, não é separável do mundo.

No contexto de G2CS, como as propriedades não são intrínsecas aos objetos, o significado tem de ser construído e essa construção é um processo dinâmico no qual atuam elementos emergentes do contexto, da interação, e estruturas conceituais rotinizadas, esquemáticas.^{viii}

Assim, as concepções de significado e de representação entrelaçam-se com visões de mundo e do ser vivo. Se, por um lado, pensamos a realidade como externa ao indivíduo, esse indivíduo tem de ter aparelhos/aparatos cognitivos para captá-la e, quanto mais precisos forem esses aparelhos, mais sucesso tem em sua apreensão desse mundo, especialmente se tem êxito em manter sua emoção, sua história de vida, à distância. Os objetos, com suas propriedades e relações, estão fora. O indivíduo possui os símbolos que representam tais objetos e possui

vii O conexionismo, para Elman et al (1999), é uma alternativa ao modelo de Fodor, no qual a mente pode ser vista como controlada por um 'homúnculo' (que, através de seus módulos especializados, capta as informações do mundo, levando-as, de maneira involuntária, ao processador cognitivo central, onde ocorrem os processos ligados ao pensamento). No conexionismo, por outro lado, os processos estão descentralizados e os efeitos globais das redes surgem a partir de interações locais. Neste modelo, o processamento apresenta um caráter paralelo, ao invés de serial, numa proposta de interação, com constante troca de informação.

O conexionismo possibilita visão distinta da que localiza o significado no símbolo e suas relações com a realidade objetiva. O conhecimento é parte das conexões neurais, é função do estado global da rede neural, que apresenta o sistema de ativação de nódulos.

viii Para Dinsmore (1991), qualquer representação é também uma interpretação da realidade e há processos que não explicamos apenas pelo mapeamento simbólico tradicional. São exemplos desses processos o reconhecimento de faces, nossa compreensão de *input* com ruído, processos emocionais, estéticos, etc.. Johnson (1987) completa esse questionamento ao **simbolismo** quando considera estarem intimamente relacionadas a significado estruturas não-proposicionais, fatores pré-conceituais, estruturas imaginativas, dos quais são exemplos os esquemas imagéticos e as projeções metafóricas (tratados no capítulo 3). Para este autor, levar em conta tais elementos significa 'devolver o corpo à mente'.

seu raciocínio. Seus processos mentais consistem da manipulação de tais símbolos, seguindo regras lógicas e efetuando operações algorítmicas. Semelhante a esse é o funcionamento do computador. Inerente a essa visão é a dissociação mente e corpo.

Quando, por outro lado, considera-se o organismo como inexoravelmente indissociado de seu contexto, a perspectiva se altera. A realidade não está 'lá' e fazer sentido não é papel exclusivo da mente, mas sim de um ser integral, que tem corpo, emoções, história, cultura, hábitos. Essencial aqui é a visão do ser humano como organismo em funcionamento num meio, sofrendo e gerando influência sobre ele. Assume-se a perspectiva da interação, a perspectiva histórica. Neste paradigma, o significado não é apenas lingüístico, não está nos símbolos, nas palavras, nas sentenças, emerge de toda uma configuração cognitiva que envolve várias dimensões do ser. Deixam de ser úteis as metáforas em que se tem a mente como máquina, bem como a da comunicação como um tubo condutor (Reddy, 1979).^{ix} Como conseqüência, descarta-se a visão do significado como um conteúdo transmissível de uma mente a outra.

ix Reddy (1979) faz um levantamento de expressões da língua inglesa que, ao mesmo tempo em que expressam a maneira como os falantes daquela língua concebem língua e comunicação, ao serem utilizadas, reforçam, nesses mesmos falantes, essas concepções. Tais expressões estão direta ou indiretamente ligadas à metáfora do tubo condutor, ou seja, ligadas à visão de que as palavras ou combinações delas servem como containers para idéias e sentimentos. Esses containers podem ser transferidos de um emissor (falante/escritor) a um receptor (ouvinte/leitor), situados de um lado e outro do tubo condutor (a língua, o código, as regras gramaticais). Nesse quadro, o receptor tem papel passivo e ao emissor cabe a maior parcela da responsabilidade pelo sucesso da comunicação, que é o resultado esperado, uma vez que há confiança na regularidade e invariabilidade do código, tido como patrimônio comum aos envolvidos no processo. Sermos (certamente também nós, falantes de línguas não tão distintas do inglês) visceralmente alimentados por e alimentadores dessa concepção, torna-nos presas numa malha lingüística que tem reflexo, além de em nossas práticas cotidianas, informais, também na ciência que produzimos.

<p align="center">PERSPECTIVA COGNITIVISTA INATISTA / OBJETIVISTA</p>	<p align="center">PERSPECTIVA INTERACIONAL SITUACIONISTA / COGNITIVA / CULTURAL <i>LINGÜÍSTICA COGNITIVA</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • independência da sintaxe (abstrata); independência da linguagem • mentalismo • inatismo • entidades separadas: mundo/ indivíduo • objetivismo: objetos têm propriedades essenciais • símbolo – mapeáveis a situações no mundo de forma objetiva • pensamento – manipulação de símbolos • primazia da sintaxe • significado é próprio das palavras e sentenças • representação fixa • não se baseia na análise de dados autênticos <p>Metáforas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>A comunicação é um tubo condutor</i> - <i>A mente é um computador</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • visão integradora (língua/outros processos cognitivos – sintaxe/outros níveis de estruturação lingüística) • noção de corporeidade • ênfase na interação • acoplamento estrutural • ênfase em processos – o observador tem um papel, perspectiva histórica • símbolo – mapeamento entre conceito e expressão • pensamento – imagético • a semântica é a motivação para as expressões • significado é co-construído • emergência • perspectiva <i>baseada no uso</i> <p>Metáfora:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Informação lingüística é a ponta de um iceberg</i>

A Lingüística Cognitiva, o modelo conexionista e abordagens ligadas à corporeidade^x constituem, então, alguns exemplos de visões alternativas às inatistas, modularistas, objetivistas. O quadro que se segue possibilita a visualização esquemática das tendências, tanto do paradigma no qual se baseia a Lingüística Cognitiva, quanto do paradigma do cognitivismo:

x Foley (1997) também não encampa a abordagem das representações mentais, segundo a qual há um mundo lá fora, natural, de onde o indivíduo retira suas percepções e as representa em sua mente, estocando-as em compartimentos, na visão de entidades separadas: o indivíduo, a mente, as representações, o mundo. Esse autor apresenta a proposta de cognição de Maturana & Varela (1987) e Varela, Thompson & Rosch (1991), para a qual é primordial a interação entre as alterações no ambiente e as interações internas ao sistema (nervoso) do organismo. Nesse quadro, o mundo não existe como objeto de cognição, mas provoca alterações no sistema do indivíduo e os indivíduos, por sua vez, sofrem e ocasionam mudanças, num processo contínuo de construção do sistema social. Para tais autores, todo conhecimento é ação num contexto. Sentido é criado na relação entre os falantes e não está limitado às práticas lingüísticas.

2 – LINGÜÍSTICA COGNITIVA: ABORDAGENS

A Lingüística Cognitiva, quadro teórico adotado para este trabalho, engloba, dentre outras, a Gramática Cognitiva proposta por Langacker (1987, 1991), a Semântica Cognitiva, com as teorias dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997), da Metáfora Conceptual (Lakoff & Johnson, 1980), e da Mesclagem Conceptual (Fauconnier & Turner, 1996, 1998, 2002).

Várias noções ou construtos teóricos propostos para a Gramática Cognitiva são adotados pela Lingüística Cognitiva, no geral. Aplicam-se, mais amplamente ao quadro, fundamentos relativos a, por exemplo, visão de símbolo e significado, papel de imagética, natureza dos universais, base cognitiva da linguagem, natureza da descrição teórica. Parte dessa fundamentação é exposta a seguir, partindo de considerações sobre a Gramática Cognitiva. Na seqüência, aspectos mais específicos das teorias dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceptual são abordados.

2.1 – GRAMÁTICA COGNITIVA

Langacker (1987) afirma:

“Minha própria insatisfação com as tendências dominantes na teoria atual é profunda. Atinge o estrato básico dos princípios organizacionais: noções sobre como é a língua e com o quê a teoria lingüística deveria se preocupar. ... Certo ou errado eu concluí, há um tempão, que os fundamentos conceituais da teoria lingüística foram construídos sobre areia movediça, e que o único remédio era começar de novo sobre terreno mais firme.”

(Langacker, 1987: v) (#2)

Esse autor estrutura um quadro que representa uma ruptura relativamente às tendências, em Lingüística, na linha das CCS. Sua Gramática Cognitiva apresenta uma visão da estrutura gramatical como processamento cognitivo. São integrantes dessa gramática unidades simbólicas bipolares, apresentando um pólo/estrutura/esquema semântico e um fonológico. Em seu modelo, há um contínuo do léxico à sintaxe. Símbolos complexos (estruturas gramaticais) são formados a partir de símbolos menores. Para Langacker (1987:2/3), não há um nível formal, autônomo, de representação; a gramática consiste, então, da simbolização convencional da estrutura semântica e a estrutura semântica, por sua vez, é específica da língua, não é universal, e baseia-se em imagética convencional.

SIGNIFICADO – Para Langacker (2004), na perspectiva da Linguística Cognitiva, os significados estão nas mentes dos falantes e ouvintes.^{xi} A concepção desse modelo não é, no entanto, estática, mas sim compatível com a visão interativa do significado (como emergindo na interação social, sendo co-construído com base nas várias dimensões do contexto).

Para o autor, nas mentes, encontram-se pré-concepções, expectativas acerca dos significados usuais das palavras, bases sobre as quais a negociação pode ocorrer.

Langacker (2004) define significado lingüístico de maneira não técnica. Admite ser a definição vaga, apesar de preferi-la a outra mais precisa, mas que seja totalmente composicional:

“... além de elementos que sejam inquestionavelmente semânticos, o significado de uma expressão inclui quanta estrutura adicional for necessária para tornar a conceptualização coerente e refletir o que o falante ingenuamente veria como sendo o que se quis dizer e o que se disse, enquanto exclui fatos que sejam inquestionavelmente pragmáticos e desnecessários para se fazer sentido do que está lingüisticamente codificado.”

Langacker (2004-cap.2:14) (#3)

Numa situação semelhante à utilizada por Langacker (2004-cap.2:23/4) para exemplificar essa questão, se alguém está te ajudando a guardar as compras e você percebe que essa pessoa está parada, segurando a lata de óleo, olhando para você interrogativamente, você pode dizer:

- (a) *Eu quero que você coloque a lata de óleo na última prateleira da despensa.*
- (b) *Coloque a lata de óleo na última prateleira da despensa.*
- (c) *Coloque-a na última prateleira.*
- (d) *Óleo, última prateleira.*
- (e) *Na última prateleira.*
- (f) *Na última*

Qualquer uma dessas expressões será uma mensagem eficiente, pois o contexto situacional provê “substrato conceptual”: todo o conteúdo expresso

xi Para Langacker (2004), a Linguística Cognitiva equaciona significado e conceptualização e esta última é definida como processamento cognitivo, experiência mental (atividade neurológica). O autor afirma haver duas perspectivas para conceptualização:

- a do processamento – que visa à atividade em processo, dependente de estudos de laboratório, para se compreender como “experiências codificadas lingüisticamente são implementadas neurológicamente”.
- a fenomenológica – que visa a experiência nela mesma. Este é o foco da Semântica Cognitiva.

abertamente em (a) está incluído no significado das demais expressões. Essa visão contradiz aquela que distingue significado lingüístico de interpretação contextual. O autor argumenta que fragmentos como os em (d) a (f) são muito comuns no uso lingüístico diário, e dever-se-ia tratar semelhantemente todos os casos, pois há sempre um contexto por trás de qualquer expressão.

Nesse quadro, não são propostos universais sintáticos nem semânticos. A Gramática Cognitiva não postula a existência de estruturas profundas abstratas, nem tampouco de transformações. As alternativas de estruturas têm significados próprios, expressam alterações de contexto, *construals*^{xii} distintos. *Construal* refere-se, então, à nossa capacidade de conceptualizar uma mesma situação objetiva de formas variadas, possibilidades alternativas de apresentação de uma mesma situação. E, para Langacker (2004), significado envolve, além de conteúdo conceptual, *construal*.

Segundo Sinha (2001a), aprendemos essa flexibilidade de representação lingüística de uma mesma situação concomitantemente ao aprendermos a nos comunicar lingüisticamente. Sinha fornece-nos o seguinte exemplo: para a expressão em inglês *The cup is on the saucer* (A xícara está no pires), a língua *zapotec*, por exemplo, prefere algo como *The cup is face the saucer*. Podemos também, intra-lingüisticamente, optar por *The saucer is under the cup* (O pires está sob a xícara), dependendo do aspecto da situação que nos convém salientar. Há, portanto, variações intra- e trans-lingüísticas. Essa questão é abordada, segundo o autor, em termos das noções de figura e fundo da Psicologia Gestalt, bem como das noções de *trajector* e *landmark* da Lingüística Cognitiva. Nessa perspectiva, expressões com as mesmas condições de verdade, podem ser semanticamente distintas.

FIGURA E FUNDO – Figura e fundo, noções da Psicologia Gestalt propostas para a percepção cognitiva do campo visual, entram nesse modelo teórico, então, relativas à dependência que significado tem de *construal*.

xii Há termos relacionados ao quadro da Lingüística Cognitiva, tais como *construal*, *frame*, *profile*, *trajector*, *landmark*, que preferi deixar em inglês neste trabalho. O grupo de estudos em Lingüística Cognitiva da UFMG, InCognito, está trabalhando numa proposta de tradução desses termos para a língua portuguesa, porém tal proposta não foi ainda finalizada.

Dentre os ramos da psicologia, a Gestalt foi a que mais contribuiu para a Linguística Cognitiva, segundo Sinha (2001a). São concepções dessa abordagem dos estudos psicológicos adotadas pela Linguística Cognitiva: (1) a atenção seletiva ser essencial aos processos mentais superiores (figura/fundo); (2) a rejeição ao associacionismo, na concepção de que o todo não é a soma das partes.^{xiii}

Figura e fundo referem-se a aspectos da distribuição de atenção, saliência, foco. *Trajector/landmark, profile/base*, perspectiva e especificidade são noções da Linguística Cognitiva que expressam o fato de os princípios cognitivos que governam os sentidos também atuarem em relação a nossa utilização da linguagem.^{xiv} Essa afinidade da Linguística Cognitiva com a Psicologia Gestalt reflete a perspectiva integradora desse ramo dos estudos lingüísticos: a linguagem existe em conexão com outras habilidades cognitivas e a estrutura da língua deriva de capacidades psicológicas mais gerais (percepção, memória, categorização).^{xv}

-
- xiii Wertheimer (1924) formula a Teoria Gestalt pela afirmação de que “Há todos, o comportamento dos quais não é determinado pelos seus elementos individuais, mas os processos das partes são eles mesmos determinados pela natureza intrínseca do todo. A teoria Gestalt espera determinar a natureza de tais todos.” (#4) Esse autor explica que a força propulsora dessa teoria veio de um problema levantado por Ehrenfels, a partir da proposição, em psicologia, de a experiência ser composta de elementos: ouvimos uma melodia, depois a ouvimos novamente, tocada em notas distintas, como reconhecemos ser a mesma? Os elementos são distintos, porém proporcionam a experiência de um mesmo todo. Ehrenfels propõe que há um elemento extra aos elementos componentes, a *gestaltqualität*, possibilitando essa situação. Porém, a Teoria Gestalt vai além dessa explicação e propõe: minha percepção da melodia não vem desse processo secundário à percepção de seus componentes. O que se dá é o reverso. O que percebo de cada parte me é dado pelo todo. A postulação de que partes não são primárias à percepção e de que o todo é mais que a soma delas reflete-se, em Linguística Cognitiva, na visão da não-composicionalidade do significado.
- xiv O pólo semântico de toda predicação é composto de duas partes: *base* (o escopo da predicação) e *profile* (o elemento da base que tem proeminência, que está em evidência na predicação). Uma predicação nunca designa todos os detalhes do significado. Pode, por um lado, nomear o todo de uma imagem, ou, por outro, selecionar alguns de seus detalhes, deixando implícita a imagem maior.
- Trajector*, neste quadro, refere-se ao primeiro participante de uma relação, ou seja, o mais proeminente, a entidade (*constructed entity*) “a ser localizada, avaliada ou descrita”. *Landmark*, por sua vez, refere-se ao segundo. (Langacker 2004-cap.3:15)
- Perspectiva refere-se à posição da qual visualizamos uma situação. (Langacker, 2002:2)
- Especificidade diz respeito à proximidade com que se examina uma situação, em hierarquias de esquematicidade do tipo coisa>criatura>inseto>mosquito>mosquito da fruta (Langacker, 2002:2)
- xv Langacker (2000) relaciona alguns fenômenos psicológicos que a gramática cognitiva considera como básicos para a utilização da linguagem, tais como entrenchamento (entrenchment – através da repetição, mesmo um evento complexo resulta numa rotina, torna-se manipulável e adquire status de unidade); abstração (emergência de uma estrutura através do reforço de aspectos comuns inerentes a múltiplas experiências – esquematização é um tipo de abstração); comparação (habilidade de se detectar discrepâncias entre estruturas – categorização é um tipo de comparação); composição (combinação de unidades mais simples em mais complexas); associação (um tipo de experiência evoca outra – simbolização é um tipo de associação entre conceptualizações e representações mentais de entidades observáveis, tais como sons, gestos e marcas gráficas). Esses fenômenos (ou operações) ocorrem em várias combinações, como redes nas quais umas operações aplicam-se aos resultados das outras.

Langacker (2004-cap.3:2/4) menciona várias assimetrias que podem ser descritas em termos de figura e fundo, todas manifestações de um mesmo traço cognitivo: interpretação de uma determinada experiência, tendo por base conhecimento prévio ou o fato de uma concepção facilitar a emergência de outra. São exemplos dessas assimetrias:

- fenômenos da percepção conhecidos como figura e fundo – um barulho sobre o silêncio, o movimento do cursor sobre a tela do computador;
- categorização – o elemento sendo categorizado é julgado em relação a uma categoria pré-estabelecida;
- as expressões recrutam conhecimento prévio para sua compreensão – qualquer que seja a expressão;
- o domínio fonte, no caso das metáforas, precede sobre o alvo e ambos, por sua vez, são fundo conceptual para o espaço mescla;
- no discurso narrativo, as descrições servem de fundo para a linha dos eventos;
- conteúdo alvo de discussões opõe-se a comentários subsidiários (fundo);
- no ambiente de uma única sentença, uma oração pode ser fundo para a outra;
- no decorrer do discurso, a estrutura corrente tem sempre por base todo o discurso prévio.

Como já mencionado, este modelo não lida com possibilidades abstratas, um sistema lingüístico abstrato. Não se afirma, por exemplo, a priori, que uma dada possibilidade de estruturação seja agramatical. As possibilidades estão relacionadas ao uso. O que existe são convenções de forma, por uma rotinização, por entrincheiramento. Os dados muitas vezes são surpreendentes e há sempre uma interação de fatores a se considerar. Relacionado a isso, tem-se uma concepção mais relativista da linguagem e sua relação com a sociedade, a cultura: evitam-se, então, além de previsões apriorísticas, afirmações universalistas, generalizações muito abrangentes. Há, neste quadro, ainda, o sentido da emergência e a perspectiva da negociação ligados à atribuição de sentido.

A Gramática Cognitiva e, mais amplamente, a Linguística Cognitiva, caracteriza-se, segundo Langacker (2000), pela visão não-reducionista da estrutura linguística. Entende que o que o falante tem de aprender e representar mentalmente na aquisição de uma língua é vasto. Considera-se também que, se a representação cognitiva é redundante e massiva, sua descrição também deve sê-lo.

Esse modelo tem caráter empirista condizente com a opção por uma metodologia *baseada no uso*. Modelos dessa natureza, de orientação cognitiva, segundo Kemmer & Barlow (2000:viii/xxii), postulam:

- que a análise linguística e a teorização devem se apoiar nos dados de uso;
- que a compreensão e a produção são integradas, só separáveis para propósitos metodológicos;
- que o aprendizado e a experiência têm papel crucial na aquisição da linguagem;
- que uso, variação sincrônica e mudança diacrônica se inter-relacionam;
- que o sistema linguístico está interconectado com outros sistemas cognitivos e
- que as representações linguísticas são emergentes e não vistas como entidades fixas, operadas por regras (instruções ou procedimentos). Ao invés disso, as unidades linguísticas são vistas como rotinas cognitivas (padrões recorrentes de ativação mental).

Os aspectos relativos à Gramática Cognitiva aqui mencionados aplicam-se também a outras abordagens da Linguística Cognitiva, como a Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceptual, que foram especificamente utilizadas nesta pesquisa e são abordadas nos dois itens seguintes deste capítulo.

2.2 – SEMÂNTICA COGNITIVA: ESPAÇOS MENTAIS

Para a Semântica Cognitiva (Fauconnier, 1997), ligada a nossa utilização da linguagem, ocorre uma série de operações mentais. As expressões linguísticas são a parte acessível da comunicação, que envolve construções cognitivas subjacentes. A metáfora utilizada no quadro da Linguística Cognitiva para expressar essa relação entre as expressões, que são visíveis, delineáveis, e as operações cognitivas menos acessíveis, ligadas à linguagem, é a do *iceberg*.

Compreende-se a metáfora do *iceberg* pensando-se que, para que uma expressão linguística adquira significado, ocorrem vários processos, tais como: a ativação de esquemas, de cenários, a estruturação de espaços mentais e de mesclagens conceituais. Essa expressão apenas aponta em determinadas direções. Seu significado, porém, depende dessas construções realizadas no nível cognitivo. Como usuários da língua, realizamos projeção e integração conceptual rotineira, porém, inconscientemente. Trazemos à interpretação linguística uma capacidade muito rica, envolvendo aspectos psicológicos gerais, tais como a percepção a categorização e a abstração.

Esquemas, nesse contexto, são expectativas, construídas tendo por base nossas rotinas, são parte de nossa história. Ao interagirmos com o mundo não partimos de um ponto zero a todo instante, temos por base certas expectativas em relação ao universo à nossa volta, esquemas internalizados. Porém, a própria interação e negociação constantes garantem a possibilidade de alteração, flexibilização. Esquemas, portanto, não apresentam caráter de rigidez ou constância absoluta. Esse é um processo dinâmico de rotinização da experiência. Relacionados a essas expectativas, esses mapas de possibilidades semânticas, há os esquemas de evento ou *scripts* que, por sua vez, são expectativas sobre toda uma seqüência de acontecimentos de determinados eventos.

Nesse contexto, a compreensão do sentido de um item lexical envolve conhecimento do(s) esquema(s) ao(s) qual(is) esse item pertence, no contexto de uso. As palavras evocam sistema(s), redes emergentes de significado, que se aplicam a qualquer nível gramatical: ao léxico, à morfologia, à sintaxe, ao discurso.

Nessa concepção, esquemas e imagens estão na base do pensamento, o que contesta a visão computacional da Linguística e composicional do significado. Há padrões imagéticos subjacentes à linguagem, que surgem e se desenvolvem a partir da experiência. Observe as seguintes expressões:

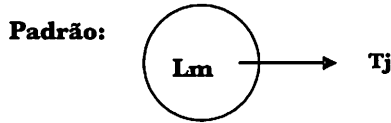
Eu sai de casa hoje às 9 horas.

Eu sai daquele trabalho porque não gostava do chefe.

A informação saiu antes da hora.

Sua raiva saiu descontrolada.

Todas essas expressões incluem *sair*, mais ou menos metafórico, e relacionam-se ao padrão representado pelo diagrama seguinte:^{xvi}



Onde:
Tj – *Trajector*
Lm – *Landmark*

Nesse contexto, as noções de *frame* e modelos cognitivos, culturais, são essenciais.^{xvii}

Segundo Fauconnier (1997), por estarmos, por exemplo, familiarizados com situações envolvendo transações comerciais, ao ouvirmos uma frase do tipo *Jack comprou ouro de Jill*, identificamos todo um quadro, um *frame* para vender

xvi De acordo com esse modelo, os recursos gramaticais disponíveis numa língua têm caráter imagético. Seleccionamos imagens específicas para estruturar linguisticamente as situações que pretendemos comunicar. As línguas diferem em suas estruturas gramaticais, diferem, portanto, nas imagens disponíveis aos falantes.

Jonhson (1987) argumenta que certos esquemas foram construídos na infância, a partir de experiências corporais, e os utilizamos para interpretar metaforicamente nossa experiência cotidiana.

Palmer (1996) propõe que esquemas imagéticos sejam abstrações orgânicas, incluindo conceptualizações, tanto específicas, quanto aquelas ligadas a experiências físicas, corporizadas. Estabelece como função prototípica da imagem a representação do ambiente, sem sugerir, no entanto, que ela corresponda direta e exatamente a todos os elementos deste. Esse autor discute vários conceitos relacionados à imagética ligada à linguagem, cultura e cognição humanas. Para ele, imagética filtra e emoldura nossas percepções. Em geral, nossa comunicação acontece sobre imagens mentais, cuja relação com o chamado mundo real é indireta. A imagética reforça comportamentos culturais.

Todas as noções referentes à distribuição de saliência e foco relacionadas a figura/fundo, portanto ligadas ao campo da percepção cognitiva visual, tais como *trajector/landmark, profile/base, perspectiva e especialidade* apresentados anteriormente são parte do sistema de imagética.

xvii *Frame* é um termo de Fillmore (1982) e *Idealized Cognitive Model*, ICM, está em Lakoff (1987). Referem-se a abstrações, parte do sistema conceptual.

Em Fillmore (1982) encontra-se:

“Pelo termo *‘frame’* eu tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para se compreender um deles é necessário compreender toda a estrutura na qual ele se insere; quando uma das coisas nessa estrutura é introduzida em um texto, ou uma conversação, todos os outros são automaticamente postos à disposição. Tenho a intenção que a palavra *‘frame’* como usada aqui seja um termo geral para uma série de termos variadamente conhecidos na literatura de compreensão de língua natural, tais como *‘esquema’*, *‘script’*, cenário, *‘ideational scaffolding’*, *‘modelo cognitivo’* ou *‘folk theory’*.” Fillmore (1982:111) (#5)

Seana Coulson, no curso sobre Semântica Cognitiva ministrado em Odense, Dinamarca, em 2001, discute a distinção entre *frames*, modelos cognitivos (ICM) e domínios: *frames* apresentam uma estruturação relativamente maior em termos de papéis e propriedades que os modelos cognitivos; domínios são *frames* ainda ampliados, mais genéricos. Por exemplo, um domínio ligado ao conceito *‘viagem’* comportaria vários *frames* do tipo: preparação, trajeto, meio de transporte, bagagem, acomodação, etc., que apresentam estruturação própria. Conceptualizações do tipo abaixo seriam modelos cognitivos:

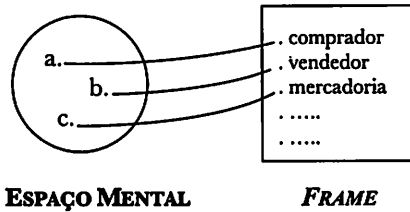
Ação (que envolve intenção) *gera consequência*. (modelo da ação)

As pessoas são responsáveis pelas ações. (modelo da responsabilidade)

Langacker (2004-cap.2:17) afirma que os termos domínio, *frame* e ICM são em geral intercambiáveis, apesar de não perfeitamente equivalentes.

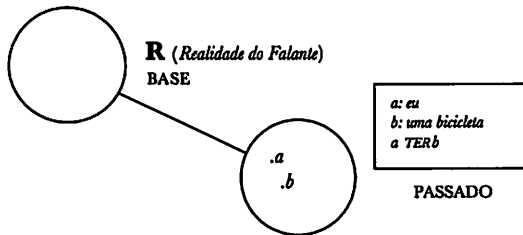
e comprar, constituído de vários papéis e relações: comprador, vendedor, mercadoria, propaganda, dinheiro, preço e uma série de inferências relativas a posse, obrigações no negócio, etc.^{xviii}

No momento do discurso, tal *frame* entrará na construção de espaço mental relativo à frase referida. *Jack, Jill, ouro* (elementos a, b e c) serão mapeados aos lugares apropriados no *frame*.



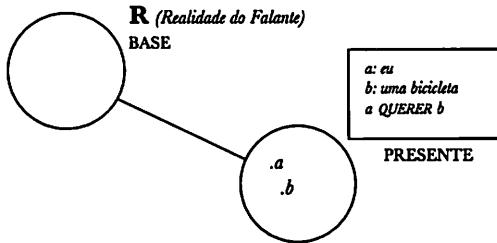
(Fauconnier, 1997:12, Fig. 1.1) (#6)

Palmer (1996) define *frames* como molduras nas quais encaixamos a experiência e que nos permitem inferências e espaços mentais, neste quadro, são representações teóricas de possíveis construções cognitivas, que acontecem à medida que elaboramos nossos pensamentos, falamos ou interpretamos linguagem. Por exemplo, há uma configuração de espaços para *Naquela época, eu tinha uma bicicleta. Naquela época*, um ‘construtor de espaços’, nos termos da teoria, suscita a constituição de um espaço PASSADO, estruturado pelo *frame* que contém os elementos *eu* e *uma bicicleta* (representados no diagrama a seguir pelas letras *a* e *b*, respectivamente) e a relação *a TER b*. Esse espaço está ligado/mapeado ao espaço BASE, aqui, como mais comumente acontece, a *Realidade do Falante*. Todo esse processo pode ser representado através de um diagrama:



^{xviii} Fillmore (1982:116) relata ter percebido que, para lidar com semântica lexical seria necessário se pensar não somente em termos de um grupo de palavras, mas de um domínio de vocabulário, envolvendo esquematização. O autor mostra que, em 1977, revelara certas estruturas cognitivas (verbos semanticamente relacionados uns com os outros, invocando, de maneiras variadas, uma determinada cena). Para ‘evento comercial’ a cena esquemática inclui: o Comprador (definido como alguém interessado em trocar dinheiro por mercadoria), o Vendedor, a Mercadoria, o Dinheiro (também definidos nesse estilo). O autor caracteriza COMPRAR distintamente de VENDER, PAGAR, GASTAR, CUSTAR, COBRAR, em termos de foco: cada um desses verbos refere-se a ‘foco na ação de alguém com respeito a algo ou alguém da relação’, deixando como fundo os demais elementos. (Exemplo: comprar focaliza a ação do Comprador com respeito à Mercadoria.)

Essa configuração seria distinta daquela para *Eu quero uma bicicleta*. Neste caso, criamos um espaço do *desejo*, PRESENTE, estruturado pelo *frame* que contém os mesmos elementos *a* e *b* e a relação *a QUERER b*, ligado/mapeado ao espaço BASE:



Assim, os *frames* organizam os espaços mentais, que são de vários tipos: temporais; imagéticos; hipotéticos; contrafactuais; dramáticos (peças teatrais, filmes); indicadores de crenças, desejos, etc. Os usuários da língua exploram as expressões: estabelecem, estruturam, interconectam os espaços e indicam qual deles está em foco. Mesmo sentenças simples são complexas em termos dos *frames*/modelos cognitivos que podem estar envolvidos, gerando diferentes interpretações. Além disso, as pessoas aplicam os modelos ao mundo de diferentes maneiras. Compartilhamos vários desses modelos, mas às vezes só aparentemente, o que leva a problemas de comunicação (trans- e intra-culturalmente).^{xix}

Segundo Fauconnier (1997), as expressões lingüísticas não representam ou codificam as construções complexas necessárias para que a comunicação se dê. Uma sentença, por exemplo, conterà os seguintes tipos de informação:

- informação referente a quais novos espaços estão sendo estabelecidos, tipicamente expressa por meio dos *construtores de espaço*;
- dicas de que espaço está em foco no momento, qual é sua conexão com a base, e quão acessível está; essa informação é tipicamente expressa por meio de tempos e modos gramaticais;
- descrições que introduzem novos elementos (e possivelmente suas contrapartes) aos espaços;
- descrições ou anáforas ou nomes que identifiquem elementos existentes (e possivelmente suas contrapartes);

xix Esta é uma questão que mereceria um estudo específico. Há uma série de situações nas quais a incompreensão entre os envolvidos numa interação acontece quando os indivíduos pensam estar se referindo a um modelo comum quando não estão, assumindo pressuposições diversas.

Ex: interação entre um especialista (médico) e um leigo (paciente).

- informação sintática que tipicamente estabelece esquemas de nível geral e *frames*;
- informação lexical que conecta elementos dos espaços mentais aos *frames* e modelos cognitivos do conhecimento prévio; essa informação estrutura os espaços internamente, beneficiando-se de esquemas prévios pré-estruturados disponíveis. Tais esquemas podem, no entanto, ser alterados ou elaborados dentro das construções em andamento;
- marcações de pressuposição que permitem algo da estrutura ser propagado instantaneamente através da configuração de espaço;
- informação retórica e pragmática, transmitida por palavras como *even*, *but*, *already*, que tipicamente sinalizam escalas implícitas para raciocínio e argumentação.”

(Fauconnier, 1994:xxiii) (#7)

As expressões linguísticas, então, fornecem informação para a construção de espaços, com seus elementos e as relações entre eles. Neste quadro, são denominadas ‘construtoras de espaço’ expressões que venham a estabelecer novos ou se referir a espaços previamente estabelecidos no discurso (como *naquela época*, em *Naquela época, eu tinha uma bicicleta*). Podem ser, segundo Fauconnier (1994:17), sintagmas preposicionais, adverbiais, conectivos, combinações sujeito-verbo do tipo (*Mary hopes*, *Gertrude claims*, *Max believes*) ou informações pragmáticas (ficção, teatro, estilo indireto livre, ou mudança de tempo ou crença não marcada).

Outra noção essencial para a Linguística Cognitiva é a noção de mapeamento, que é emprestada da matemática e que significa, no geral, a correspondência entre dois conjuntos, com a atribuição, a cada elemento do primeiro, uma contraparte no segundo. No âmbito da Linguística Cognitiva, mapeamentos são operações mentais complexas entre domínios. Os domínios incluem, na sua estruturação, *frames* prévios e os espaços mentais, introduzidos localmente. Os mapeamentos são parciais, assimétricos e móveis. Todo esse processamento é subjacente à gramática cotidiana. Para Fauconnier (1997), mapeamentos são centrais na nossa capacidade de produzir e interpretar significados.

Anteriormente à visão expressa pela Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff & Johnson, 1980, ou mesmo Reddy, 1979), no entanto, mapeamentos eram considerados fenômenos ligados à metáfora e analogia, e metáfora era somente linguística, especialmente literária. Na perspectiva de Lakoff & Johnson, porém, pensa-se em metáforas, muito mais significativamente, como recursos

cognitivos de compreensão de experiência e estruturação de pensamentos e ações. Não são casos especiais nas línguas, nem tampouco estão restritos a elas. Só ocorrem na língua porque são parte do sistema conceitual. Nessa concepção, então, mapeamentos ocorrem muito mais generalizadamente em nossa utilização de linguagem e na realização de outras atividades ligadas a pensamento.

Este trecho de *Menino sentindo mil coisas* (Azevedo, 1995) evidencia o fato de ser corriqueiro, diário, simples, dominante, até mesmo no mundo infantil, tratarmos um conceito de um domínio da experiência em termos de outro domínio:

“Meu pai, uma vez, estava no ônibus voltando do trabalho. Disse que um homem subiu no ônibus, parou lá no fundo e gritou: - Burro! – foi aquele susto. Todo mundo olhou para trás. O sujeito riu e berrou: - Só chamei um! Ninguém gosta de ser xingado de burro porque burro não é só aquele bicho parecido com o cavalo só que um pouco menor e bem mais orelhudo.

Existe coisa que a gente fala e todo mundo entende mas ninguém sabe como. Um exemplo. Falar que a pessoa tem um parafuso a menos. Ninguém tem parafuso nem a mais nem a menos, mas todo mundo entende. Dizer que não sei quem entrou pelo cano. Não existe cano nenhum mas todo mundo entende. Achar que está quente pra chuchu. Não tem nem chuchu nem sombra de chuchu, mas todo mundo entende.

É que às vezes, no mundo, é comum a gente falar uma coisa para dizer outra coisa ou, às vezes, enxergar uma coisa no lugar de outra.

É só reparar, de novo, as nuvens do céu. A gente olha, aberta um pouco o olho e, de repente, as nuvens parece que desenharam um rosto, uma árvore ou outra figura qualquer.

Uma vez escutei o marido da dona Odete dizendo que ela era um doce.

A dona Odete pode ser doce mas não é doce de verdade, senão a coitada ia viver se coçando cheia de mosca, barata e formiguinha.

Outra coisa.

Se uma pessoa chega e pergunta se está tudo azul ela só está querendo saber se está tudo bem e não se pintaram o mundo de azul.”

(Azevedo, 1995)

O conceito de espaços mentais constitui um elemento importante para a descrição de operações cognitivas ligadas a pensamento. As expressões lingüísticas e a gramática são mediadoras de um processo dinâmico no qual espaços mentais são criados, estruturados, interconectados. Nesse processo, ocorrem mapeamentos e projeções (metafóricos, de identidade ou transformação, de *frames* e seus elementos, etc).

Para Fauconnier (1994), não se considera que os espaços mentais façam referência ao mundo objetivo. Os diagramas deste modelo visam a descrever discurso em sua fluidez, o que significa que não se trata de representações mentais pré-existentes. Quando descrevemos o mundo real, pode haver algum emparelhamento entre o espaço mental construído e o domínio da referência, mas isso não acontece com casos mais complexos, por exemplo, envolvendo contrafactuais, crenças, etc.^{xx}

O presente trabalho utiliza de forma essencial o conceito de espaços mentais e apresenta diagramações de trechos discursivos dentro deste modelo. Tal conceito integra a Teoria da Mesclagem, apresentada a seguir:

xx Quanto ao status científico da noção de espaços mentais, Fauconnier (1994) afirma:

“No nível de investigação científica, “espaços mentais” e noções relacionadas examinadas em nosso trabalho são claramente construtos teóricos, projetados para modelar organização cognitiva de alto nível. Nesse sentido, o status é aquele de noções científicas usuais, das ciências físicas, sociais ou cognitivas: Campos magnéticos, habitus social (Bourdieu (1979)), estruturas sintáticas, todos têm uma conexão com o “mundo real” que é necessariamente mediada pelas teorias das quais eles são parte. Tais teorias vêm acompanhadas de (acordadas socialmente e, ao mesmo tempo, disputadas ferozmente) procedimentos para se conectar as noções com outros aspectos de nossa interação com o mundo – os experimentos do físico, as anotações dos astrónomos, os julgamentos de gramaticalidade do linguísta, as pesquisas do sociólogo e os cálculos dos economistas.

O quanto uma noção é sentida como real depende de fatores, tais como o grau de comprometimento com a teoria, sua utilidade para a apreensão do mundo, se adquire ou não aceitação ampla e daí por diante. Nesse sentido, as teorias populares, religiões, paranóia, e ciência, todas produzem fortes sentimentos de realidade. Nós não precisamos debater a “realidade” (nesse sentido) dos espaços mentais (ou estruturas sintáticas, ou buracos negros, ou *charms* e *quarks*).” (Fauconnier, 1994: xxxi-xxxii) (#8)

2.3 – SEMÂNTICA COGNITIVA: MESCLAGEM

A visão de domínios para as partes do texto narrativo oral, proposta nesta pesquisa, incluiu a visão de que a representação das falas de personagens envolve mesclagem conceptual.

Mesclagem, para a Linguística Cognitiva, é uma operação cognitiva que envolve projeção de elementos selecionados de, no mínimo, dois espaços *input*, resultando em integração conceptual, num espaço mescla. Segundo Fauconnier & Turner (1998), projeção ocorre rotineiramente ligada à nossa utilização linguística e serve a propósitos variados, numa infinidade de contextos: estruturação sintática, atribuição de significados de palavras e sentenças, metáforas, *scripts*, formas indutiva e dedutiva de raciocínio e estrutura narrativa.

O modelo de Mesclagem (Fauconnier & Turner, 1996, 1998, 2002) pode ser visto como um desenvolvimento da Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff & Johnson, 1980),^{xxi} teoria que propôs que metáfora é um recurso de nosso sistema conceptual, ligado à forma como organizamos nossos pensamentos e nossas ações.^{xxii}

Lakoff & Johnson (1980) propõem a existência de sistemas metafóricos subjacentes a nossa utilização da linguagem. Varias expressões compõem uma única metáfora conceptual.^{xxiii} As metáforas conceituais são culturais. Em nossa cultura, por exemplo, DISCUSSÃO É CONFLITO FÍSICO. Utilizamos cotidianamente expressões variadas baseadas em mapeamentos do tipo:

Fonte	Alvo
COMBATE – CONFLITO FÍSICO	DISCUSSÃO
<i>posição</i> _____	<i>opinião</i>
<i>combatente</i> _____	<i>participante</i>
<i>defesa</i> _____	<i>resposta</i>
<i>render-se</i> _____	<i>mudar de opinião</i>

xxi Essa é uma visão da qual nem todos os autores compartilham.

xxii Para ilustrar o que os autores querem dizer com o fato de as metáforas organizarem nossas ações, se num determinado momento a metáfora conceptual AMOR É GUERRA passa a ser significativa para uma pessoa, ela poderá mudar sua predisposição ao iniciar uma nova relação afetiva. Funcionamos em conformidade com nossas verdades, nossos modelos cognitivos. Lidamos com uma série desses modelos em nosso cotidiano (o que posso comer, em que loja encontro a roupa que gosto, etc.). A implicação política dessa questão é que o poder e a mídia têm grande força na imposição de metáforas e na conseqüente criação de verdades, realidades propositalmente construídas.

xxiii Tal sistematicidade já havido sido revelada em Reddy (1979) em relação à metáfora do tubo condutor.

Metáforas envolvem mapeamentos entre domínios da experiência, seguindo um princípio da direcionalidade. Esse princípio nos diz que, em geral, compreendemos um conceito mais abstrato lançando mão de conceitos mais concretos. Há, então, o domínio fonte, mais simples, mais concretamente perceptível, e o alvo, mais complexo, abstrato, menos delineável. Realizamos projeções de estruturas de um domínio sobre outro, envolvendo objetos, propriedades, ações e relações:

Fonte (Simples, Concreto)	Alvo (Abstrato, Complexo)
<i>Objetos</i> _____	<i>Objetos correspondentes</i>
<i>Ações</i> _____	<i>Ações correspondentes</i>
<i>Propriedades</i> _____	<i>Propriedades correspondentes</i>
<i>Relações</i> _____	<i>Relações correspondentes</i>

O processo metafórico é o da projeção do que se sabe a respeito do domínio fonte, do qual se tem uma compreensão ‘não metafórica’ ou ‘relativamente menos metafórica’, para o domínio alvo, resultando na compreensão deste último. Na base da teoria está a postulação da motivação por experiência corporal.

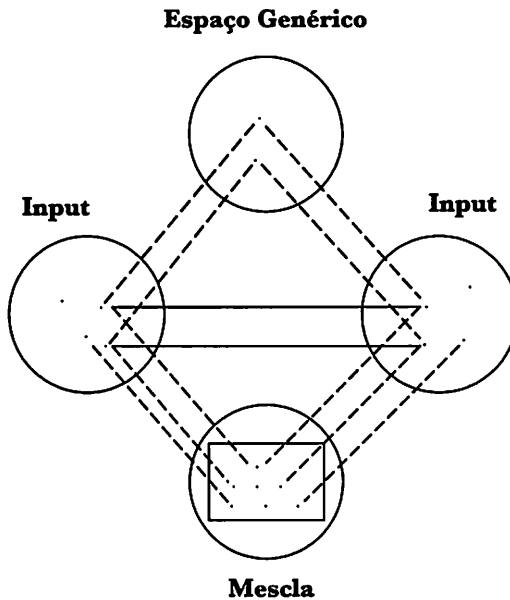
O modelo da Mesclagem pode lidar com uma série de outros fenômenos conceituais além de metáforas. Utiliza, como ferramenta teórica, os espaços mentais, que têm a característica de serem criados localmente, serem mais circunstanciais que domínios, que, por sua vez, referem-se a estruturas mais gerais ligadas à experiência. São propostos, na Teoria da Mesclagem, além dos dois espaços *input* iniciais, correspondentes aos domínios da Teoria da Metáfora Conceptual, o espaço genérico e a mescla.

“Tomamos como uma descoberta fundamental e estabelecida da Linguística Cognitiva que a estrutura de mapeamento e a projeção metafórica têm papel central na construção de raciocínio e significado. Dados a existência e o papel central de tais mapeamentos, nosso foco está na construção de espaços adicionais, com estrutura emergente, não diretamente disponível nos domínios input. Inferências, emoções e conceptualizações não explicadas nos quadros teóricos disponíveis, são elegantemente tratadas pelo modelo de integração conceptual.”

(Fauconnier & Turner, 1998:135) (#09)

No modelo de mesclagem há:

- *dois ou mais espaços **inputs**, que constituem informação prévia, ligados à experiência; são em algum sentido análogos, mapeáveis entre si, de onde elementos são selecionados para compor o espaço mescla;*
- *um **espaço genérico**, uma abstração contendo o que há em comum entre os inputs e*
- *a **mescla**, contendo elementos selecionados dos inputs, estrutura emergente, as inferências, que resultam dos seguintes processos imaginativos de integração, composição, completamento e elaboração. As estruturas emergentes, por sua vez, podem ser base para outras mesclagens.*



(Fauconnier & Turner, 1998:143)

Nos diagramas, como o acima, que representam mesclagens, encontramos:

- *os **espaços mentais** representados por círculos;*
- *os **elementos** dos espaços, por pontos;*
- *as conexões, por linhas cheias (**mapeamentos**) ou pontilhadas (**projeções**)*
- *e a **estrutura emergente**, por um quadrado na mescla:*

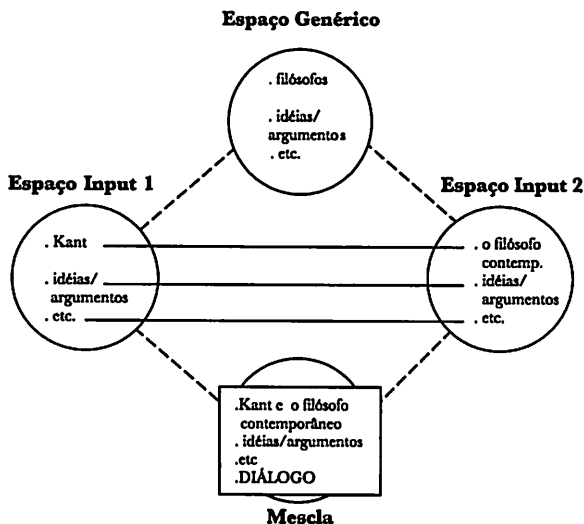
Num exemplo clássico em Semântica Cognitiva, encontra-se a seguinte fala de um filósofo contemporâneo, ao conduzir um seminário:

“Afirmo que a razão é uma capacidade que desenvolve por si só. Kant discorda de mim nesse ponto. Ele diz que é inata, mas eu respondo que falta argumentação, ao que ele contrapõe, em *Crítica da Razão Pura*, que somente idéias inatas têm poder. Porém a isso eu digo: e a seleção de grupo neuronal? E ele não responde.”

(Fauconnier and Turner, 1998:145) (#10)

O que está em questão nessa situação é como podem indivíduos localizados em espaços temporais distintos envolverem-se em uma interação.

Naturalmente que fazemos sentido dessa passagem não porque trazemos Kant para a modernidade, de forma realista, como explicam os autores, mas sim porque lançamos mão de nossa habilidade cognitiva de integrar elementos de fontes distintas (os espaços *input*) num local único (o espaço mescla), o que pode ser representado como a seguir:



Os dois espaços *input* no diagrama apresentam certa analogia em termos dos elementos que os estruturam, possibilitando mapeamento entre esses elementos e projeção da abstração deles para o espaço genérico. Os elementos selecionados dos *inputs* projetados para o espaço mescla resultam numa unidade conceptual. Neste caso, a conceptualização resultante apresenta, como um elemento emergente, a situação em que Kant e o filósofo contemporâneo se encontram, situação essa, não existente em qualquer dos espaços *input*.

Um exemplo de uma metáfora sendo analisada através da proposta de mesclagem é uma estrutura do tipo: “Esse cirurgião é um açougueiro”.^{xxiv} Nesse caso, há dois domínios nitidamente presentes, numa clara situação de analogia, que podem ser vistos como apresentando, cada um deles, os seguintes elementos:

Fonte

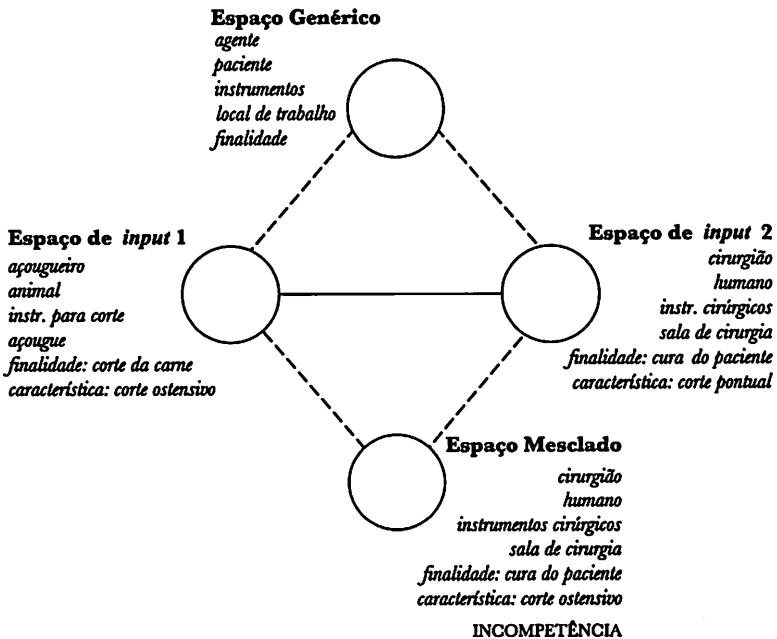
AÇOUQUEIRO

açougueiro _____*carne animal* _____*açougue* _____*instrumentos para corte* _____*procedimento: corte* _____*finalidade: corte da carne* _____**Alvo**

CIRURGIÃO

*cirurgião**paciente humano**sala de cirurgia**instrumentos cirúrgicos**procedimento: corte**finalidade: cura do paciente*

O diagrama seguinte representa, com os espaços mentais circunstancialmente construídos, o processo cognitivo de mesclagem conceitual que ocorre em relação à metáfora referida:



xxiv Esse exemplo metafórico, também clássico na Semântica Cognitiva, foi dado por Seanna Coulson e discutido no curso de Semântica Cognitiva, no Summer Institute da Universidade da Dinamarca, em Junho 2001. A diagramação de mesclagem como apresentada foi feita para este trabalho.

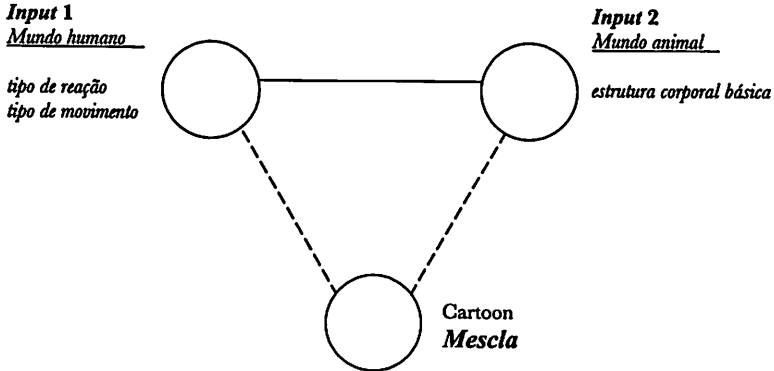
O espaço mesclado contém, como vimos, elementos selecionados dos dois espaços *input*. Contém ainda a inferência de incompetência ligada ao cirurgião. Essa inferência é um elemento emergente, pois não está associado a nenhum dos espaços *input* originais: não são os cirurgiões que são incompetentes, nem tampouco os açougueiros. A incompetência ligada ao cirurgião surge, neste caso específico, como resultado da mescla dos elementos dos dois domínios. É na mistura que emerge a inferência negativa.

Mesclagens podem ocorrer em modalidades múltiplas:

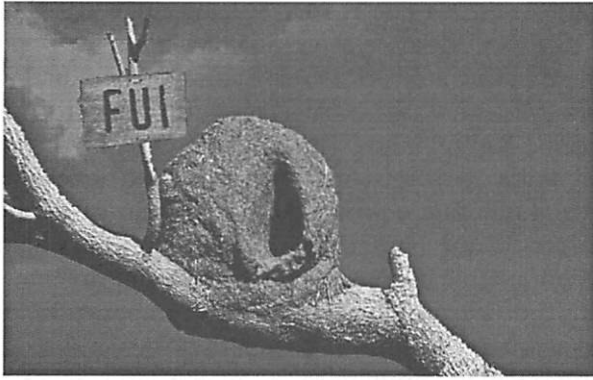
- entre elementos visuais
- entre elementos visuais e lingüísticos
- auditivamente em fonemas, resultando em trocadilhos
- sintaticamente

No universo artístico e publicitário, por exemplo, percebe-se essa utilização constante do mecanismo de projeção através de uma infinidade de exemplos de textos e imagens envolvendo integração conceitual.

Em *cartoons* que trazem animais, mescla é a regra, e um padrão simplificado pode ser vislumbrado:



A imagem a seguir integra uma campanha em defesa da Mata Atlântica e apresenta o padrão descrito acima. A imagem e um texto introduzido por “Não deixe a natureza ir embora”, compõem a situação mescla, que tem por espaços *input* **Mundo Natural** e **Mundo Humano**.



Na mescla, ocorrem idéias e inferências que podem resultar na modificação de como conceptualizamos os espaços *input*, ou seja, após a realização do mapeamento, mudamos o que pensamos sobre um dos domínios fonte. No caso dessa propaganda, há uma mensagem clara objetivando conscientização para mudança de atitude neste segundo domínio.

Nossa compreensão da mescla, como qualquer processo de inferência de significado, sofre restrição de conhecimento prévio. Mesclas são, muitas vezes, convencionalizadas, portanto culturais, havendo também mesclas novas, criadas circunstancialmente. No entanto, o mecanismo cognitivo envolvido nos dois casos, é, em princípio, o mesmo.

Mesclagem tem a ver com processamento cognitivo dinâmico: é não-composicional e não-puramente mental. Nessa concepção da integração conceptual, o significado não reside no espaço mescla apenas, nem tampouco pode ser previsto com base apenas na estrutura dos *inputs*; encontra-se no conjunto representado pelo diagrama, com todos os espaços, mapeamentos e projeções.

Mesclagem tem sido utilizada na explicação da construção de significado, por exemplo, em analogias, contrafactuais e combinações de conceitos, como no caso de termos compostos da língua inglesa.

Turner & Fauconnier (1998) mostram que, em relação a um termo composto do inglês, não captamos seu significado apenas pela combinação dos sentidos centrais dos termos componentes. A Linguística Cognitiva propõe que, para a compreensão dessas estruturas, construímos mesclagens conceituais a partir da informação lingüística restrita, da ativação dos cenários dos quais os elementos componentes participam e dos papéis que desempenham nesses cenários. Assim, a compreensão desses termos compostos envolve, nesse contexto teórico, acessarmos estruturas conceituais amplas, envolve conhecimento dos esquemas de nossa experiência, padrões de interação com os elementos em questão.

Na análise realizada em Turner & Fauconnier (1998), *dolphin safe*, numa lata de atum, sugere medidas de proteção de golfinhos ao se pescar atuns; numa situação de mergulho, condições sob as quais os mergulhadores são protegidos por golfinhos (*dolphin safe diving*); ou sugere, noutra contexto, que peixes dourados estarão protegidos dos golfinhos, seus predadores. Os autores trabalham ainda com as possibilidades que surgiriam da mera inversão dos elementos do composto (*safe dolphin*: o golfinho que é protegido, ou que não causará os problemas que outros causam, etc). O que Turner & Fauconnier mostram é que se o significado da estrutura fosse puramente composicional, ou seja, unicamente resultado da soma dos significados individuais de seus elementos componentes, essa multiplicidade semântica não aconteceria.

Os contrafactuais prestam-se à análise através de mesclagem, pois estabelecem, ao lado da realidade pressuposta, uma situação imaginária, contrária aos fatos. Essa realidade e a situação imaginária servem de dois espaços *input*, cujas estruturas são parcialmente projetadas numa mescla, que é, em geral, uma conceptualização de uma situação implausível.

Num esforço de maior formalização, Fauconnier & Turner (1998) propõem Princípios de Otimização, aos quais uma mescla atenderá, mais ou menos adequadamente, resultando, segundo eles, em melhores ou piores mesclas:

“Integração – A mescla deve constituir uma cena firmemente integrada que possa ser manipulada como uma unidade. Mais geralmente, cada espaço na estrutura de mescla deve poder ser visto como integrado.

Topologia – Para qualquer espaço *input* e qualquer elemento naquele espaço projetado à mescla, é ideal para as relações do elemento na mescla corresponderem às relações de sua contraparte.

Rede – A manipulação da mescla como uma unidade deve manter a rede de conexões aos espaços *input*, facilmente e sem observação ou computação adicional.

Desempacotamento – A mescla sozinha deve possibilitar àquele que compreende desempacotar a mescla para reconstruir os *inputs*, os mapeamentos trans-espaciais, o espaço genérico, e a rede de conexões entre esses espaços

Boa razão – Se um elemento aparece na mescla, haverá pressão para encontrar significação para esse elemento. Significação incluirá elos com outros espaços e funções relevantes no processamento da mescla.”

(Fauconnier & Turner 1998:163) (#11)

Para Coulson & Oakley (2000) a Teoria da Mesclagem evidencia a relação entre a compreensão da linguagem e processos do pensamento e da atividade humanos porque, na construção do significado, estão envolvidos, além das estruturas lingüísticas, outros elementos: o contexto, o conhecimento de mundo e as habilidades cognitivas gerais.

Neste trabalho, que visa tanto à checagem de um aspecto dessa inter-relação entre linguagem e outros processos da atividade humana, quanto à descrição da estruturação do texto narrativo oral de uma perspectiva cognitiva, utiliza-se a Teoria da Mesclagem Conceptual nas diagramações contendo falas de personagens. A visão dessas falas como compondo o **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO** no contexto da narração justifica tratá-las como mesclagens de elementos selecionados de dois mundos no universo do texto: o **Mundo da História** e o **Mundo da Narração**, como será discutido no capítulo 9.

3 – NARRATIVA

As narrativas lingüísticas são tentativas de se reviver eventos, no que eles têm de ocorrido ou imaginado, limite, na maior parte dos casos, indefinível. Há muitas abordagens de estudos de narrativas:

NARRATOLOGIA – Prince (1997) apresenta essa teoria como uma busca de se definir o que as narrativas têm em comum, seus componentes e seu sistema de regras. Situa tal teoria no ramo estruturalista. No início, os estudos narratológicos concentravam-se ‘na história’. No relato de Prince, por exemplo, Propp (1928) estabelece 31 funções dos contos de fadas russos, afirmando que *falta* ou *vilania*, bem como o *resgate* (daquela *falta*), talvez estejam presentes em todas as histórias; Greimas (1966) propõe um modelo em termos de seis ‘actantes’: Sujeito (procurando o Objeto), Objeto (procurado pelo Sujeito) aquele que Envia (o Sujeito, sua busca do Objeto), aquele que Recebe (o Objeto para ser assegurado pelo Sujeito), o Ajudante (do Sujeito) e o Oponente (do Sujeito). Outros narratologistas, segundo Prince, voltaram-se para ‘a estrutura discursiva’ das narrativas: Genette (1972), por exemplo, enfoca as relações temporais entre o texto e a história do texto; o evento narrativo específico inscrito no texto. Há também, em narratologia, a busca da integração entre essas duas tendências: os termos *Fabula* (‘material básico da história’) e *Sjuzet* (‘enredo’), dos formalistas russos, bem como o esforço por se estabelecer uma gramática da narrativa, servem a essa integração. (Prince, 1997:3)

ABORDAGEM DISCURSIVA – Os estudos especificamente discursivos da narrativa relacionam-se basicamente com a perspectiva interacional, ou seja, pretendem tratar o conteúdo integrado à situação específica de produção da história. Narrativa é vista como ação social, não apenas codifica experiência. Segundo Edwards (1997), são questões pertinentes a essa visão: onde começar e terminar uma narrativa (decisões que alteram forma e significado); “o que incluir: que palavras/categorias usar? Para quem, por quem, por quê e em que conjuntura a história é contada? Que alternativas estão sendo negadas ou alinhadas com ela? Que negócio interacional está sendo realizado no momento?” (Edwards, 1997:277) (#12)

PSICOLOGIA NARRATIVA – Nesta abordagem, narrativa é um modo de compreensão humana básico, não apenas um tipo literário. Edwards (1997)

acrescenta que em Bruner (1990) narrativa é definida como “um modo de pensamento e ação descritível em termos que possa ser relacionado a planos cognitivos e representações” (Edwards, 1997:269) (#13). É através da narrativa que organizamos nossa experiência do mundo social.

ANÁLISE CONVERSACIONAL – No quadro da análise conversacional, as histórias são turnos longos e tal abordagem dedica-se a questões analíticas do tipo: como as pessoas começam e terminam suas histórias; a forma como as histórias são providas na interação (propostas, solicitadas, produção de uma segunda história, ou outra); regras de tomada de turno conversacional, como relata Edwards (1997).

ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS – Voltados para o estudo de narrativas orais, como os de William Labov (1972), assim como a narratologia, segundo Edwards (1997), os estudos sociolingüísticos buscam identificar tipos e estruturas. Na definição de narrativa de Labov (1972), a ordem dos eventos representados pela narrativa tem de ser expressa pela ordem das frases. Uma narrativa bem formada pode apresentar os seguintes elementos, que se relacionam com a estrutura discursiva: resumo (*abstract* - A), orientação (*orientation* - O), ação complicadora (*complicating action* - CA), avaliação (*evaluation* - E), resultado ou resolução (*result or resolution* - R) e coda (*coda* - C - um item opcional, que estabelece uma ligação com o presente).

O estudo desenvolvido através desta pesquisa lança um olhar gramatical cognitivo sobre as narrativas orais. Enfoca aspectos gramaticais, basicamente o elemento verbal, dentro da perspectiva cognitiva dos estudos lingüísticos, perspectiva essa integradora, que toma por base a inter-relação entre linguagem e outras habilidades e processos cognitivos humanos; relaciona, portanto, padrões de utilização gramatical à macro estruturação do texto narrativo e propõe a descrição dessa estruturação em termos de espaços mentais, domínios discursivos. Tal descrição revela a expressão temporal de um princípio da percepção cognitiva.

A pesquisa corrente, não se encaixa, portanto, exatamente, em nenhum dos ramos dos estudos narrativos mencionados. Aproxima-se dos estudos de Labov, uma vez que esse autor também trabalha com narrativas orais numa perspectiva temporal, no entanto, difere-se dele por incluir a dimensão da cognição. Não deixa de ser sensível também a várias questões propostas através das abordagens mencionadas: admite a visão do texto narrativo como um ato interacional de fala, uma locução, contextualizada; é igualmente sensível à proposta do texto narrativo oral como um turno conversacional sem muitas interrupções, cujos inícios e finais

exigem elaboração específica, bem como às postulações da psicologia narrativa que relacionam a narrativa com o processo constante de estruturação interna da experiência social humana. Essas diferentes perspectivas são relacionáveis.

Na visão da Linguística Cognitiva do discurso e da narrativa, afirma-se o papel essencial dos esquemas imagéticos (Palmer, 1996). As histórias humanas repetem-se, diferenciam-se entre falantes de uma mesma cultura, muitas vezes, apenas em detalhes e contextualizações. Aí identificamos os cenários, os esquemas recorrentes, que são, com frequência, inconscientes.

Para Chafe (1990), a mente humana cria modelos do mundo ao lidar com ele e para lidar com ele. Tais modelos, ou esquemas, são estruturas de expectativas prontas, fornecidas pela cultura, ou, até um certo ponto, criadas pelo indivíduo. Essa visão postula que não criamos tudo sempre de novo, porém confrontamos nova experiência com tais modelos. “Isso é, então, talvez o que de mais importante narrativa pode nos fornecer evidência: o fato de que a mente não grava o mundo, mas o cria de acordo com sua própria mistura de expectativas culturais e individuais.” (Chafe, 1990:81) (#14)

No entanto, o autor reconhece que a experiência, em sua complexidade, jamais se restringiria a modelos conhecidos. Tendemos a rejeitar, como primeira reação, situações que estão em conflito com nossos modelos. Por outro lado, no entanto, tais conflitos são imprescindíveis para superação do tédio existencial. E é disso que tratam as narrativas, do inesperado. Ameaça ao modelo é o que vale a pena ser narrado.

Na linha da psicologia narrativa, Bruner (2002) argumenta que as histórias nos fornecem modelos do mundo e corrobora, em grande parte, o que é dito por Chafe. Afirma que narrativa rememora o que é culturalmente esperado, porém, dialeticamente, celebra ‘transgressões’ do canônico. Ao mesmo tempo em que resolve problemas, também os encontra.

Esse autor discute ainda o ‘dilema ontológico’ posto pela narrativa. São as histórias reais ou imaginadas? O autor simplesmente descarta percepção e memória como instrumentos da ‘verdade’. Vê-os muito mais como servos da convenção.

Em relação a essa questão, encontra-se em *Personal Narratives Group*:

“Ao falar sobre suas vidas, as pessoas mentem às vezes, esquecem muito, exageram, confundem-se e erram. Mesmo assim elas estão revelando verdades. Essas verdades não mostram o passado ‘como ele realmente foi’, aspirando a um padrão de objetividade. Elas nos dão, ao invés, as verdades de nossas experiências. Elas não são o resultado de pesquisa empírica ou da lógica de deduções matemáticas. Diferentemente da Verdade segura do ideal científico, as verdades das narrativas pessoais não estão abertas nem a prova, nem são auto-evidentes. Nós chegamos a compreendê-las através de interpretação, prestando bastante atenção aos contextos que modulam sua criação e às visões de mundo que as informam. Às vezes as verdades que vemos nas narrativas pessoais perturbam nossa segurança complacente de intérpretes ‘fora’ da história e nos tornam cientes de que nosso próprio lugar no mundo tem um papel na nossa interpretação e dão forma aos significados que derivamos delas”. (1989:261). (#15)

Edwards (1997) numa perspectiva discursiva, afirma que questões do tipo de objetividade, sinceridade ou verdade são administradas no próprio ato de fala.

Bruner (2002) também percebe o caráter de locução da história ao afirmar que o falante está imbuído de uma determinada intenção ao contá-la para aquele ouvinte, naquele cenário. Refere-se assim à narrativa como um ato de fala.

Esse autor argumenta que poderíamos utilizar outras formas para falar do que acontece conosco, como, por exemplo, listarmos nomes, locais e datas. Não o fazemos, segundo o autor, porque as narrativas nos ajudam a lidar com as surpresas e o inesperado, domesticando-os.

Bruner (2002) apresenta como elementos da narrativa reconhecidos pelo senso comum os seguintes: um grupo de personagens-agentes, que possuem expectativas acerca do mundo, do mundo da história; uma ruptura no estado esperado das coisas, sem o que não se tem o que narrar; uma resolução (mais como *insights* morais que como restauração do canônico); muitas vezes, uma explicação posterior dos eventos. Como traço final, tem-se a coda, uma avaliação de possível significado presente da história.

O narrar está arraigado em nossa cultura e em muitas outras. Somos expostos desde muito cedo em nossas vidas a rotinas narrativas. Para Bruner (2002), como evidência de que as crianças têm precocemente o sentido da narrativa, tem-se o fato de elas distinguirem quando se trata de uma ritualização: divertem-se com situações que, se ocorressem no plano do real, lhes causariam sofrimento. As crianças desenvolvem cedo as expectativas sobre o mundo.

3.1 – NARRATIVA E LINGÜÍSTICA COGNITIVA

No campo da Linguística Cognitiva, Turner (1996) apresenta narrativa como uma capacidade cognitiva básica. Inicia seu texto por uma história contada pelo vizir, conselheiro do grande rei Shahriyar, a fim de dissuadir sua filha, Sharahzad, do propósito de se oferecer voluntariamente ao rei como esposa. Todas as manhãs, cabia a esse vizir decapitar a virgem que na noite anterior havia sido entregue ao rei. Essa rotina tivera início quando Shahriyar descobrira que sua primeira esposa lhe havia sido infiel:

Havia um fazendeiro muito próspero que conhecia a linguagem dos animais e dos pássaros. Em sua estrebalaria, mantinha um boi e um burro. Ao final de cada dia, o boi vinha ao local onde se encontrava o burro e via-o sempre escovado, bem alimentado, descansando. Quase nunca era solicitado ao trabalho. Por acaso, um dia o fazendeiro ouviu o boi dizer ao burro: Que sorte você tem! Estou esgotado de tanto trabalho, enquanto você descansa confortavelmente. Minha vida é um eterno penar no arado e no moinho. Ao que o burro respondeu: Quando estiver no campo, finja estar doente e deixe-se tombar. Não levante, mesmo que te açoitem. Quando te trouxerem de volta, não aceite alimento. Abstenha-se por um ou dois dias, e assim encontrará seu descanso. Quando foram buscar o boi no dia seguinte, ele estava longe de estar bem. Então o fazendeiro disse ao camponês. Pegue o burro e use-o com o arado o dia todo.

(Tradução livre. Turner, 1996:1) (#16)

O plano de Sharahzad era salvar todas as virgens ainda disponíveis e a estratégia consistia em, após entregar-se ao rei na primeira noite, iniciar uma história, supostamente contada para sua irmã mais nova, mas secretamente destinada aos ouvidos de Shahriyar. Cuidadosamente cronometraria sua narrativa para que o clímax se desse ao romper da aurora, obrigando o rei a adiar sua execução por um dia. Nos dias subseqüentes, repetiria a mesma estratégia.

O curioso, como mostra Turner, é que o vizir endossa a estratégia da filha ao tentar dissuadi-la, exatamente contando-lhe uma história, que pode ser projetada à história da filha. Dada a natureza dos riscos que tanto o vizir quanto Shahrazad corriam, naturalmente que pensaram em se utilizar do recurso mais poderoso que puderam vislumbrar: a narrativa.

Estamos fundamentalmente condenados às narrativas. Narrativa, ou parábola, não é vista pelo autor no sentido apenas de um recurso literário. Nossa capacidade de história e projeção é, segundo Turner, indispensável à cognição. E dela nos utilizamos para prever o futuro, planejarmos ou explicarmos algo.

Para esse autor, possuímos a capacidade de reconhecer e executar pequenas histórias espaciais: alguém lança uma pedra, colocamos água num copo, o vento balança os galhos da árvore. Nossa experiência do mundo não é caótica. Nessas histórias, aprendemos a distinguir (categorizar) objetos e eventos. A maneira como reconhecemos esses elementos tem a ver com esquemas-imagéticos, “padrões recorrentes em nossa experiência sensorial e motora”, dos quais são exemplos “movimento por um caminho, interiores limitados (recipientes), equilíbrio e simetria”, que podem se combinar. (Turner, 1996:16) (#17) Projetamos também, segundo ele, nossa visão dos eventos no espaço, para os eventos no tempo, e estes últimos adquirem aspectos tais como continuidade, circularidade, abertura, etc.

Essa visão de parábola não condiz com a de significado como estático, localizável, mas sim como resultado da interconexão de espaços mentais. Significado é distribuído, vivo, construído situacionalmente.

No processo de significação de parábola há mais de dois espaços envolvidos, pois as projeções não são todas diretas, unidirecionais. Turner discute, então, o modelo de Mesclagem. No espaço mescla desse modelo desenvolvem-se estruturas emergentes próprias, que podem ser projetadas de volta aos espaços *input*. “O espaço mescla pode ativar poderosamente ambos os espaços *input* e mantê-los facilmente ativos enquanto realizamos trabalho cognitivo sobre eles para construir significado.”(Turner, 1996:60) (#18)

Outro aspecto importante da abordagem de Mesclagem para a visão de parábola é a postulação do espaço genérico. É possível compreendermos, por exemplo, *quem com ferro fere, com ferro será ferido* descontextualizado. Nossa compreensão de provérbios (parábolas simples) envolve a projeção de uma interpretação genérica. A informação contida nesse espaço genérico aplica-se tanto ao domínio fonte, quanto ao alvo.

Quando se conta uma história, há, quase sempre, a possibilidade de projeção de sua estrutura para um contexto próximo aos participantes do processo da narração. Isso constitui, em muitos casos, a razão mesma de se narrar. Há quase sempre um ponto que se quer abordar. Toda narrativa é, em algum nível, uma parábola.

O vizir visava a alertar Sharazad. Sua intenção era que Sharazad projetasse a história por ele contada à sua própria. Na narrativa de que se utiliza, dos animais no contexto da fazenda, o trabalho teria invariavelmente de ser realizado. Como desenvolve Turner, na mescla das histórias realizada pelo vizir, uma donzela teria de ser decapitada a cada manhã. Entretanto, esse elemento do espaço *input* não foi selecionado por Sharazad na mescla por ela realizada, tão ciente estava de seu poder.

Quando se conta uma história, há diferentes domínios de realidade e de realização da narração envolvidos. A narrativa focaliza um evento supostamente ocorrido, ou imaginado, constituindo o **Domínio da História**. Há também o **Domínio da Narrativa** em si, composto pelo narrador, o ouvinte e os eventos narrados. Segundo Turner (1996), no domínio da história propriamente dita, o narrador não existe, ele não tem poder sobre esse domínio, mas o tem sobre os eventos narrados e o exerce, por exemplo, mudando o *foco* de tempo e espaço na narração.

Nossa percepção é sempre parcial e local. Temos, no entanto, consciência de que alguém, situado numa outra posição, terá uma visão diferente da nossa, de um mesmo evento. Há, então, diferentes possibilidades de *ponto de vista* e *foco*. Turner (1996:117/118) afirma que, numa narrativa, o narrador pode, por exemplo, assumir o *ponto de vista* espacial ou temporal de um dos personagens. Há mecanismos lingüísticos utilizados para esses propósitos. Tipicamente, o discurso direto envolve esse tipo de mudança de *ponto de vista*, como será discutido neste trabalho. Isso tudo é parte de uma competência cotidiana, apesar de complexa.

A visão de história na perspectiva dos espaços mentais envolve a visão de tempo verbal como um instrumento que indica *ponto de vista* e *foco* temporal, não mais como uma relação entre momento do evento e momento da fala (relação esta dada pragmaticamente). Esta perspectiva, que está em Turner (1996), Fauconnier (1997) e Cutrer (1994), explica casos em que um determinado tempo verbal traz um valor temporal distinto daquele esperado, dado o rótulo que apresenta. São exemplos dessas ocorrências, o *presente* indicando futuro ou passado, com significado genérico ou habitual, ou o *passado* indicando futuro.

Em inglês, para Turner (1996:149), o tempo verbal *presente* corresponde à categoria narrativa na qual '*foco* temporal e *ponto de vista* coincidem', ou seja, estão no mesmo espaço; *passado* corresponde a '*foco* precede *ponto de vista*' e *futuro* corresponde a '*ponto de vista* precede *foco*', o que se pode dizer que também ocorre em relação ao português. Para o autor, o *ponto de vista* temporal ser identificado com o momento da fala é puramente circunstancial. É o padrão mais comum, mas não é em absoluto o único. O falante pode escolher situar-se num local imaginado no domínio da história e falar desse local. O *ponto de vista* muda ao longo do narrativa. A diagramação e análise, neste trabalho, das estruturas em discurso direto de narrativas, por exemplo, confirmam o fato de a interpretação do valor dos tempos verbais não poder estar presa à perspectiva do falante (momento da fala).

3.2 – NARRATIVA E A PERCEPÇÃO COGNITIVA: FIGURA E FUNDO

O principal objetivo desta pesquisa, como dito na **APRESENTAÇÃO**, é o de caracterizar a estruturação da narrativa oral, através de uma proposta de descrição da realidade cognitiva que motiva essa estruturação. Propõe-se, aqui, aliar os conceitos da Psicologia Gestalt (figura e fundo) à Teoria dos Espaços Mentais e à Teoria da Mesclagem Conceptual, integrantes da Linguística Cognitiva, para a análise dos elementos gramaticais em foco: as categorias verbais de Tempo, Aspecto e Modo (o sistema TAM). O texto narrativo oral pode ser percebido, como proposto neste trabalho, dividido em grandes Domínios Discursivos,^{xxv} (o **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS** - Figura, o **DOMÍNIO SUPORTE** - Fundo e o **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO** - Discurso Direto) trazendo, cada um deles, material lingüístico específico. A instrumentação teórica da abordagem dos Espaços Mentais possibilita-nos lidar com essa perspectiva de domínios, visualizando melhor como se estruturam, se interconectam e se inter-relacionam.

PONTOS DE PARTIDA DA PESQUISA – Tenho, como pontos de partida, principalmente, três trabalhos: William **Labov (1972)**, Paul **Hopper (1979)** e Tanya **Reinhart (1984)**, que, unidos, levam-nos a crer que, na língua portuguesa, o tempo verbal *Preterito Perfeito*, em textos narrativos, corresponderia aos eventos centrais da história.

São os seguintes os elementos desses trabalhos motivadores desta pesquisa:

Para **Labov (1972)**, narrativa é “um método de se recapitular experiência passada pela apresentação de uma seqüência de orações (*narrative clauses*) correspondendo à seqüência de eventos que supostamente aconteceram”^{xxvi} (Labov, 1972:359/350) (#19). Para esse autor, então, as orações narrativas são basicamente caracterizadas por esse elo temporal.

Hopper (1979) conduziu um estudo trans-lingüístico da gramaticalização distinta das inter-relações entre narrativa lingüística, estrutura de foco e aspecto. Trabalhou com o francês, o russo, o malaio e o inglês arcaico. Encontrou o seguinte padrão:

xxv Domínio e espaços mentais são duas noções que têm sido utilizadas, na Linguística Cognitiva, por vezes de forma intercambiável. Em Langacker (2004-cap.2:21) encontra-se essa discussão nos seguintes termos: domínio, definido como qualquer tipo de concepção ou experiência mental, e espaços mentais, por sua vez, como estruturas parciais, criadas localmente, permitindo a partição de discurso, possuem definições igualmente amplas. Esse autor utiliza a seguinte distinção: a primeira noção foca a inteireza, enquanto a segunda, a descontinuidade. Pode-se dizer que essa distinção aplica-se à utilização dos termos neste trabalho.

xxvi São meus os grifos nesta citação de Labov assim como os do quadro do estudo trans-lingüístico de Hopper (1979) seguinte.

PERFECTIVO	IMPERFECTIVO
<ul style="list-style-type: none"> • <u>seqüenciamento</u> estritamente <u>cronológico</u> • visão de um evento como um todo, necessariamente <u>completado</u> para que haja o evento subsequente • identidade do sujeito em cada episódio • distribuição não-marcada de foco: pressuposição do sujeito, e asserção no verbo e seus complementos imediatos (ou outro foco não-marcado) • tópicos humanos • <u>eventos dinâmicos</u>, cinéticos • <u>FIGURA</u>: eventos indispensáveis à narrativa 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>simultaneidade</u> ou superposição cronológica de situações • <u>não exigência de completamento</u> • mudança freqüente de sujeito • distribuição marcada de foco: sujeito, instrumento, adverbiais • variedade de tópicos • <u>situações estáticas, descritivas</u> • <u>FUNDO</u>: estados ou situações necessárias à compreensão das atitudes e motivos, etc.

(Hopper, 1979:216)

Do quadro acima, destaco a relação encontrada nas línguas entre aspecto verbal e estrutura narrativa: os eventos centrais da história (Figura) tendem a ocorrer em formas marcadas como Perfectivas, e, por outro lado, os estados e situações que enriquecem essa história com detalhes e informação adicional tendem a ser Imperfectivos.

Nessa mesma linha, Li, Thompsom & Thompson (1982) investigaram o mandarim; Kalmár (1982), o *inuktitut*, um dialeto do oeste da Groelândia e Givón (1982) compara o sistema TAM do crioulo prototípico com o do hebraico bíblico. Esses estudos mostraram haver, nessas línguas, um mecanismo morfossintático para a gramaticalização das noções de figura e fundo.

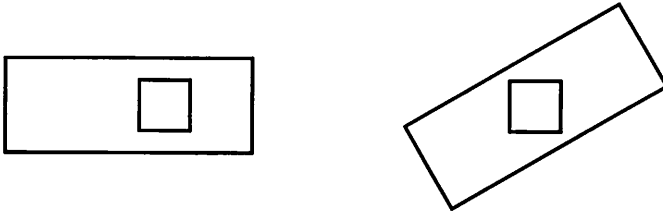
O que subjaz a esses estudos é a visão de que a estrutura de narrativas reflete uma realidade perceptual cognitivo-visual. Mais especificamente, que o sistema lingüístico, principalmente através das categorias verbais de Tempo, Aspecto e Modo (TAM), expressa o mesmo princípio cognitivo da percepção proposto para o campo visual pela Psicologia Gestalt.

3.2.1 – PRINCÍPIO GERAL DA PERCEPÇÃO COGNITIVA

*Salientamos certos aspectos do mundo (figura)
em oposição a outros (fundo).*



Nesse desenho,^{xxvii} podemos ver tanto um quadrado sobre um retângulo, como um retângulo com um buraco quadrado. E uma interpretação exclui a outra num mesmo instante. No primeiro caso, sabemos que o retângulo permanece por sob o quadrado, ou seja, o fundo continua por sob a figura.



Podemos perceber agora, também como decorrência daquele princípio, que a figura depende do fundo para sua caracterização. Se o fundo é alterado, nossa percepção da figura também se altera.

3.2.1.1 – A EXPRESSÃO NARRATIVA DO PRINCÍPIO GERAL DA PERCEPÇÃO COGNITIVA

O princípio cognitivo proposto inicialmente em relação à percepção espacial atua também em relação a nossa utilização da linguagem. O que trabalhos como o de Hopper (1979) afirmam é que figura e fundo são realidades num texto narrativo.

A Figura Narrativa contém os eventos narrados na seqüência cronológica em que supostamente ocorreram. É a linha central da estória. O Fundo apresenta diferentes elementos que dão suporte à linha central dos eventos: descrições, explicações, comentários, julgamentos, caracteristicamente. No trecho seguinte, as estruturas em **negrito** correspondem à Figura, as em estilo normal correspondem ao Fundo:

xxvii Os desenhos apresentados neste item 4.2.1 e 4.2.1.1 estão em Reinhart (1984). A autora tem por base Koffka (1935).

Narrativa 11

- (01) Um dia, o que é interessante nessa nessa história toda
(02) é que voltávamos do catecismo mais tarde
(03) **e não- a professora atrasou**
(04) **e nós saímos à noitinha.**
(05) Ainda não havia luz elétrica na cidade.
(06) **E nós atravessamos a cidade toda ao ca- ao- à luz dos**
lâmpioes de gás.
(07) Mas na minha rua não havia lâmpião de gás,
(08) e nós tínhamos que passar primeiro por uma ponte.
(09) E a ponte era perto do cemitério, bem ao lado do cemitério. /UNHUM/

CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAÇÃO DA FIGURA – Reinhart (1984) propõe critérios para identificação da Figura Narrativa, explicitando o paralelo entre os dois campos cognitivos:

A – CONTINUIDADE TEMPORAL – *servem como Figura: unidades textuais cuja ordem de apresentação corresponde à ordem na qual os eventos que elas representam supostamente ocorreram.*

A)



B)



Ao nos depararmos com a figura (A), tendemos a ver uma curva senoidal e outra contendo ângulos retos, que apresentam continuidade, ao invés das formas fechadas como em (B).

Linguisticamente, as unidades temporais são os eventos seqüenciados, que provêm continuidade. Como estamos falando de um domínio passado, essa seqüência temporal é apresentada no tempo verbal passado.

Exemplo:

Narrativa 6

(98) **Parô o caminhão assim na porta,**

(99) **pegô na minha mão,**

(100) **me levô lá,**

(101) **bateu na porta...**

(102) Já tava tudo fechado

(103) daí cê vê tanto

(104) que viajô.

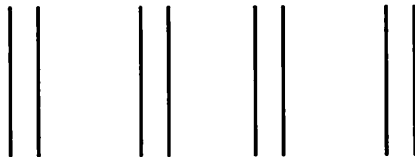
(105) Já tava tudo fechado, né?

(106) **Bateu na porta,**

(107) **seu Antônio veio,**

As unidades oracionais em negrito estão em *Preterito Perfeito*. Correspondem à linha dos eventos, formam uma espécie de fio de acontecimentos.

B – PONTUALIDADE – *eventos pontuais servem mais facilmente como Figura que os durativos.*

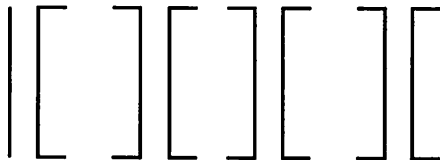


Nessa figura, há a tendência a vermos três ‘estradas’ estreitas, com uma linha sobrando à direita, ao invés de três ‘estradas’ largas, com uma linha sobrando à esquerda. Menor figura exige menos esforço cognitivo para se completar o fundo sob ela.

Linguisticamente, pequeno significa menos tempo transcorrido, expresso por verbos pontuais. Este é um critério relativo à semântica. Exemplos de verbos pontuais são *espirrar, tropeçar*. Verbos mais durativos seriam *morar, estudar*, etc.

No trecho da Narrativa 6 selecionado para exemplificar o critério da continuidade, podemos observar como os verbos utilizados para representar os acontecimentos centrais da história são relativamente mais pontuais, ou seja, indicam ações mais reduzidas temporalmente (*pegar, parar, bater, abrir*) do que aqueles que trazem informação de suporte à linha de eventos, que, por sua vez, são estativos ou indicam ações mais durativas (*ver, viajar, estar*).

C – COMPLETAMENTO – *eventos completados, fechados, servem mais facilmente como Figura.*



O mesmo desenho, agora, por incluir elementos que sugerem fechamento, é percebido de forma distinta. Tendemos a ver três formas ‘fechadas’, com uma linha sobrando à esquerda.

Linguisticamente, áreas fechadas são expressas especialmente através do aspecto verbal. Formas Perfectivas, *trouxe, vendi*, expressam completamento, em oposição a formas Imperfectivas, que não informam sobre esse fechamento, *estava trazendo, vender*, etc.

O mesmo trecho da Narrativa 6 ainda exemplifica o critério do completamento. No trecho selecionado, as estruturas que trazem o fio condutor da história estão expressas em *Preterito Perfeito*, de valor aspectual Perfectivo. Podemos perceber que, para o encadeamento das ações apresentadas nesse tempo verbal, é necessário o encerramento de uma ação para que a outra se dê (*parar o caminhão* é seguido de *pegar na mão*, que, por sua vez, é seguido de *levar lá*, e assim por diante). Isso já não ocorre com as estruturas que trazem informação de suporte (não sabemos, por exemplo, quando a situação *estar tudo fechado* foi iniciada, ou quando terminará).

D – OUTROS CRITÉRIOS – *Proposições negativas e modais são mais facilmente vistas como Fundo.*

Exemplos:

Narrativa 13

- (49) **Eu eu fui lá no Viaduto de madrugada,**
- (50) **tentei subí e tal.** (RISO)
- (51) Num tive coragem.

Narrativa 3

- (56) **Aí eu comecei quebrá galho de coisa**
- (57) e jogá por cima dele, né?
- (58) pra ele podê saí, né?

Nesses exemplos, vemos um elemento negativo, em (51), e um modal, em (58), ambos constituindo informação de suporte.

3.3 – PRESSUPOSTO: PRETÉRITO PERFEITO E FIGURA NARRATIVA

Os autores especialmente enfocados dizem: Labov (1972) – que elementos temporais (passados), seqüenciados, definem as orações narrativas; Hopper (1979) – que há uma estreita correspondência trans-lingüística entre aspecto Perfectivo e Figura Narrativa, de um lado, e aspecto Imperfectivo e Fundo, de outro; e Reinhart (1984) – que os princípios de percepção cognitiva propostos pela Gestalt são uma realidade no campo temporal, narrativo, e relaciona valores gramaticais e semânticos específicos à Figura, através de determinados critérios.

A partir da relação entre esses textos, infere-se que, na língua portuguesa, os eventos do texto narrativo que correspondem à linha central da história representada pelo discurso devem ocorrer em formas afirmativas de Pretérito Perfeito, uma vez que:

- o Pretérito Perfeito é o tempo verbal da língua portuguesa que é Passado e Perfectivo e
- a negatividade é indicadora de Fundo Narrativo.

A proposta de relacionar esses três trabalhos nos quais me baseio justifica-se se consideramos que, primeiro, Paul Hopper e Tanya Reinhart afinam-se de imediato, uma vez que o trabalho dele é fonte para o dela. Segundo, o trabalho de Labov, que enfoca narrativas orais propondo categorias para as estruturas que compõem tais textos numa perspectiva sociolingüística, compatibiliza-se com os trabalhos dos dois autores anteriores. Labov propõe a definição de narrativa sobre um critério temporal, ou seja, para ele, narrativa consiste de orações ordenadas temporalmente; tal perspectiva temporal também perpassa a definição de Figura Narrativa com a qual os outros trabalham.

A proposta de tratar essa questão da expressão temporal das noções de figura e fundo em termos da Lingüística Cognitiva é igualmente plausível, uma vez que este quadro teórico afina-se com abordagens funcionalistas, às quais Hopper se filia. Os dois modelos partem da premissa de que a semântica é a motivação para as formas, apresentam pontos teóricos e metodológicos comuns.

O capítulo que se segue é destinado à descrição da metodologia empregada na realização desta pesquisa, que envolve duas etapas. A primeira etapa constitui-se da checagem da correlação Pretérito Perfeito/Eventos Narrativos e a conseqüente constatação da existência de partes formal e funcionalmente distintas no texto narrativo oral. A segunda etapa desenvolve a proposta de que essas partes podem ser vistas como domínios distintos no universo do texto, descritíveis, portanto, através, essencialmente, da ferramenta teórica dos espaços mentais, integrante da Lingüística Cognitiva.

4 – METODOLOGIA

Esta pesquisa consta de duas partes. A primeira delas visa a checar a existência de evidência empírica, através da análise de dados autênticos da língua, ^{xxviii} para o fato de o sistema TAM (de Tempo, Aspecto e Modo verbais) ter um papel na estruturação de textos narrativos orais.

Esta etapa, por constituir-se da checagem da pressuposição de que, no português do Brasil, o tempo verbal *Pretérito Perfeito*, de aspecto Perfectivo, representaria os eventos centrais da história num texto narrativo, checagem essa feita através, dentre outros procedimentos, de uma contagem de ocorrências, envolve aspectos quantitativos significativos. Isso não significa, no entanto, que a metodologia aí empregada seja essencialmente dessa natureza. Essa checagem também apresenta características alinhadas com a metodologia qualitativa: (1) observação naturalística, pela coleta de textos autênticos, em situações conversacionais espontâneas; (2) perspectiva de ‘de dentro’, com a participação do próprio analista nas conversações gravadas; (3) busca por uma descrição de todo tipo de fenômeno encontrado, que fosse relacionado ao tópico; (4) análise com características subjetivas do tópico em questão.

Na segunda parte da pesquisa, relatada nos capítulos 8 e 9, propõe-se a descrição da realidade narrativa oral através do instrumental teórico das teorias dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceptual. Por ser um ramo da investigação lingüística relativamente novo, não há metodologias bem definidas ligadas a todo o quadro da Lingüística Cognitiva. A que foi empregada para a realização desta pesquisa teve um desenho próprio, proposto com a finalidade de responder às questões específicas do trabalho. Nesta segunda etapa, a pesquisa torna-se ainda mais significativamente qualitativa. Com base nos pressupostos de uma realidade dinâmica, não se tem a intenção de que os resultados aqui obtidos sejam generalizados para contextos diversos. ^{xxix}

^{xxviii} A Lingüística Cognitiva filia-se à perspectiva baseada no uso e este trabalho assume tal perspectiva. A utilização de dados reais de língua é absolutamente desejável para este modelo. Para Fauconnier (2003):

“Métodos devem se estender a aspectos contextuais do uso da linguagem e à cognição não-lingüística. Isso significa estudar discurso total, linguagem em contexto, inferências realmente feitas por participantes numa interação, frames aplicáveis, pressupostos implícitos e construal, para nomear apenas algumas coisas.” (2003:2) (#20)

^{xxix} Em relação à generalização, Davis (1995), entretanto, esclarece que não é o caso que os estudos qualitativos não possam ser generalizados, mas sim que a responsabilidade de tal generalização é de quem deseja fazê-la, no sentido de avaliar cuidadosamente as semelhanças contextuais para tal transferência. (Davis, 1995:441)

Pode-se dizer, em relação ao conjunto da pesquisa, que a análise realizada conforma-se preferencialmente ao paradigma qualitativo.^{xxx}

O CORPUS – Utilizou-se, para este trabalho, o *corpus* que havia coletado e transcrito para a dissertação de mestrado em Azevedo (1992), que apresenta uma pesquisa que buscou comprovar o papel das categorias TAM na estruturação do discurso narrativo, nos dados do português brasileiro analisados. Essa pesquisa serviu como primeira indicação da inter-relação desses elementos e incentivo para que se continuasse essa investigação, porém sobre bases metodológicas e teóricas distintas.

A utilização dos mesmos dados do estudo anterior significou uma possibilidade de maior familiarização com os mesmos e ampliação de descobertas, no sentido de uma melhor descrição da estruturação de textos narrativos orais. Assume-se a utilização desse *corpus* na perspectiva de Davis (1995), quando contrasta estudos qualitativos e quantitativos, em relação à credibilidade. Nos quantitativos, credibilidade já está assegurada pelo conceito de ‘validade interna encontrado nos estudos estatísticos’. Nos segundos, entretanto, credibilidade tem de ser conquistada e procedimentos específicos serão responsáveis por tal sucesso. Nos termos de Davis, ‘engajamento prolongado’ e ‘observação persistente’ seriam requisitos (Davis (1995:445).^{xxxi}

Como descrito em Azevedo (1992), o *corpus* examinado é composto por treze (13) narrativas de registro oral produzidas em português do Brasil, por falantes de idade e nível de escolaridade variados, de ambos os sexos, provenientes de vários estados do país. Tal variedade foi proposital, pois esses fatores não eram significativos para a análise a ser realizada. Unidades narrativas foram extraídas de gravações de longas interações conversacionais informais, não tendo havido qualquer delimitação prévia de tema, o que também não se considerou ser fator de interferência. Trabalhou-se, portanto, com textos produzidos em contextos comunicativos autênticos. Os textos foram, posteriormente, transcritos dentro das convenções ortográficas, com atenção especial para que, ao serem lidos, pudessem revelar a pronúncia original, especialmente marcada por reduções em posição final

xxx Taylor & Bogdan (1985) afirmam, referindo-se à preocupação, por parte dos pesquisadores que se dedicam a pesquisas qualitativas em relação à acuidade de seus dados:

“Um estudo qualitativo não é uma análise impressionista, descuidada (*off-the-cuff*), baseada num olhar superficial sobre um ambiente ou povo. Constitui um exemplar de pesquisa sistemática, conduzida através de procedimentos exigentes, mas não necessariamente padronizados.” (Taylor & Bogdan, 1984) (#21)

Mais especificamente relacionado à Semântica Cognitiva, Langacker (2004) afirma:

“Uma semântica cientificamente respeitável é presumivelmente objetivista por natureza, sujeita a formalização discreta e capaz de predição estrita. (...) Idealmente, e cada vez mais em prática, descrições da semântica cognitiva são baseadas em análise cuidadosa, suportada por evidência empírica e formulada em termos de construtos descritivos bem-formulados.” (Langacker, 2004-cap.3:31) (#22)

xxxi Foram várias as considerações a respeito da utilização dos dados da pesquisa anterior além da possibilidade de um aprofundamento devido à maior familiaridade com os mesmos. As narrativas utilizadas, que foram agora inteiramente retrabalhadas, compõem um corpus bem estabelecido, rico relativamente ao fenômeno investigado, merecedor, portanto, desse aprofundamento. Ainda, o fenômeno linguístico sob observação não sofreu alteração com a passagem do tempo desde a coleta até a análise realizada para esta pesquisa. Também foi levado em conta o fato da utilização recorrente de mesmos dados ser uma prática comum em estudos linguísticos, ainda mais se levamos em consideração a existência de corpora organizados e disponibilizados à utilização de pesquisadores, que constitui uma tendência atual neste campo científico.

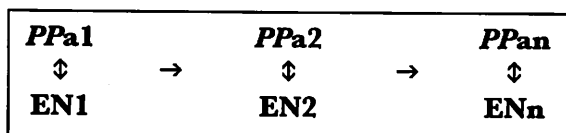
de palavras, como, por exemplo, a ausência da fricativa glotal surda, representada pela letra 'r', nos *Infinitivos* verbais - (*enfeitá* - enfeitar); ausência do morfema de plural, expresso pela fricativa pós-dental surda, representada pela letra 's' - (aquelas *winha*, *miudinha*, *pequeninha*); certas reduções como 'lá' para 'está', 'cê' para 'você'; etc.

Além disso, foram usados os sinais ortográficos padrão para as entonações ascendentes (subida leve, a vírgula; subida rápida ou acentuada, o ponto de interrogação) e descendente (o ponto final). Na disposição gráfica do material, aparecem ainda: ... indicando alongamento, próprio de hesitação; - marcando o ponto onde uma determinada estrutura foi abandonada pelo falante; / **VERSALETE**/ para as falas da ouvinte principal; /**M.**: **VERSALETE**/ para as falas de uma segunda ouvinte; as seguintes indicações entre parênteses (**RISO**) e (**GESTO**); (??) para pequenos fragmentos incompreensíveis na gravação.^{xxxii}

PROCEDIMENTOS (A): Para a **primeira etapa da pesquisa**, que corresponde à checagem da correlação entre sistema TAM em narrativas orais e o princípio cognitivo, foram realizados os seguintes procedimentos:

- 1 – *Divisão das narrativas em unidades oracionais, pois o foco da análise seria as categorias verbais das predicções;*
- 2 – *separação de todo o discurso direto, ou seja, toda unidade oracional que representasse a fala de personagem, por constituírem essas falas, no texto narrativo, um domínio discursivo específico, aqui denominado **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**;*
- 3 – *seleção de toda estrutura oracional afirmativa em Pretérito Perfeito e*
- 4 – *busca de respostas para as seguintes questões:*

A – *A sequência de Pretéritos Perfeitos realmente traz/representa a linha de eventos, constituindo um **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS**? Há um mapeamento entre formas afirmativas de Pretérito Perfeito e Eventos Narrativos, como representado abaixo?*



Onde:

PPa = Pretérito Perfeito afirmativo

EN = Evento Narrativo

xxxii Para referência, os textos narrativos foram providos na sua integridade, no **APÊNDICE 1**, e ncles as estruturas oracionais foram graficamente marcadas para indicar se pertencem ao **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS** – Figura (**negrito**), ao **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO** – Discurso Direto (*italico*) ou ao **DOMÍNIO SUPORTE** – Fundo (estilo normal). A análise gramatical completa de todas as estruturas oracionais encontra-se no **APÊNDICE 2**. Assim, facilita-se a conferência das indicações e da exemplificação. Por vezes, o ideal é que se consulte o texto mais amplo no qual uma ocorrência se insere para que se possa perceber seu significado e todos os valores verbais em foco.

Exemplo:

NARRATIVA 13

(134) Tinha uns Sabinos lá,

(135) mas num tinha nenhum Fernando, né? /UNHUM/

(136) Aí eu tive a idéia

(137) de olhá em Tavares.

(138) Aí eu olhei Tavares.

(139) Tinha lá um F. Tavares, né? /UHN/

(140) **Aí eu** “*Quem sabe é, né?*”

(141) Aí eu peguei e disquei.

(142) Quando eu disquei,

(143) eu num esqueço disso,

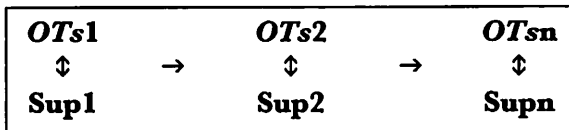
(144) atendeu

(145) e falô assim

“*Alô isso é uma- isso*”-

Nesse trecho, as estruturas em *Pretérito Perfeito* são estruturas que trazem eventos que compõem a linha central da história (Eventos Narrativos). Ilustram, portanto, o mapeamento indicado.

B – *As orações remanescentes (em Outros Tempos Verbais, que não o Pretérito Perfeito) trazem preferencialmente informação de suporte, complementar, constituindo um DOMÍNIO de SUPORTE à linha de eventos, como a seguir?*



Onde:

OTs – *Outros Tempos Verbais*

Sup – Suporte à linha de eventos

No mesmo trecho selecionado da Narrativa 13, as estruturas em *Outros Tempos Verbais (Pretérito Imperfeito, Presente, Infinitivo)* podem ser consideradas como complementares aos Eventos Narrativos. De alguma forma elaboram esses eventos, enriquecendo seu sentido, ou trazendo informação descritiva suplementar.

C – *Se de fato encontramos no texto narrativo oral, além do **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**, um **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS** e um **DOMÍNIO de SUPORTE** a esses eventos, e já sabemos (uma vez que esse foi o ponto de partida da pesquisa) como o **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS** se comporta em termos do sistema TAM (basicamente, *Pretérito Perfeito*, *aspecto Perfectivo*), a questão que se coloca é a seguinte:*

*Como se comportam o **DOMÍNIO SUPORTE** e o **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO** em termos das marcações e valores verbais, ou seja, do sistema TAM?*

Este é, então, o **QUADRO DE INVESTIGAÇÃO INICIAL**, que nos permite visualizar as questões **(A)**, **(B)** e **(C)** relacionadas no item **(4)**. O quadro é composto de três grupos de estruturas oracionais; em **negrito** estão as informações conhecidas e, em estilo normal, aquelas a serem descobertas:

GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3
DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS seqüência mais básica, essencial aos eventos cronológicos (Figura)? <i>Pretérito Perfeito</i> <i>Aspecto Perfectivo</i> <i>Realis</i>	DOMÍNIO de SUPORTE à linha de eventos (Fundo)? Como se comporta em termos das marcações e valores verbais?	DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO (Discurso direto) Como se comporta em termos das marcações e valores verbais?

PROCEDIMENTOS (B): Para a **segunda parte da pesquisa**, relatada nos capítulos **8** e **9**, houve, como descrito a seguir:

- 1 – *Proposta de diagramas para os domínios do texto narrativo oral, **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**, **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS** e **DOMÍNIO SUPORTE**, que se delinearam como resultado da primeira parte da pesquisa, utilizando o modelo dos Espaços Mentais;*
- 2 – *seleção de trechos do corpus, representativos em termos dos valores temporais mais significativos;*
- 3 – *diagramação, utilizando o modelo dos Espaços Mentais, do seqüenciamento discursivo dos trechos previamente selecionados;*
- 4 – *diagramação desses mesmos trechos, no formato proposto (item 1) para os domínios do texto narrativo oral e*
- 5 – *comparação dos dois tipos de diagramação realizados em relação a cada trecho discursivo, com a finalidade de checar a adequação da proposta do item (1).*

5 – CHECAGEM DA CORRELAÇÃO ENTRE SISTEMA TAM EM NARRATIVAS ORAIS E O PRINCÍPIO COGNITIVO

O que se pretende neste ponto da pesquisa é checar se o princípio cognitivo de percepção visual expresso em termos das noções de figura e fundo é uma realidade na estruturação do texto narrativo oral. Mais especificamente, buscar confirmação para os postulados de Labov (1972), Hopper (1979) e Reinhart (1984), que levam à interpretação de que as categorias verbais TAM têm papel fundamental na distinção de partes do texto, sendo o tempo verbal *Prétérito Perfeito* característico da Figura Narrativa. A expectativa inicial é a de que haveria tal confirmação.

5.1 – DIVISÃO DOS TEXTOS EM UNIDADES ORACIONAIS

Ao dividir os texto em unidades oracionais, como discutido em Azevedo (1992), depara-se com elementos que necessitam de uma análise mais cuidada antes de serem classificados como elementos verbais,^{xxxiii} devido especificamente a se tratar de um *corpus* de língua oral.

Nesta modalidade, encontram-se, por exemplo, várias formas verbais (ou aparentemente verbais), que, dependendo do contexto onde se inserem, não constituem, predicados: *sabe?*, *viu?*, *né?*, *tá entendeno?*, *entendeu?*, *entendeu com'ê que é?*, *olha;* *acho (que)*, *parece (que)*, *num sei/ sei lá/ num sei quê, diz (que)/ eles falam;* *só sei (que)*, *quer dizer (qué dizê); lembro (que)*, *acontece/ aconteceu (que)*, *eu sei (que)*. Tais elementos muitas vezes, mais do que propriamente servirem como predicados, com estrutura e conteúdos plenos, têm funções discursivas. Tais funções são, por exemplo, de 'sinalizar retorno à Figura Narrativa', 'estabelecer ou manter contato com o ouvinte'. Podem ter também valor modal de 'falta de comprometimento do falante com o conteúdo de sua fala'. O texto oral apresenta ainda formas enfáticas e/ou clivadas: *é (que)*, *foi (que)*, *era (que)*, que não constituem predicação. Surge também, no momento da catalogação, a questão de quando duas formas verbais próximas, estando a segunda delas no *Gerúndio* ou no *Infinitivo*, devem

xxxiii Foi referência para este trabalho a visão de Neves (2000) da relação entre verbos, predicados e orações:

"Os verbos, em geral, constituem os predicados das orações. Os predicados designam as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com seus argumentos (os participantes da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado.

A predicação constitui, pois, o resultado da aplicação de um certo número de termos (que designam entidades) a um predicado (que designa propriedades ou relações). A construção de uma oração requer, portanto, antes de mais nada, um predicado, representado basicamente pela categoria verbo, ou, ainda, pela categoria adjetivo (construído com um verbo de ligação)." (Neves, 2000:25)

ser separadas em duas unidades oracionais. Assim, é necessário, no processo de catalogação, estabelecermos critérios e tomarmos decisões quanto a essas situações. (Essas decisões foram descritas na **PARTE A** do **APÊNDICE 2**.)

**Foram catalogadas 1106 estruturas oracionais
nas 13 narrativas estudadas.**

5.2 – SEPARAÇÃO DAS UNIDADES EM DISCURSO DIRETO

Após dividir as narrativas em unidades oracionais, foram separadas aquelas unidades que representavam falas de personagens, constituindo estruturas em discurso direto. O discurso direto é um aspecto essencial da estrutura da narrativa, compondo, por vezes, extensões significativas do texto.

Exemplo:

Narrativa 1

- (24) **Chegô pra mim**
“Ó sir, I speak English.”
- (25) **Eu falei**
- (26) *“Olha, cê tá muito enganado comigo,*
- (27) *num sô gringo não.*
- (28) *Cê tá me achano com gringo,*
- (29) *eu tô branquinho assim,*
- (30) *mas eu num sô gringo não.*
- (31) *Eu sô daqui*
- (32) *e tenho muito mais idade que você*
- (33) *e sei de todas essas malandragens daqui.*
- (34) *Quê que cê tá quereno, ô rapaz?”*
- (35) *“Ah, desculpe, tal, né, eu... tio.”*
- (36) **Aí me chamô de tio.**

Nesse trecho, as estruturas em itálico correspondem à fala de personagem.

O grupo de estruturas em discurso direto destaca-se do restante do texto, não sendo exatamente estruturas de Figura ou de Fundo. Constitui um domínio específico no universo da narrativa, o **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**.

Das 1106 estruturas oracionais dos dados, 125 eram representações de falas de personagens, restando, portanto, 981 unidades.

5.3 – SELEÇÃO DAS ESTRUTURAS EM *PRETÉRITO PERFEITO*

Em seguida, foram separadas aquelas estruturas expressas em *Pretérito Perfeito*, por ser este o tempo verbal que supostamente corresponde ao seqüenciamento cronológico dos eventos da história.

Das 981 unidades oracionais que não constituem falas de personagens, 378 estão no *Pretérito Perfeito*, sendo 17 delas negativas e 361 afirmativas.

As 17 ocorrências de *Pretérito Perfeito* em estruturas negativas foram catalogadas como Fundo, pois a negatividade é um dos critérios estabelecidos por Reinhart (1984) para identificação do Fundo Narrativo (e tipicamente as histórias representam eventos acontecidos, portanto, afirmativos). Essas ocorrências são as seguintes:

Narrativa 3 – (68)

Narrativa 5 – (30) e (39)

Narrativa 6 – (02)

Narrativa 8 – (05) e (77)

Narrativa 9 – (92), (111), (128), (142), (143) e (146)

Narrativa 10 – (70)

Narrativa 13 – (51), (53), (162) e (321)

Exemplo:

Narrativa 8

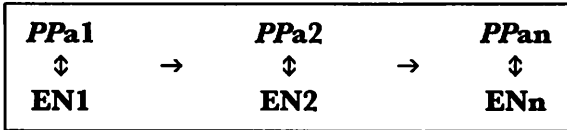
(76) Cê acredita, Adriana, que a madeira tinha voltado pro lugar?! /OLHA!/
 (77) Não precisô
 (78) de chamá o carpinteiro, nada
 (79) pra pra mexê na madeira.

Das 981 unidades oracionais que não estavam em discurso direto, 361 foram expressas em *Pretérito Perfeito* afirmativo e 593 em *Outros Tempos Verbais*.

5.4 – CHECAGEM DA CORRELAÇÃO

PRETÉRITO PERFEITO / EVENTO NARRATIVO:

MAPEAMENTO Nº 1 – *As 361 estruturas apresentadas no tempo verbal **Pretérito Perfeito** podem ser consideradas estruturas da **Figura Narrativa**, constituintes do **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS** (orações do **GRUPO 1**), correspondendo ao seguinte mapeamento?*

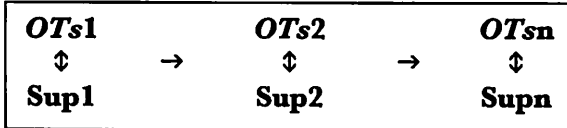


Onde:

PPa – *Pretérito Perfeito afirmativo*

EN – Evento Narrativo

MAPEAMENTO Nº 2 – *As 593 estruturas em **Outros Tempos Verbais** podem ser consideradas estruturas do **Fundo Narrativo**, constituintes do **DOMÍNIO SUPORTE** (orações do **GRUPO 2**), correspondendo ao seguinte mapeamento?*



Onde:

OTs – *Outros Tempos Verbais*

Sup – Suporte à linha de eventos

Procedeu-se, então a uma análise de todas as estruturas oracionais, com a finalidade de observar se confirmavam os mapeamentos referidos.

5.4.1 – EVENTO NARRATIVO

Adotou-se, como base para essa análise, a noção de Evento Narrativo. Considerou-se Evento Narrativo todo evento pertencente à cadeia de acontecimentos situados no eixo temporal definido pela narrativa. Foram interpretadas, então, como estruturas eventivas aquelas contendo Eventos Narrativos, integrantes da linha central da história. Os aspectos temporal e de

seqüenciamento (Labov e Reinhart) foram, portanto, cruciais nessa análise, que teve um caráter subjetivo (consoante, portanto, com o paradigma qualitativo de pesquisa). Um evento, por exemplo, cuja duração transcendia o eixo estabelecido para a história foi interpretado como uma informação de suporte. Estruturas dessa natureza representaram, em geral, descrições, explicações, comentários, constituindo situações de apoio a essa mesma linha central.

5.4.1.1 – DECISÕES RELATIVAS A EVENTOS NARRATIVOS

É importante observar que o texto narrativo oral apresenta sub-enredos, reformulações, repetições e reparos, como recursos discursivos que servem ao planejamento e à revisão, que acontecem concomitantes à produção textual efetiva. Tais recursos são mais raros em narrativas escritas. Há casos, então, cuja análise de uma estrutura não se dá de imediato. Faz-se necessário adotar critérios para a decisão sobre sua catalogação.

FORAM CONSIDERADOS ‘EVENTOS NARRATIVOS’ – Além das estruturas contendo eventos nitidamente narrativos, foram catalogadas como tais as seguintes situações:

1 – *Estruturas eventivas de pequenas narrativas (sub-enredos, historinhas dentro da história central). Tais sub-enredos foram recuados na página (nas transcrições no APÊNDICE 1) a fim de melhor destacá-los em relação ao enredo central:*

Narrativa 8 – (03) e (07)

Narrativa 13 – (49), (50), (52), (200), (201), (203), (204), (206), (207), (208), (217), (220), (222), (224) e (229)

Exemplo:

Narrativa 8

(02) eu fui em casa de minha prima, Mimi, né? /UHN/
e o piano de lá estava-

(03) Ela comprô este piano

(04) pra filha estudá.

(05) Depois a menina não quis mais

(06) continuá o estudo

(07) e o piano ficô parado.

(08) E o piano estava empenado a parte da frente

(09) onde tampa, né? /SEI/

A parte recuada à direita do trecho acima traz um pequeno enredo e constitui uma pequena narrativa inserida na narrativa maior. Apesar de terem personagens e elementos em comum, essas histórias acontecem em tempos distintos.

2 – Estruturas que constituem pequenas inversões em relação à ordem de apresentação da seqüência dos eventos, constituindo reparos, explicações, que o ouvinte perfeitamente recupera como sendo situações da linha eventiva, como em:

Narrativa 5 – (26), (28), (37) e (38)

Narrativa 8 – (29), (30), (73), e (80)

Narrativa 13 – (25),(26) e (27)

Exemplos:

Narrativa 13

(24) então eu aproveitei,

(25) fui lá pra casa da tia Margarida. /UHN/

(26) E- qué dizê, eu arrumei esse pretexto, né?

(27) Eu falei com tia Margarida

As duas últimas estruturas do trecho da Narrativa 13 selecionado para exemplificação reformulam a narrativa, introduzindo elementos que vêm posteriormente no discurso ('arrumar o pretexto' e 'falar com tia Margarida'), mas que representam eventos que teriam ocorrido anteriormente (a 'ir pra casa da tia Margarida'). Tais estruturas constituem um reparo.

Narrativa 5

(37) Eu joguei fora,

(38) fiquei com nojo.

(39) E ela num guentô,

(40) morreu.

Poder-se-ia considerar que, a rigor, o evento 'ficar com nojo' antecede 'jogar fora'. No entanto, tais inversões são praticamente imperceptíveis no decorrer do discurso, são fenômenos esperados em produções orais, nas quais não se planeja com antecedência o discurso. São reestruturações ou servem de explicação.

3 – Repetições, ocorrendo: após pedido de esclarecimento por parte do ouvinte; com funções discursivas de reformular/reestruturar a apresentação dos fatos narrados; como mecanismo de sinalizar retorno aos eventos narrativos após algum tipo de explicação ou comentário:

Narrativa 1 – (13), (15), (16) e (17)

Narrativa 2 – (16), (19)

Narrativa 3 – (05), (12)

Narrativa 8 – (29), (30), (32)

Narrativa 9 – (48), (49), (50), (51), (52), (53), (54), (62), (63), (138) e (140)

Exemplos:

Narrativa 2

(13) E uma dessa um jacaré sai assim zanzano, né?

(14) andano assim na água,

(15) ficô ali dentro do poço.

(16) E eu saí

(17) pra pegá lenha pra minha mãe.

(18) E lá meu padrasto lá tinha dois cachorro grande.

(19) Eu saí

(20) eles saíram atrás de mim.

A repetição de ‘eu saí’ ocorre como uma retomada dos eventos narrativos, após uma explicação típica de Fundo.

Narrativa 9

(137) E torceu meu braço assim na frente dela,

(138) que eu dei um grito, sabe?

(139) Falei

“Ai meu braço”.

(140) Gritei com ela ainda.

Nesse trecho, a repetição de ‘dar um grito’ ocorre como uma re-elaboração discursiva, inclusive havendo pequena modificação da forma inicialmente utilizada (‘dei um grito’/‘gritei’).

OBSERVAÇÃO - Não foram catalogadas como estruturas que integrassem as narrativas aquelas que constituem meta linguagem. Esses elementos, em geral, introduzem ou finalizam os eventos. Estão presentes nas narrativas 1, 3, 4, 5, 6, 9, 13.

Exemplo:

Narrativa 1

Tô contano- eu tava contano pra você

(01) que há uns anos atrás,

(02) **eu passei umas férias em Belorizonte**

‘Tô contano- eu tava contano pra você’, por exemplo, não foi catalogado como estrutura oracional da narrativa. Constitui uma introdução, mas não integra a história propriamente.

5.4.2 – OBSERVOU-SE: EM RELAÇÃO AO MAPEAMENTO Nº 1

A) 19 ocorrências de Pretérito Perfeito (5.3%) em estruturas contra-seqüenciais, explicativas, por vezes representando eventos no eixo temporal da narrativa, que não seriam prontamente consideradas Figura, que foram, portanto, catalogadas como Fundo:

Narrativa 6 – (28), (104)

Narrativa 7 – (21)

Narrativa 8 – (68)

Narrativa 9 – (23), (27), (72), (108) e (148)

Narrativa 10 – (47), (60), (65), e (72)

Narrativa 11 – (16)

Narrativa 13 – (228), (278) e (284)

Na mesma situação estão:

Narrativa 6 – (72) “alternativa a uma estrutura da Figura”

Narrativa 13 – (283) “avaliativa”

Exemplo:

Narrativa 10

(56) Eu, até então, eu nunca tinha propriamente ouvido falar assim Deus,

(57) quem era Deus,

(58) o quê que Deus era.

(59) Nunca tinha me passado pela mente.

(60) Aprendi

(61) a rezar,

(62) mas simplesmente a rezar,

(63) mas nunca ninguém me havia falado em Deus.

B) 17 ocorrências de Pretérito Perfeito (4.7%) em estruturas que não são propriamente eventivas, que, no entanto, trazem uma avaliação a posteriori dos eventos narrados, apresentando, de alguma forma, um sentido de seqüência, em relação aos eventos da Figura, ou trazem uma explicação, às vezes um resumo dos eventos narrativos. Tais estruturas foram catalogadas como Figura:

Narrativa 6 – (17), (93) e (95)

Narrativa 10 – (16), (22) e (73)

Narrativa 13 – (72), (95), (104), (106), (320) e (325)

Narrativa 3 – (73)

Narrativa 7 – (27)

Narrativa 13 – (253), (254) e (324)

Exemplo:

Narrativa 10:

(14) **Mudamos, os pequenos, um irmão mais velho.**

(15) **Mudamos para uma casa, para um sobrado, em frente ao centro da cidade, em frente à prefeitura, ao lado da casa paroquial e a poucos passos da igreja matriz.**

(16) **Foi uma alegria**

5.4.3 – OBSERVOU-SE: EM RELAÇÃO AO MAPEAMENTO Nº 2

A) 04 estruturas no Presente histórico, integrando a linha de eventos, o que constitui 0.7% das ocorrências de Outros Tempos Verbais (que não o Pretérito Perfeito) que não poderiam ser catalogadas como Fundo Narrativo:

Narrativa 2 – (13)

Narrativa 9 – (73)

Narrativa 13 – (217) e (261)

Exemplo:

Narrativa 2

(13) **E uma dessa um jacaré sai assim zanzano, né?**

(14) andano assim na água,

(15) **ficô ali dentro do poço.**

(16) **E eu saí**

(17) pra pegá lenha pra minha mãe.

(18) E lá meu padrasto lá tinha dois cachorro grande.

(19) **Eu saí**

(20) **eles saíram atrás de mim.**

B) 12 ocorrências de estruturas no Pretérito Imperfeito que, de alguma, forma avançam a história, sendo, entretanto, que esses eventos representam situações repetidas, sem o sentido do completamento. Tais ocorrências perfazem um total de **2.0%**. Poderiam, dependendo do aspecto que se queira enfatizar, ser catalogadas como *Figura* ou, alternativamente, como *Fundo Narrativo*, opção feita neste trabalho:

Narrativa 2 – (27), (29), (30), (31), (33), (34), (36) e (37)

Narrativa 5 – (35), (50) e (51)

Narrativa 13 – (170)

Exemplo:

Narrativa 13

(167) **Aí quando ele falô assim**

(168) “Após ouvir o toque

(169) *deixe o seu recado*”, né?”

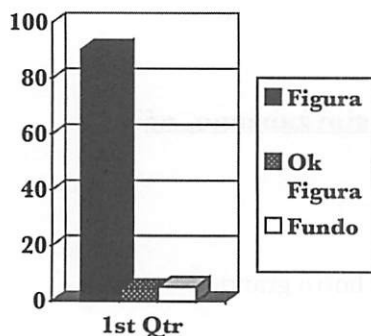
(170) Aí dava o toque

(171) **Aí eu desliguei, né?**

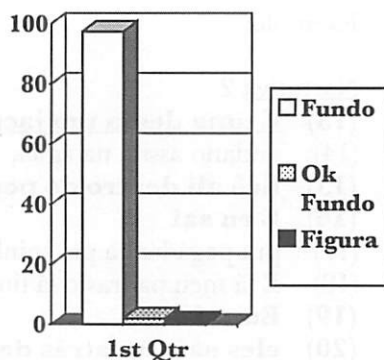
5.4.4 – GRÁFICOS

O que se observou em relação ao **MAPEAMENTOS N° 1 e N° 2** pode, então, ser visualizado como a seguir:

PRETÉRITO PERFEITO



OUTROS TEMPOS VERBAIS



O gráfico da esquerda, **PRETÉRITO PERFEITO**, indica que 94,7% das unidades oracionais apresentadas em *Pretérito Perfeito* afirmativo poderiam ser consideradas estruturas componentes da linha central da história, ou seja, estruturas de Figura Narrativa. (90,0% são (**Figura**) e 4,7% podem ser Figura (**Ok Figura**)). Constituem, portanto, o **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS**. Apenas 5,3% dessas unidades apresentam conteúdo de Fundo Narrativo (**Fundo**).

O gráfico da direita, **OUTROS TEMPOS VERBAIS**, indica que 99,3% das unidades oracionais apresentadas em *Outros Tempos Verbais* (que não o *Pretérito Perfeito*) poderiam ser consideradas estruturas de conteúdo de suporte a essa linha de eventos (97,3% são (**Fundo**) e 2,0% podem ser Fundo (**Ok Fundo**)). Em outros termos, 99,3% de *Outros Tempos Verbais* poderiam constituir o Fundo Narrativo, ou o **DOMÍNIO SUPORTE**. Apenas 0,7% dessas unidades apresentam conteúdo de Figura Narrativa (**Figura**).

Através dessa contagem, comprova-se que o que se deduziu das colocações de Labov (1982), Hopper (1979) e Reinhart (1984) a respeito do *Pretérito Perfeito* na língua portuguesa corresponder, num texto narrativo, à seqüência dos eventos principais da história aplicou-se aos dados analisados.

Após essa investigação, confirmou-se a presença de três grupos distintos de unidades oracionais, com funções discursivas específicas, constituindo três domínios no universo do texto narrativo oral, **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS**, **DOMÍNIO SUPORTE** e **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**, o que é representado através do **QUADRO DE INVESTIGAÇÃO: SEGUNDO MOMENTO**.

DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS	DOMÍNIO SUPORTE	DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO
<p>Função discursiva: seqüência mais básica, eventos da linha da história - Figura.</p> <p><i>Pretérito Perfeito</i> Aspecto Perfectivo <i>Realis</i></p>	<p>Função discursiva: informação de suporte aos eventos centrais, descrições - Fundo</p> <p>Como se comporta em termos das marcações e valores verbais?</p>	<p>Função discursiva: representação da fala de personagens - Discurso Direto.</p> <p>Como se comporta em termos das marcações e valores verbais?</p>

A respeito do primeiro grupo, sabemos que é composto, em termos do sistema TAM, basicamente de estruturas em *Preterito Perfeito*, aspecto Perfectivo, apresentadas como fato, ou seja, expressando modalidade *Realis*. Resta saber como se comportam, em termos do mesmo sistema TAM, os outros dois domínios constituintes do universo narrativo.

A fim de encontrar as respostas para as duas perguntas restantes no **QUADRO DE INVESTIGAÇÃO: SEGUNDO MOMENTO**, foi necessária a observação das características dos elementos verbais presentes em todas as estruturas oracionais dos dados, em termos de Tempo, Aspecto e Modo. Procedeu-se a uma catalogação dessa marcação gramatical no elemento verbal, expressando sensibilidade a arranjos e valores contextuais, manifestados em ambientes mais extensos que o sentencial. Baseou-se em estudos sobre as categorias verbais em foco, realizados por diferentes autores, não especificamente voltados à visão cognitiva. Este processo está descrito no capítulo que se segue.

6 – OS VALORES TAM

6.1 – TEMPO VERBAL

Tempo tem sido tradicionalmente abordado como uma categoria dêitica, ou seja, com a função de situar o momento do evento em relação a outro momento, em geral o momento da fala, isto é, o presente. Reflete, linguisticamente, nossa percepção de seqüência, movimento, sucessão. A expressão desses valores pode ocorrer também através de outros recursos lingüísticos, tais como a lexicalização, sintagmas ou orações adverbiais.

Bybee (1985) conduziu um estudo trans-lingüístico no qual examina a morfologia verbal de 50 línguas. A autora encontrou as seguintes funções temporais: *Presente, Passado, Futuro e Anterior*. Dentre os resultados obtidos pela autora, encontram-se:

- os morfemas de Presente são utilizados com sentido genérico, de futuro imediato e de narrativas no passado (presente histórico).
- as marcas de Futuro são muito usadas com funções atemporais ou ligadas a modalidades. Em alguns casos, a etimologia do afixo Futuro era ainda identificável, o que sugere que seja de formação mais recente, o que converge com a idéia de que é muitas vezes reformado, o que também explica as várias ocorrências de formas perifrásticas neste tempo.

Câmara Jr. (1985) e Coseriu (1980) também apontam para a relação tempo futuro/valores modais e para o caráter de instabilidade das formas desse tempo, que se alternam, desde o latim, entre fixas e perifrásticas.

6.1.1 – TEMPO VERBAL NOS DADOS

Especialmente na modalidade falada da língua portuguesa, encontramos, com freqüência, uma forma de tempo verbal desempenhando uma função, num determinado contexto, distinta da função prototípica daquele tempo. Foram encontrados nos dados:

a) *PRESENTE* DO INDICATIVO COM VALOR GENÉRICO OU HABITUAL (aqui denominados valores atemporais)

Exemplo:

Narrativa 7

- (30) Porque ele anda é assim (GESTO), Adriana,
Assim (GESTO), esses dois joelhos. /SEL./
- (31) Ele é- anda assim, entendeu?
- (32) Os dois joelho é grudado,
- (33) então o calcanhá num assenta.
- (34) Ele anda é com a ponta do dedo.
- (35) Isso ele num faz movimento.

Essas são características do personagem ‘meu irmão’ da Narrativa 7. Não se referem especifica e unicamente ao momento presente da história ou da situação de narração, por isso são marcadas como atemporais, neste trabalho.

b) *PRESENTE* DO INDICATIVO COM VALOR PASSADO (*PRESENTE HISTÓRICO*)

Exemplo:

Narrativa 2

- (13) **E uma dessa um jacaré sai assim zanzano, né?**
- (14) andano assim na água,
- (15) **ficô ali dentro do poço.**
- (16) **E eu saí**
- (17) pra pegá lenha pra minha mãe.

A forma de *Presente* do Indicativo, nesse trecho, traz um evento da seqüência narrativa. Alinha-se, portanto, com os demais eventos expressos em *Preterito Perfeito*, com valor passado.

c) PRESENTE DO INDICATIVO COM VALOR DE FUTURO DO PRESENTE

Exemplo:

Narrativa 4

(13) E ela todo dia falava

(14) “Cuidado, um dia cê perde prato aí. Cuidado...”

A personagem ‘minha mãe’, nesse trecho, refere-se a um perigo futuro.

d) PRESENTE DO INDICATIVO COM VALOR IMPERATIVO

Exemplo:

Narrativa 6(79) “Olha, ele qué(80) mamá,(81) dá de mamá pra ele.”**e) PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO COM SENTIDO CONTRA-SEQÜENCIAL (semelhante ao valor de Pretérito Mais-que-perfeito)**

Exemplo:

Narrativa 9

(22) A santa ceia era linda, aquela coisa prateada em alto relevo e a moldura preta, o quadro, lindo o quadro.

(23) Única coisa que mamãe pediu

(24) que não deixasse em Cuiabá era a santa ceia.

(25) Que ela queria

A forma de *Pretérito Perfeito* no trecho selecionado traz um evento que antecede toda a história (objeto da narração), ou seja, esse evento situa-se fora do eixo temporal definido pela narrativa. O personagem ‘mãe’ pedira que trouxessem ‘a santa ceia’ muito antes da ‘irmã de caridade’ ir à casa naquele dia. Portanto, esse tempo verbal, nesta estrutura, traz um evento contra-sequencial, situado fora do eixo temporal definido pela narrativa, podendo ser parafraseado por *tinha pedido*.

f) *PRETÉRITO IMPERFEITO* COM VALOR DE *FUTURO DO PRETÉRITO*

Exemplo:

Narrativa 7

(25) “Se meu filho morresse,

(26) eu matava ou você ou seu filho aqui.”

Na estrutura acima, *matava* tem valor semelhante a *mataria*.

Na contagem realizada, considerou-se, então, a seguinte situação, uma vez que a preocupação maior que tive foi com a catalogação dos valores temporais, e não propriamente dos rótulos gramaticais associados às formas:

- 1- *Presente* (valor presente ou atemporal)
- 2- *Preterito Perfeito*
- 3- *Preterito Imperfeito*
- 4- formas ou valores de *Futuro do Presente* e *Futuro do Preterito*
- 5- *Preterito Mais-que-perfeito*
- 6- *Infinitivo*
- 7- *Gerúndio*
- 8- formas ou valores de Imperativo
- 9- formas de Subjuntivo
- 10- *Presente* histórico

A Linguística Cognitiva apresenta uma interpretação específica da função desempenhada pela categoria tempo verbal, como já foi mencionado neste trabalho. Cutrer (1994), Turner (1996) e Fauconnier (1997) mostram que, se compreendemos essa categoria verbal como expressando a relação entre *ponto de vista* e *foco*, podemos explicar os usos de morfemas flexionais de *Presente* para designar situações atemporais, genéricas, futuras ou passadas, bem como os usos de formas de *Passado* e de *Futuro* que não correspondam à expressão de seus valores básicos (relativos ao momento da fala). Essa visão da Linguística Cognitiva das categorias verbais como organizadoras de espaços mentais será explorada quando for feita a caracterização da estruturação do texto narrativo em termos desse quadro teórico.

6.2 – ASPECTO

Os sistemas de tempo e modo sempre foram, tradicionalmente, exaustivamente tratados pelas gramáticas, o que não acontece tanto em relação a aspecto. Tratando desta categoria, destacam-se, para a língua portuguesa os estudos de Castilho (1968), Soares (1984), Travaglia (1985) e Costa (1990).

Brinton (1988) discute o fato de não haver consenso para a própria definição de aspecto, distinguindo dois grupos de definições. ^{xxxiv} Para Brinton, aspecto, propriamente, refere-se a uma visão ou perspectiva do falante sobre a situação, o que se aplica às definições do segundo grupo. A perspectiva adotada neste trabalho conforma-se a esse grupo. As do primeiro grupo listadas por Brinton, por sua vez, relacionam-se à natureza inerente da situação, referem-se a oposições do tipo, pontual/durativo, estático/dinâmico.

Então, visto basicamente a partir de Comrie (1976), um dos autores mencionados por Brinton, aspecto é uma categoria que expressa como o falante considera a constituição temporal interna do fato verbal, ou seja, expressa ou não um enfoque do interior desse fato pelo falante. A distinção principal dos valores aspectuais é a seguinte:

Perfectivo – a visão do evento como um todo, completado.

- *Eu toquei piano ontem.*

Imperfectivo – ausência de referência à completude, possibilidade de referência à constituição temporal interna do evento.

- *Eu tocava piano quando você chegou.*

'*Tocar piano*', nas duas orações acima, pode ter um referente único, ou seja, ser a mesma situação. Não se trata, segundo Comrie, de objetividade a distinção entre Perfectivo e Imperfectivo. O falante, no momento do enunciado, expressa um determinado ponto de vista sobre a situação em foco. Num outro momento, sua escolha pode se alterar.

xxxiv "O termo aspecto corresponde à palavra russa *vid* "visão" introduzida na gramática eslava no início do século dezoito (Golda 1962:9). Na história dos estudos de aspecto, o termo tem sido usado de maneiras diversas, e nenhuma única definição do conceito foi aceita. No sentido mais geral, aspecto é uma 'maneira de se conceber a passagem do tempo' (definição de Holt; veja Friedrich 1974:2). Por outro lado, estudiosos germânicos geralmente seguem a definição simples de Karl Brugmann: 'a maneira que a ação do verbo procede' (veja Golda 1962:12-13). Definições similares podem ser encontradas em gramáticas eslavas, eg. 'aspecto expressa a forma pela qual o processo acontece no tempo ou é situado no tempo' (definição de Peskovskij; veja Golda 1962:10). Roman Jakobson (1971:130-47), escrevendo sobre o verbo russo, sugere que aspecto 'lida com valores temporais inerentes à atividade ou o próprio estado', enquanto Paul Friedrich (1974:1), escrevendo sobre o grego homérico, sugere que aspecto 'significa a duração relativa ou pontualidade numa linha do tempo'. Um escritor, dizendo simplificar a questão, diz que aspecto é o nome para a função de discriminar os tipos de "coisas" temporais que podem ser (lingüísticamente) "localizadas" na ordem seqüencial do tempo (Taylor, 1977:164-5).

Por outro lado, um outro tipo de definição é bem comum. Etsko Kruisinga (1931:221) sugere que aspecto 'expressa se o falante vê a ação na sua inteireza, ou com especial referência a alguma parte (principalmente o início ou final). Tais definições podem também ser encontradas em gramáticas eslavas (a definição de Rasmussen; veja Golda 1962:11). Numa monografia sobre aspecto, Bernard Comrie (1976:3) diz que 'aspectos são diferentes maneiras de se ver a constituição temporal interna de uma situação'. Mais recentemente, Marion Johnson (1981:152) define aspecto como referência a uma das fases temporalmente distintas da evolução de um evento no tempo." (Brinton, 1988:2) (#23)

Na Gramática Cognitiva, Langacker (2001:43/44) contrasta:

It rained last night [perfectivo; visão global]

com

It was raining last night [progressivo; visão local]

e define um verbo perfectivo como sendo aquele em que o processo apresentado (*profiled*) é limitado em seu escopo imediato. Quanto ao progressivo, a parte que se insere no campo de visão relativo ao processo apresentado é não-limitada (“o progressivo toma uma visão interna, impondo um escopo imediato que exclui os pontos inicial e final”): é, então, imperfectivo, segundo o autor. A distinção entre Perfectivo e Imperfectivo, nesses termos, condiz com a proposta por Comrie. Langacker, no entanto, trata os processos como ‘inerentemente’ perfectivos (aqueles que podem ocorrer com progressivo – *learn, write, study, recite, copy*) ou imperfectivos (aqueles que não podem ocorrer com progressivo – *know, like, understand, see, have*), apesar deste autor afirmar não haver uma possibilidade clara de distinção, nesse nível:

“Por exemplo, muitos verbos são ambivalentes, sua caracterização como perfectivo ou imperfectivo sendo determinada pela natureza de seus complementos nominais (*I admire her courage* vs. *I am admiring her dress*); pela perspectiva assumida em uma cena (*This road winds trough the mountain* vs. *This road is winding through the mountains*); ou por outros fatores.” (Langacker, 1991-a:208) (#24)

A questão dos meios de expressão dos valores aspectuais é tratada por Soares (1984). Para a autora, aspecto é a expressão desses valores por meio de flexões e perífrases verbais (plano morfossintático), enquanto *aktionsart* (tipos ou ‘modos de ação’) refere-se à lexicalização (valor similar ao de ‘sentido inerente’ do fato verbal) da aspectualidade. Optou-se, nesta pesquisa, por não se proceder a uma análise aspectual no nível dos conteúdos semânticos dos elementos verbais catalogados, primeiro, porque, na língua portuguesa, perfectividade e imperfectividade são valores impostos aos processos pela flexão verbal e outros fatores contextuais, discursivos, como será observado nos dados. Segundo, porque o que Langacker está tratando como sentido inerentemente perfectivo ou imperfectivo (conteúdo objetivo do predicado) outros autores consideram como relativo a distinções do tipo verbos dinâmicos/estativos, principalmente, e pontuais/durativos, télicos/atélicos (Brinton, 1998:23)

Considerou-se hábito, duração, iteração, telicidade, progressão e continuidade valores ligados à aspectualidade, sem constituírem em si a distinção

Perfectivo/Imperfectivo básica. Um evento durativo, mais facilmente percebido como Imperfectivo, pode ser apresentado pelo falante perfectivamente. Por outro lado, contextos específicos podem determinar que formas verbais de valor aspectual básico Perfectivo apresentem nuances aspectuais ligadas à imperfectividade. Isso se explica porque perfectividade expressa a ausência de ‘referência’ à constituição temporal interna e não ausência de tal constituição. O que a escolha da forma Perfectiva define é a visão do fato todo como uma unidade. A análise de dados discursos autênticos que apresentam contextos mais amplos para as formas lingüísticas é extremamente importante para a percepção de combinações inusitadas de valores aspectuais.

Em consonância com essa perspectiva discursiva, Wynne (1999) reafirma a importância do contexto interacional na determinação do significado dos enunciados:

“O inglês, como muitas outras línguas européias, tem um sistema tempo-aspectual das formas verbais, ou mais precisamente, um sistema de constelações verbais e situações associadas que podem expressar muitas classes aspectuais. Entretanto, essas estruturas verbais nunca podem ser vistas isoladamente, mas sim no contexto da interação entre seus valores semânticos e aspectuais e os outros elementos lingüísticos e não-lingüísticos que constituem o enunciado em sua inteireza. É a interação que dá ao enunciado seu significado último”. (Wynne, 1999:249) (#25)

Além da distinção básica entre Perfectivo e Imperfectivo, há ainda a categoria *Perfeito*:

Perfeito – uma relação entre tempos. Um fato anterior resulta em um estado posterior. Comrie, 1976)

- *Eu tinha tocado piano quando você chegou.*

Brinton (1988:15) mostra que há autores que consideram o *Perfeito* uma expressão de tempo, há aqueles que o consideram aspecto, e há quem não o posiciona em nenhuma das duas categorias.

Givón (1984) afirma que a complexidade desta categoria se dá pelo fato de ela envolver elementos temporais e aspectuais em sobreposição. Para Givón, são os seguintes os sub-componentes dessa categoria: *perfectividade* - presença

de um limite temporal; *relevância corrente* - noção de ‘motivação comunicativa’; *anterioridade* – existência de uma lacuna entre o fato precedente mencionado e o eixo, a referência temporal; *contra-seqüencialidade* – codificação de um evento fora-de-seqüência.

O sistema dos tempos verbais do português originou-se de formas verbais latinas, nas quais as noções aspectuais estavam presentes de forma bem marcante. Havia, no latim, dois ramos aspectuais (*Perfectum* ou *Infectum*). Do *Perfectum* latino originaram o *Pretérito Perfeito* e o *Pretérito Mais-que-perfeito* do Indicativo, o *Pretérito Perfeito* e o *Futuro* do Subjuntivo, além do *Participio*. Do *Infectum* vieram o *Presente*, o *Pretérito Imperfeito*, o *Futuro do Presente* e o *Futuro do Pretérito* do Indicativo, o *Presente* do Subjuntivo, o Imperativo afirmativo e negativo, bem como o *Infinitivo Pessoal* e *Impessoal* e o *Gerúndio*. (Câmara Jr, 1985)

Câmara Jr.(1985) aponta para a distinção feita por gramáticos latinos, desde Varrão (século I a.C.): evento ‘concluso’ - chamavam *Perfectum* (‘perfeito’, feito cabalmente); evento ‘inconcluso’ – chamavam *Infectum* (‘imperfeito, não feito cabalmente). Sem dizer que haja, no plano sincrônico, uma correspondência direta entre determinado tempo verbal e determinado ramo aspectual do latim, nota-se que, em geral, os tempos verbais com valores aspectuais Perfectivo e Perfeito do português, vieram de formas do *Perfectum* latino.

6.2.1 – ASPECTO NOS DADOS

Nos dados analisados, observou-se a seguinte relação entre valores aspectuais e temporais:

1-	<i>Presente</i> (valor presente ou atemporal)	- Imperfectivo
2-	<i>Pretérito Perfeito</i>	- Perfectivo
3-	<i>Pretérito Imperfeito</i>	- Imperfectivo
4-	formas ou valores de <i>Futuro do Presente</i> e <i>Futuro do Pretérito</i>	- Imperfectivo
5-	<i>Pretérito Mais-que-perfeito</i>	- Perfeito
6-	<i>Infinitivo</i>	- Imperfectivo
7-	<i>Gerúndio</i>	- Imperfectivo
8-	formas ou valores de Imperativo	- Imperfectivo
9-	formas de Subjuntivo	- Imperfectivo
10-	<i>Presente</i> histórico	- Imperfectivo

A partir dessas correspondências, temos os valores aspectuais básicos das formas verbais. No entanto, essas formas são complexas em sua estruturação e muitas vezes apresentam valores aspectuais combinados.^{xxxv} Nos dados, foram encontradas formas apresentando:

a) UNICAMENTE VALORES IMPERFECTIVOS:

- VALOR IMPERFECTIVO BÁSICO

Exemplo:

Narrativa 7

- (01) Além de sê pequeno, Adriana,
 (02) ele era uma criança- ele era defeituoso da perna

- VALOR IMPERFECTIVO BÁSICO + VALOR IMPERFECTIVO ADICIONAL

- DA LOCUÇÃO VERBAL

Exemplo:

Narrativa 4

- (39) já tava ficando roxa
 (40) de ficá ali, né?
 (41) A água co- correno
 (42) e eu tava ficando roxa
 (43) de ficá segurando no no naquelas arvorezinha

- NO DISCURSO (pela repetição + prefixo aspectual)

Exemplo:

Narrativa 13

- (38) Eu gostava demais do livro.
 (39) Eu lia e relia várias vezes.

^{xxxv} No caso de perífrases, foi considerada a forma do primeiro elemento verbal como básica, pois, levando-se em conta a noção de construal de Langacker, essa forma expressa como o falante optou por apresentar o evento, mesmo que seja complexo em termos da combinação de seus valores ligados à aspectualidade.

b) UNICAMENTE VALORES PERFECTIVOS:

- VALOR PERFECTIVO BÁSICO

Exemplo:

Narrativa 12

- (14) **Ele pegô o jornal,**
(15) **pegô o jornal de cabeça pra baixo, né?**
(16) **Diz que ele afastô assim**
(17) **e disse**

- VALOR PERFECTIVO BÁSICO + VALOR PERFECTIVO ADICIONAL

- NO DISCURSO (pela estrutura globalizante: *foi e bateu, virô e falô*)

Exemplo:

Narrativa 9

- (97) **Aí a madre foi e bateu o olho assim na santa ceia assim.**
(98) Já tinha ganho uma porção de coisa ali, cadeira giratória, cadeira giratória
(99) que era do escritório dele, a mesinha do escritório com a cadeira giratória,
(100) **tudo deu pra irmã.**
(101) **Aí na hora que ela bateu o olho assim na na santa ceia**
(102) **ela virô pra papai e falô assim**

c) UNICAMENTE VALOR PERFEITO:

Exemplo:

Narrativa 8

- (73) **Depois de um mês ou ma- ou mais um pouco de um mês nós fomo abrí o piano**
(74) pra vê
(75) como que estava,
(76) Cê acredita, Adriana, que a madeira tinha voltado pro lugar?! / OLHA! /

d) VALORES PERFECTIVOS E IMPERFECTIVOS:

- VALOR PERFECTIVO BÁSICO + VALOR IMPERFECTIVO ADICIONAL

- NA LOCUÇÃO VERBAL

Exemplo:

Narrativa 3

(03) Na época dela ela é miudinha, branquinha.

(04) **E eu olhei**

(05) **e fui panhá água.**

- NO DISCURSO (pela repetição)

Exemplo:

Narrativa 9

(82) **Ela chegô lá na oficina,**

(83) **pediu isso, pediu aquilo,**

- VALOR PERFECTIVO BÁSICO + VALOR IMPERFECTIVO ADICIONAL (na locução verbal) + VALOR IMPERFECTIVO NO DISCURSO (pela repetição)

Exemplo:

Narrativa 9

(82) **Ela chegô lá na oficina,**

(83) **pediu isso, pediu aquilo,**

(84) **papai foi dano, foi dano**

6.3 – MODO

Modalidade tem, basicamente, a ver com a expressão de ponto de vista subjetivo do falante em relação ao conteúdo de sua fala, com referência a esse conteúdo ter ou não existência objetiva. Afirmamos ou negamos a ocorrência efetiva do fato, ou, por outro lado, apresentamos esse fato como uma possibilidade, um desejo ou temor.

Há uma variedade de recursos lingüísticos potenciais para a expressão da modalidade, dentre os quais destaca-se o sistema de modos, com suas conjugações tradicionalmente conhecidas como Indicativo, Subjuntivo e Imperativo.

A distinção modal essencial, que foi considerada para a catalogação dos dados nesta pesquisa é a seguinte:

Realis – um evento apresentado como fato

Irrealis – expressão de incerteza, possibilidade, desejo, etc.

Nos dados analisados, foram encontradas as seguintes estruturas expressando conteúdos modais tanto deônticos, quanto epistêmicos, portanto catalogadas como *Irrealis*:

6.3.1 – MODO NOS DADOS

a) FORMAS DE OU COM VALOR DE SUBJUNTIVO

Exemplo:

Narrativa 9

- (12) papai levava elas de carro
- (13) e sempre sempre ajudando muito lá o asilo.
- (14) Ajudando com dinheiro, com o
- (15) que precisasse

b) FORMAS DE OU COM VALOR DE IMPERATIVO

Exemplo:

Narrativa 8

(33) e falei

(34) “Mimi, vamos trocar esse essa- o piano de lugar!”

c) FORMAS DE OU COM VALOR DE FUTURO (DO PRESENTE OU DO PRETÉRITO)

Exemplo:

Narrativa 8

(23) Aí Mimi falô comigo

(24) que ela ia chamá um carpinteiro

(25) pra arrumá a madeira do piano.

(26) ia chamá gente

(27) pra afiná

d) ESTRUTURAS CONDICIONAIS

Exemplo:

Narrativa 9

(90) Se pedia,

(91) ele- principalmente pedindo,

(92) nunca ele falô *não*. /UNHUM/

(93) Ele num falava *não*.

e) PERÍFRASES MODAIS

Exemplo:

Narrativa 10

(11) Papai não podia mudar

(12) porque tinha os interesses do sítio

(13) e ele não podia deixar de uma hora pra outra.

f) ESTRUTURAS SUBORDINADAS A VERBOS COM CONTEÚDOS MODAIS
(*resolver, mandar, pedir, parecer, precisar, querer, gostar, etc.*)

Exemplo:

Narrativa 5

(16) E eu gostava demais

(17) de tomá ovo de manhã assim ó

g) ESTRUTURAS ALTERNATIVAS

Exemplo:

Narrativa 6

(71) **Pus dentro dum saco**

(72) ou amarrei num pano, sei lá, sabe?

h) ESTRUTURAS NEGATIVAS

Exemplo:

Narrativa 4

(38) e eu num aguentava,

(39) já tava ficano roxa

(40) de ficá ali, né?

i) ESTRUTURAS CONTENDO ADVERBIAIS

Exemplo:

Narrativa 13

(203) **no dia que acabô o décimo volume,**

(204) **que eu vi**

(205) que num tinha mais um volume,

(206) eu quase que chorei assim, sabe? /UNHUM/

j) ESTRUTURAS INTERROGATIVAS – PERGUNTAS SIM/NÃO

Exemplo:

Narrativa 9

(119) enfileirei de coisa

(120) que tinha- que papai tinha dado nessa hora,

(121) “a senhora ainda qué a santa ceia

(122) que é de mamãe?

k) ESTRUTURAS CONTENDO MARCADORES DISCURSIVOS EXPRESSANDO FALTA DE COMPROMETIMENTO DO FALANTE COM O CONTEÚDO DE SUA FALA

Exemplos:

Narrativa 13

(295) Senti

(296) que ela tava meio assim con- /UNHUM/ condoída, num sei, né?

Narrativa 5

(01) Lá em casa minha mãe tinha muita galinha de angola

(02) e galinha de angola eles falam que bota seis meses

(03) e seis meses num bota, né?

O capítulo seguinte apresenta a quantificação dos valores relativos a Tempo, Aspecto e Modo (TAM) existentes nos elementos verbais das estruturas oracionais do *corpus*, valores esses descritos no capítulo que se encerra. Essa quantificação possibilita completar totalmente o quadro de investigação com que venho trabalhando, permitindo a caracterização dos domínios que estruturam o texto narrativo oral.

7 – OS VALORES TAM E OS DOMÍNIOS NARRATIVOS

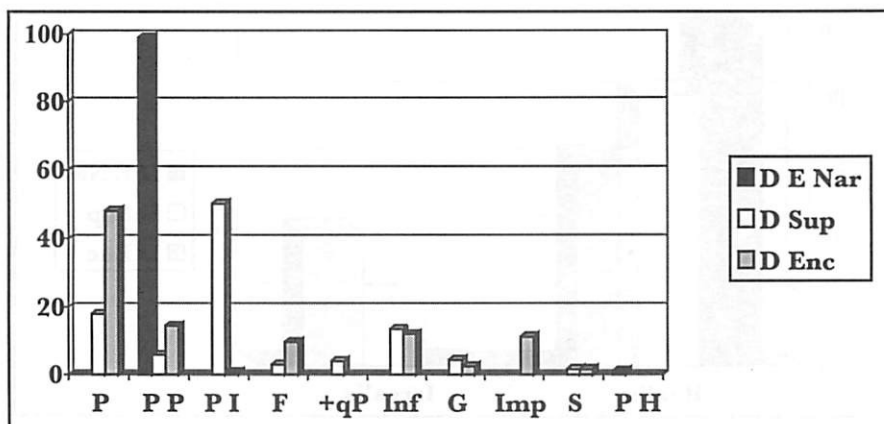
Ao realizar uma análise detalhada dos elementos verbais presentes em cada uma das três partes do texto narrativo (o **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS**, o **DOMÍNIO SUPORTE** e o **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**) em termos de Tempo, Aspecto e Modo, levando em conta os valores emergentes no contexto de uso dos elementos lingüísticos, encontrei a seguinte situação:

7.1 – NA PERSPECTIVA DOS VALORES TAM

VALORES TEMPORAIS	VALORES ASPECTUAIS	VALORES MODAIS
EVENTOS NARRATIVOS		
98,9% - <i>Pretérito Perfeito</i>	98,9% - Perfectivo	99,2% - <i>Realis</i>
SUPORTE		
50,1% - <i>Pretérito Imperfeito</i>	90,2% - Imperfectivo;	80,2% - <i>Realis</i>
17,9% - <i>Presente</i>	4,0% - Perfectivo	19,8% - <i>Irrealis</i>
13,4% - <i>Infinitivo</i>	5,8% - Perfectivo	
ENCENAÇÃO		
48,0% - <i>Presente</i>	85,6% - Imperfectivo	60,8% - <i>Realis</i>
14,4% - <i>Pretérito Perfeito</i>	14,4% - Perfectivo	39,2% - <i>Irrealis</i>
12,0% - <i>Infinitivo</i>		
11,2% - Imperativo		
9,6% - <i>Futuro</i>		

O que pode ser ilustrado pelos gráficos a seguir:

7.1.1 – VALORES TEMPORAIS



P – Presente

PP – Pretérito Perfeito

PI – Pretérito Imperfeito

F – Futuro

+qP – Pretérito Mais-que-perfeito

Inf – Infinitivo

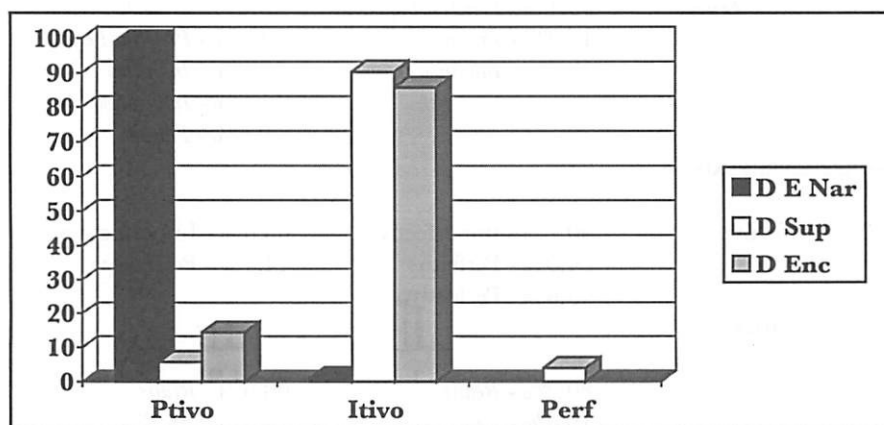
G – Gerúndio

Imp – Imperativo

S – Subjuntivo

PH – Presente histórico

7.1.2 – VALORES ASPECTUAIS

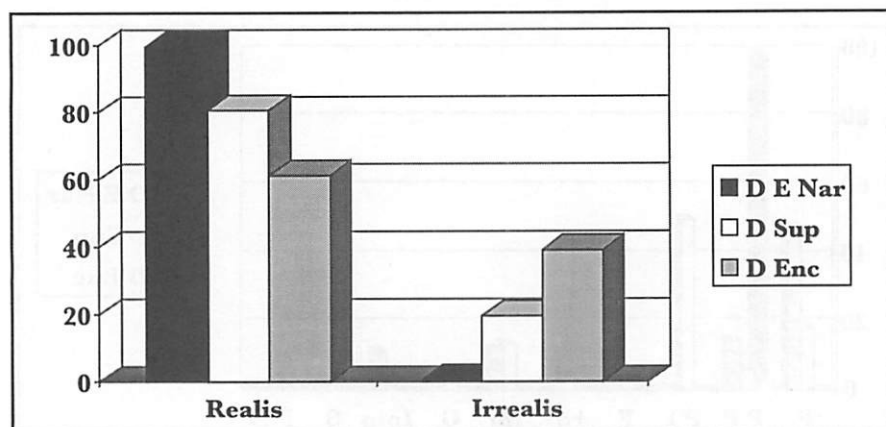


Ptivo – Perfectivo

Itivo – Imperfectivo

Perf – Perfeito

7.1.3 – VALORES MODAIS

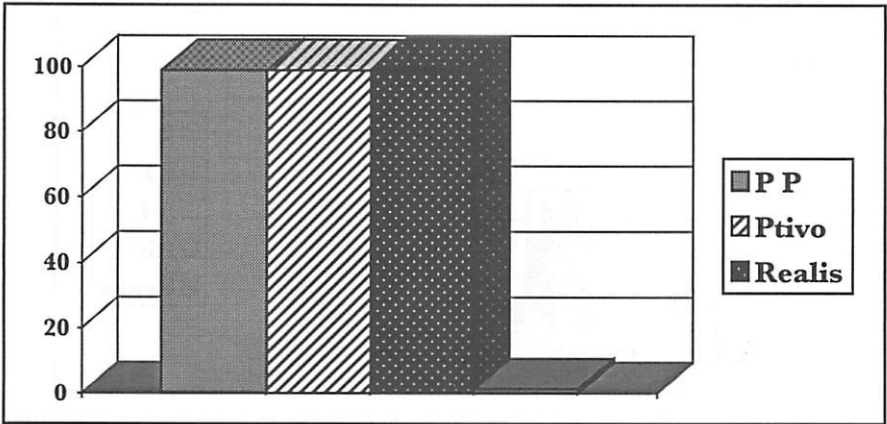


7.2 – NA PERSPECTIVA DOS DOMÍNIOS DISCURSIVOS

EVENTOS NARRATIVOS	SUPORTE	ENCENAÇÃO
VALORES TEMPORAIS		
98,9% - <i>Pretérito Perfeito</i>	50,1% - <i>Pretérito Imperfeito</i> 17,9% - <i>Presente</i> 13,4% - <i>Infinitivo</i>	48,0% - <i>Presente</i> 14,4% - <i>Pretérito Perfeito</i> 12,0% - <i>Infinitivo</i> 11,2% - <i>Imperativo</i> 9,6% - <i>Futuro</i>
VALORES ASPECTUAIS		
98,9% - <i>Perfectivo</i>	90,2% - <i>Imperfectivo</i> 4,0% - <i>Perfectivo</i> 5,8% - <i>Perfectivo</i>	85,6% - <i>Imperfectivo</i> 14,4% - <i>Perfectivo</i>
VALORES MODAIS		
99,2% - <i>Realis</i>	80,2% - <i>Realis</i> 19,8% - <i>Irrealis</i>	60,8% - <i>Realis</i> 39,2% - <i>Irrealis</i>

O que pode ser ilustrado pelos gráficos a seguir:

7.2.1 – DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS (FIGURA)

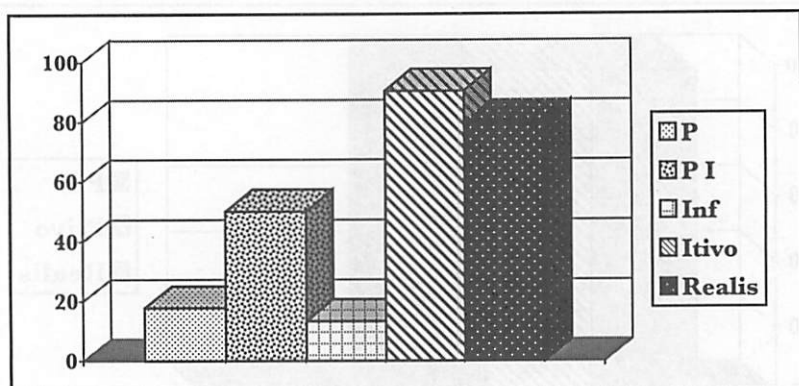


Ptivo – Perfectivo

PP – *Pretérito Perfeito*

As estruturas oracionais neste domínio do universo narrativo são essencialmente apresentadas em *Pretérito Perfeito* (que enfoca o passado). Isso distingue o grupo de estruturas oracionais que trazem a linha central dos eventos representados pelo discurso. O aspecto Perfectivo acompanha essa marcação temporal e compõe, com esse tempo verbal, o quadro gramatical distintivo para esse domínio do universo narrativo (os eventos da história são apresentados como completados). A predominância do aspecto Perfectivo apenas acontece neste ambiente. A modalidade *Realis*, apesar de não preponderar apenas neste domínio (toda a história tende a ser apresentada como fato, realidade, ao invés de constituir situação ligada à incerteza ou qualquer outro valor do campo da irrealidade) ocorre aqui, no entanto, de forma praticamente exclusiva.

7.2.2 – DOMÍNIO SUPORTE (FUNDO)

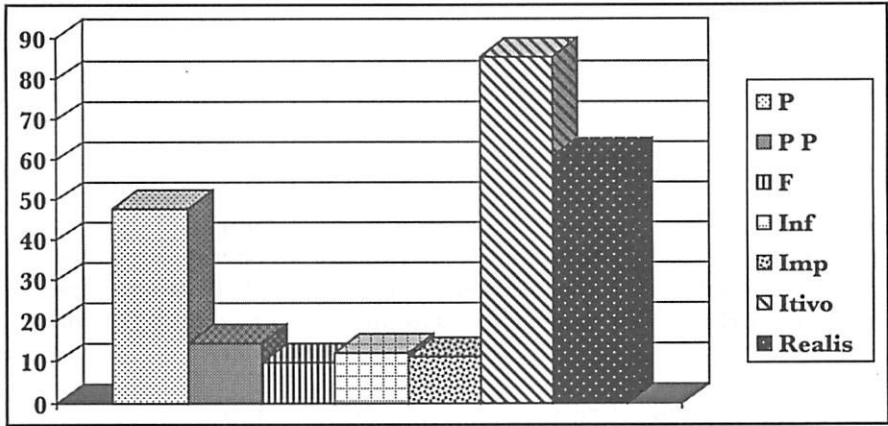


P – Presente
P I – Pretérito Imperfeito

Inf – Infinitivo
Itivo – Imperfeito

As estruturas oracionais que compõem este domínio, trazendo descrições ou outras situações de suporte à linha dos eventos, apresentaram variedade em termos da marcação dos valores TAM. *Pretérito Imperfeito* foi o tempo verbal de maior incidência, pois é muito freqüente em descrições. Este tempo verbal só ocorreu significativamente neste domínio. Nota-se que o aspecto Imperfeito é o que predomina aqui. A modalidade *Realis* dominante coexiste com uma presença significativa de seu oposto, valores *Irrealis*. Essa marcação aspectual e modal agrupa o **DOMÍNIO SUPORTE** com o **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO** e coloca a ambos em oposição ao **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS**, dando destaque a este último no quadro geral do universo narrativo oral.

7.2.3 – DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO (DISCURSO DIRETO)



P – *Presente*
PP – *Pretérito Perfeito*
F – *Futuro*

Inf – *Infinitivo*
Imp – *Imperativo*
Itivo – *Imperfeito*

Complementando o que já foi discutido, o ambiente discursivo da encenação das falas dos personagens apresentou a maior variação de todos em relação às categorias verbais analisadas. O *Presente* (com toda sua gama de valores presente e atemporal) é a maior característica deste domínio, quanto a tempo. Ocorreu aqui também a maior variação em termos de valores aspectuais e modais. Houve a predominância do aspecto Imperfectivo e da modalidade *Realis* (com incidência mais significativa de valores *Irrealis*).

O QUADRO DE INVESTIGAÇÃO COMPLETADO fica como a seguir:

DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS	DOMÍNIO SUPORTE	DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO
<p>Função discursiva: seqüência mais básica, eventos da linha da história - Figura.</p> <p>98,9% - <i>Pret. Perfeito</i></p> <p>98,9% - <i>Perfectivo</i></p> <p>99,2% - <i>Realis</i></p>	<p>Função discursiva: informação de suporte aos eventos centrais, descrições - Fundo</p> <p>50,1% - <i>Pret. Imperfeito</i> 17,9% - <i>Presente</i> 13,4% - <i>Infinitivo</i></p> <p>90,2% - <i>Imperfectivo</i>; 4,0% - <i>Perfeito</i> 5,8% - <i>Perfectivo</i></p> <p>80,2% - <i>Realis</i> 19,8% - <i>Irrealis</i></p>	<p>Função discursiva: representação da fala de personagens - Discurso Direto.</p> <p>48,0% - <i>Presente</i> 14,4% - <i>Pret. Perfeito</i> 12,0% - <i>Infinitivo</i> 11,2% - <i>Imperativo</i> 9,6% - <i>Futuro</i></p> <p>85,6% - <i>Imperfectivo</i> 14,4% - <i>Perfectivo</i></p> <p>60,8% - <i>Realis</i> 39,2% - <i>Irrealis</i></p>

A marcação lingüística diferenciada dos três domínios do texto narrativo oral expressa uma **função discursiva**. As categorias de tempo e aspecto verbais, principalmente, e também modo, servem, ao falante, no processo de organização do conteúdo de sua narração, e, ao(s) ouvinte, sinalizando o material central da linha dos eventos, ou seja, a Figura Narrativa, guiando-o através dos referidos domínios no processo dinâmico de interpretação do discurso.

8 – OS DOMÍNIOS DO TEXTO NARRATIVO ORAL E A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS

A segunda etapa deste trabalho constitui-se da caracterização do texto narrativo através das ferramentas teóricas da abordagem dos Espaços Mentais. Propõe-se, após a análise realizada na primeira etapa da pesquisa dos valores relativos a Tempo, Aspecto e Modo das estruturas oracionais do *corpus*, a descrição das partes que compõem o texto narrativo oral (a Figura, o Fundo e o Discurso Direto) como domínios discursivos interconectados, pelos quais o falante e o(s) ouvinte(s) circulam no decorrer do ato da narração. Essa mudança de perspectiva teórica, na verdade, é um aprofundamento do trabalho com as noções de figura e fundo da teoria Gestalt. O paralelo, em Hopper (1979), entre o campo temporal da expressão lingüística e o da percepção visual integra a linguagem a outras capacidades cognitivas. Esse mesmo embasamento cognitivo sustenta todo o quadro teórico no qual se insere a Teoria dos Espaços Mentais.

8.1 – INSTRUMENTAL DO QUADRO TEÓRICO UTILIZADO

A Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e da Mesclagem Conceptual (Fauconnier & Turner, 1998), da Lingüística Cognitiva, permitem uma descrição mais detalhada da realidade cognitiva do narrar oral, uma vez que provêm um instrumental teórico mais refinado em termos de noções discursivas e categorias tempo-aspectuais, permitindo a caracterização dos grandes domínios do texto narrativo em sua constituição e inter-relacionamento.

Este trabalho é especialmente baseado em Cutrer (1994). Dessa autora são utilizados:

8.1.1 – NOÇÕES DISCURSIVAS

Segundo Fauconnier (1997:72), toda atividade humana ligada a pensamento envolve configurações de espaços mentais, interconectados e estruturados também por conhecimento prévio e contextual. Esse é o caso das interações lingüísticas. Quem fala situa seu discurso numa *base*, assume um determinado *ponto de vista*, põe determinado evento em *foco* e realiza mudanças constantes nessa configuração. E os participantes da interação têm de acompanhar a dinâmica desse processo: perceber as alterações locais e manter a perspectiva do todo. Prestamos especialmente atenção às mudanças relativas a duas dimensões da

experiência: tempo e distância epistêmica (o status de ‘realidade’ de um espaço em relação a outro). A informação lingüística/gramatical é o meio através do qual somos guiados nessa percepção.

Em cada configuração de espaços, visando a representar o discurso, tem-se:

BASE – *espaço ao qual o discurso está ancorado; o ponto de partida*

FOCO – *espaço que é o foco de atenção*

EVENTO – *espaço no qual a estrutura do evento ou situação indicada pelo verbo é construída*

PONTO DE VISTA – *espaço a partir do qual outros espaços são acessados ou estruturados; ponto de referência para as categorias tempo-aspectuais (Cutrer, 1994:22)*

Ao longo do processamento do discurso, esses conceitos são distribuídos entre os espaços. Tal distribuição é regulada pela informação lingüística e pelos:

8.1.2 – “PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA:

I- Princípios gerais

- a. *Em qualquer momento do processo de interpretação do discurso pode haver apenas um espaço FOCO. O resultado de uma única oração pode ter somente um espaço FOCO.*
- b. *Pode haver somente uma BASE em cada configuração hierárquica de espaços apesar de mais de uma configuração e mais de uma BASE poder ser acessada para um único enunciado.*
- c. *BASE é o PONTO DE VISTA inicial.*

II- Princípios Operacionais

- d. *Se FOCO é BASE, PONTO DE VISTA também é BASE.*
- e. *Um novo espaço é construído da BASE ou FOCO.*
- f. *BASE pode mudar para qualquer PONTO DE VISTA, ou para qualquer BASE prévia.*
- g. *FOCO pode mudar para um espaço EVENTO, para um espaço BASE, para um espaço FOCO prévio, ou para um novo espaço.*
- h. *PONTO DE VISTA pode mudar para FOCO ou para BASE*
- i. *EVENTO pode ser FOCO ou pode mudar para FOCO ou para um novo espaço que seja filho de PONTO DE VISTA.” (Cutrer, 1994:77) (#26)*

8.1.3 – CATEGORIAS TEMPO-ASPECTUAIS

PRESENTE	PASSADO	FUTURO	PERFEITO
PROGRESSIVO	IMPERFECTIVO		PERFECTIVO

No modelo apresentado em Cutrer (1994:68/9), tais categorias funcionam como elos entre espaços, organizando a distribuição de BASE, FOCO, etc, entre os espaços, determinando relações temporais, no decorrer do discurso. Para autora, elas atuam no nível da construção cognitiva. Não são, portanto, “representações de formas semânticas, nem são categorias gramaticais específicas das línguas.” (Cutrer, 1994:94) (#27)

Cutrer (1994:94) esclarece que as categorias por ela adotadas têm por base o estudo trans-lingüístico de Bybee e Dahl (1989), segundo o qual, cerca de 80% das línguas analisadas apresentaram seis tipos de marcação, por morfemas gramaticais, de conteúdo tempo-aspectual, que são os por ela adotados, acrescentado do PRESENTE, que é, em geral, a forma não marcada nas línguas.

8.1.4 – REPRESENTAÇÃO DAS INTERAÇÕES ENTRE NOÇÕES DISCURSIVAS E CATEGORIAS TEMPO-ASPECTUAIS

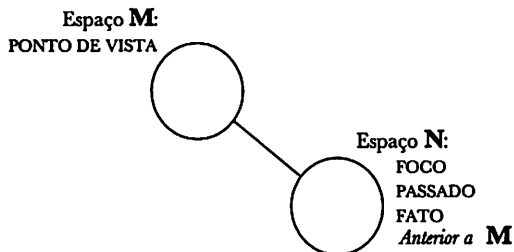
PASSADO – identifica ou sinaliza a construção de um espaço **PASSADO N**.
Indica que:

N está em FOCO.

O pai de **N** é PONTO DE VISTA.

O tempo de **N** é anterior a PONTO DE VISTA (pai).

Eventos ou propriedades representadas em **N** são FATO a partir do PONTO DE VISTA (pai).



PRESENTE - identifica ou sinaliza a construção de um espaço **PRESENTE N**.
Indica que:

N está em FOCO.

N ou o pai de **N** é PONTO DE VISTA.

O *frame* temporal representado em **N** é *Não-Anterior a* PONTO DE VISTA/BASE

Eventos ou propriedades representados em **N** são FATO.



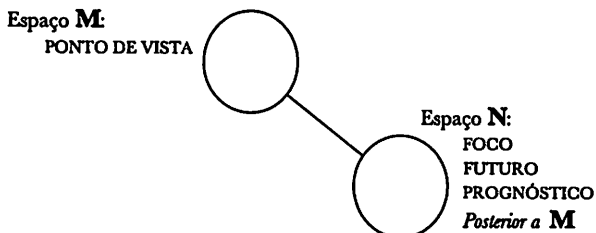
FUTURO - identifica ou sinaliza a construção de um espaço **FUTURO N**.
Indica que:

N está em FOCO.

O pai de **N** é PONTO DE VISTA.

O *frame* temporal representado em **N** é *Posterior a* PONTO DE VISTA.

Eventos ou propriedades representados em **N** são PROGNÓSTICO a partir de PONTO DE VISTA.

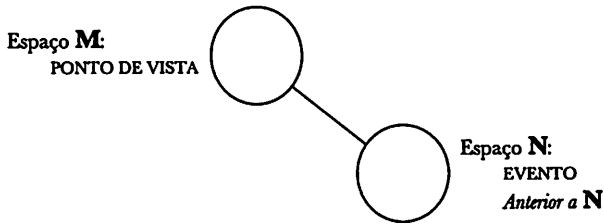


PERFEITO - identifica ou sinaliza a construção de um espaço **EVENTO N**.
Indica que:

N não está em FOCO.

O pai de **N** é PONTO DE VISTA.

O tempo de **N** é anterior ao do PONTO DE VISTA (mas não necessariamente anterior a todo o *frame* temporal do espaço PONTO DE VISTA pai.).

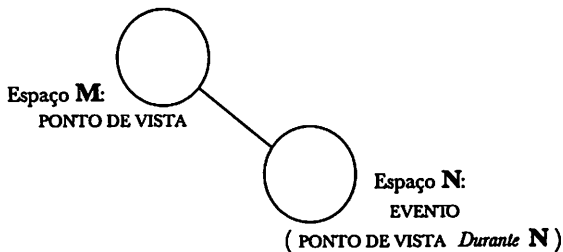


PROGRESSIVO - identifica ou sinaliza a construção de um espaço **EVENTO N**.
Indica que:

N não está em FOCO.

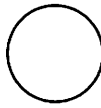
O pai de **N** é PONTO DE VISTA.

O período de tempo representado em **N** inclui PONTO DE VISTA. PONTO DE VISTA é *Durante N*.



IMPERFECTIVO - identifica um espaço FOCO **N**. Indica que:

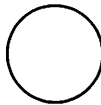
N é PONTO DE VISTA.



Espaço **N**:
FOCO
PONTO DE VISTA

PERFECTIVO - identifica um espaço FOCO **N**. Indica que:

N não é PONTO DE VISTA.



Espaço **N**:
FOCO

(Cutrer, 1994:88/93) (#28)

Cutrer (1994:87-94) fornece as seguintes informações sobre as categorias tempo-aspectuais:

- PRESENTE, PASSADO, FUTURO, PERFEITO, PROGRESSIVO – somente estabelecem e atribuem propriedades ao espaço gerado **N** e à ligação entre **N** e seu PONTO DE VISTA pai (origem). Num contexto bem-formado, o espaço origem já terá sido provido.

- IMPERFECTIVO, PERFECTIVO – somente atribuem uma relação entre PONTO DE VISTA e FOCO. Num contexto bem formado, o espaço FOCO já terá sido provido.

- PASSADO, PRESENTE E FUTURO podem se combinar de várias maneiras: PASSADO PASSADO (PASSADO do PASSADO, o que em português poderia ser expresso pelo *Preterito Mais-que-perfeito*) PASSADO FUTURO (FUTURO do PASSADO, o que no português seria expresso pelo *Futuro do Preterito*).

- PASSADO, PRESENTE E FUTURO identificam um espaço já marcado como tal, ou marcam um novo espaço (**N**), espaço este em FOCO e com certos tipos de relação com outros espaços (conexão temporal entre este espaço **N** FOCO e o espaço PONTO DE VISTA ou PONTO DE VISTA/BASE).

- O mapeamento entre as categorias tempo-aspectuais e a codificação nas línguas não é unívoco: pode haver mais de um marcador ligado a uma categoria, assim como um único marcador pode estar ligado a mais de uma categoria. Outro aspecto dessa perspectiva é o fato dessa marcação poder se dar através de outras estruturas linguísticas que não o tempo verbal. Nesses casos, a configuração dos espaços é estabelecida por outros meios gramaticais, lexicais e pragmáticos.

Cutrer (1994) afirma que as categorias de tempo marcam o espaço **N** como FATO ou PROGNÓSTICO em relação a PONTO DE VISTA (PASSADO e PRESENTE atribuem marcação FATO; FUTURO atribue marcação PROGNÓSTICO). A autora vincula, então, eventos PASSADO e PRESENTE à marcação FATO.

Neste trabalho, no entanto, marcam-se como FATO apenas os espaços PASSADO e PRESENTE que são também EVENTO. Considerou-se que somente um espaço que represente a realização de um conteúdo verbal, ou seja, um espaço no qual a estrutura da situação indicada por um verbo é construída, pode ser marcado como FATO. Assim, pode ocorrer, nas diagramações, de um espaço PASSADO (ou PRESENTE), por não ser EVENTO, não ser marcado como FATO.

Além disso, uma situação representada por um espaço PRESENTE (ou PASSADO) pode ainda ter seu conteúdo caracterizado como *Irrealis*. Nesse caso, PRESENTE (ou PASSADO) não confere marcação FATO ao espaço. Essa distinção pôde ser percebida neste trabalho porque foi feito, conjuntamente ao levantamento dos valores tempo-aspectuais, a observação dos valores modais das estruturas analisadas. Se não é adequado marcar como FATO as estruturas com valor futuro (PROGNÓSTICO), como sugere a autora, não é adequado tampouco, como se percebeu pela análise aqui realizada, marcar como FATO outras estruturas que expressem valores de dúvida, possibilidade, desejo, etc, não condizentes com uma asserção, por parte do falante, da realidade do conteúdo de seu enunciado. Assim, pode ocorrer, nas diagramações, de um espaço PASSADO (ou PRESENTE), EVENTO, por ser *Irrealis*, não ser marcado como FATO.

8.2 – PROPOSTA DE DIAGRAMAS PARA OS DOMÍNIOS DO TEXTO NARRATIVO ORAL

A visão das partes do texto narrativo como domínios discursivos, independentes e interconectados, sugere um movimento virtual no ato da narração. É como se, no decorrer da história, transitassem, falante e ouvinte(s), de um desses domínios ao outro e voltassem quando fosse necessário. Cada um desses macro espaços discursivos apresenta certas características gerais em termos das noções e categorias propostas por Cutrer e podem ser representados através de diagramas, como a seguir. Estes diagramas são abstrações ou esquematizações, representações de possíveis configurações no nível cognitivo e expressam funções discursivas e características das partes do texto. Foram propostos, a partir da observação das regularidades da marcação dos valores verbais das estruturas oracionais componentes de cada domínio, dentro do modelo dos Espaços Mentais. Não são representações de discurso, mas serão comparadas, no capítulo 9, com configurações de trechos narrativos selecionados dos dados.^{xxxvi}

8.2.1 – DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS

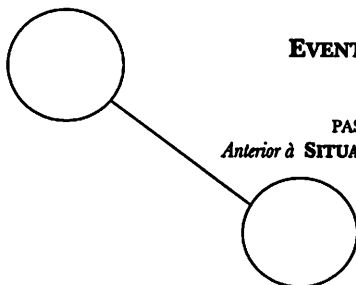
SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO

Realidade do Falante (Narrador)

BASE

PONTO DE VISTA

PRESENTE



EVENTOS NARRATIVOS

(Personagens)

FOCO

PASSADO / PERFECTIVO

Anterior à SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO

EVENTO

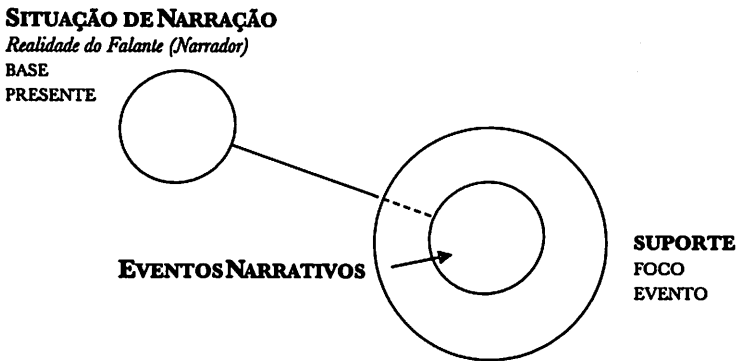
FATO

xxxvi Os diagramas realizados neste trabalho exibem um grau de formalização relativamente denso. Tal situação é inevitável devido às características do arcabouço teórico adotado. Procurou-se, no entanto, explicitar a simbologia utilizada e evitar excessos de marcação.

Não foi representado, nos diagramas que contém mesclagens, o espaço genérico, integrante da teoria. A omissão desse espaço foi possível por não ser relevante para análise do fenômeno aqui estudado. O papel de tal espaço é o de revelar mais nitidamente uma analogia entre os espaços *input*, contendo uma abstração dos elementos que têm em comum; torna-se importante quando se necessita explicitar tal analogia, porém dispensável quando se trata de *inputs* obviamente análogos. O espaço genérico visa também a restringir a possibilidade de aplicação da teoria. Não tê-lo utilizado neste trabalho é também devido ao meu propósito de evitar a formalização excessiva.

Os eventos são narrados a partir do PUNTO DE VISTA do falante (narrador). Esse PUNTO DE VISTA é a BASE à qual esses eventos estão ancorados. A BASE é, então, a *Realidade do Falante (Narrador)*, a **SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO**, um espaço não-EVENTO. O espaço diagramado **EVENTOS NARRATIVOS** é contextualmente preenchido por conteúdos verbais informativos da linha da história, sendo, portanto, um espaço EVENTO. Tais situações são, quase que exclusivamente, passadas em relação ao momento da narração. O espaço é, assim, PASSADO, *Anterior à SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO*. É um espaço PERFECTIVO (é FOCO e não-PUNTO DE VISTA), condizente com o completamento característico dos eventos narrativos. É, ainda, FOCO, por constituir elemento de saliência cognitiva, foco de atenção. Por ser PASSADO, é marcado como FATO, o que condiz com o nosso conhecimento de que as histórias representam situações supostamente ocorridas, de modalidade *Realis*.

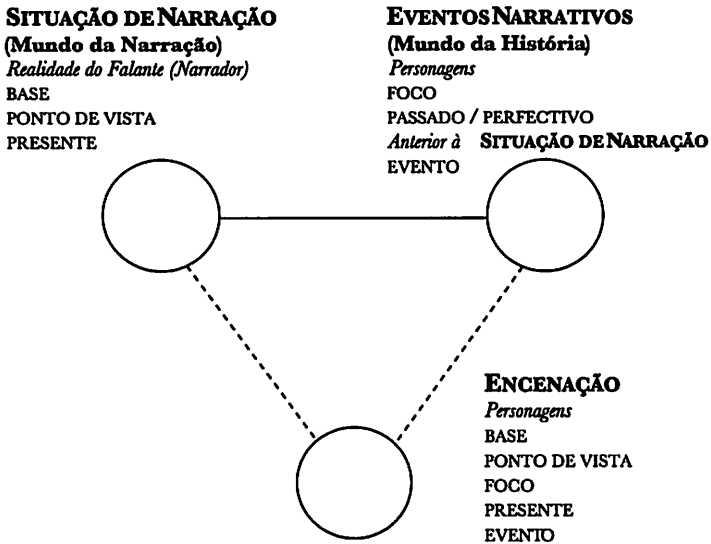
8.2.2 – DOMÍNIO SUPORTE



Uma situação utilizada no texto com a função discursiva de dar suporte aos eventos centrais da história ocupa o espaço **SUPORTE** no diagrama. Essa situação é o foco de atenção no momento em que é apresentada, marcando **SUPORTE** como FOCO. Este espaço tem como origem o espaço BASE, não-EVENTO, **SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO**, que é a *Realidade do Falante (Narrador)*. **SUPORTE** é EVENTO, pois a situação indicada pelo verbo é construída nesse espaço. No diagrama, o espaço **SUPORTE** engloba o espaço **EVENTOS NARRATIVOS**, no sentido de que as situações que representam descrições, explicações, virtualmente subjazem a esses eventos. Tal diagrama reflete o princípio cognitivo do fundo permanecer sob a figura. **SUPORTE** pode ou não anteceder o espaço BASE cronologicamente. Quando antecede, é marcado

como *Anterior à SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO*, é IMPERFECTIVO, apresentando FOCO e PONTO DE VISTA (que muda da BASE para este espaço) coincidentes. Esta é a situação mais típica. No entanto, SUPORTE pode ser realizado por situações não-*Anterior(es) a PONTO DE VISTA/BASE*. Os eventos narrativos, em ambos os casos, são acessados da BASE, o que é indicado pela linha pontilhada no diagrama.

8.2.3 – DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO



Visualizar o **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO** como uma mescla de **SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO** e **EVENTOS NARRATIVOS** justifica-se como a seguir: o espaço **ENCENAÇÃO**, onde ocorre a representação das falas dos personagens, apresenta elementos selecionados dos dois espaços de *input*. Da **SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO**, **ENCENAÇÃO** seleciona **PRESENTE** e as noções discursivas de **BASE** e **PONTO DE VISTA**. Isso ocorre porque, na utilização do discurso direto, o narrador assume o *self* de um personagem no domínio de realidade da **História**, o discurso deixa de se ancorar na *Realidade do Falante*. Isso é exatamente o que, segundo Cutrer, o discurso direto significa: uma mudança de **BASE** para um *self*, um **PONTO DE VISTA**, num outro domínio de realidade. Do espaço **EVENTOS NARRATIVOS**, a mescla seleciona os personagens e as noções discursivas de **EVENTO** e **FOCO**.

9 – DIAGRAMAÇÃO DISCURSIVA DOS VALORES TEMPO-ASPECTUAIS

Passa-se agora à diagramação dos trechos das narrativas selecionados. Os elementos verbais de tais trechos apresentam os valores TAM de maior ocorrência em cada domínio narrativo. Todas as diagramações do seqüenciamento discursivo serão comparadas ao modelo de representação proposto por este trabalho, sempre tendo por base as noções discursivas, as categorias tempo-aspectuais e os princípios discursivos da Modelo de Espaços Mentais, como em Cutrer (1994).

VALORES VERBAIS DE MAIOR OCORRÊNCIA NO **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS**

Pretérito Perfeito → 98,9%

VALORES VERBAIS DE MAIOR OCORRÊNCIA NO **DOMÍNIO SUPORTE**

Pretérito Imperfeito → 50,1%

Presente → 17,9%

Infinitivo → 13,4%

VALORES VERBAIS DE MAIOR OCORRÊNCIA NO **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**

Presente → 48,0%

Pretérito Perfeito → 14,4%

Infinitivo → 12,0%

Imperativo → 11,2%

Futuro → 9,6%

9.1 – TRECHO DIAGRAMADO 1

Tempos verbais focalizados:

DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS

- *Preterito Perfeito* – 98,9%

DOMÍNIO SUPORTE

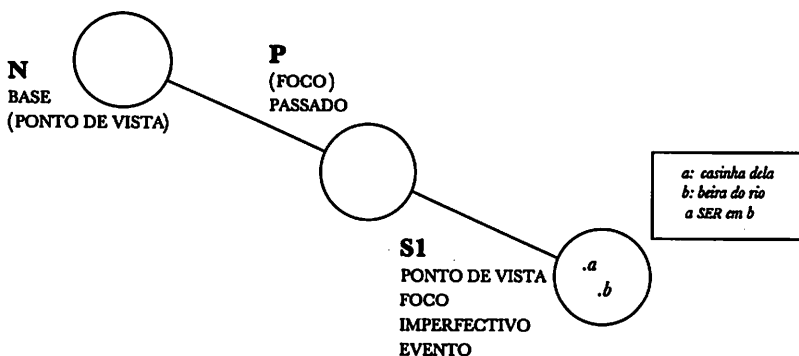
- *Preterito Imperfeito* – 50,1%

Narrativa 4

- (05) que a casinha dela era na beira do Rio
e a cozinha era- Bem, qualquer-
- (06) Aí qualquer enchidinha também que o rio dava,
(07) entrava lá pra cozinha a água,
(08) as galinha já ia subino pra pra cima, porco, tudo, né?
(09) já tinha- já ta- já tava acostumado já com a correnteza do rio.
(10) e eu lavava- acabava de arrumá a cozinha,
(11) pegava os prato
(12) ia lavá na beira do rio.
(13) E ela todo dia falava
(14) *“Cuidado, um dia cê perde prato aí. Cuidado...”*
(15) **Foi um belo dia mia filha, o rio encheu.**
(16) Tava correno a água
(17) **e a corrente da água levou o prato mesmo. (RISO) E eu...**

O primeiro enunciado desse trecho é configurado da seguinte maneira:

- (05) que a casinha dela era na beira do Rio



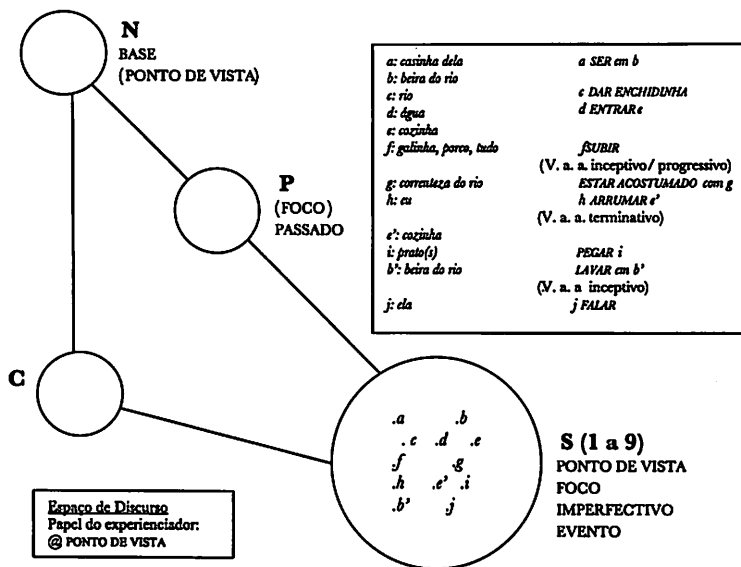
SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO, o espaço **N** (*Realidade do Falante/Narrador*), é PONTO DE VISTA inicial, disponível como BASE. A forma do *Pretérito Imperfeito*, neste contexto, expressa a combinação de PASSADO e IMPERFECTIVO. PASSADO e IMPERFECTIVO são diagramados em espaços separados pois possuem relações FOCO/PONTO DE VISTA distintas. PASSADO estabelece um espaço FOCO, *Anterior a* PONTO DE VISTA (seu espaço origem). IMPERFECTIVO estabelece a seguinte relação FOCO/PONTO DE VISTA: FOCO é PONTO DE VISTA. Um espaço IMPERFECTIVO é criado (**S1**). Este espaço é EVENTO, pois é nele que é construída a estrutura da situação indicada pelo verbo *ser*. FOCO muda do espaço PASSADO para esse espaço IMPERFECTIVO, o que está de acordo com o Princípio Operacional (g), segundo o qual FOCO muda para um espaço EVENTO ou para um novo espaço. PONTO DE VISTA também muda da BASE para esse espaço, o que está de acordo com o Princípio Operacional (h) (PONTO DE VISTA pode mudar para FOCO). Por terem mudado de espaço, FOCO em **P** e PONTO DE VISTA em **N** aparecem entre parênteses no diagrama.

OBSERVAÇÃO - O movimento das noções discursivas de um espaço para outro é representado, nos diagramas, por parênteses. Por exemplo, se um espaço **N** é marcado como FOCO num determinado momento do discurso e, no momento seguinte, FOCO muda para **P** (um espaço recentemente constituído), no diagrama, **P** será marcado FOCO e **N** (FOCO).

Este trecho aparece na seqüência do discurso:

- e a cozinha era- Bem, qualquer-
- (06) Aí qualquer enchidinha também que o rio dava,
 (07) entrava lá pra cozinha a água,
 (08) as galinha já ia subino pra pra pra cima, porco, tudo, né?
 (09) já tinha- já ta- já tava acostumado já com a correnteza do rio.
 (10) e eu lavava- acabava de arrumá a cozinha,
 (11) pegava os prato
 (12) ia lavá na beira do rio.
 (13) E ela todo dia falava

A configuração é, então, atualizada da seguinte forma:



Esses enunciados, por serem PASSADO e IMPERFECTIVO, terão uma configuração semelhante à do espaço **S1**, uma vez que não apresentam outros construtores de espaço que determinem algo distinto. **S1** é atualizado para **S (1 a 9)**, que agora é estruturado pelo conteúdo dos *frames* constituídos dos seguintes elementos e relações: elemento *c* e relação *c* DAR ENCHIDINHA (**S2**); elementos *d* e *e* e relação *d* ENTRAR pra e (**S3**); elemento *f* e relação *f* SUBIR (**S4**); elemento *g* e relação ESTAR ACOSTUMADO com *g* (**S5**); elementos *h* e *e'* e relação *h* ARRUMAR e' (**S6**); elemento *i* e relação PEGAR *i* (**S7**); elemento *b'* e relação LAVAR em *b'* (**S8**) e elemento *j* e relação *j* FALAR (**S9**). O verbo de discurso (um construtor de espaço) presente na estrutura 'E ela todo dia falava' e/ou outros elementos prosódicos, lexicais, gramaticais levam à construção do Espaço de Discurso (C), que possui um papel PONTO DE VISTA inerente (@), associado ao experienciador, o *self* representado (o personagem 'ela' do Mundo da História).^{xxxvii}

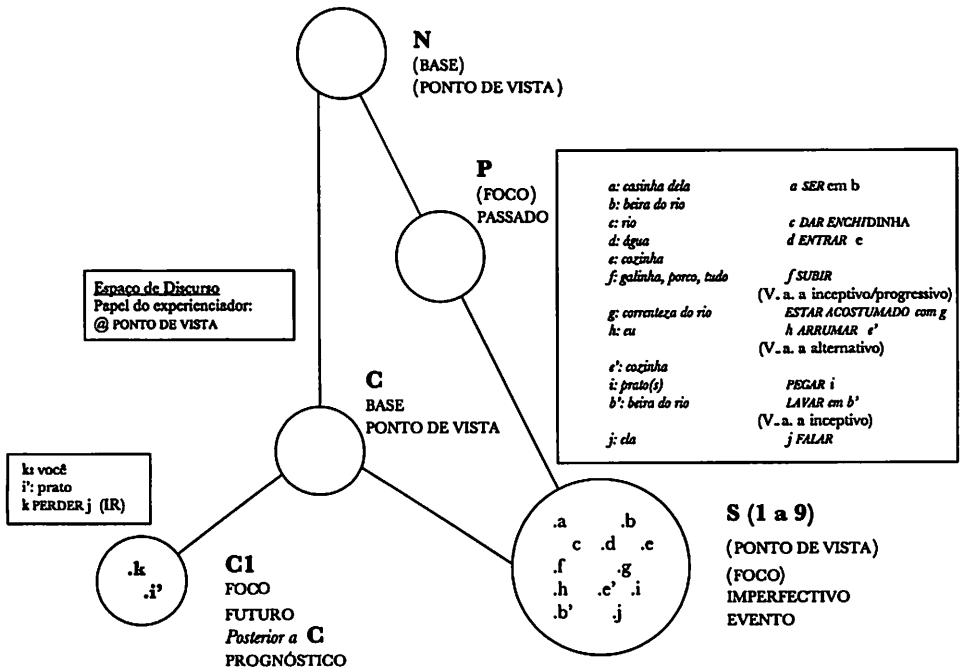
xxxvii Elos cognitivos ligam elementos correspondentes nos diferentes espaços. Tais elos poderiam ser expressos através de linhas curvas. Optou-se, no entanto, por não inserir tais linhas nos diagramas, para efeito de clareza. Assim, sabe-se que elementos representados pelas mesmas letras são aqueles que têm alguma identidade. As diferentes ocorrências de um mesmo elemento (nos diferentes *frames* estruturadores de cada espaço) serão marcadas, por exemplo, como: a, a', a"; a'" e assim por diante.

Outro aspecto interessante desse fenômeno da identidade/elos cognitivos é que esses elementos componentes dos frames que estruturam os espaços muitas vezes também poderiam ser representados no espaço base, pois, a rigor, também podem fazer parte do Mundo da Narrativa (da Realidade do Narrador). Porém, os diagramas ficariam muito sobrecarregados de informação se houvesse sempre essa marcação e a falta dela não altera em nada a análise em questão. Quando, no entanto, tais elementos constaram do espaço Realidade do Narrador, foram utilizadas letras maiúsculas (A, B, C, etc.).

Os enunciados ‘as galinha já ia subino pra pra pra cima, porco, tudo, né?’, ‘e eu lavava- acabava de arrumá a cozinha’ e ‘ia lavá na beira do rio’ apresentam valores imperfectivos adicionais, impostos ao enunciado pela locução verbal, respectivamente: locução verbal aspectual inceptiva/progressiva; locução verbal aspectual terminativa, locução verbal aspectual inceptiva. Todas essas são situações locais de reforço ou acréscimo de valores aspectuais que não alteram o geral das configurações. Optou-se por representá-las através da indicação (V. a. a. inceptivo/terminativo/progressivo) ligada ao *frame* correspondente ao evento em questão. Nessa indicação: V. a. a. significa ‘Valor aspectual adicional’.

(14) “Cuidado, um dia cê perde prato aí. Cuidado...”

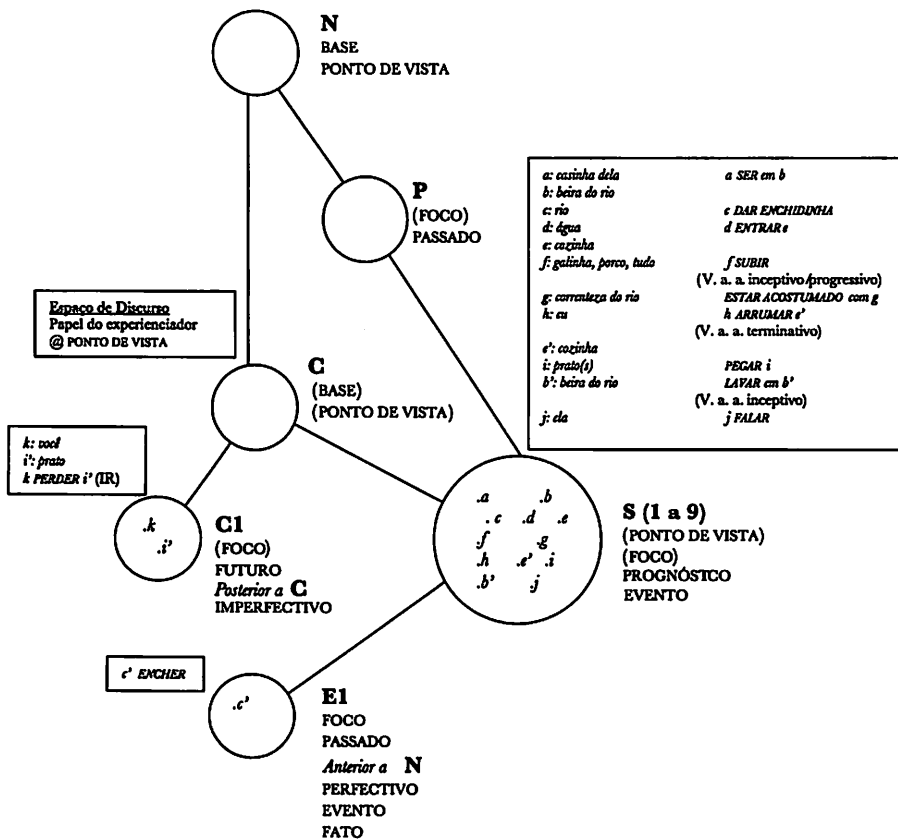
Com a introdução do discurso direto acima, a configuração é atualizada:



PONTO DE VISTA em **C** torna esse espaço disponível como BASE (Princípio Operacional (f) – BASE pode mudar para qualquer PONTO DE VISTA). Ocorre, então, mudança da BASE de **N** para **C**. A forma do *Presente* do Indicativo, no contexto desse enunciado, tem valor de futuro. O conteúdo da estrutura que representa a fala desse personagem estrutura o espaço **C1**: o FUTURO estabelece um espaço FOCO, *Posterior a* PONTO DE VISTA, marcado como PROGNÓSTICO em relação a PONTO DE VISTA; o enunciado tem valor modal *Irrealis*, marcado por (IR) no retângulo correspondente a ao espaço **C1**. **C1** é estruturado pelo *frame* constituído do elemento *k e i'* e da relação *k PERDER i'*. **C** funciona como o centro dêitico e **C** e **C1** ligam-se a **S9** no encadeamento do discurso.

(15) Foi um belo dia mia filha, o rio encheu.

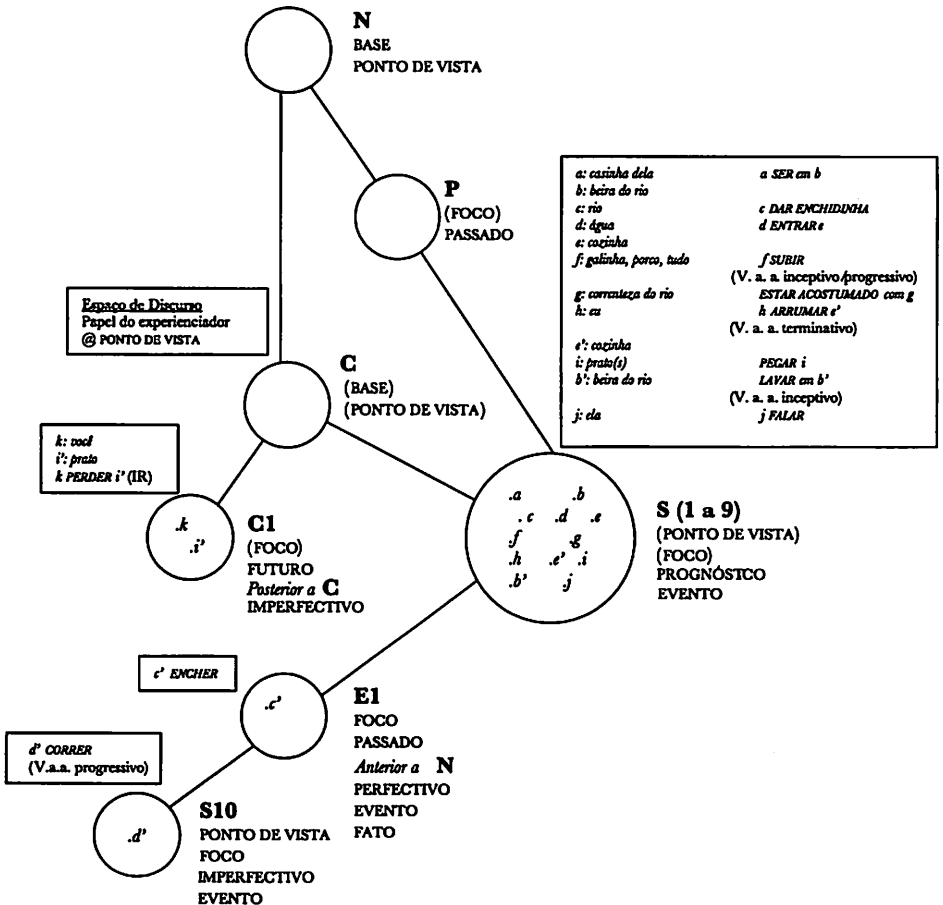
A partir desse enunciado, a configuração de espaços é alterada para:



Um espaço (**E1**) PASSADO, *Anterior a* PONTO DE VISTA, FOCO, PERFECTIVO é construído. (PASSADO e PERFECTIVO são diagramados num mesmo espaço pois apresentam as mesmas relações FOCO/PONTO DE VISTA) BASE volta para **N**, BASE inicial, de acordo com o Princípio Operacional (f), que estabelece que BASE pode mudar para qualquer BASE prévia. PONTO DE VISTA volta para **N**, de acordo com Princípio Operacional (h) (PONTO DE VISTA pode mudar para BASE). **E1**, que segue, no diagrama, **S (1 a 9)**, é um espaço EVENTO, FATO, acessado a partir da BASE/ PONTO DE VISTA **N**. Nesse ponto, o discurso segue com o enunciado:

(16) Tava correnno a água

que atualiza a configuração da seguinte forma:



Devido à combinação PASSADO IMPERFECTIVO expressa pelo *Preterito Imperfeito*, para a atualização do diagrama, um espaço IMPERFECTIVO é estabelecido, ligado ao espaço PASSADO. Nesse novo espaço, FOCO é PONTO DE VISTA, que mudou da BASE para esse espaço, em consonância com o Princípio Operacional (h) (PONTO DE VISTA pode mudar para FOCO).

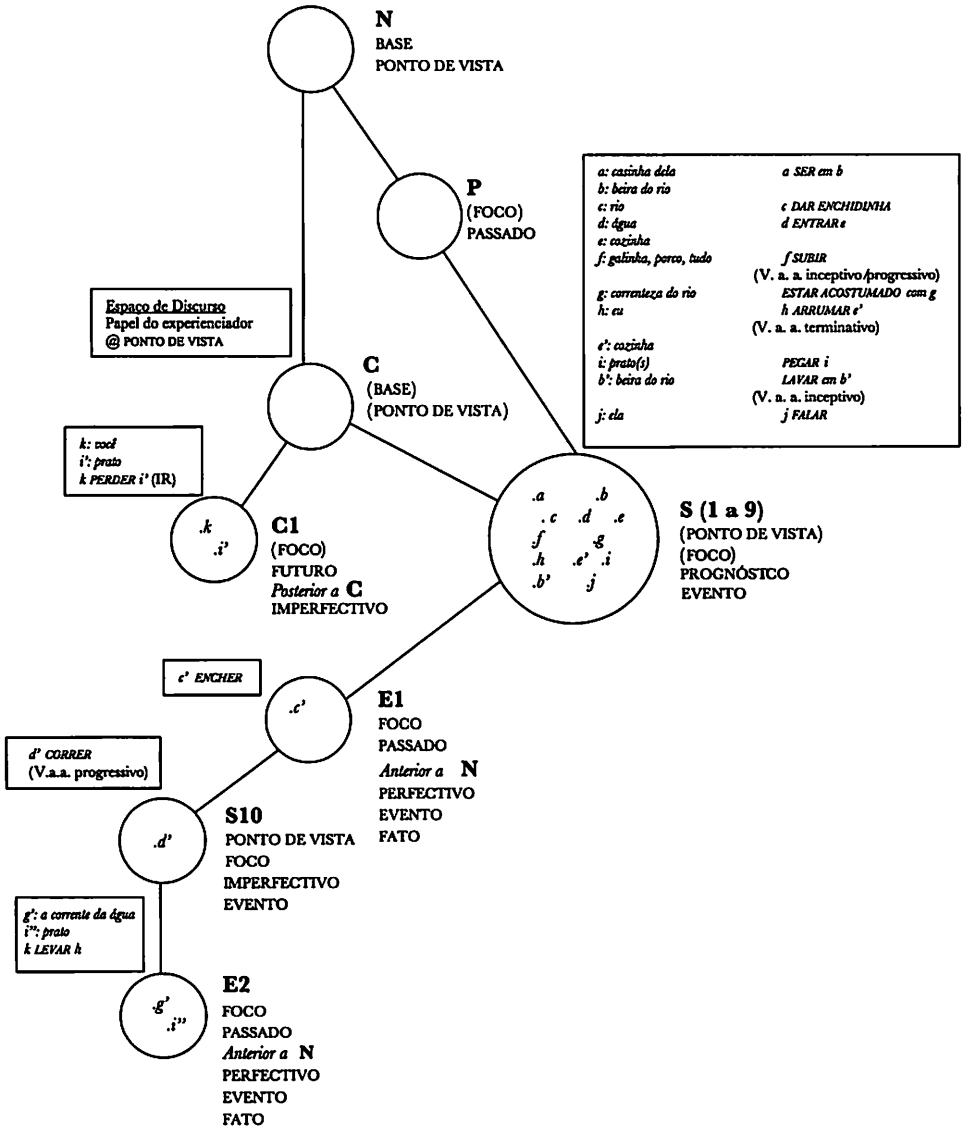
O enunciado 'tava correno a água' apresenta um valor aspectual adicional, imposto ao enunciado pela locução verbal aspectual progressiva. Esta é uma daquelas situações locais de reforço ou acréscimo de valor aspectual, representada no diagrama através da indicação (V. a. a. progressivo)^{xxxviii} ligada ao *frame* correspondente a *d'* CORRER.

(17) e a corrente da água levou o prato mesmo. (RISO) E eu...

Com a última atualização, a configuração fica da seguinte forma:

xxxviii Não foi diagramado um espaço PROGRESSIVO porque, analisando-se os dados, considerou-se:

- . como valores aspectuais básicos perfectivo, imperfectivo e perfeito;
- . que a progressão é um valor de natureza imperfectiva, assim como a duração, a iteração, a inceptão e a terminação. Reforça um valor imperfectivo básico ou confere uma nuance imperfectiva a um evento perfectivo ou perfeito. As locuções verbais que apresentam valor progressivo têm o mesmo status das inceptivas, durativas e terminativas. Coscru (1980) trata desses valores dentro de uma dimensão de aspectualidade referentes às fases objetivas do evento, dimensão por ele denominada FASE, composta dos seguintes elementos:
 - iminencial (estar por fazer)
 - inceptiva (por-se a fazer)
 - progressiva (ir fazendo)
 - continuativa (continuar a fazer)
 - conclusiva (acabar de fazer)
 - egressiva (vir de fazer)



Com o enunciado que vem em seguida no discurso, a configuração fica atualizada através do estabelecimento do espaço **E2**, que tem as mesmas características do espaço **E1**: é também acessado a partir de **N**, BASE, para onde muda PONTO DE VISTA (Princípio Operacional (h) – PONTO DE VISTA muda para BASE).

A seguir, é feita a diagramação desse mesmo trecho no formato proposto neste trabalho para os domínios do texto narrativo. Será observada a distribuição dos conceitos discursivos (BASE, PONTO DE VISTA, etc) e categorias tempo-aspectuais (PASSADO, PRESENTE, etc) pelos espaços. Na possibilidade da congruência das configurações para os discursos com os diagramas para os domínios do texto narrativo, conclui-se que os últimos podem ser utilizados como uma forma de representar a construção cognitiva que ocorre nos processos de produção e interpretação do texto, especialmente por refletir a distribuição da informação em Figura e Fundo.

DIAGRAMA DOS DOMÍNIOS DO TEXTO NARRATIVO

Narrativa 4

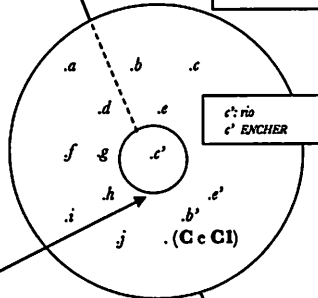
- (05) que a casinha dela era na beira do Rio
e a cozinha era- Bem, qualquer-
- (06) Aí qualquer enchidinha também que o rio dava,
- (07) entrava lá pra cozinha a água,
- (08) as galinha já ia subino pra pra pra cima, porco, tudo, né?
- (09) já tinha- já ta- já tava acostumado já com a correnteza do rio.
- (10) e eu lavava- acabava de arrumá a cozinha,
- (11) pegava os prato
- (12) ia lavá na beira do rio.
- (13) E ela todo dia falava
- (14) *“Cuidado, um dia cê perde prato aí. Cuidado...”*
- (15) **Foi um belo dia mia filha, o rio encheu.**
- (16) Tava correno a água
- (17) **e a corrente da água levou o prato mesmo. (RISO) E eu...**

N
BASE
PONTO DE VISTA



a: casinha dela	a SER em b
b: beira do rio	c DAR ENCHIDUNHA
c: rio	d ENTRAR e
d: água	f SUBIR
e: cozinha	(V. a. a. inceptivo/progressivo)
f: galinha, porco, tudo	ESTAR ACOSTUMADO com g
g: correteza do rio	h ARRUMAR e'
h: ca	(V. a. a. terminativo)
e': cozinha	PEGAR i
i: prato(s)	LAVAR em b'
b': beira do rio	(V. a. a. inceptivo)
j: ela	j FALAR (C e C1)
(C e C1)	

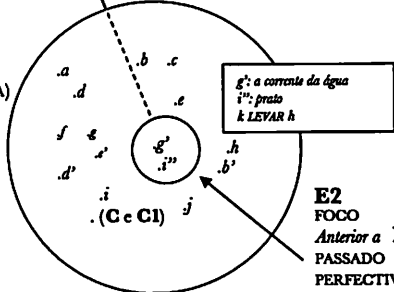
S (1 a 9)
(FOCO)
(PONTO DE VISTA)
Anterior a N
IMPERFECTIVO
EVENTO



a: casinha dela	a SER em b
b: beira do rio	c DAR ENCHIDUNHA
c: rio	d ENTRAR e
d: água	f SUBIR
e: cozinha	(V. a. a. inceptivo/progressivo)
f: galinha, porco, tudo	ESTAR ACOSTUMADO com g
g: correteza do rio	h ARRUMAR e'
h: ca	(V. a. a. terminativo)
e': cozinha	PEGAR i
i: prato(s)	LAVAR em b'
b': beira do rio	(V. a. a. inceptivo)
j: ela	j FALAR (C e C1)
(C e C1)	
d': água	d' CORRER
	(V.a.a. progressivo)

E1
(FOCO)
Anterior a N
PASSADO
PERFECTIVO
EVENTO
FATO

S (1 a 10)
(FOCO)
(PONTO DE VISTA)
IMPERFECTIVO
Anterior a N
EVENTO



E2
FOCO
Anterior a N
PASSADO
PERFECTIVO
EVENTO
FATO

S (1 a 9) é estruturado pelas informações dos *frames* constituídos: pelos elementos *a* e *b* e pela relação *a SER em b*; pelo elemento *c* e pela relação *c DAR ENCHIDINHA*; pelos elementos *d* e *e* e pela relação *d ENTRAR pra e*; pelo elemento *f* e pela relação *f SUBIR*; pelo elemento *g* e pela relação *ESTAR ACOSTUMADO com g*; pelos elementos *h* e *e'* e pela relação *h ARRUMAR e'*; pelo elemento *i* e pela relação *PEGAR i*; pelo elemento *b'* e pela relação *LAVAR em b'* e pelos elementos *j* e **(C e C1)** e pela relação *j FALAR (C e C1)*. **S (1 a 9)** é IMPERFECTIVO: assinala um PONTO DE VISTA de um espaço FOCO (PONTO DE VISTA mudou da BASE para esse espaço FOCO (Princípio Operacional (h) – PONTO DE VISTA pode mudar para FOCO ou para BASE). É *Anterior a N* e é EVENTO, pois nele se estruturam os conteúdos dos *frames* relacionados. Liga-se ao espaço **N** BASE, e a **E1**, PASSADO, FOCO, PERFECTIVO (não PONTO DE VISTA), EVENTO (FOCO mudou para esse espaço EVENTO – Princípio Operacional (g), que estabelece que FOCO pode mudar para um espaço EVENTO, para um espaço BASE, para um espaço FOCO prévio, ou para um novo espaço). **E1**, por ser PASSADO e EVENTO, é marcado como FATO em relação a PONTO DE VISTA (**N**, BASE, para onde PONTO DE VISTA voltou). Por ser construído no contexto de **S (1 a 9)**, é diagramado internamente a **S (1 a 9)**.

O evento narrativo que se segue no discurso 'e a corrente da água levou o prato mesmo.', representado pelo espaço **E2**, é construído num contexto diferenciado daquele do evento em **E1** ('Foi um belo dia mia filha, o rio encheu.') apenas pela situação descrita através do *frame* constituído pelo elemento *d'* e pela relação *d' CORRER*. O contexto de **E2** é, então, a situação representada por **S (1 a 10)**. O diagrama apresenta **E2** (estruturado pelo *frame* constituído pelos elementos *g'* e *i''* e pela relação *g' LEVAR i''*), um espaço com as características tempo-aspectuais de **E1**, internamente a **S (1 a 10)**, que, por sua vez, tem as características tempo-aspectuais semelhantes a **S (1 a 9)**.

OBSERVAÇÃO - Não será representada em detalhes a configuração para o discurso direto (que no diagrama aparece como **C** e **C1**). Essa configuração será explorada quando forem trabalhados os valores verbais do **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO (TRECHOS DIAGRAMADOS 4, 5, 6, 7 e 8)**.

Esta é uma configuração que retrata o todo do discurso, até o último instante, contendo traços da história do seqüenciamento dos enunciados. Esse diagrama visa a oferecer a possibilidade de visualização mais precisa do que ocorre cognitivamente nos processos de estruturação e interpretação da macro-estrutura do texto narrativo. Especialmente, reflete a complexidade da distribuição da informação em material de Figura ou de Fundo, em suas relações, que podem ser gerais ou mais localizadas. Foi também elaborado, com base nas noções discursivas, categorias tempo-aspectuais e princípios de organização discursiva do modelo adotado.

Se, como este, os demais trechos diagramados mostrarem não haver incompatibilidade entre esta e a diagramação do seqüenciamento de discurso, é indício de a proposta apresentada neste trabalho ser um tipo de representação possível da macro-estruturação do texto narrativo oral e seus domínios discursivos (**EVENTOS NARRATIVOS, SUPORTE e ENCENAÇÃO**).

9.2 – TRECHO DIAGRAMADO 2

Tempos verbais focalizados:

DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS - *Preterito Perfeito* – 98,9%

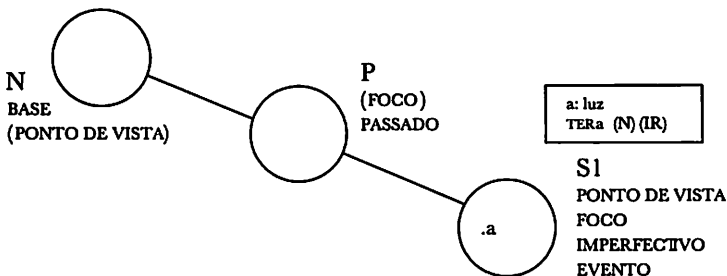
DOMÍNIO SUPORTE - *Infinitivo* – 13,4%

Narrativa 6

- (57) porque luz num tinha mesmo, né? /UNHUM/
 (58) Era luz de querosene, luz de azeite.
 (59) Punha aquele paviozinho dentro do azeite,
 (60) cendia, né?
 (61) ficava ali.
 (62) **Aí Adriana, esse dia o marido da Ada passô por lá.**
 (63) **Dona Amelinha mandô**
 (64) me chamá.
 (65) **Aí eu fui,**
 (66) **fechei a casinha toda lá pra vó, né?**
 (67) **e fui.**

Inicia-se a diagramação pelo enunciado:

- (57) porque luz num tinha mesmo, né? /UNHUM/

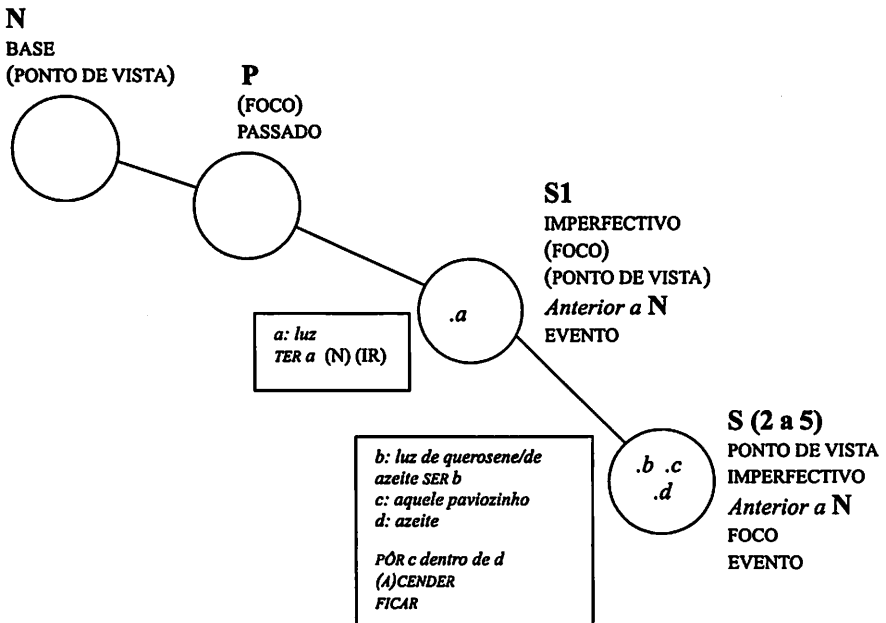


O *Preterito Imperfeito*, como já dito, codifica a combinação de PASSADO e IMPERFECTIVO. PASSADO estabelece um espaço (P) FOCO, *Anterior a* PONTO DE VISTA (N - espaço origem/pai, BASE). S1, espaço IMPERFECTIVO, *Anterior a* N, EVENTO, é criado e a categoria tempo-aspectual IMPERFECTIVO estabelece a relação 'FOCO é PONTO DE VISTA'. FOCO muda de P para esse novo espaço, de acordo com o Princípio Operacional (g), que permite FOCO mudar para espaço EVENTO. PONTO DE VISTA também muda da BASE para este novo espaço FOCO (S1), o que é permitido pelo Princípio Operacional (h). S1 é estruturado pelo *frame* constituído do elemento *a* e da relação *TER a*. O enunciado representado por esse espaço é negativo e tem valor modal *Irrealis*, o que é expresso por (N) e (IR), respectivamente, no diagrama.

O discurso segue com uma série de outras estruturas em *Preterito Imperfeito*,

- (58) Era luz de querosene, luz de azeite.
- (59) Punha aquele paviozinho dentro do azeite,
- (60) cendia, né?
- (61) ficava ali.

que podem ser todas agrupadas num único espaço, também IMPERFECTIVO. O diagrama sofre a seguinte atualização:

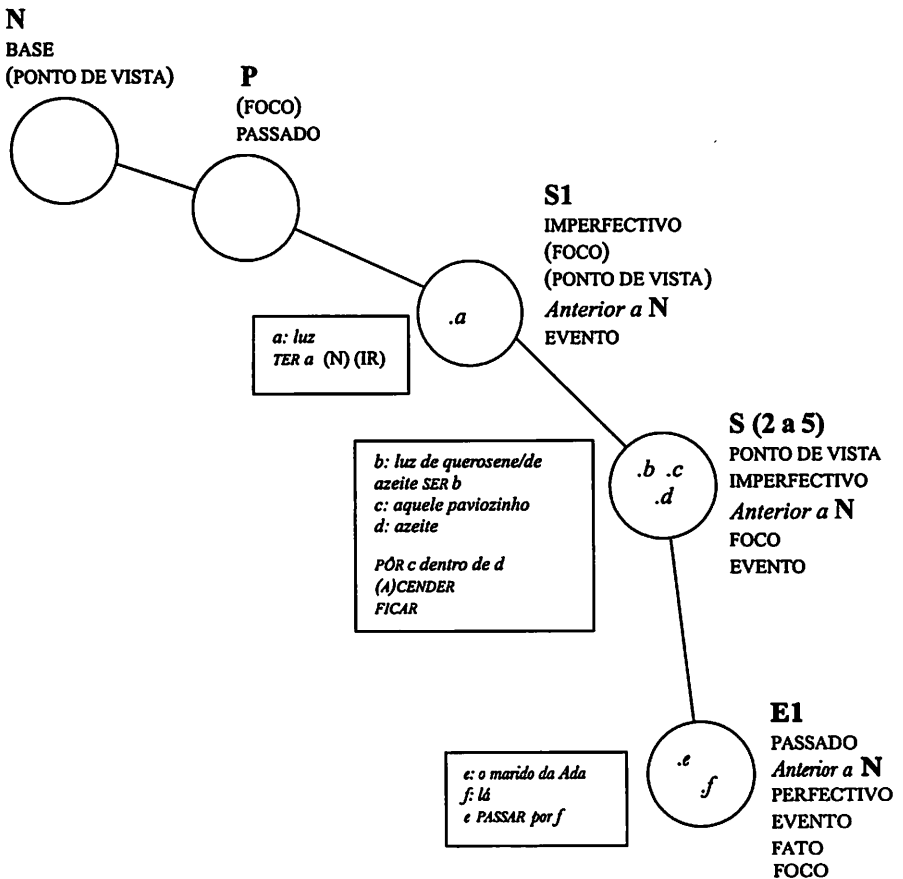


S (2 a 5) é IMPERFECTIVO. Tal espaço é, portanto, semelhante, à exceção da negatividade, ao espaço **S1** e é estruturado pelo conteúdo dos *frames* constituídos de: elemento *b* e relação *SER b*; elementos *c* e *d* e relação *POR c dentro de b*; relação (A)*CENDER* e relação *FICAR*.

O que se segue a partir desse ponto é:

(62) Aí Adriana, esse dia o marido da Ada passô por lá.

que é diagramado pela inserção de um espaço PASSADO (**E1 – EVENTO NARRATIVO**):

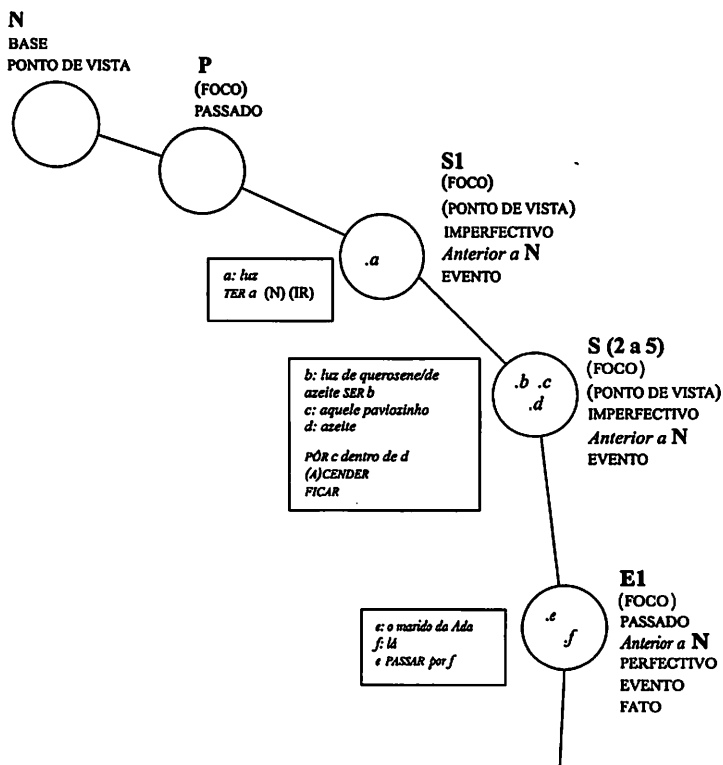


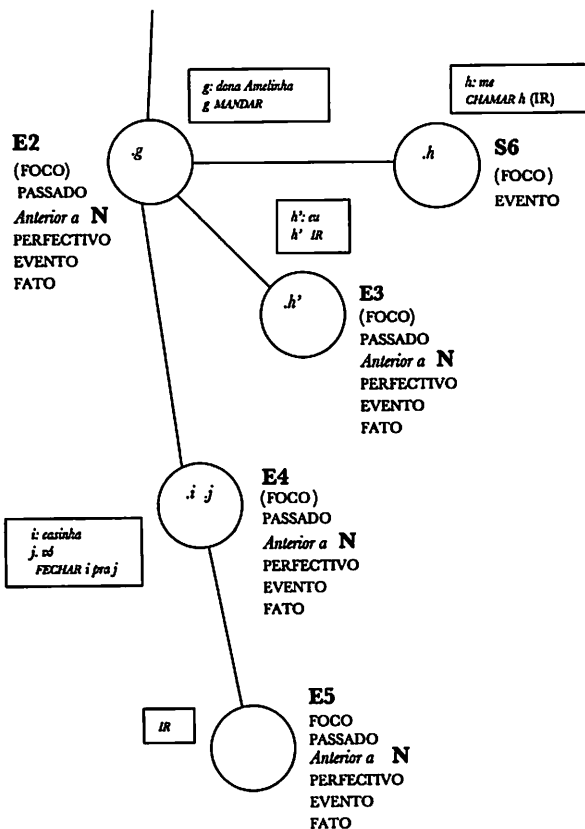
O tempo verbal *Preterito Perfeito* codifica a categoria tempo-aspectual PASSADO. **E1** é, então, introduzido: um espaço FOCO, PERFECTIVO, *Anterior a N*, EVENTO, FATO. **N**, BASE, é o espaço para onde volta PONTO DE VISTA (Princípio Operacional (h)) e de onde **E1** é acessado. **E1** segue **S (2 a 5)**, no diagrama.

Temos introduzida, então, nesta exemplificação, uma seqüência de eventos narrativos:

- (63) **Dona Amelinha mandô**
 (64) **me chamá.**
 (65) **Aí eu fui,**
 (66) **fechei a casinha toda lá pra vó, né?**
 (67) **e fui.**

que pode ser diagramada como a seguir. (Parte do diagrama encontra-se na página seguinte, por não ter sido possível mantê-lo inteiro em uma única página.):





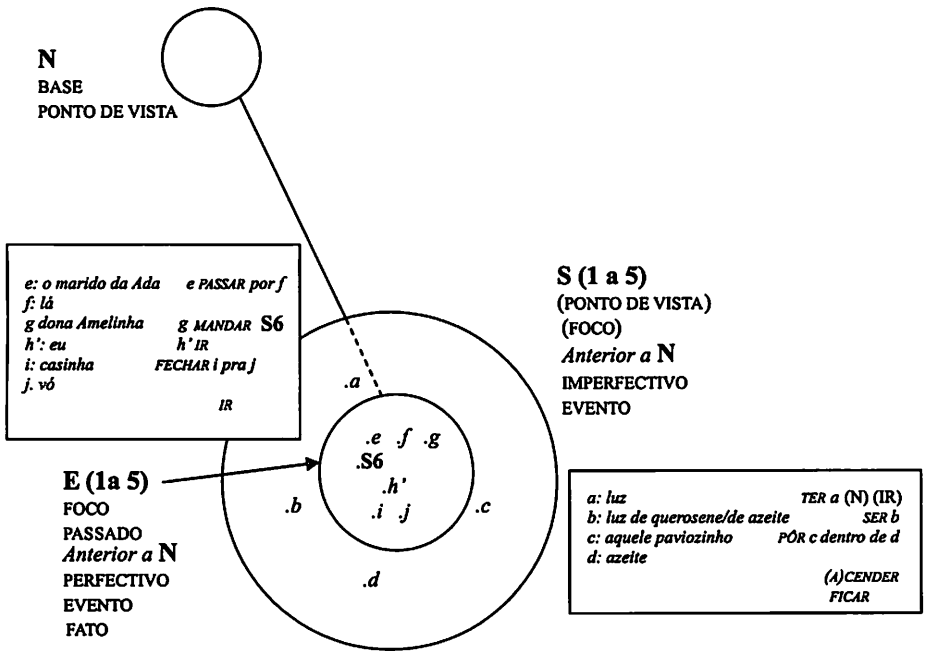
O primeiro enunciado da seqüência de eventos narrativos que segue **E1** é uma estrutura principal (diagramada pelo espaço **E2**) em relação a uma subordinada (diagramada pelo espaço **S6**). **E2** e **S6** apresentam uma relação de subordinação local. **E2** possui as características de um espaço PASSADO, à semelhança de **E1**. É composto pelo *frame* contendo o elemento *g* e a relação *g MANDAR*. **S6**, por sua vez, é um espaço FOCO, estruturado pelo *frame* constituído do elemento *h* e pela relação *CHAMAR h*, sem marcação tempo-aspectual: o enunciado tem valor modal *Irrealis*, marcado por (IR) no retângulo correspondente ao espaço **S6**. Dessa estrutura subordinada, o discurso evolui para ‘Aí eu fui’, estrutura representada por **E3**, que, neste momento é o FOCO e se assemelha aos demais espaços PASSADO da configuração. Esse enunciado é, de certa forma, abandonado pelo falante, que reformula seu texto através de ‘fechei a casinha toda lá pra vó, né?’ (representado em **E4**), que traz um evento que antecede cronologicamente seu antecessor na linha discursiva. Em seguida, o texto apresenta ‘e fui.’ (representado em **E5**), que repete o conteúdo de **E3**. **E4** segue **E2**, no diagrama, exatamente por causa dessa situação de reformulação. FOCO passa de **E3** para **E4** e para **E5**. Todos esses espaços representando eventos narrativos possuem configurações semelhantes e são acessados a partir de **N**. Distinguem-se pelos *frames* que os estruturam internamente: **E3** – elemento *h* e relação *h’ IR*; **E4** – elementos *i* e *j* e relação *FECHAR i pra j* e **E5** – relação *IR*.

As estruturas em *Infinitivo* que ocorrem no **DOMÍNIO SUPORTE**, em geral, seguem o padrão da forma desse trecho de discurso, ou seja, são estruturas subordinadas, constituindo, com suas principais, uma relação localizada, não interferindo na macro configuração do discurso em termos das relações Figura/Fundo gerais.

DIAGRAMA DOS DOMÍNIOS DO TEXTO NARRATIVO - Realizando a configuração para o modelo proposto para os domínios do texto narrativo oral, temos o seguinte diagrama:

Narrativa 6

- (57) porque luz num tinha mesmo, né? /UNHUM/
- (58) Era luz de querosene, luz de azeite.
- (59) Punha aquele paviozinho dentro do azeite,
- (60) cendia, né?
- (61) ficava ali.
- (62) **Aí Adriana, esse dia o marido da Ada passô por lá.**
- (63) **Dona Amelinha mandô**
- (64) me chamá.
- (65) **Aí eu fui,**
- (66) **fechei a casinha toda lá pra vó, né?**
- (67) **e fui.**



Este tipo de diagrama, como dito anteriormente, mostra o discurso na totalidade, porém, revelando elementos do processo. Provê informações sobre a história, o desenrolar desse discurso, aponta marcas desse seqüenciamento, como as alterações na distribuição das noções discursivas, expressas pelos parênteses envolvendo algumas dessas noções em determinados espaços.

S (1 a 5) representa todos os eventos expressos em *Preterito Imperfeito*, tempo verbal que codifica PASSADO e IMPERFECTIVO. Tal tempo verbal estabelece um espaço IMPERFECTIVO ligado a um espaço PASSADO: **E (1 a 5)** cumpre essa exigência. O espaço IMPERFECTIVO (FOCO, PONTO DE VISTA, *Anterior a N* - origem/pai, EVENTO) estrutura-se pelos *frames* que contêm os elementos e relações: *a* e *TER a (N)*; *b* e *SER b*; *c* e *d* e *PÓR c dentro de d*; (A)CENDER e FICAR. Todos os eventos diagramados através de **S (1 a 5)** são Fundo para os enunciados de **E (1 a 5)**.

E (1 a 5) que, por sua vez, contém eventos narrativos, expressos em *Preterito Perfeito*, é um espaço PASSADO, FOCO (transferido a partir de **S (1 a 5)**), PERFECTIVO, Anterior a **N**, EVENTO, FATO). **S6** representa um enunciado que possui apenas uma relação de subordinação com **E2**, liga-se aos demais eventos através do evento em **E2** do diagrama anterior a este ('Dona Amelinha mandô'); **S6** apareceu na diagramação apenas compondo os *frames* que estruturam **E(1 a 5)**, a saber, *frames* estruturados por: *e e f e e PASSAR por f, g e S6 e g MANDAR S6; h' e h' IR; i e j e FECHAR i pra j e IR*. **S6** não constitui, portanto, informação de suporte para os demais eventos narrativos. Não compõe uma unidade com os demais eventos suporte, não podendo, portanto, constituir, com eles, um único espaço.

Essa diagramação permite-nos perceber a distinção entre os eventos que dão suporte a um trecho maior do discurso e aqueles que mantêm apenas relações Figura/Fundo localizadas. O *Infinitivo*, que não codifica categoria tempo-aspectual, representou 13,4% das ocorrências, em geral, estruturas subordinadas dessa natureza, apresentando com o evento narrativo uma relação semelhante a essa.

9.3 – TRECHO DIAGRAMADO 3

Tempos verbais focalizados:

DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS - *Preterito Perfeito* – 98,9%

DOMÍNIO SUPORTE - *Presente* (valor presente ou atemporal) – 17,9%

Narrativa 2

(42) **Aí eu peguei ele pelo rabo.**

(43) O jacaré é pesado, né?

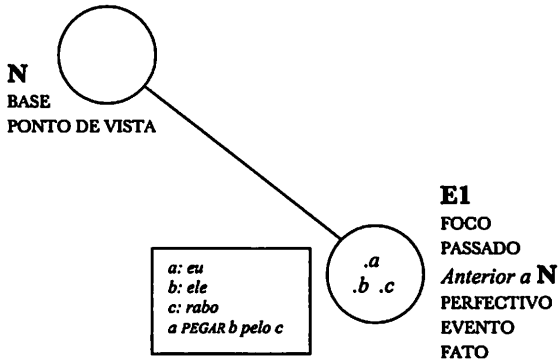
(44) Ele é cabeçudo.

(45) **Aí eu peguei ele pelo rabo**

(46) **e saí arrastano ele até em casa.**

Início a diagramação desse trecho pelo primeiro enunciado:

(42) **Aí eu peguei ele pelo rabo.**

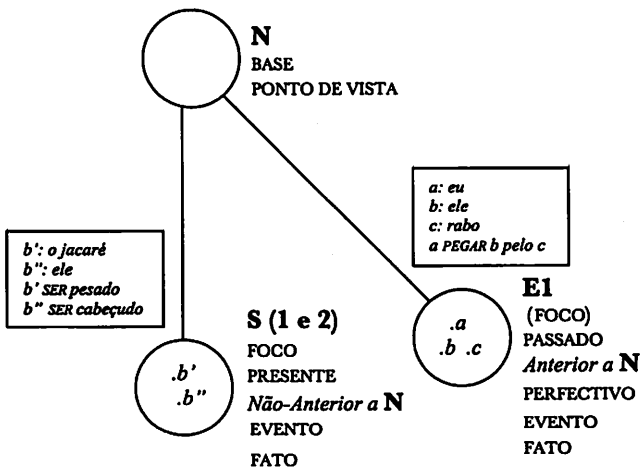


O tempo verbal *Pretérito Perfeito* codifica PASSADO e PERFECTIVO. A categoria PASSADO estabelece a construção de um espaço PASSADO, FOCO, FATO (**E1**), *Anterior a PONTO DE VISTA origem/pai (N)*. PERFECTIVO identifica esse espaço FOCO, não-PONTO DE VISTA. **E1** é EVENTO e exibe, como *frame* estruturador, os elementos *a*, *b* e *c* e a relação *a PEGAR b pelo c*.

Na seqüência, tem-se:

- (46) O jacaré é pesado, né?
 (47) Ele é cabeçudo.

duas estruturas no tempo verbal *Presente*, diagramadas, no contexto, da seguinte forma:

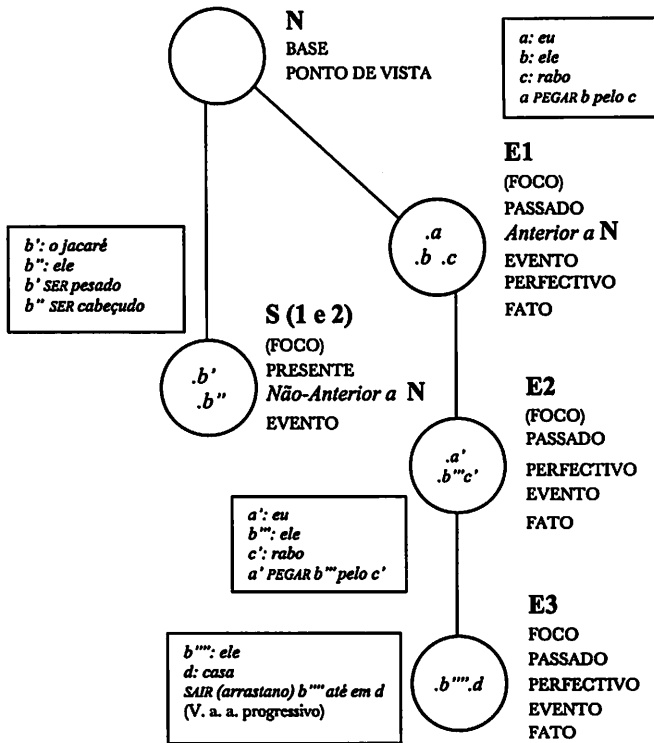


O espaço **S (1 e 2)** que é introduzido na diagramação para representar os enunciados 'O jacaré é pesado, né?' e 'ele é cabeçudo' é PRESENTE, portanto, FOCO. **S (1 e 2)** é FATO, EVENTO, espaço no qual os valores preenchedores dos papéis e relações *b'* e *b''* *SER pesado* e *b''* e *b'''* *SER cabeçudo* se realizam. Esse espaço é diagramado separadamente do espaço PRESENTE BASE pois representa um período de tempo que não corresponde ao do momento da fala.^{xxxix} Esse novo espaço é acessado a partir da BASE/PONTO DE VISTA **N**, **SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO**.

Na seqüência temos as estruturas:

- (47) **Aí eu peguei ele pelo rabo**
 (46) **e saí arrastano ele até em casa.**

que são representadas por dois espaços PASSADO, como a seguir:



xxxix Neste trabalho, optou-se por chamar as nuances de significado genérico, habitual e atemporal pelo rótulo único de presente atemporal. Apesar de Cutrer distinguir os três termos, trata a todos, para efeito de análise e diagramação, como um fenômeno único. Ou seja, todos suscitam a criação de um espaço ligado ao espaço base, pois nenhum se refere a um período de tempo que corresponda ao momento da fala. (Neste modelo, trabalha-se com períodos de tempo e não pontos na linha temporal.)

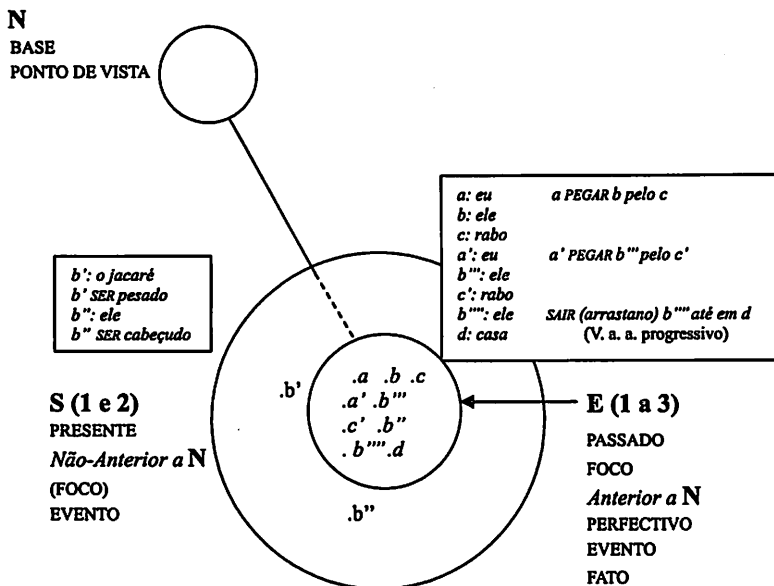
Há, neste caso, um exemplo de retomada da Figura Narrativa, pelo falante, através da repetição do último elemento antes de uma inserção no Fundo. Esse recurso da repetição é muito comum no texto oral. No diagrama, o espaço que representa o elemento repetido (**E2**) é estabelecido ligado a **E1**, refletindo a seqüência de eventos PASSADO. **E2** é um espaço com as características semelhantes a **E1** em termos das noções discursivas e categorias tempo-aspectuais. É um espaço EVENTO estruturado pelos valores referentes aos papéis *a'*, *b'''*, *c'* e da relação *a' PEGAR b''' pelo c'*. O enunciado 'e saí arrastano ele até em casa.' estabelece um espaço PASSADO (**E3**). **E3** segue **E2** e distingue-se dele por seu *frame* estruturador que é constituído pelos elementos *b''''* e *d* e a relação *SAIR (arrastano) b'''' até em d*. **E1**, **E2** e **E3** são acessados a partir da BASE/PONTO DE VISTA (**SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO N**).

O evento representado em **E3** ('e saí arrastano ele até em casa.') apresenta um valor aspectual adicional, imposto ao enunciado pela locução verbal aspectual progressiva, que é representado no diagrama através da indicação (V. a. a. progressivo) no retângulo correspondente a **E3**. (*arrastano* pode ser interpretado como apresentando um valor semelhante ao de um adverbial.)

DIAGRAMA DOS DOMÍNIOS DO TEXTO NARRATIVO - A configuração para o modelo proposto para os domínios do texto narrativo oral fica da seguinte forma:

Narrativa 2

- (42) Aí eu peguei ele pelo rabo.**
- (48) O jacaré é pesado, né?
- (49) Ele é cabeçudo.
- (50) Aí eu peguei ele pelo rabo**
- (46) e saí arrastano ele até em casa.**



O diagrama mostra que os eventos no tempo verbal *Presente* do Indicativo, que codificam a categoria tempo-aspectual PRESENTE, encontrados no **DOMÍNIO SUPORTE** do texto narrativo oral, apresentam, em geral, uma relação Figura/Fundo com os eventos narrativos semelhante àquela apresentada pelos eventos em *Pretérito Imperfeito*. Essa relação tem a possibilidade de ter um caráter mais generalizado, ou seja, cada evento suporte com essas características tempo-aspectuais pode, em potencial, subjazer a seqüências extensas de eventos narrativos. Juntos, o *Pretérito Imperfeito* e o *Presente* do Indicativo, compuseram 68% das estruturas do **DOMÍNIO SUPORTE**, nos dados analisados neste trabalho. Os eventos narrativos, em ambos os casos são acessados da BASE, o que é indicado pela linha pontilhada no diagrama.

9.4 – DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO: MUDANÇA DE BASE

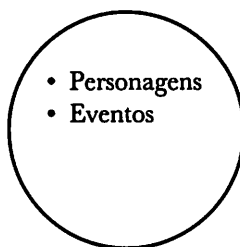
Antes de diagramar os trechos envolvendo estruturas em discurso direto, portanto componentes do **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**, são necessárias algumas considerações.

Como dito quando foi apresentada a visão de Turner (1996) de história e projeção, diferentes domínios de realidade estão presentes numa situação de narração. São exemplos desses domínios:

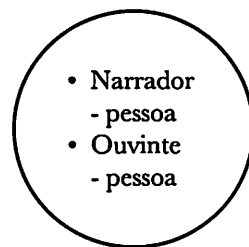
O Mundo da Narrativa



O Mundo da História



O Mundo Real



Cada domínio apresenta sua própria estrutura, seus elementos, seus *selves*. Cada *self* em um domínio é um PUNTO DE VISTA, pode ser um espaço BASE, ou seja, uma referência dêitica de onde tempo e advérbios podem ser acessados.

A perspectiva dos espaços mentais permite-nos ver que certas ocorrências de valores verbais são compreendidas através da relação entre o sistema temporal e esses domínios.

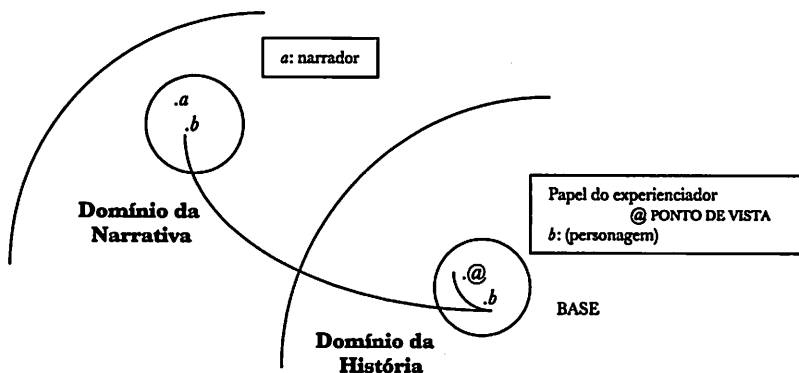
Canonicamente, tempo verbal é acessado do espaço *Realidade do Falante* (**SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO**), relacionado ao primeiro dos domínios representados pelos círculos acima. Entretanto, isso nem sempre ocorre. Podemos acessá-lo de BASES distintas. E, independentemente da BASE da qual tempo verbal é acessado, a relação entre PUNTO DE VISTA e FOCO permanece invariável:

Tempo Presente	→	FOCO corresponde a PUNTO DE VISTA
Tempo Passado	→	FOCO precede PUNTO DE VISTA
Tempo Futuro	→	PUNTO DE VISTA precede FOCO (Turner, 1996)

Quando acessamos um determinado tempo verbal de um PUNTO DE VISTA distinto do canônico, temos valores temporais também não canônicos. Assim, compreende-se melhor as formas de passado significando presente ou futuro, formas de presente significando passado, etc.

Com a visão da Linguística Cognitiva de que tempo verbal é melhor definido como uma relação entre FOCO e PONTO DE VISTA do que como uma categoria dêitica ligando situação descrita pelo verbo a momento da enunciação, é possível explicar alguma ocorrência na qual os mapeamentos PP/EN e OT/Sup não tenham ocorrido. Por exemplo, o *Presente* histórico, tempo *Presente* utilizado para se recapitular eventos passados, significa uma mudança de BASE para um PONTO DE VISTA no **Mundo da História**.

Numa situação de discurso direto, o narrador, num certo sentido, encarna um personagem, um *self* no **Mundo na História**, assume sua voz, encena seu discurso. Ocorre, nessa situação, uma mudança de PONTO DE VISTA/BASE de toda a configuração discursiva e fica estabelecido um novo cenário para referência dêitica. Em outras palavras, passa-se da perspectiva temporal do falante/narrador para a perspectiva temporal desse personagem, na qual o ouvinte baseia-se no processo de interpretação da enunciação. Cutrer representa mudanças de BASE da seguinte maneira:



No **Domínio/Mundo da Narrativa**, o texto está ancorado no tempo da narração. No **Domínio/Mundo da História**, porém, a ancoragem passa a acontecer a partir do eixo temporal definido pela narrativa. No caso do texto oral, é o verbo de discurso e/ou a entonação que estabelecem esse novo domínio de referência. Apesar de haver elos cognitivos conectando elementos, quando se estabelece esse novo domínio, fica estabelecida uma barreira para acesso temporal a partir da BASE no **Domínio/Mundo da Narrativa**.

Segundo Cutrer (1994:405), “na língua falada, a mudança de BASE é engatilhada pelo verbo de discurso e indicada pela mudança de tempo, pronominais e outros dêiticos, auxiliada por acento, entonação e prosódia”. (#29)

A mudança de PONTO DE VISTA para um personagem no **Mundo da História** é sinalizada, então, muitas vezes, pela mudança de tempo. O tempo verbal *Presente* é o que mais caracteriza o discurso direto e foi o de maior incidência nos dados. No entanto, qualquer tempo verbal, em princípio, pode ocorrer neste contexto; o conteúdo da fala de um personagem é imprevisível e pode expressar situações que se localizam inclusive fora do eixo temporal definido pela narrativa.

A proposta deste trabalho é representar esta mudança de BASE por uma diagramação envolvendo mesclagem. Como vimos, há dois mundos em questão: o **Mundo da Narrativa** e o **Mundo da História**, dois espaços *input*, portanto.

Os trechos diagramados a seguir envolvem estruturas do **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**.

9.5 – TRECHO DIAGRAMADO 4

Tempos verbais focalizados:

DOMÍNIO DA EVENTOS NARRATIVOS - *Preterito Perfeito* – 98,9%

DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO - *Presente* (valor presente ou atemporal) – 48,0%

Narrativa 1

(10) **Eu falei**

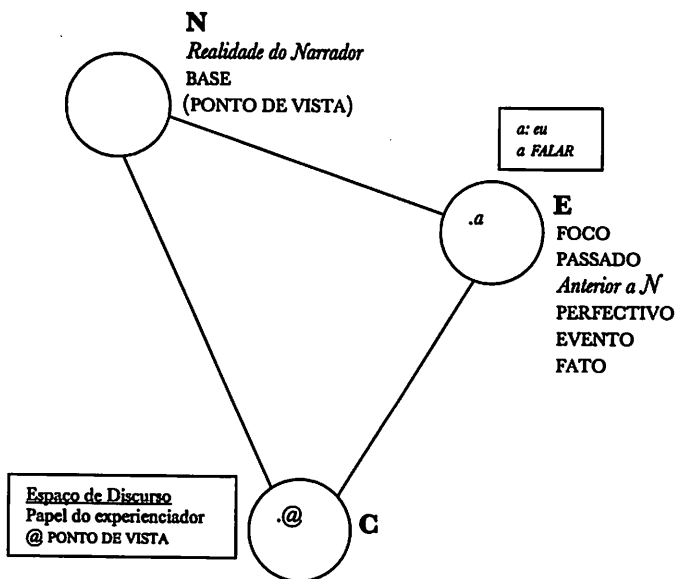
(11) “Olha, ô cara, cê tá me achano

(12) que eu sô gringo?”

Iniciando por:

(10) **Eu falei**

tem-se a configuração:



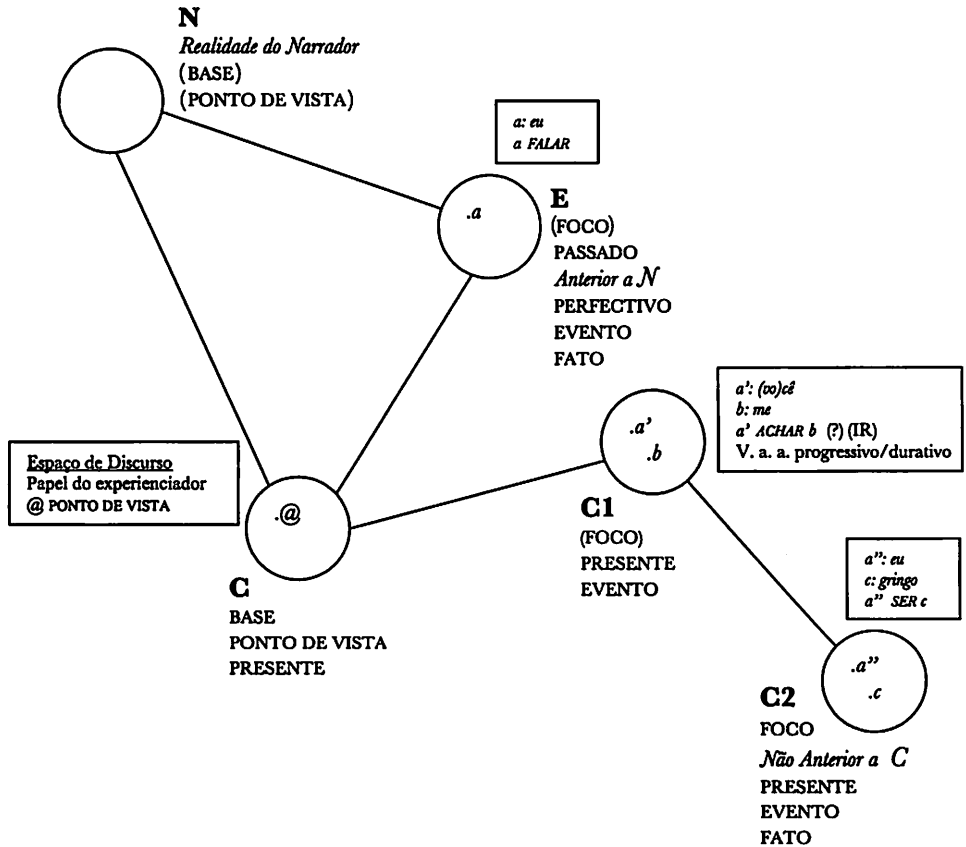
Para a interpretação desse elemento do texto (“Eu falei”), constrói-se um espaço PASSADO (**E – EVENTO NARRATIVO**, FOCO, *Anterior à* BASE, PERFECTIVO, EVENTO) ligado ao espaço BASE (**N – SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO**), origem. O verbo de discurso leva à construção do Espaço de Discurso, para o PONTO DE VISTA, a

conceptualização do falante. Esse Espaço de Discurso possui, então, um papel PONTO DE VISTA inerente associado ao experienciador (@), o *self* representado através do discurso.

Ao ser introduzida a fala do personagem, que no caso identifica-se com o narrador, o texto é ampliado através das estruturas:

- (11) “Olha, ô cara, cê tá me achano
- (12) que eu sô gringo?”

Cuja interpretação resulta na seguinte diagramação:



Acontece, então, a mudança da BASE para PONTO DE VISTA **C**, PRESENTE do personagem, onde ela permanece enquanto durar sua fala. O conteúdo das estruturas que representam tal fala, ou seja, do trecho em discurso direto, estrutura tanto o espaço **C1**, quanto **C2**. O PRESENTE é acessado tanto em **C1**, quanto em **C2**, desta BASE, PONTO DE VISTA do *self* representado, o experienciador (o personagem *eu*); há, assim, uma identidade experienciador (@)/personagem *eu* (*a'*): @ e *a'* correspondem ainda ao narrador. O novo PONTO DE VISTA/BASE funciona como o centro dêitico. **N** fica bloqueada para acesso de tempo e aspecto. FOCO transfere-se, primeiramente para **C1**, e posteriormente para **C2**. **C1** é estruturado pelo *frame* constituído dos elementos *a'* e *b* e da relação *a'* ACHAR *b*; apresenta valor aspectual adicional progressivo/durativo, expresso pela locução verbal (V. a. a. durativo). O enunciado em **C1** é interrogativo (?) e tem valor modal *Irrealis* (IR); liga-se a **C2**, que, por sua vez, é estruturado pelo *frame* constituído dos elementos *a''* e *c* e da relação *a''* SER *c*.

A diagramação realizada para o trecho da Narrativa 1 selecionado como representativo do **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**

Narrativa 1

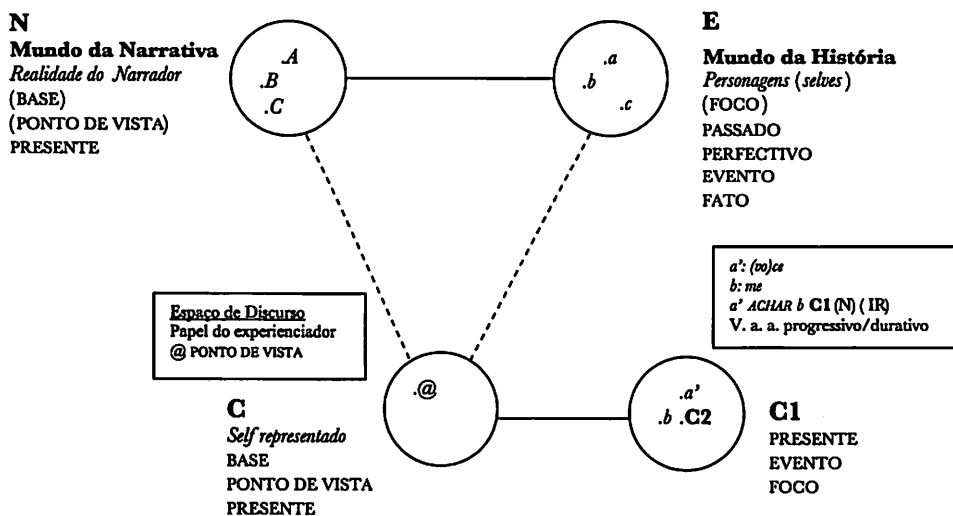
(10) **Eu falei**

(11) “Olha, ô cara, cê tá me achano

(12) que eu sô gringo?”

envolve mesclagem:

DIAGRAMA DE MESCLAGEM



O espaço **C** é o espaço mesclado do diagrama acima. **C** contém elementos selecionados dos dois espaços *input*. O narrador (originalmente do **Mundo da Narrativa**) assume o *self* de um personagem do **Mundo da História**: o PONTO DE VISTA é o PRESENTE desse *self*. Do espaço **N**, **C** utiliza, então, as características BASE, PONTO DE VISTA e PRESENTE. Do espaço **E**, vem o personagem, o *self* representado. **C1** e **C2**, como extensões de **C**, são espaços EVENTO. FOCO passa de **C1** a **C2**. **C2** aparece no diagrama acima compondo o espaço **C1**, por manter com **C1** uma relação local de subordinação entre os conteúdos das estruturas representadas por esses espaços. Os elementos *a'* e *b* (e também os elementos que compõem o *frame* estruturador de **C2**) estão ligados aos dois espaços *input* por elos cognitivos, ou seja, fazem parte do **Mundo da História** (*a, b e c*) e, ao mesmo tempo, mesmo que implicitamente, do **Mundo da Narrativa** (*A, B e C*).

O tempo verbal *Presente* correspondeu a 48% das estruturas do **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**, ou seja, foi o tempo verbal de maior incidência neste domínio discursivo. Isso condiz com o que Cutrer aponta como característico de discurso direto.

Cutrer (1994:408) discute essa mudança de BASE que ocorre quando há utilização de discurso direto e afirma:

“O tempo Presente e a marcação ortográfica de discurso direto explicitamente indicam a mudança de BASE para o espaço M1 (na diagramação da autora), para o PONTO DE VISTA do SELF representado (...). As aspas estabelecem um domínio local de referência e um limite forte entre o domínio da citação e o domínio externo. Esse limite torna a base ficcional externa inacessível como um ponto de acesso para tempo, tempo dentro da citação pode somente ser acessado da BASE mais local. A mudança de BASE tem suporte também em informação pragmática, contextual (...). (#30)

A autora trabalha com dados da língua escrita. Em relação ao texto oral, além da informação gramatical/lexical, pragmática/contextual, a entonação é, por vezes, essencial para indicação da mudança de BASE. Como não há marcação gráfica de aspas para a fala ou monólogo interno dos personagens, guiamo-nos, então, para a percepção da reprodução dessa fala, por elementos como a introdução de um verbo de discurso, a mudança de entonação, aliados à alteração do tempo verbal.

Assim, apesar da grande incidência no **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**, não é a presença do tempo verbal *Presente* que indica discurso direto. Qualquer outro tempo verbal pode ocorrer nesse contexto. Quando representam discurso de personagem, os outros tempos também serão acessados a partir dessa BASE do *self* representado, ou seja, do presente do personagem em questão.

Os **TRECHOS DIAGRAMADOS 5, 6, 7 E 8** ilustram como a mudança de BASE ocorre de forma semelhante para qualquer tempo verbal que componha estrutura integrante do **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**. Isso significa que o mecanismo de produção/interpretação de discurso, representado através dos espaços mentais, é único nesses casos. Para todos os trechos apresentarei os diagramas nos dois formatos com que venho trabalhando.

9.6 – TRECHO DIAGRAMADO 5

Tempos verbais focalizados:

DOMÍNIO DA EVENTOS NARRATIVOS

- *Preterito Perfeito* – 98,9%

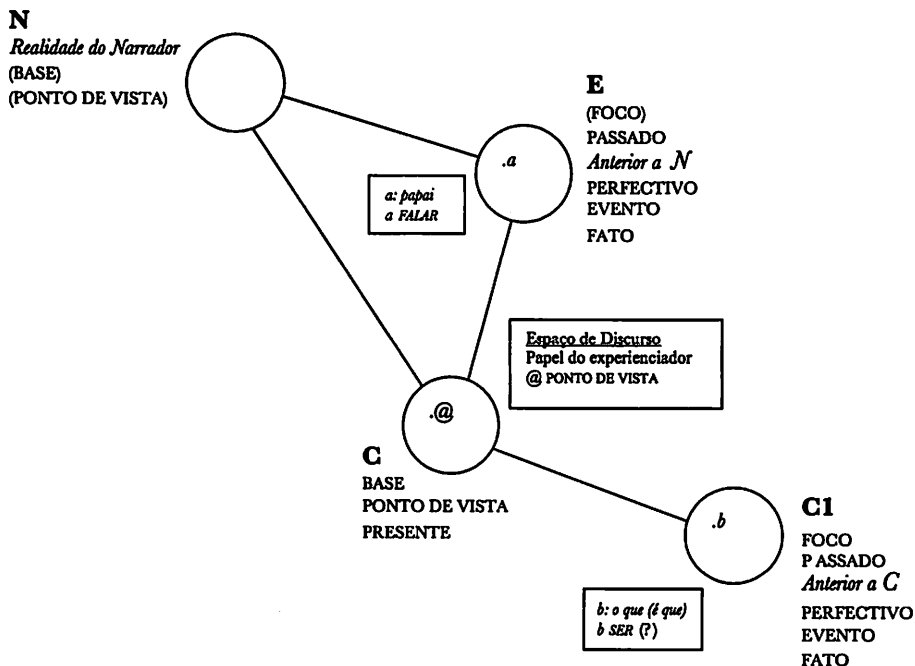
DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO

- *Preterito Perfeito* – 14,4%

Narrativa 11

(23) **papai falou**

(24) “*Minha filha, o que é que foi?*”



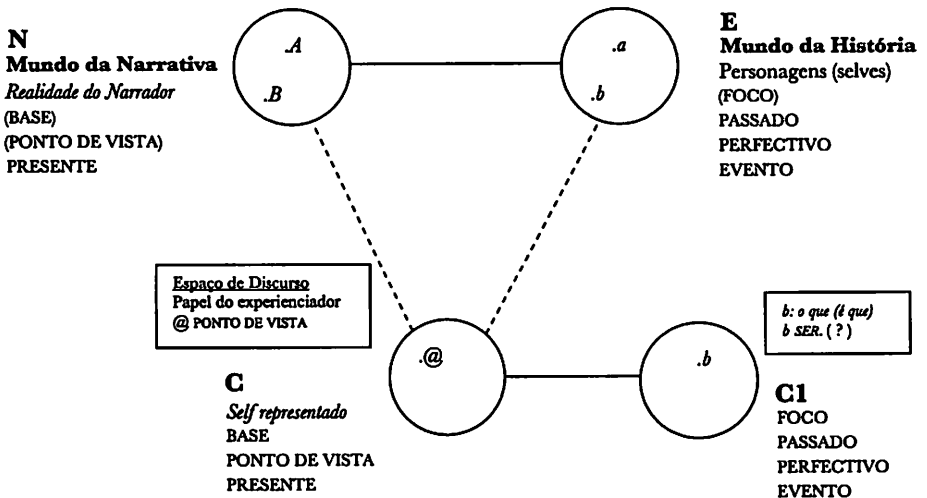
Para a representação desse trecho do discurso, constrói-se um espaço PASSADO (**E – EVENTO NARRATIVO**, FOCO, *Anterior à* BASE, PERFECTIVO, EVENTO) ligado ao espaço BASE (**N – SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO**), origem. O verbo de discurso leva à construção do Espaço de Discurso, para o PONTO DE VISTA, a conceptualização do falante. Esse Espaço de Discurso possui, então, um papel PONTO DE VISTA inerente associado ao experienciador, o *self* representado através do discurso. Exatamente como acontece em relação ao **TRECHO DIAGRAMADO 4**. Ocorre a mudança da BASE para PONTO DE VISTA **C**. O PASSADO é acessado, em **C1**, desta BASE/PONTO DE VISTA do *self* representado, o experienciador. Há uma identidade experienciador (@)/personagem *papai* (*a*). **N** fica bloqueado para acesso de tempo e aspecto. O novo PONTO DE VISTA/BASE funciona como o centro dêitico. FOCO transfere-se para **C1**, que representa um enunciado interrogativo (?) e é estruturado pelo *frame* constituído do elemento *b* e da relação *b SER (?)*.

DIAGRAMA DE MESCLAGEM - Realizando a configuração para o modelo proposto para os domínios do texto narrativo oral, temos o seguinte diagrama, que para o trecho seleccionado, envolve mesclagem:

Narrativa 11

(23) **papai falou**

(24) “*Minha filha, o que é que foi?*”



Semelhantemente à mesclagem proposta para o **TRECHO DIAGRAMADO 4**, **C** é o espaço mesclado e contém elementos selecionados de **N** e **E**. O narrador (originalmente de **N**) assume o *self* de um personagem em **E**: o PONTO DE VISTA é o PRESENTE desse *self*. De **N**, **C** seleciona as características BASE, PONTO DE VISTA e PRESENTE; de **E**, o personagem, o *self* representado. **C1**, como extensão de **C** é FOCO e EVENTO. O elemento *b* em **C1** está ligado aos dois espaços *input* por elos cognitivos; @ liga-se ao personagem 'papai' (em **E**), o *self* representado.

9.7 – **TRECHO DIAGRAMADO 6**

Tempos verbais focalizados:

DOMÍNIO DA EVENTOS NARRATIVOS

- *Preterito Perfeito* – 98,9%

DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO

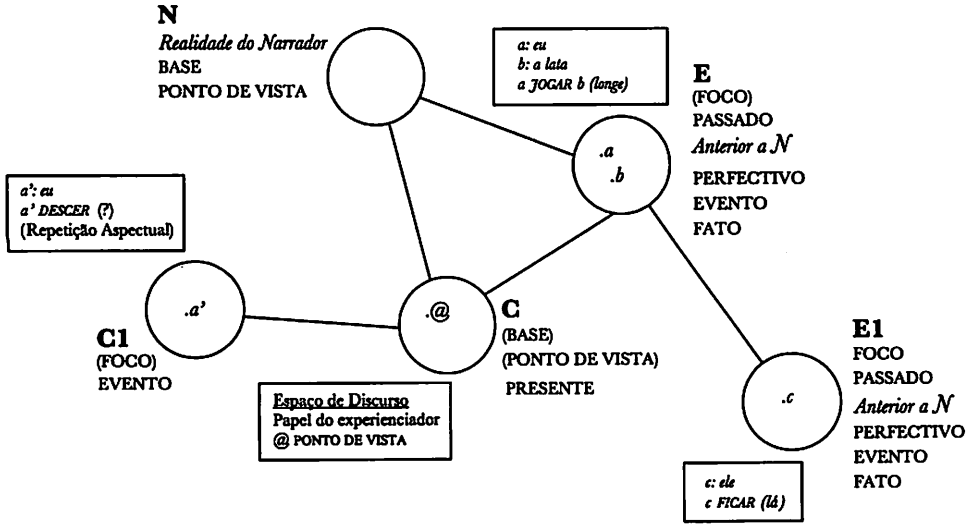
- *Infinitivo* – 12,0%

Narrativa 3

(52) **Ah mia filha, eu joguei a lata lá longe e ó... (GESTO) no pé.**

(53) “*E agora pr’eu descê? E agora pr’eu descê?*”

(54) **porque ele ficô lá, né?**



O espaço **C**, neste caso, é estabelecido no momento em que é introduzida a fala/pensamento do personagem 'eu' e não, como nos dois casos anteriores, quando o verbo de discurso aparece. São elementos que indicam a mudança de BASE: a entonação, a escolha lexical/gramatical - pronome, tempo verbal. **C1** (EVENTO, não marcado tempo-aspectualmente, por representar uma situação expressa por *Infinitivo*) ancora-se em **C**, para onde a BASE/PONTO DE VISTA foi mudada enquanto permaneceu a fala/pensamento. Os espaços **E** e **E1** do diagrama têm **N** por BASE. São espaços PASSADO, *Anterior a N*, PERFECTIVO, FOCO, EVENTO. **E1**, inclusive, representa um evento que segue, na cadeia do discurso, a mudança de BASE para **C**: estabelece um retorno à base **N**. O *frame* constituído pelo elemento *a* e *b* e a relação *a JOGAR b (longe)* estrutura **E**; *a'* e *a' DESCER (?)* estruturam **C1**. A unidade oracional 'E agora pr'eu descê? E agora pr'eu descê?',

representada por esse espaço, é interrogativa (?) e traz uma repetição de valor aspectual no nível do discurso, um componente de expressão de duração; **E1** é estruturado por *c* e a relação *c FICAR (lá)*.

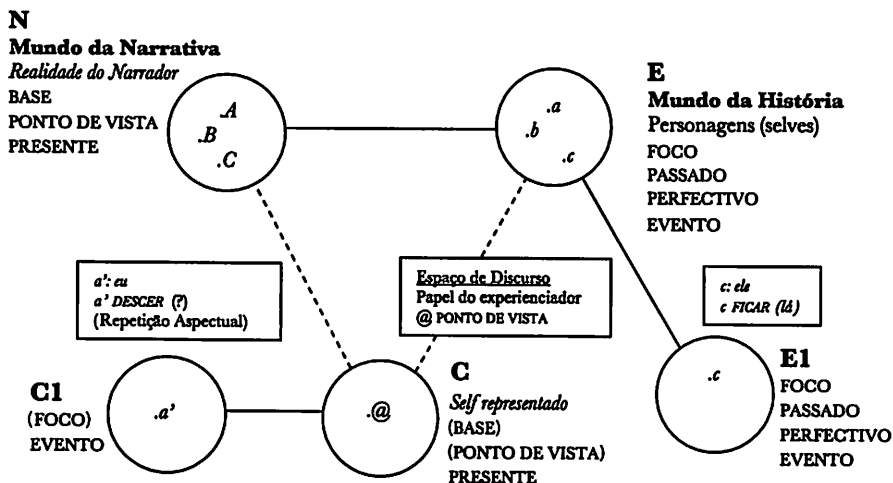
DIAGRAMA DE MESCLAGEM – A diagramação para os domínios do texto narrativo referente ao trecho selecionado inclui mesclagem:

Narrativa 3

(52) **Ah mia filha, eu joguei a lata lá longe e ó... (GESTO) no pé.**

(53) “E agora pr’eu descê? E agora pr’eu descê?”

(54) **porque ele ficô lá, né?**



Esta mesclagem vem confirmar que a situação da mudança de BASE não se altera com escolhas alternativas de tempos verbais para a representação de fala/pensamento de personagens. O fenômeno é o mesmo e as mesclagens só variam em relação aos *frames* que estruturam os espaços e às características tempo-aspectuais destes. O **TRECHO DIAGRAMADO 6** inclui um elemento que segue o discurso direto no texto (‘porque ele ficô lá, né?’). A diagramação desse elemento revela que, ao haver a transição para um evento narrativo após a fala do *self* representado, a BASE deixa de ser o espaço **C**, e esse evento terá como BASE, como os demais eventos narrativos, o espaço **SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO N**.

9.8 – TRECHO DIAGRAMADO 7

Tempos verbais focalizados:

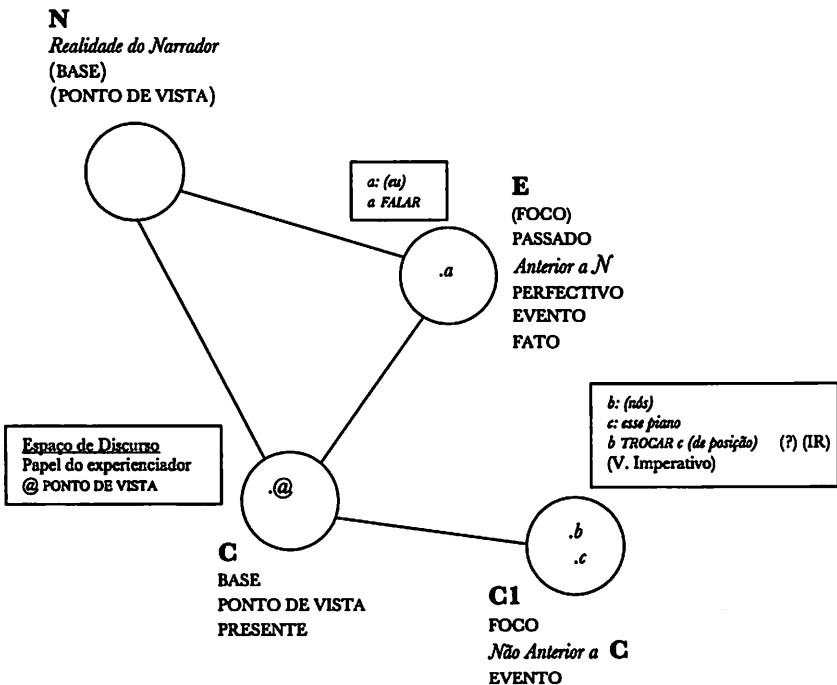
DOMÍNIO DA EVENTOS NARRATIVOS - *Preterito Perfeito* – 98,9%

DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO - formas ou valores de Imperativo – 11,2%

Narrativa 8

(51) **Falei**

(52) **“Mimi, vamos trocá essa essa- esse piano de posição!”**



Neste trecho, então, como nos anteriores que envolvem discurso direto, ocorre o estabelecimento de um Espaço de Discurso contendo um papel experienciador inerente (@), um PONTO DE VISTA de onde se ‘observam’ agora os eventos que constituem a fala desse experienciador. Essa situação resulta na transferência da BASE/PONTO DE VISTA para esse espaço, de onde passam a

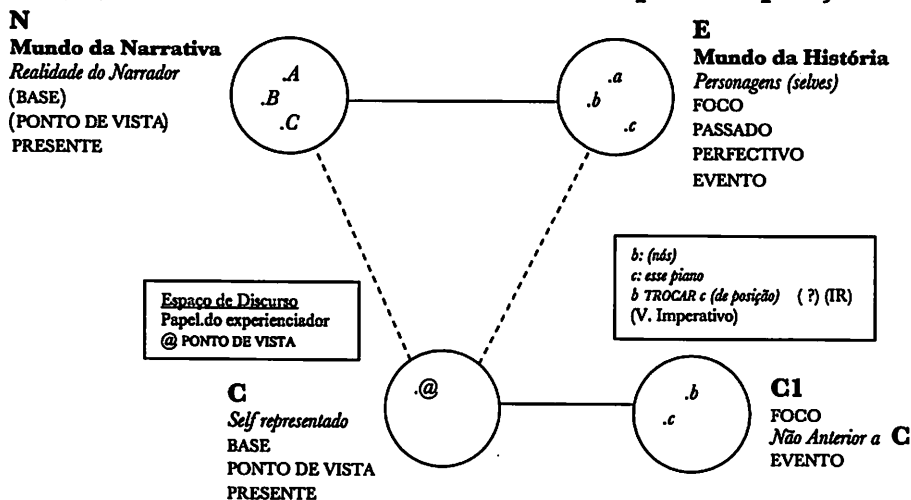
ser acessados tempo e aspecto. Este trecho apresenta um elemento do discurso direto expresso através de uma forma com valor *Imperativo*. Tal valor suscita o estabelecimento de um espaço (C1) *Não anterior à* BASE (C), FOCO e EVENTO, estruturado pelo *frame* constituído dos elementos *b* e *c* e da relação *b TROCAR c (de posição)*(?). O enunciado em C1 é interrogativo (?) e tem valor modal *Irrealis* (IR). O espaço PASSADO E, estruturado por *a* e *a FALAR*, ancora-se à BASE N e representa um enunciado que contém um verbo de discurso.

DIAGRAMA DE MESCLAGEM – Esta é a diagramação para os domínios do texto narrativo referente ao trecho selecionado:

Narrativa 8

(51) **Falei**

(52) **“Mimi, vamos trocá essa essa- esse piano de posição!”**



A mesclagem proposta aqui envolve, como nos casos descritos desde o **TRECHO DIAGRAMADO 4**, elementos selecionados dos espaços N e E, apresentando, neste caso, C1 (um espaço gerado a partir da introdução de um elemento com valor *Imperativo*) como extensão de C. Esta é apenas mais uma confirmação de que o tempo do elemento verbal utilizado para a expressão do conteúdo da fala de personagens não altera a configuração da mudança de BASE. A nova BASE é sempre estabelecida como um espaço PRESENTE, distinto da BASE N (também geralmente PRESENTE). Ou seja, é a partir do momento presente do personagem que interpretamos seu discurso, não do momento presente do narrador. O discurso direto, então, invariavelmente estará ancorado nesta BASE do personagem, não dependendo em absoluto da **SITUAÇÃO DE NARRAÇÃO** para interpretação de seus valores tempo-aspectuais.

9.9 – TRECHO DIAGRAMADO 8

Tempos verbais focalizados:

DOMÍNIO DA EVENTOS NARRATIVOS - *Preterito Perfeito* – 98,9%

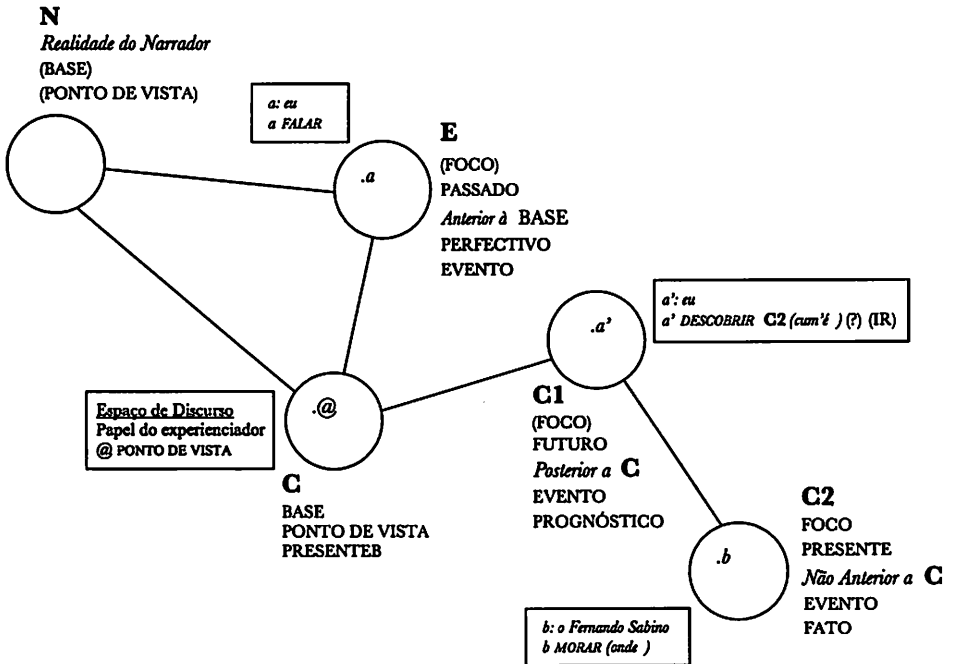
DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO - formas ou valores de *Futuro* – 9,6%

Narrativa 13

(128) Aí eu falei

(129) “Bom, mas cumé que eu vô descobri

(130) onde que o Fernando Sabino mora, né?”



Para a interpretação de ‘Aí eu falei’, constrói-se **E**, um espaço PASSADO (FOCO, *Anterior à BASE*, PERFECTIVO, EVENTO, ligado ao espaço BASE **N**, origem. Como nos outros **TRECHOS DIAGRAMADOS 4, 5, 6 E 7**, o verbo de discurso e/ou outros elementos prosódicos, lexicais/gramaticais levam à construção do Espaço

de **Discurso (C)**, que possui um papel PONTO DE VISTA inerente associado ao experienciador, o *self* representado. Neste caso, o personagem *eu* é identificado com o narrador. Ocorre mudança da BASE de **N** para **C**.

O conteúdo das estruturas que representam tal fala do personagem em questão estrutura tanto o espaço **C1**, quanto **C2**. O PRESENTE é acessado tanto em **C1**, quanto em **C2**, de **C**, o NOVO PONTO DE VISTA/BASE, que funciona como o centro dêitico. Seguindo o processo característico desta situação, **N** fica bloqueada para acesso de tempo e aspecto. FOCO transfere-se, primeiramente para **C1**, e posteriormente para **C2**. **C1** representa um enunciado interrogativo (?) de valor modal *Irrealis*. Marcado como FUTURO, **C1** é PROGNÓSTICO. É estruturado pelo *frame* constituído do elemento *a'* e da relação *a'* **DESCOBRIR C2** (*cum'ê*) (?) e se liga-se a **C2**, estruturado pelo *frame* constituído do elemento *b* e da relação *b* **MORAR** (*onde*).

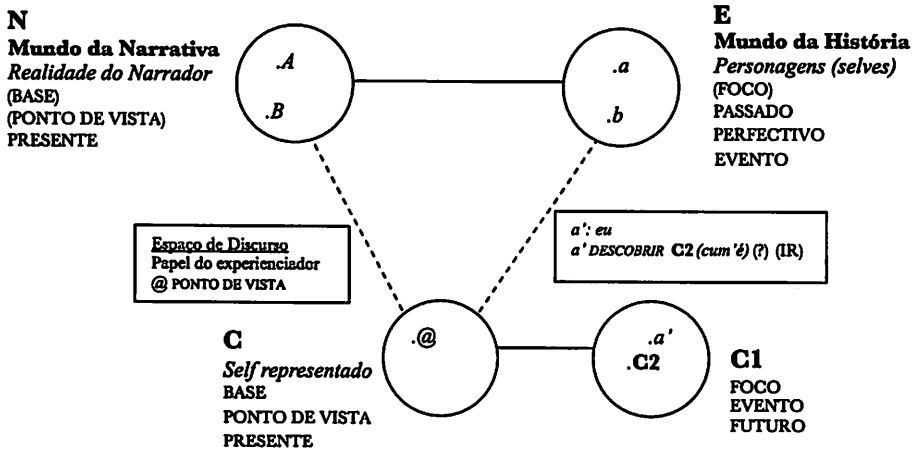
DIAGRAMA DE MESCLAGEM – Eis a diagramação para este trecho na perspectiva de domínios do texto narrativo:

Narrativa 13

(128) **Aí eu falei**

(129) “*Bom, mas cumé que eu vô descobri*

(130) *onde que o Fernando Sabino mora, né?”*



Do **Mundo da Narrativa (N)**, o espaço mesclado (**C**) utiliza as características BASE, PONTO DE VISTA e PRESENTE. **@** representa o papel

experienciador, ligado cognitivamente ao personagem 'eu', em **E**, e também ao narrador, em **N**. **C1** e **C2**, como extensões de **C**, são espaços **EVENTO**. **C2**, como acontece no **TRECHO DIAGRAMADO 4**, compõe o espaço **C1**, por existir uma relação local de subordinação entre os conteúdos das estruturas representadas por esses espaços. Os elementos que compõem os *frames* estruturadores de **C1** e **C2** estão ligados aos dois espaços *input* por elos cognitivos tanto do **Mundo da História** (*a e b*), quanto **Mundo da Narrativa** (*A e B*).

9.10 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os **TRECHOS DIAGRAMADOS 1, 2 E 3** contêm, essencialmente, estruturas que compõem o **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS** e o **DOMÍNIO SUPORTE**. O tipo de diagramação proposto através deste trabalho foi condizente com a diagramação obtida através da representação do seqüenciamento discursivo. Foi realizada de acordo com a mesma abordagem teórica, baseada, portanto, nos princípios discursivos reguladores da distribuição das noções de **BASE**, **PONTO DE VISTA**, **FOCO**, **EVENTO** e das categorias tempo-aspectuais, de Cutrer (1994). Tal congruência aponta para o fato dessa proposta de representação das partes do texto narrativo oral ser adequada. Essa representação revela, de forma mais clara, como o princípio cognitivo geral da percepção em termos de elementos de figura e de fundo acontece relativo à nossa percepção temporal.

Os **TRECHOS DIAGRAMADOS 4, 5, 6, 7 E 8** contêm, essencialmente, estruturas que compõem a **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**. A proposta de diagramação de situações envolvendo representação de falas de personagens (pertencentes a esse domínio), através de mesclagens, evidencia o mecanismo de mudança de **BASE** que ocorre nessas situações. Isso se dá porque o diagrama põe em destaque a existência dos dois espaços *input* (**Narração** e **História**), dois mundos no universo do texto, de onde são selecionados elementos para a composição da mescla, a situação resultante. Fica evidenciado, ainda, que o fenômeno de mudança de **BASE** é, em princípio, o mesmo, para qualquer tempo verbal que constitua o discurso direto.

A análise das estruturas em discurso direto confirma que a interpretação do valor dos tempos verbais no contexto da narrativa não pode estar presa à perspectiva do falante. A categoria tempo verbal, como mostrado por este modelo, diz respeito à relação entre **PONTO DE VISTA/BASE** e **FOCO**. O **PRESENTE** é apenas mais comumente, não necessariamente, o momento da fala: **PRESENTE** significa **FOCO** coincidir com **PONTO DE VISTA**, um **PONTO DE VISTA** mutável ao longo do narrar.

CONCLUSÃO

Este livro relata os resultados da pesquisa realizada para a elaboração da tese de doutorado intitulada *Domínios discursivos: uma visão cognitiva da estruturação de narrativas orais*, tese defendida na Universidade Federal de Minas Gerais, em 2005.

Para o trabalho de pesquisa, adotou-se o quadro teórico da Linguística Cognitiva, que tem por base a concepção da motivação semântica para as formas lingüísticas e a visão de símbolo distinta daquela que permite seu mapeamento, de forma objetiva, a situações/objetos/relações da realidade. A abordagem adotada escapa, assim, da postulação de representações fixas, da reificação do significado. O que se entende como integrantes das conceptualizações, nesta perspectiva, são estruturas da ordem de esquemas imagéticos, que envolvem vários aspectos de nossa experiência. A utilização da linguagem, por nós, portanto, não está desvinculada do restante de nosso sistema cognitivo.

O princípio apontado pela Psicologia Gestalt relativo à nossa percepção visual/espacial, segundo o qual forçosamente selecionamos aspectos do ambiente nos quais focamos nossa atenção mostrou-se atuante em relação a nossa vivência temporal e à expressão dela através de textos narrativos orais. A análise dos valores de Tempo, Aspecto e Modo das estruturas oracionais de um *corpus* composto de textos autênticos comprovou que a Figura Narrativa (o material que traz a linha central da história) é essencialmente marcada pelo tempo verbal *Preterito Perfeito*, de valor aspectual Perfectivo, e essa marcação distingue essa parte do texto das outras duas, o Fundo (a informação adicional que complementa a história) e o Discurso Direto (a representação da fala de personagens), marcados pelo aspecto Imperfectivo e uma variação maior de tempos verbais.

Com a finalidade de descrever, de forma mais apropriada, a realidade da distribuição da informação no texto narrativo oral, foram utilizadas as teorias dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceptual. Tal quadro teórico possibilitou um maior detalhamento na representação das características tempo-aspectuais das estruturas oracionais integrantes das partes que estruturam o texto. A Figura, o Fundo e o Discurso Direto foram vistos, nesta perspectiva, como domínios, macro espaços, com funções discursivas e marcações lingüísticas específicas. Foram denominados, respectivamente, o **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS**, o **DOMÍNIO SUPORTE** e o **DOMÍNIO DA ENCENAÇÃO**. Essa perspectiva de domínios provou refletir processos cognitivos subjacentes à utilização da linguagem.

Esta pesquisa ofereceu contribuição à Linguística Cognitiva nos seguintes sentidos:

A) Reforçou um de seus postulados primários, aquele, segundo o qual, para a utilização da linguagem, lançamos mão de recursos psicológicos e cognitivos mais gerais, que atuam em vários aspectos de nossa interação com o mundo. Esse postulado integra a visão de que não contamos com setores cognitivos tão especializados. Dessa forma, ao aliar, as noções de figura e fundo às teorias dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceptual, confirmou a filiação desse ramo dos estudos lingüísticos à Psicologia Gestalt.

B) Constou da análise de estruturas oracionais, sem perda do enfoque textual, discursivo, extra-sentencial. O modelo teórico adotado, por filiar-se à concepção *baseada no uso*, depende de estudos no nível da estruturação discursiva que utilizem dados autênticos de língua.

C) Apresentou uma metodologia específica, que se mostrou adequada à proposta da pesquisa. A abordagem utilizada ainda se ressentia da escassez de metodologias bem definidas.

D) Corroborou a postulação de emergência ligada à construção de significado uma vez que as diagramações realizadas (dentro do modelo que tem como principal ferramenta teórica os espaços mentais, acrescida das noções BASE, PONTO DE VISTA, FOCO, EVENTO) representaram o aspecto essencialmente fluido dos processos cognitivos ligados à produção e interpretação discursiva.

Esta pesquisa também ofereceu contribuição em relação aos estudos de narrativas, de uma forma geral, uma vez que realiza uma descrição da estruturação temporal do texto narrativo oral levando em conta a perspectiva cognitiva.

Uma pesquisa como a realizada para este trabalho pode ser vista como possibilitando desdobramentos:

A) Alguns princípios norteadores da Linguística Cognitiva, como, por exemplo, o da pressuposição de uma realidade dinâmica, que se reflete no postulado do caráter de emergência ligado à concepção de significado, tende a alinhá-la com o modelo conexionista, como dito pelo próprio Langacker (2000).^{x1}

x1 De acordo com Langacker, 2000, do ponto de vista do processamento, seu modelo adota o estilo conexionista (processamento distribuído paralelo - PDP), onde entrenchamento é identificável com ajustes nos pesos de conexão, com o efeito da emergência de um atrator. Esquemas são imanentes nas ocorrências e relacionam-se ao reforço de aspectos comuns, atingindo um status cognitivo capaz de influenciar processamentos futuros. Equaciona-se assim uma experiência com "um ponto no espaço estado" ou uma trajetória através dele. Categorização é interpretada como captura por um atrator e simbolização como um padrão de ativação.

Apesar de fugir totalmente ao escopo deste trabalho traçar paralelos entre as redes neurais do conexionismo e as configurações envolvendo espaços mentais da Linguística Cognitiva, é possível pensarmos na congruência das representações propostas nos dois modelos.

Um dos pilares do conexionismo, que é a visão do processamento distribuído, ao invés de serial, linear, encontra respaldo, por exemplo, na Teoria da Mesclagem Conceptual quando se pensa que a separação da informação pelos espaços não inclui a idéia de seqüência. Esta abordagem da Linguística Cognitiva indica que, nos movimentos de produção ou interpretação de pensamento ou linguagem, os processos estão ocorrendo todos a um mesmo tempo. Os pesos diferenciados dos nódulos das redes conexionistas, pela recorrência de *inputs*, também se afinam com a idéia de entrincheiramento em Linguística Cognitiva.

Assim, um desdobramento possível para pesquisas que envolvam configurações de espaços mentais, como esta, seria tentar mostrar, através da análise de dados linguísticos essa compatibilidade teórica.

B) É também uma trajetória viável, decorrente desta pesquisa, relacionar a perspectiva cognitiva da estruturação textual à aprendizagem de leitura, através de um trabalho voltado para o desenvolvimento, em aprendizes, de um tipo de sensibilidade para tipos ou gêneros textuais.

C) Partindo do entendimento de que a linguagem humana não está desvinculada de outras habilidades e recursos utilizados pelo indivíduo em sua aproximação do mundo, a Linguística Cognitiva oferece instrumentos para a investigação de determinados processos cognitivos subjacentes à utilização da linguagem. Neste sentido, um trabalho como este pode apontar na direção de uma interface entre a Linguística Cognitiva e Psicologia.

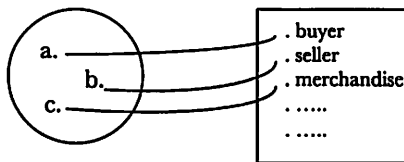
A investigação da atribuição de figuração, por indivíduos, em narrativas ou outras produções discursivas, pode revelar padrões culturais relativos à percepção, em termos de saliência e foco, em contextos interacionais específicos, bem como revelar divergências em relação a esses mesmos padrões. São exemplos de indivíduos que poderiam ter suas narrativas investigadas sob essa perspectiva, crianças apresentando déficit de atenção e hiperatividade.

Em suma, a pesquisa concluída cumpriu os objetivos a que se propôs, representou contribuição para o modelo teórico adotado, além de ter possibilitado a visualização de possíveis desdobramentos.

Este livro, que apresentou todo o processo da pesquisa e seus resultados, tem um alcance relativamente maior, comparado ao da tese original. Através dele, houve a possibilidade, primeiro, de se atingir um segmento significativamente mais amplo do meio acadêmico brasileiro, especificamente ligado à Linguística Cognitiva, contribuindo para uma melhor compreensão dos conceitos e construtos desse quadro teórico, que se firma progressivamente no cenário nacional e, segundo, de se apresentar, para aqueles pesquisadores e estudantes talvez não tão familiarizados com a abordagem teórica em questão, outra perspectiva aos estudos de narrativas.

CITAÇÕES NO ORIGINAL

- #01)** “A theory of linguistic structure that aims for explanatory adequacy incorporates an account of linguistic universals, and it attributes tacit knowledge of these universals to the child. It proposes, then, that the child approaches the data with the presumption that they are drawn from a language of a certain antecedently well-defined type, his problem being to determine which of the (humanly) possible languages is that of the community in which he is placed.” (Chomsky:1965:25)
- #02)** “My own dissatisfaction with the dominant trends in current theory is profound. It reaches to the deepest stratum of organizing principles: notions about what language is like and what linguistic theory should be concerned with. ... Rightly or wrongly, I concluded some time ago that the conceptual foundations of linguistic theory were built on quicksand, and that the only remedy was to start over on firmer ground.” (Langacker, 1987: v)
- #03)** “(...) besides elements that are indisputably semantic, an expression’s meaning includes as much additional structure as is needed to render the conceptualization coherent and reflect what speakers would naively regard as being meant and said, while excluding factors that are indisputably pragmatic and not necessary to make sense of what is linguistically encoded.” (Langacker, 2004-cap.2:14)
- #04)** “There are wholes, the behaviour of which is not determined by that of their individual elements, but here the part-processes are themselves determined by the intrinsic nature of the whole. It is the hope of Gestalt to determine the nature of such wholes.” (Wertheimer, 1924). <http://enabling.org/ia/gestalt/wert1.html>
- #05)** “By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available. I intend the word ‘frame’ as used here to be a general cover term for the set of concepts variously known, in the literature on natural language understanding, as ‘schema’, ‘script’, ‘scenario’, ‘ideational scaffolding’, ‘cognitive model’, or ‘folk theory’.” (Fillmore, 1982:111)
- #06)**



MENTAL SPACE

- #07)** “- information regarding what new spaces are being set up, typically expressed by means of *space builders*;
 - clues as to what space is currently in focus, what its connection to the base is, and how *accessible* it is; this information is typically expressed by means of grammatical tenses and moods;
 - descriptions that introduce new elements (and possibly their counterparts) into spaces;
 - descriptions or anaphors or names that identify existing elements (and possibly their counterparts);
 - syntactic information that typically sets up generic-level schemas and frames;
 - lexical information that connects the mental space elements to frames and cognitive models from background knowledge; this information structures the spaces internally by taking advantage of available prestructured background schemas. Such prestructured schemas can, however, be altered or elaborated within the constructions under way;
 - presuppositional markings that allow some of the structure to be instantly propagated through the space configuration;
 - pragmatic and rhetoric information, conveyed by words like *even*, *but*, *already*, which typically signal implicit scales for reasoning and argumentation”.
 (Fauconnier, 1994:xxiii)

- #08)** “At the level of scientific inquiry, “mental spaces” and related notions examined in our work are clearly theoretical constructs devised to model high-level cognitive organization. In that sense, their status is that of usual scientific notions, whether in the physical, social, or cognitive sciences: Magnetic fields, social habitus (Bourdieu, 1979), syntactic structures, and mental models all have a connection to the “real world” that is necessarily mediated by the theories of which they are part. Such theories come with (socially agreed upon and at the same time, hotly disputed) procedures for linking the notions with other aspects of our interaction with the world – the physicist’s experiments, the astronomer’s recordings, the linguist’s grammaticality judgments, the sociologist’s surveys, the economist’s accountings.

How real a notion is felt to be depends on many factors, such as the degree of our commitment to the theory, its usefulness for apprehending the world, whether it gains wide acceptance, and so on. In that sense, folk theories, religions, paranoia, and science, all produce strong feelings of reality. We need not debate the “reality” (in that sense) of mental spaces (or syntactic structures, or black holes, or charms and quarks).” (Fauconnier, 1994: xxxi-xxxii)

- #09)** “We take it as an established and fundamental finding of cognitive science that structure mapping and metaphorical projection play a central role in the construction of reasoning and meaning. In fact, the data we analyze shows that such projections are even more pervasive than previously envisioned. Given the existence and key role of such mappings, our focus is on the construction of additional spaces with emergent structure, not directly available from the input domains.” (Fauconnier & Turner, 1998:135)
- #10)** “I claim that reason is a self-developing capacity. Kant disagrees with me on this point. He says it’s innate, but I answer that that’s begging the question, to which he counters, in *Critique of Pure Reason*, that only innate ideas have power. But I say to that, what about neuronal group selection? And he gives no answer.” (Fauconnier and Turner, 1998:145)
- #11)** “**Integration** – the blend must constitute a tightly integrated scene that can be manipulated as a unit. More generally, every space in the blend structure should have integration.
Topology – For any input space and any element of that space projected into the blend, it is optimal for the relations of the element in the blend to match the relations of its counterpart.
Web – manipulating the blend as a unit must maintain the web of appropriate connections to the input spaces easily and without additional surveillance or computation.
Unpacking – The blend alone must enable the understander to unpack the blend to reconstruct the inputs, the cross-space mapping, the generic space, and the network of connections between all these spaces.
Good Reason – All things being equal, if an element appears in the blend, there will be pressure to find significance for this element. Significance will include relevant links to other spaces and relevant functions in running the blend.” (Fauconnier & Turner, 1998:163)
- #12)** “(...) what to include: which words/categories to use? To whom, for whom, for what, and at what juncture is the story told? What alternatives are being countered or aligned with? What current interactional business is being managed?” (Edwards, 1997:277)
- #13)** “(...) a mode of thought and action describable in terms that can be related to cognitive plans and representations.” (Edwards, 1997:269)
- #14)** “This is then one thing, and perhaps the most important thing that narratives can give us evidence for: the fact that the mind does not record the world, but rather creates it according to its own mix of cultural and individual expectations.” (Chafe, 1990:81)

#15) “When talking about their lives, people lie sometimes, forget a lot, exaggerate, become confused, and get things wrong. Yet they are revealing truths. These truths don’t reveal the past “as it actually was”, aspiring to a standard of objectivity. They give us instead the truths of our experiences. They aren’t the result of empirical research or the logic of mathematical deductions. Unlike the reassuring Truth of the scientific ideal, the truths of personal narratives are neither open to proof nor self-evident. We come to understand them only through interpretation, paying careful attention to the contexts that shape their creation and to the world views that inform them. Sometimes the truths we see in personal narratives jar us from our complacent security as interpreters ‘outside’ the story and make us aware that our own place in the world plays a part in our interpretation and shape the meanings we derive from them.” (Personal Narratives Group, 1989:261).

#16) “There was once a wealthy farmer who owned many herds of cattle. He knew the languages of beasts and birds. In one of his stalls he kept an ox and a donkey. At the end of each day, the ox came to the place where the donkey was tied and found it well swept and watered; the manger filled with sifted straw and well-winnowed barley; and the donkey lying at his ease, for the master seldom rode him.

It chanced that one day the farmer heard the ox say to the donkey: ‘How fortunate you are! I am worn out with toil, while you rest here in comfort. You eat well-sifted barley and lack nothing. It is only occasionally that your master rides you. As for me, my life is perpetual drudgery at the plough and the millstone.’

The donkey answered: ‘When you go out into the field and the yoke is placed upon your neck, pretend to be ill and drop down on your belly. Do not rise even if they beat you; or if you do rise, lie down again. When they take you back and place the fodder before you, do not eat it. Abstain for one day or two; and then shall you find rest from toil.’

Remember that the farmer was there and heard what passed between them.

And so when the ploughman came to the ox with his fodder, he ate scarcely any of it. And when the ploughman came the following morning to take him out into the field, the ox appeared to be far from well. Then the farmer said to the ploughman: ‘Take the donkey and use him at the plough all day’.” (Turner, 1996:1)

#17) “(...) patterns that recur in our sensory and motor experience (...)”
 “(...) Motion along a path, bounded interior, balance and symmetry (...)” (Turner, 1996:16)

#18) “(...) the blended space can powerfully activate both input spaces and keep them easily active while we do cognitive work over them to construct meaning” (Turner, 1996:60).

- #19) “Definition of Narrative** – We define narrative as one method of recapitulating past experience by matching a verbal sequence of clauses to the sequence of events which (it is inferred) actually occurred.” (Labov, 1972:359/350)
- #20)** “Methods must extend to contextual aspects of language use and to non-linguistic cognition. This means studying full discourse, language in context, inferences actually drawn by participants in an exchange, applicable frames, implicit assumptions and construal, to name just a few.” (Fauconnier, 2003:2)
- #21)** “A qualitative study is not an impressionistic, off-the-cuff analysis based on a superficial look at a setting or people. It is a piece of systematic research conducted with demanding, though not necessarily standardized, procedures.” (Taylor & Bogdan, 1984)
- #22)** “A scientifically respectable semantics is presumed to be objectivist in nature, subject to discrete formalization, and capable of strict predictability. (...) Ideally, and increasingly in practice, cognitive semantic descriptions are based on careful analysis, supported by empirical evidence, and formulated in terms of well-justified descriptive constructs.” (Langacker, 2004-cap.3:31)
- #23)** “The term *aspect* corresponds to the Russian word *vid* ‘view’ introduced into Slavic grammar in the early nineteenth century (Gonda 1962:9). In the history of aspect scholarship, the term has been used in diverse ways, and no single definition of the concept has come to be accepted. In the most general sense, aspect is a ‘way of conceiving the passage of time’ (Holt’s definition; see Friedrich 1974:2). On the one hand, Germanic scholars generally follow Karl Brugmann’s simple definition: ‘the manner and way in which the action of the verb proceeds’ (see Gonda 1962:12-13). Similar definitions may be found in Slavic grammars, e.g. ‘aspect expresses the way in which a process takes place in time or is placed in time’ (definition of Peskovskij; see Gonda 1962:10). Roman Jakobson (1971:130-47), writing on aspect in Homeric Greek, suggests that aspect ‘signifies the relative duration or punctuality along a time line’. One writer, claiming to put the matter simply, says that aspect ‘is the name for the function of discriminating the kinds of temporal “things” which may be (linguistically) “located” in the sequential order of time’ (Taylor, 1977:164-5).

On the other hand, a different kind of definition is also quite common. Etsko Kruisinga (1931:221) suggests that aspect ‘expresses whether the speaker looks upon an action in its entirety, or with special reference to some part (chiefly the beginning or end)’. Such definitions may also be found in Slavic grammars, e.g. ‘aspect expresses the moments or stages of the process’ (Rasmussen’s definition; see Gonda 1962:11). In a monograph on aspect, Bernard Comrie (1976:3) says that ‘aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a

situation'. More recently, Marion Johnson (1981:152) defines aspect as 'reference to one of the temporally distinct phases in the evolution of an event through time.' (Brinton, 1988:2)

- #24)** "... For example, many verbs are ambivalent, their characterization as perfective or imperfective being determined by the nature of their nominal complements (*I admire her courage* vs. *I'm admiring her dress*); by the perspective taken on a scene (*This road winds through the mountains* vs. *This road is winding through the mountains*); or by other factors." (Langacker, 1991-a:208)
- #25)** "English, like many other European languages, has a tense-aspect system of verb forms, or more precisely, a system of verbal constellations and associated situations which can express various aspectual classes. These verbal structures can never be regarded in isolation, however, but must be seen in the context of the interplay between their aspectual and semantic values and the other linguistic and non-linguistic elements which constitute the utterance in its entirety. It is the interplay which gives the utterance its ultimate meaning." (Wynne, 1999:249)
- #26)** "***Principles of Discourse Organization:***
 I – General Principles:
 1) At any given moment in the discourse interpretation process, there may be only one FOCUS space. The output of a single clause may have only one FOCUS space.
 2) There may be only one BASE in each hierarchical configuration of spaces, although more than one configuration and thus more than one BASE may be accessed for a single utterance.
 3) The BASE is the initial V-POINT.
 II – Operational Principles:
 4) If FOCUS is BASE, V-POINT is also BASE.
 5) A new space is built from BASE or FOCUS.
 6) BASE may shift to any V-POINT, or to any previous BASE.
 7) FOCUS can shift to an EVENT space, to a BASE space, to a previous FOCUS space, or to a new space.
 8) V-POINT can shift to FOCUS or to BASE.
 9) EVENT can be FOCUS or it can shift to FOCUS or to a new space which is daughter of V-POINT." (Cutrer, 1994:77)
- #27)** "(...) are not representations of semantic form, nor are they intended as language specific grammatical categories" (Cutrer, 1994:94)

- #28)** “**PAST** identifies or cues construction of some **PAST** space **N**. It indicates that:
 N is in **FOCUS**
 N's parent is **v-POINT**
 N's time is prior to **v-POINT** (parent)
 events or properties represented in **N** are **FACT** from **v-POINT** (parent).
PRESENT identifies or cues construction of some **PRESENT** space **N**. It indicates that:
 N is in **FOCUS**
 N or **N**'s parent is **v-POINT**
 the time frame represented in **N** is *not* prior to **v-POINT**/**BASE**
 events or properties represented in **N** are **FACT**.
FUTURE identifies or cues construction of some **FUTURE** space **N**. It indicates that:
 N is in **FOCUS**
 N's parent is **v-POINT**
 the time frame represented in **N** is posterior to **v-POINT**
 events or properties represented in **N** are **PREDICTION** from **v-POINT**.
PERFECT identifies or cues construction of an event space **N**. It indicates that:
 N is not in **FOCUS**
 N's parent is **v-POINT**
 N's time is prior to that of **v-POINT**
 (**N**'s time is prior to **v-POINT**, but not necessarily prior to the whole temporal frame of the parent **v-POINT** space.)
PROGRESSIVE identifies or cues construction of an **EVENT** space **N**. It indicates that:
 N is not in **FOCUS**
 N's parent is **v-POINT**
 the time period represented in **N** includes **v-POINT**. **v-POINT** is during **N**.
The **IMPERFECTIVE** identifies a **FOCUS** space **N** and indicates that:
 N is **v-POINT**
The **PERFECTIVE** identifies a **FOCUS** space **N** and indicates that:
 N is not **v-POINT**” (Cutrer, 1994:88/93)
- #29)** “In spoken language, a **BASE** shift is primed by the speech verb and indicated by the shift of tense, pronominals, and other deictics, aided by stress, intonation, and prosody.” (Cutrer, 1994:450)
- #30)** “The Present tense and the orthographic marking of quoted speech explicitly indicate a shift in **BASE** to space **M1**, to the **v-POINT** of the represented **SELF** (...) The quotation sets up a local domain of reference and a strong boundary between the quote domain and the external domain. This boundary makes the external fictional **BASE** inaccessible as an access point for tense; tense within the quotation can only be accessed from the more local base. The **BASE** shift is also supported by contextual, pragmatic information (...).” (Cutrer, 1994: 408)

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. M. T. *Domínios discursivos: uma visão cognitiva da estruturação de narrativas orais*. Tese (Doutorado em Linguística). Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- _____. *Tempo, modo e aspecto verbal na estruturação do discurso narrativo*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belo Horizonte: UFMG, 1992.
- AZEVEDO, R. (3ª ed. 2002). *Menino sentindo mil coisas*. Ed. Ática, 1995.
- BARLOW, M. Usage, Blends, and Grammar. In: *Usage-based models of language*. M. BARLOW & S. KEMMER (Eds.). Stanford, California: CSLI Publications, 2000. p. 315-345.
- BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- BRINTON, L. J. *The development of English aspectual systems*. In: *Cambridge Studies in Linguistics*, 49. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BRUNER, J. *Making stories*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2002.
- BYBEE, J. L. *Morphology*. Amsterdam: John Benjamins P. Co., 1985.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1985. cap.VI-VII, p. 125-174.
- CASTILHO, A. T. DE. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.
- CHAFE, W. Some things that narratives tell us about the mind. In: B. K. BRINTON and A. D. PELLEGRINI (Eds). *Narrative Thought and Narrative Language*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1990. p.79-98.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts: The M.I.T. Press. 1965.
- COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COSERIU, E. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. cap. 7-11, p. 59-111.
- COSTA, S. B. B. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1990.

COULSON, S. & FAUCONNIER, G. Fake guns and stone lions: Conceptual blending and privative adjectives, 1999. Disponível em <http://cogsci.ucsd.edu/~coulson/Fake/fakeguns.htm> . Acessado em 20/10/2003.

COULSON, S. & OAKLEY, T. Blending basics. In: *Cognitive Linguistics*. 11 (3/4), 2000. p. 1-14.

CROFT, W. & CRUISE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. cap. 4, p.74-106

CUTRER, M. *Time and tense in narrative and in everyday language*. Tese (Doutorado em Ciência Cognitiva e Linguística). San Diego: UCSD, 1994.

DAVIS, K. A. Qualitative theory and methods in applied linguistics research. In: *TESOL Quarterly*. 1995. v. 29, p. 428-444

DINSMORE, J. Mental Representation. In: *Partitioned representations: A study in mental representations, language understanding, and linguistic structure*. Dordrecht, Boston: Kluwer Academic Publishers, 1991. p. 03-44.

EDWARDS, D. Narrative: stories and rememberings. In: *Discourse and cognition*. London: Sage Publications. 1997.

ELMAN, J.; BATES, E. A.; JOHNSON, M. H., KARMILOFF-SMITH, PARISI, D.; PLUNKETT, K. *Rethinking innateness: A connectionist perspective on development*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1999.

ERICSON, F. Qualitative methods. In: *Research in teaching and learning*. New York, London: Macmillan Publishing Company, 1990.

FAUCONNIER, G.. *Mental spaces: Aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. Introduction to methods and generalizations. (To appear – Methods and generalizations). In: T. JANSEEN and G. REDEKER (Eds.) *Scope and Foundations of Cognitive Linguistics*. Cognitive Linguistics Research Series. The Hague: Mouton de Gruyter, 2003. Disponível em http://cogweb.ucla.edu/Abstracts/Fauconnier_99.html . Acessado em 27/04/2004.

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. Blending as a central process of grammar. In: *Conceptual structure, discourse and language*. A. GOLDBERG (Ed.). Stanford: CSLI. Distributed by Cambridge University Press, 1996. p. 113-129.

- _____. Conceptual integration networks. In: *Cognitive science*. Cognitive Science Society, 1998. Vol. 22, 133-187.
- _____. *The way we think*. New York: Basic Books, a member of the Perseus Books Group, 2002.
- FILLMORE, C. J. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.
- FODOR, J. A. *The modularity of mind: an essay on faculty psychology*. Cambridge: MIT Press, 1983.
- FOLEY, W. A. *Anthropological linguistics: an introduction*. Malden, Mass.: Blackwell Publishers, 1997.
- GARDNER, H. *Uma nova ciência da mente: Uma história da revolução cognitiva*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- GIVÓN, T. Tense-aspect-modality: The creole prototype and beyond. In: P. J. HOPPER (Ed.). *Tense-aspect: Between semantics and pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 65-87.
- _____. Tense-aspect-modality. In: *Syntax: A functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984. p. 269-320.
- _____. Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax. In: *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985. p. 187-219.
- HOPPER, P. J. Aspect and foregrounding in discourse. In: *Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1979. vol. 12, p. 213-241.
- JOHNSON, M. *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987. ix-40.
- KALMÁR, I. The function of iniktut verb modes in narrative texts. In: P. J. HOPPER (Ed.). *Tense-aspect: Between semantics and pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 45-64.
- KEMMER, S. & BARLOW, M. Introduction: a usage-based conception of language. In: *Used-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. vii-xxvii.
- KOFFKA, K. *Principles of Gestalt Psychology*. London: Lund Humphries, 1935.
- _____. *Princípios da psicologia gestalt*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975. p. 187-221.

- LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pa. Press, 1972. cap. 9, p. 354-396.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- _____. The contemporary theory of metaphor. In: A. ORTHONY (Ed.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press. 1991.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. I: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- _____. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. II: Descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991-a.
- _____. *Concept, image and symbol: The cognitive basis of grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991-b.
- _____. A dynamic usage-based model. In: M. BARLOW & S. KEMMER (Eds.) *Usage-based models of language*. California: CSLI Publications, 2000. p. 01-63.
- _____. Viewing and experiential reporting in cognitive grammar. In: A. S. DA SILVA (Org.). *Linguagem e cognição: a perspectiva da Linguística Cognitiva*. Braga: Editora Associação Portuguesa de Linguística. Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia de Braga, 2001. p. 19-49.
- _____. Deixis and subjectivity. In: F. BISARD (Ed.), *Grounding: The epistemic footing of deixis and reference*. Berlin: Mouton de Gruyter. Cognitive Linguistics Research 21, 2002. p. 1-28.
- _____. *A course in cognitive grammar*. (Partial preliminary draft). Disponibilizado para o curso: Introduction to the theory of cognitive grammar - Cognitive Linguistics, realizado em High Whyombe, UK, entre 12 e 23 de julho de 2004. Maio de 2004.
- LARSEN-FREEMAN, D. & LONG, M. H. *An introduction to second language acquisition research*. New York: Longman, 1991. cap. 2, p. 12-51.
- LI, C. N., THOMPSON, S. A. & THOMPSON, R. M. The discourse motivation for the perfect aspect: the mandarin particle *le*. In: P. J. HOPPER (Ed.). *Tense-aspect: Between semantics and pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 19-44.

- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MATURANA, H. *Ontologia da realidade*. C. MAGRO, M. GRACIANO e N. VAZ (Orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- MATURANA, H & VARELA, F. *The tree of knowledge: the biological roots of human understanding*. Boston: New Science Library, 1987.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- OLSON, D. R. Thinking about narrative. In: B. K. BRINTON and A. D. PELLEGRINI (Eds.). *Narrative thought and narrative language*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1990. p. 99-111.
- OYAMA, S. The idea of innateness: Effects on language and communication research. In: *Developmental Psychobiology* 23. John Wiley & Sons, 1990. p. 271-277.
- _____. Ontogeny and the central dogma: Do we need the concept of genetic programming in order to have an evolutionary perspective? In *Evolution's eye: a systems view of the biology-culture divide*. Durham: Duke University Press, 2000. p. 44-76.
- PALMER, G. B. *Toward a theory of cultural linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1996.
- Personal Narratives Group. Truths. In: *Interpreting women's lives: Feminist theory and personal narratives*. Personal Narrative Groups (Ed.) Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1989. p 261-264.
- PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Editora Vozes LTDA. 1973. cap.IV, p. 67-95.
- PRINCE, G. Narratology. In: *The Johns Hopkins guide to literary theory & criticism*. M. GRODEN and M. KREITHWIRTH (Eds.). The Johns Hopkins University Press, 1997. Disponível em http://www.press.jhu.edu/books/hopkins_guide_to_literary_theory/narratology.html . Acessado em 02/05/2005.
- REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTHONY (Ed.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 164-201.
- REINHART, T. Principles of gestalt perception in the temporal organization of narrative texts. In: *Linguistics*, 1984. vol. 22, p. 779-809.
- ROSCH, E. Human categorization. In.: *Studies in cross-cultural psychology* 7. N. Warren (Ed.). New York: Academic Press, 1977.

SINHA, C. Grounding, mapping and acts of meaning. T. JANSSEN and G. REDEKER (Eds.) In: *Cognitive linguistics: Foundations, scope and methodology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999a. p. 223-255.

_____. Situated selves: learning to be a learner. In: J. BLISS, R. SALJO and P. LIGHT (Eds.), *Learning sites: Social and technological resources for learning*. Oxford: Pergamon, 1999b. p. 32-48.

_____. Cognitive linguistics, psychology and cognitive science. In: D. GEERAERTS and H. CUYCKENS (Eds.), *Handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2001a.

_____. Palestra proferida no X Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. Julho de 2001. Belo Horizonte, Faculdade de Letras, UFMG, 2001b.

SOARES, M. A. B.P. *A Semântica do aspecto verbal em russo e em português*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro, UFRJ, 1984.

SCHULTZ, D. P. & SCHULTZ, S. E. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Pioneira - Thomsom Learning, 2005. cap. 12, p. 294-323.

SWEETSER, E. & FAUCONNIER, G. Cognitive links and domains. In: G. FAUCONNIER and E. SWEETSER (Eds.), *Spaces, worlds, and grammar: Basic aspects of mental spaces theory*. Chicago, Illinois: University of Chicago Press. 1996. p. 1-28.

TALMY, L. Figure and ground in complex sentences. In: *Working Papers on Language Universals*, 15, June 1975. Board of Trustees of the Leland Stanford Junior University, 1975.

TAYLOR, S.J. & BOGDAN, R. *Introduction to qualitative research methods: The search for meaning*. New York, Chichester, Brisbane, Toronto, Singapore: John Wiley & Sons, Inc, 1984.

TRAVAGLIA, L. C. *O Aspecto verbal no português: A categoria e sua expressão*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

TURNER, M. *The literary mind*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

TURNER, M. & FAUCONNIER, G. Conceptual integration and formal expression. In: *Metaphor and symbolic activity*. 10(3), 1998. p.183-204.

VARELA, F. J.; THOMPSON E. & ROSCH, E. *The embodied mind: Cognitive science and human experience*. Cambridge, Massachussetts: MIT Press, 1991.

WYNNE, T. (wynne@fht-esslingen.de). Capítulo 6: The functional-semantic analysis e Capítulo 7: A model of the present perfect. (Tese de Doutorado) – enviados por e-mail para (Valtinti@gcsnet.com.br), em 24/02/1999.

WERTHEIMER. Gestalt theory (uber Gestalttheorie [an address before the Kant Society, Berlin, 7th December, 1924], Erlangen, 1925, 1924. Disponível em <http://enabling.org/ia/gestalt/wert1.html> . Acessado em 12/05/2004.

IMAGENS

“Não deixe a natureza ir embora” – Revista *Recreio*, Ano 2, Nº 60, de 03/05/2201.

Apêndice 1 (*Estudo para capa de livro, 1987*): Humberto Guimarães.

Apêndice 1



Corpus

NARRATIVA 1 – GRINGO

Tô contano- eu tava contano pra você

- (01) que há uns anos atrás,
 (02) **eu passei umas férias em Belorizonte**
 (03) e tava muito branco. Branco, branquelo, né?
 (04) **Aí fui pro Rio.**
 (05) **Cheguei lá em pleno verão,**
 todo mundo queimado de praia, aquele negócio todo, aquele pique
 todo de praia e eu branquinho, né?
 (06) E eu nesse dia eu tava sozinho lá na praia, cabeça branca assim,
 (07) **aí chegô um... daqueles malandros lá de praia, aqueles caras lá,**
 (08) que eu manjo,
 (09) **falô assim**
 “Sir, I speak English.”

Vô falá palavrão, ein? /UHN/

Vai saí palavrão.

/NUM TEM IMPORTÂNCIA./ (RISO)

(10) Eu falei

(11) *“Olha, ô cara, cê tá me achano*

(12) *que eu sô gringo?*

negócio de speak English pro meu lado?”

/MAS PORQUE CÊ TAVA AQUI EM BELORIZONTE, UNS DIAS,
TAVA BRANCO?/

(13) Passei aqui umas férias. /AHN/

(14) *Estava branco, sem praia. /ANHAM/*

(15) Cheguei lá branquinho. /ANHAM/

(16) E fui pra praia,

(17) sentei ali na minha toalha, direitinho,

(18) *tava ali quieto, no meu canto, aqueles malandros lá de praia, aqueles caras que ficam cercan-*

/QUE FICAM SÓ SACANO O POVO, NÉ?/

(19) *É, sacam*

(20) *que é gringo, né?*

(21) e aí veio lá querer

(22) *vender coisas*

(23) *que sei lá têm milhões de mutretas, né?*

(24) Chegô pra mim

“Ó sir, I speak English.”

(25) Eu falei

(26) *“Olha, cê tá muito enganado comigo,*

(27) *num sô gringo não.*

(28) *Cê tá me achano com gringo,*

(29) *eu tô branquinho assim,*

(30) *mas eu num sô gringo não.*

(31) *Eu sô daqui*

(32) *e tenho muito mais idade que você*

(33) *e sei de todas essas malandragens daqui.*

(34) *Quê que cê tá quereno, ô rapaz?”*

(35) *“Ah, desculpe, tal, né, eu... tio.”*

(36) Aí me chamô de tio.

(37) Falei

(38) *“Olha, eu num sô seu tio coisa nenhuma, (RISO)*

(39) *num sô seu parente,*

(40) *num sô nada seu, viu? Mas tudo bem. Tudo bem.*

(41) *Agora cê tá perdendo seu tempo comigo, tá?*

(42) *Eu tô quase te mandano à merda, rapaz.”*

- (43) **Falei pra ele.**
 (44) **Falô**
 (45) *“O que é que há?”*
 (46) *Num vai brigá comigo não.”*
 (47) **E saiu aquele -quele jeitinho de malandro pilantra, né?**
 /UNHUM E ELE NUM FEZ MAIS NADA COM'CÊ, NÃO, FOI EMBORA?/
 (48) Não. **Saiu. Saiu. Saiu.**
 (49) **Agora quando cheguei lá no Rio,**
 (50) tava branquinho, né?
 (51) que tô aqui em Mi- Belorizonte, /UNHUM/ branquinho,
 (52) **Cheguei lá**
 todo mundo queimado de praia, todo mundo naquele
 (53) **Aí cheguei no meio de meus amigos lá, né?**
 Aí Arlete, uma grande amiga minha,
 (54) que Nilce até conhece,
 “Ó, Antônio!”
 (55) **Me abraçô,**
 (56) **me beijô,**
 (57) **falô**
 (58) *“Ó gente, tô beijando,*
 (59) *abraçando um gringo, mineiro, um gringo mineiro.”* (RISO)
 (60) **Falei**
 “Olha...”

NARRATIVA 2 – JACARÉ (A)

- (01) ...pra fazê casa, /UHN/ entendeu? /SEI/
 (02) fazê casa.
 (03) Então, quando eles tiram (??)
 (04) fica aquele buraco grande, né? /AHN/ muito grande.
 (05) Quando o rio enche
 (06) sai em represa pra tudo quanto é canto, cê sabe disso, né?
 (07) Depois ele esvazia,
 (08) vai esvaziando,
 (09) e aquelas é... onde enche
 (10) fica cheio,
 (11) porque num esvazia, né?
 (12) continua cheio.

- (13) **E uma dessa um jacaré sai assim zanzano, né?**
(14) andano assim na água,
(15) **ficô ali dentro do poço.**
(16) **E eu saí**
(17) pra pegá lenha pra minha mãe.
(18) E lá meu padraсто lá tinha dois cachorro grande.
(19) **Eu saí**
(20) **eles saíram atrás de mim.**
(21) **Quando- a eles viram né o já- os dois olho do jacaré**
assim, a cabeça dele pra fora, dentro do do poço, só a cabeça.
(22) **Aí eles foram em cima.**
(23) **E o jacaré fundô,**
(24) mas ele num tinha
(25) por onde fundá,
(26) pra onde í.
(27) Aí ele vinha outra vez,
(28) **e eu passei mão num pedaço de pau, sabe?**
(29) Quando ele vinha outra vez
(30) eu metia o pau nele.
(31) Aí ele ia pra saí,
(32) o cachorro ia em cima dele, ele em cima d'água
(33) e eu metia o pau.
(34) Ele vinha outra vez
(35) pra saí, né?
(36) o cachorro ia em cima
(37) e eu metia o pau.
(38) **Aí eu acabei matano o jacaré. /CÊ MATÔ, LILA?/**
(39) **Matei.** Jacaré grande, sam?
Quês bocão des'tamãe!
(40) **Aí peguei-** /GENTE, MAS O PAU DEVIA SÊ ASSIM GRO-/
Ele grande mesmo.
(41) Mas o cachorro também, os dois, né, era muito bons.
(42) **Aí eu peguei ele pelo rabo.**
(43) O jacaré é pesado, né?
(44) Ele é cabeçudo.
(45) **Aí eu peguei ele pelo rabo**
(46) **e saí arrastano ele até em casa.**
(47) **Cheguei em casa**
(48) pra minha mãe assá pros cachorro. /GENTE!/

NARRATIVA 3 – JACARÉ (B)

/MAS TEVE UM CASO TAMBÉM QUE OCÊ FALÓ
QUE CÊ TEVE QUE SUBÍ EM CIMA DA ÁRVORE./

Esse foi o jacaré também.

- (01) Aquelas uvinha miudinha, pequenininha, que tem assim,
(02) que só dá na beira do rio, tá entendeno? /UHN/
(03) Na época dela ela é miudinha, branquinha.
(04) **E eu olhei**
(05) **e fui panhá água.**
(06) Porque lá ninguém tem água em casa, né?
(07) tudo é panhado no rio.
(08) Quando na época da da chuva, que o rio enche
(09) então a gente pega água no corgo.
(10) Lá tem aqueles bonito, corrente, né?
(11) Tava vazio,
(12) **aí fui pegá a água pra minha mãe.**
(13) **E vi aquele pé.**
(14) Tava branquinho lá, branquinho, aqueles ca- cachinho.
(15) Ela é pequenininha, Adriana, miudinha,
(16) mas dá em cacho assim,
(17) é a coisa mais bonita.
(18) Lá, o povo lá é ig- ignorante,
(19) então costumava pegá.
(20) pra enfeitá a casa.
(21) **quando eu vi aquele pé, Adriana,**
(22) que tava branquinho...
(23) que lá eles costumam pegá o cacho da uva /M.: DA FRUTINHA/
(24) Não, cacho da fruta, né? tudo, leva pra dentro de de de-
(25) pra enfeitá.
(26) Dependurá assim na parede,
(27) porque é cacho, né? /SEI/
(28) Dependura assim
(29) pra enfeitá. /ELA SECA?/
(30) Não, ela é muito bonita /ENQUANTO ELA TÁ VIVA?/
(31) É, enquanto ela tá viva.
(32) Pra enfeitá.
(33) **Aí eu fui cega, mia filha, no no no pé.**
(34) **Quando eu vi,**
(35) **Eu vi só aquele negócio**
(36) que vinha assim sh sh sh sh sh sh sh,

- (37) **que eu olhei,**
(38) era o jacaré, que vinha atrás de mim...
(39) porque ele tinha botado...
(40) Porque o o o jacaré ele bota na areia.
(41) Diz que lá o pessoal fala assim
(42) *“Fulano fica de olho assim*
(43) *pareceno um jacaré.”*
(44) Porque ele fica vigiano, né? /UNHUM/
(45) Agora a areia que- o calor da areia que choca, né? /QUE CHOCA O OVO./
(46) que vira os filhote.
(47) E ele fica vigiano
(48) pra nada num mexê, tá entendeno?
(49) **E eu fui daquele lado, né?**
(50) **e ele pensô**
(51) que eu ia pra lá.
(52) **Ah mia filha, eu joguei a lata lá longe e ó... (GESTO) no pé.**
(53) *“E agora pr’eu descê? E agora pr’eu descê?”*
(54) **porque ele ficô lá, né?** /ELE FICÔ TE VIGIANO?/
(55) **ficô lá de baixo um tempão.**
(56) **Aí eu comecei quebrá galho de coisa**
(57) e jogá por cima dele, né?
(58) pra ele podê saí, né? /É A JACARÉ FÊMEA, NÉ, LILA, É A MÃE, NÉ?/
Com muito custo- ein?
(59) É aquela de- aquela
(60) que tem- que eles falam
(61) que é o jacaré de papa amarela, entendeu? /UHN/
(62) Porque tem um
(63) que é tudo escuro de uma vez
(64) e tem um
(65) que é papa amarela, né?
(66) É desse daí.
(67) **Com muito custo ele saiu.**
(68) Aí também num quis mais
(69) sabê de de de uva mais não.
(70) **Fui direto na água, né?**
(71) **Cheguei em casa**
(72) **Ainda tomei uma surra.** (RISO) /PORQUE CÊ ATRASÔ MUITO?/
(73) **Porque eu fiquei toda vida lá, né?**

NARRATIVA 4 – SURRA (A)

Foi duas vezes que eu tomei assim.

- (01) Uma vez- que lá nós lavávamos prato na beira do rio, né?
 (02) mas isso quando morávamos em Brota,
 (03) isso eu era mais crian- mais criança,
 (04) morava na beira do Rio Brota, né?
 (05) que a casinha dela era na beira do Rio e a cozinha era- Bem, qualquer-
 (06) Aí qualquer enchidinha também que o rio dava,
 (07) entrava lá pra cozinha a água,
 (08) as galinha já ia subino pra pra cima, porco, tudo, né?
 (09) já tinha- já ta- já tava acostumado já com a correnteza do rio.
 (10) e eu lavava- acabava de arrumá a cozinha,
 (11) pegava os prato
 (12) ia lavá na beira do rio.
 (13) E ela todo dia falava
 (14) *“Cuidado, um dia cê perde prato aí. Cuidado...”*
 (15) **Foi um belo dia mia filha, o rio encheu.**
 (16) tava correno a água
 (17) **e a corrente da água levou o prato mesmo. (RISO) E eu...**
 /MAS FORA ALI ONDE QUE ERA PRA LAVÁ?/ Ein?
 /SE NUM LAVASSE ALI, ONDE LAVAVA?
 (18) A gente lavava em casa, numa gamela, né? /AHN. LEVAVA A ÁGUA, NÉ?/
 (19) Panhava água no rio,
 (20) é, lavava em casa, na cozinha, na gamela grande. /UNHUM/
 (21) **Ah Adriana, ela me pôs dentro da água, dentro do rio,**
da água /M.: PRA PEGÁ O PRATO?/
 (22) pra ca- procurá o prato. /QUÊ ISSO? RIO CHEIO?/
 O rio cheio.
 (23) **Falô**
 (24) *“Agora cê pé- vai pegá o prato.”* /M.: ERA UM PRATO SÓ?/
 (25) Era um prato só. Desses prato de antigamente.
 (26) Era aqueles prato de alumínio, né?
 (27) que num tinha louça, né?
 (28) Era aqueles prato de- leve. /UNHUM/ né?
 (29) *“Agora cê vai procurá o prato.”*
 (30) E ela na beira do rio me esperano lá, chicote na mão.
 (31) *“Vai procurá o prato.*
 (32) *Cê tem que achá o prato.*

- (33) *Cê apanha*
(34) *ou cê acha o prato.”*
(35) **Aí eu resolvi**
(36) *apanhá*
(37) *porque num achava o prato mesmo, né?*
(38) *e eu num aguentava,*
(39) *já tava ficano roxa*
(40) *de ficá ali, né?*
(41) *A água co- correno*
(42) *e eu tava ficano roxa*
(43) *de ficá segurando no no naquelas arvorezinha*
(44) *que tem na beira do rio, /SEI/ saran, aquelas coisa*
(45) *pra num rodá também, né?*
(46) *E eu já tava ficano roxa.*
(47) **Aí eu saí, né de dentro da água, né?** (RISO)
(48) **entrô no bolo também.** /FOI COM A VARA TAMBÉM, LILA?/
Foi com a vara.

NARRATIVA 5 – SURRA (B)

Da outra vez, Adriana, eu tomei uma surra, sabe com o quê?
de galinha morta. (RISO)

- (01) *Lá em casa minha mãe tinha muita galinha de angola*
(02) *e galinha de angola eles falam que bota seis meses*
(03) *e seis meses num bota, né?*
(04) *num põe.*
(05) *E abandona o ninho.*
(06) *E ês num põe em casa não,*
(07) *põe em capim, tá entendeno? /UNHUM/*
(08) **Aí eu vi**
(09) *minha mãe passá pimenta no bumbum da galinha, né?*
(10) *Diz que fica ardeno,*
(11) *a galinha acha*
(12) *que vai botá*
(13) *e vai*
(14) *pra ela í atrás*
(15) *pra achá o ninho. /SEI/*
(16) *E eu gostava demais*

- (17) de tomá ovo de manhã assim ó
 (18) galinha levantava
 (19) pra espremê
 (20) e eu enfiava minha mão assim (GESTO)
 (21) e o ovo caía quentinho aqui. /UNHUM/
 (22) Aí eu batia assim no pau,
 (23) escorria a clara
 (24) e engolia a gema.
 (25) **Isso eu fiz muito. Muito bem.**
 (26) **Então, quando foi no dia seguinte quê que aconteceu?**
Eu fui atrás da galinha,
 (27) a galinha já tinha botado,
 (28) **botô primeiro, né? do que eu.**
 (29) **Falei "Pronto."**
 (30) Aí eu num vi,
 (31) **eu achei**
 (32) que ela num tinha ainda botado. /UNHUM/
 (33) **Peguei o vidro de pimenta,**
 (34) **enchi o rabo da galinha de pimenta.**
 (35) Mas a galinha espremia, Adriana, coitada da galinha, Adriana.
 (36) **No fim ela acabô botano um ovo assim da casca mole /**
 AHN/ **todo rajado de sangue. /SEI/**
 (37) **Eu joguei fora,**
 (38) **fiquei com nojo.**
 (39) E ela num guentô,
 (40) **morreu. /NOSSA, LILA! /**
 (41) **E isso meu irmão viu, né?**
 (42) **Aí ela falô**
 (43) *"Ó gente, essa galinha tava boa,*
 (44) *cantando aí agora mesmo."*
 (45) Essas galinha de lá canta, né?
 (46) **E o meu irmão falô**
 (47) que eu tinha passa- passado pimenta no rabo dela.
 (48) **Ela pegô a galinha pelos pés,**
 (49) **virô assim, pelos dois pés,**
 (50) e eu corria na frente e ela atrás de mim com a galinha.
 (51) Ah mia filha do céu, aonde pegava a cabeça da galinha assim
 nas minhas costas, né? aqui assim, aqui assim,
 (52) **ficô tudo cheio de calombo.**

NARRATIVA 6 – IDA PRA CUIABÁ

- (01) **Então, quando minha mãe ficô com ele,**
(02) ele num quis eu /É?/
(03) Nós éramos um casal, eu e o menino. /SEI/
(04) **O menino ficô,**
(05) **ajudô, né?** mas eu não.
(06) **Falô**
(07) que num queria eu.
(08) **Aí eu fiquei com minha vô.** /SUA VÓ LÁ MESMO EM BROTTAS?/
Minha vô- é, em Brotas
(09) **E minha mãe foi morá em Quatro Vintém (??)**
(10) Mas nessa época, sabe, Adriana, a a Anita e Alice já eram professoras lá em Brotas
(11) há ó...(GESTO) muito tempo.
(12) **Depois veio Dona Amelinha.**
(13) **Aí Alice casô,**
(14) **Aí ficô Carmem no lugar da Alice.**
(15) **A Anita ainda foi minha professora,**
(16) **ainda es- estudei um pocadinho com Anita.**
(17) **Eu sei que foi uma- um troço.**
(18) **Aí o dia que minha vô- dona Amelinha mandô**
(19) **chamá minha vô**
(20) **e falô**
(21) se eu num podia vir pra dona Palmyra, /UNHUM/ né?
(22) que D. Palmyra tava precisano, né? duma pessoa em casa, né?
uma menina em casa, uma mocinha.
(23) **Aí ficamo combinado assim**
(24) pra mim vim.
(25) **Aí minha vô foi pra roça**
(26) **e eu fiquei lá.**
(27) Eu tava esperando.
(28) Porque Ada casô
(29) e morava pr'aquele lugar
(30) e o marido dela tinha um caminhão
(31) que fazia navegação.
(32) Ele passava por Brota, né?
(33) ia pra Cuiabá.
(34) Nesse tempo cê passava dia inteiro

- (35) viajano
- (36) pra chegá de Brota- /M.: DE BROTAS A CUIABÁ ERA O DIA TODO./
- (37) Era o dia inteiro.
- (38) Saía ônibus de manhã, aquele ônibus correio, né?
- (39) Saía acho que seis, sete hora,
- (40) que passava lá por Brotas seis hora. /M.: HOJE EM MENOS DE
UMA HORA VOCÊ VAL./
Ah, mas o dia inteiro.
- (41) Eu sei, mia filha que o caminhão- escuta só,
O caminhão passô por lá...**
- (42) Bom, mas lá a gente num tem hora, né? /UNHUM/
- (43) Calculava assim é pelo sol, tá entendeno? /UNHUM/
- (44) Quando o sol tava bem aqui
- (45) era meio dia. (RISO)
- (46) Não, fora de brincadeira, bem aqui é meio dia,
- (47) aí aqui é num sei que hora,
- (48) aí aqui- tava começano a entrá,
- (49) aí pronto, já era seis hora. /M.: A SOMBRA- A GENTE PISANO
NA SOMBRA DA GENTE ERA MEIO DIA./
- (50) O sol tava começano a entrá.
- (51) pronto, já é seis hora,
- (52) todo mundo já ia caçano jeito de jantá,
- (53) ficava sentado na porta
- (54) conversando, né? com o vizinho,
- (55) pra fazê hora
- (56) pra dormí,
- (57) porque luz num tinha mesmo, né? /UNHUM/
- (58) Era luz de querosene, luz de azeite.
- (59) Punha aquele paviozinho dentro do azeite,
- (60) cendia, né?
- (61) ficava ali.
- (62) Aí Adriana, esse dia o marido da Ada passô por lá.**
- (63) Dona Amelinha mandô**
- (64) me chamá.
- (65) Aí eu fui,**
- (66) fechei a casinha toda lá pra vó, né?**
- (67) e fui.**
- (68) Peguei minhas roupinha**
- (69) que eu tinha,

- (70) nem mala num tinha, coitada, pobre!
- (71) **Pus dentro dum saco**
- (72) ou amarrei num pano, sei lá, sabe?
- (73) **fui embora c'o marido da Ada.**
- (74) **Fui cedo ainda.**
- (75) O caminhão tava cheio de gente, né?
- (76) Então tinha uma meio tantan com o marido,
- (77) a criança chorava
- (78) ele falava assim
- (79) "Olha, ele qué
- (80) *mamá,*
- (81) *dá de mamá pra ele."*
- (82) Aí ela tirava, né? (GESTO)
- (83) arrumava a criança,
- (84) a criança mamava
- (85) até largá.
- (86) Aí largava.
- (87) Aí ele falava assim
- (88) "Ó, cabô,
- (89) *põe pra dentro."*
- Aí- (RISO) Foi sim. /M: ESQUECIA DE GUARDÁ./
que ela pegava e-
- (90) **Eu sei que nós chegamos em em lá em Cuiabá de noite.**
- (91) As luz tava toda acesa, né?
- (92) **e eu achei aquilo tão diferente, né?**
/CÊ NUNCA TINHA IDO A CUIABÁ?/
- (93) Nunca tinha ido a Cuiabá, né?
- (94) **achei aquilo tão diferente, tudo bonito, né?**
- (95) As casas já estavam tudo fechado também, lá em Cuiabá, /UNHUM/
- (96) **quando nós chegamo.**
- (97) **Eu sei que marido da Ada pegô pegô na minha mão, imagina.**
- (98) **Parô o caminhão assim na porta,**
- (99) **pegô na minha mão,**
- (100) **me levô lá,**
- (101) **bateu na porta...**
- (102) Já tava tudo fechado
- (103) daí cê vê tanto
- (104) que viajô. /M.: é/
- (105) Já tava tudo fechado, né?

- (106) **Bateu na porta,**
 (107) **seu Antônio veio,**
 (108) **abriu,**
 (109) **mandô**
 (110) **chamá dona Palmyra,**
 (111) **veio,**
 (112) **eles me pegaram lá.**
 (113) **Aí que ele foi pra casa dele.**
 Assim- /UHN/ assim que eu fui.

NARRATIVA 7 – MALDADE

/SEU IRMÃO ERA MUITO PEQUENININHO AINDA?/

- (01) Além de sê pequeno, Adriana,
 (02) ele era uma criança- ele era defeituoso da perna
 (03) **Ele custô muito pra andá**
 (04) **e ele ficô com a perna assim, (GESTO) no joelho, em cima, né? /SEI/**
 (05) E aqui em baixo (GESTO) ele não assenta o calcanhá no chão.
 (06) Ele anda só com a ponta do pé, assim, entendeu /UNHUM/ com'ê que é?
 (07) **Tanto que uma vez- Porque lá qualquer criança de sete anos nada**
 (08) **um um um filho de um senhor lá do correio pegô ele,**
 (09) **pôs na canoa**
 (10) **e soltô ele lá no rio, lá no meio.**
 (11) **Mas nesse meio tempo chegô um senhor na beira do rio**
 (12) **e conheceu ele.**
 (13) **Falô**
 (14) *“Gente, aquele é filho de dona Maria.”*
 (15) **Entrô na canoa,**
 (16) **foi lá,**
 (17) **buscô- tirô ele d'água, né?**
 (18) **chegô e virô ele de cabeça pra baixo.**
 (19) **Aí levô ele lá em casa**
 (20) **e ele falô**
 (21) que foi ele.
 (22) **Aí minha mãe passô mão numa mão-de-pilão.**
 (23) **Minha mãe foi dentro da casa dele com a mão-de pilão. /É, LILA?/**
 (24) **Falô**
 (25) *“Se meu filho morresse,*

- (26) *eu matava ou você ou seu filho aqui.*” /NOSSA! ELA É BRAVA, EIN?
ELA É BRAVA./
/M.: FEZ DE PROPÓSITO
PRA CANOA VIRÁ./
- (27) **Fez de propósito, Adriana,**
(28) porque ele sabia
(29) que o menino era aleijado. /Ô, GENTE!/ /M.: POIS É./
(30) Porque ele anda é assim (GESTO), Adriana,
Assim (GESTO), esses dois joelhos. /SEI./
(31) Ele é- anda assim, entendeu?
(32) Os dois joelho é grudado,
(33) então o calcanhá num assenta.
(34) Ele anda é com a ponta do dedo.
(35) Isso ele num faz movimento. /MALDADE, NÉ?/
(36) **Fez por maldade.** /M.: É MALDADE/

NARRATIVA 8 – PIANO

- (01) **Quando eu fui a Cuiabá- quando eu fui a Cuiabá,**
esta esta última vez, /UHN/
(02) **eu fui em casa de minha prima, Mimi, né?** /UHN/
e o piano de lá estava-
(03) **Ela comprô este piano**
(04) pra filha estudá.
(05) Depois a menina não quis mais
(06) continuá o estudo
(07) **e o piano ficô parado.**
(08) E o piano estava empenado a parte da frente
(09) onde tampa, né? /SEI/
(10) aquela par- aquela madeira assim de- passa bem na frente,
(11) a madeira tava assim, torta, toda empenada. /UNHUM/
(12) Tanto que na hora que fechava o piano,
(13) num num segurava direito o fecho.
(14) O tampo do piano num segurava na madeira.
(15) A madeira tava tava indo pra frente
(16) e as teclas do piano, todas, tocava,
(17) abaixava,
(18) num levantava, sabe? /UNHUM/

- (19) Uma ou outra só que tava- que levantava,
 (20) mas a maioria das teclas, todas, baixas, num levantava, né?
- (21) Aí a Mimi- eu experimentei,**
 (22) o piano tava péssimo.
- (23) Aí Mimi falô comigo**
 (24) que ela ia chamá um carpinteiro
 (25) pra arrumá a madeira do piano.
 (26) ia chamá gente
 (27) pra afiná
 (28) pra consertá as teclas e tudo.
- (29) Aí eu dei o palpite.**
(30) Eu lembrei de mamãe, sabe?
 (31) que mamãe ensinava muito esses negócio de piano.
- (32) Aí eu lembrei**
(33) e falei
 (34) *“Mimi, vamos trocar esse essa- o piano de lugar!”*
 (35) Porque o piano estava numa numa parede da sala /UNHUM/
 (36) que atrás da parede passava um quintalzinho, /SEI/ sabe?
 (37) Atrás da casa era o quintal grande.
 (38) Pra quem num quisesse
 (39) entrá pela sala, na casa,
 (40) entrava por esse quintalzinho,
 (41) dando a volta,
 (42) entrando pela cozinha, sabe? /SEI. ANHAM/
 (43) E atrás é- a o o piano recebia nessa parede toda a umidade /SEI/ de chuva,
 (44) quando chovia.
 (45) Apesar que lá em Cuiabá faz muito sol quente e tudo,
 (46) mas mas era uma parede externa /UNHUM/ da casa, né?
 (47) que vinha- recebia toda a umidade de fora, a parede.
 (48) E tinha uma janela grande perto do piano também
 (49) que era da parede,
 (50) que recebia a mesma umi- umidade.
- (51) Falei**
 (52) *“Mimi, vamos trocá essa essa- esse piano de posição!”*
 (53) *Cê experimenta, uma experiência. /UNHUM/*
 (54) *Vamos tra- botá esse piano na parede ex- interna deste outro lado da sala,*
 (55) *que é parede interna,*
 (56) *que dá pro seu quarto? /UNHUM/*
 (57) *É pro piano num ficá recebendo essa umidade,*

- (58) *pra vê*
(59) *se conserta,*
(60) *se tem algum conserto,*
(61) *antes de você chamá o carpinteiro,*
(62) *antes de chamá coisa- alguma pessoa*
(63) *pra mexê nele?"*
(64) **E nós trocamos- na mesma hora nós trocamos o piano,
piano pequeno, sabe?**
(65) *era piano brasileiro pequeno.*
(66) **Nós trocamos o piano de lugar.**
(67) **Passamos pra outra sa- pra outra parede.**
(68) **Depois de um mês-** que eu a- eu passei quatro meses em Cuiabá.
(69) *Tava sempre com ela, né? /UNHUM/*
(70) *mas nós num mexíamos no piano,*
(71) *o piano tava lá na parede*
(72) *sem mexê.*
(73) **Depois de um mês ou ma- ou mais um pouco de um mês nós
fomo abrí o piano**
(74) *pra vê*
(75) *como que estava,*
(76) *Cê acredita, Adriana, que a madeira tinha voltado pro lugar?! /OLHA!/
(77) Não precisô*
(78) *de chamá o carpinteiro, nada*
(79) *pra pra mexê na madeira. /OLHA, QUE BARATO!/
(80) **E as teclas subiram?!***

NARRATIVA 9 – IRMÃ DE CARIDADE

- (01) *Eu sei que es- essas irmãs de caridade num saíam lá de casa.*
(02) *Elas eram muito amigas de mamãe, de papai, tudo.*
(03) *E papai servia muito elas, em tudo*
(04) *que precisasse, sabe?*
(05) *Tudo que precisava*
(06) *eles- elas iam lá em casa*
(07) *pedí*
(08) *pra ajudá.*
(09) *Papai tinha carro, /UHN/
(10) *elas precisavam**

- (11) í de carro em qualquer lugar,
 (12) papai levava elas de carro
 (13) e sempre sempre ajudando muito lá o asilo.
 (14) Ajudando com dinheiro, com o
 (15) que precisasse
 (16) ele ajudava muito lá /UNHUM/ as irmãs, sabe?
 (17) Aí papai tava vendendo tudo
 (18) e mamãe tinha uma uma santa ceia grande, maior que essa
 (19) que tem aqui,
 (20) que é a que é a a coisa mais linda, Adriana, a santa ceia, o o Cristo com
 o o todos os apóstolos,
 (21) todos eram em prata, /UNHUM/ tudo em prata, em alto relevo, em alto
 relevo assim, né? /SEI/ e a moldura larga assim de um um quase um
 palmo de largura, preta, em volta.
 (22) A santa ceia era linda, aquela coisa prateada em alto relevo e a moldura
 preta, o quadro, lindo o quadro.
 (23) Única coisa que mamãe pediu
 (24) que não deixasse em Cuiabá era a santa ceia.
 (25) Que ela queria
 (26) que trouxesse a santa ceia. /UNHUM/
 (27) Única coisa que nós trouxemos também foi a- foi o piano, foram as
 máquinas de costura, as duas máquinas, /SEI/ o piano, só.
 /E QUEDÊ A SANTA CEIA?/
 Pois isso que eu vô contá pra você, a história da santa ceia.
 O que que a irmã de caridade me fez (RISO) por causa dessa
 santa ceia.
Aí a madre a madre Marta Cerrute- não me esqueço
 o nome dela,
 ficô gravado na minha cabeça o nome da Marta, da madre
 Marta.
 (28) E quando nós es- estávamos de de vinda,
 (29) elas estavam já mudando pro colégio Coração de Jesus, /UHN/
 (30) que elas estavam- já tinham construído o colégio
 (31) pra elas mudarem. /UNHUM/
 (32) **Aí foram com o livro de ouro**
 (33) pra papai assiná.
 (34) **Todo mundo em Cuiabá assinô no livro de ouro do colégio**
 (35) pra co- pra cooperá com elas, né? /UNHUM/
 (36) **Papai assinô no livro de ouro.**

- (37) E lá em casa papai tinha tinha empresa funerária,
(38) tinha casa de molduras,
(39) punha punha molduras em quadros, vi- casa de vidros, /UNHUM/
espelhos, molduras...
(40) Era uma porção de coisas, né?
(41) Papai tinha até linha de ônibus na rua.
(42) **Tudo foi vendido,**
(43) **foi vendeno.**
(44) E ele tava desfazeno de tudo, da oficina...
(45) a oficina tinha muitos armários cheio de panos de de panos de coisa de
de trabalho mesmo, /SEI/
(46) que precisava, né? /UNHUM/ aqueles vidros, aquelas coisas todas, aqueles
espelhos enormes, aqueles quadros de espelho.
(47) Na sala de casa tinha dois quadros de espelhos lindíssimos, enormes,
com madeira dourada assim, na sala lá de casa. /UNHUM/
(48) **Um desses espelhos papai deu pro colégio.**
(49) **Deu pro colégio o espelho.**
(50) **E o outro espelho, como quebrou o espelho,**
(51) **ele deu a moldura, /UNHUM/ viu?**
(52) **Quer dizer que o colégio levou o espelho grande da sala**
(53) **e levou a moldura do outro espelho,**
(54) **que quebrou o espelho.**
(55) É bo- e mont- e e os armários? os armários grandes que tinha lá?
(56) **Ele mandô**
(57) envernizá,
(58) **mandô**
(59) botá vidro no- em algum vidro quebrado,
(60) **mandô**
(61) arrumá os armários todos
(62) **e fez presente pro colégio.**
(63) **Fez presente de muita coisa**
(64) que era lá de casa pro colégio. /UNHUM/
(65) E as irmãs iam lá
(66) cada vez mais pedi, cada vez mais pedi.
(67) Bom, aí quando foi um dia eu estava lá na oficina com papai,
(68) E ele mexendo lá,
(69) e eu também tava sempre perto dele ali,
(70) ele ia mexê
(71) eu ia atrás, né?

- (72) Fiquei sozinha com ele ali, e Lila, né? /UNHUM/
 (73) **Aí chega chega a madre, a ma-**
 (74) **E ele pegô a o o a santa ceia**
 (75) **e botô num canto assim lá da oficina**
 (76) **e pediu pro Chico, o empregado nosso /UHN/ de papai,**
 (77) que enca- que ele embalasse a santa ceia
 (78) pra viajar. /UNHUM/
 (79) Fazer embalagem de viagem
 (80) pra pra mandá pra mamãe, né? /SEI/
 (81) Mamãe já tava aqui em Belorizonte.
 (82) **Ela chegô lá na oficina,**
 (83) **pediu isso, pediu aquilo,**
 (84) **papai foi dano, foi dano.**
 (85) Papai num falava *não* pra ninguém,
 (86) pelo contrário, ele até dava tudo.
 (87) O que precisasse
 (88) dá
 (89) ele dava.
 (90) Se pedia,
 (91) ele- principalmente pedindo,
 (92) nunca ele falô *não*. /UNHUM/
 (93) Ele num falava *não*.
 (94) Uma coisa às vezes que ele queria
 (95) ele dava.
 (96) Não falava *não*.
 (97) **Aí a madre foi e bateu o olho assim na santa ceia assim.**
 (98) Já tinha ganho uma porção de coisa ali, cadeira giratória,
 cadeira giratória
 (99) que era do escritório dele, a mesinha do escritório com a
 cadeira giratória,
 (100) **tudo deu pra irmã.**
 (101) **Aí na hora que ela bateu o olho assim na na santa ceia**
 (102) **ela virô pra papai e falô assim**
 (103) *“Ó seu Tenuta, e essa santa ceia, o senhor num vai me- o senhor num vai
 oferecer pro colégio essa santa ceia.”* (RISO)
 (104) **Hora que ela falô assim, pronto!** /NUM TEVE JEITO./
 (105) **Papai falô assim**
 (106) *“Pois não, irmã, com muito prazer, eu mando
 (107) levar pra senhora.”*

- (108) Santa ceia de mamãe, que ele mandô
(109) embalá
(110) pra mandá pra mamãe.
(111) Ele ele falô- ele num negô pra irmã. /UNHUM/
(112) Ele ia dá pra irmã,
(113) como deu, né?
(114) Eu virei pra irmã, eu, perto de papai, /UNHUM/ falei assim
(115) “Ó irmã, a senhora já ganhô tanta coisa aqui, (RISO)
(116) papai já deu muita coisa pra senhora,
(117) já assinô no livro de ouro,
(118) já deu isso, já deu aquilo,”
(119) enfileirei de coisa
(120) que tinha- que papai tinha dado nessa hora,
(121) “a senhora ainda qué a santa ceia
(122) que é de mamãe?
Essa santa ceia, não.
(123) *Essa santa ceia aí vai pra Belorizonte.*
(124) *Essa santa ceia é de mamãe.*
(125) *Ela pediu*
(126) *pra não deixá.*
(127) *Essa santa ceia num- essa santa ceia não pode não, sabe?” /UNHUM/*
(128) Papai num falô nada comigo,
(129) só me olhô assim.
(130) Ele- aí ela falô assim
(131) “Não, essa santa ceia seu pai já me deu, menina, olha aqui,”
(132) Torceu meu braço, /QUÊ ISSO?/ (RISO)
um beliscão duro aqui em mim, torcido,
(133) falô pra mim assim
(134) “Menina, você- seu pai num é pão-duro,
(135) você é meia pão-dura, né menina?
(136) Seu pai num é pão-duro assim como você.”
(137) E torceu meu braço assim na frente dela,
(138) que eu dei um grito, sabe?
(139) Falei
“Ai meu braço”.
(140) Gritei com ela ainda.
(141) E papai- na vista- tudo isso na vista de papai e ele ficô quieto.
(142) Ele num falô nada comigo.
(143) Nunca ele falô- tocô em em- nunca ele tocô em- pra mim,

(144) do que eu falei foi pra irmã

(145) que eu num ia dá a santa ceia, /UNHUM/

(146) Papai num falô nada comigo. /MAS DEU A SANTA CEIA?/ Ein?

/EMBALÔ A SANTA CEIA

E MANDÔ PRA ELA?/

(147) Mandô pra irmã de caridade a santa ceia.

(148) Marta Cerrute, ela já morreu.

(149) Me deu um beliscão aqui

(150) de torcê meu braço.

NARRATIVA 10 – PRESENTE

(01) Quando eu tinha nove anos de idade,

(02) Nós mudamos de casa**(03) e minha mãe adoeceu gravemente.****(04) E ficou doente mais de um ano.**

(05) Uma doença sem cura, sofrendo,

(06) gemendo,

(07) e às vezes até gritando.

O relógio vai batê.

/É, NUM TEM IMPORTÂNCIA NÃO./

(08) E morávamos num lugar distante do centro, distante de médico, de farmácia, distante dos parentes, distante dos amigos.

(09) Então um tio meu achô melhor

(10) que mudássemos para o centro da cidade.

(11) Papai não podia mudar

(12) porque tinha os interesses do sítio

(13) e ele não podia deixar de uma hora pra outra.

(14) Mudamos, os pequenos, um irmão mais velho.**(15) Mudamos para uma casa, para um sobrado, em frente ao centro da cidade, em frente à prefeitura, ao lado da casa paroquial e a poucos passos da igreja matriz.****(16) Foi uma alegria**

(17) porque morar na cidade, numa casa de sacada

(18) onde a gente ficava lá em cima a

(19) a ver as pessoas

(20) que subiam

(21) e desciam

(22) e foi uma experiência maravilhosa.

- (23) Um belo dia eu estava na sacada
(24) **e debaixo passou o padre, o capelão capelão não,
o vigário da paróquia.**
- (25) Era um homem gordo, vermelho e já de meia idade
(26) que eu nem havia conhecido ainda.
(27) **E ele me abanô a mão**
(28) **e falou**
(29) *“Vem cá, menininha.”*
(30) **Eu descí correndo as escadas**
(31) **e ele meteu a mão no bolso**
(32) **e me tirou um livrinho**
(33) **e me deu.**
(34) *“Toma esse livrinho*
(35) *para você aprender*
(36) *a rezar.”*
(37) **E eu olhei o livro-**
(38) eu já sabia
(39) ler,
(40) estava com nove anos,
(41) mas já sabia
(42) ler bem.
(43) **E li no livrinho assim**
Catecismo da Doutrina Cristã.
- (44) Era um livrinho, uma brochura, uma capa de papel de embrulho,
verde claro, com letras douradas- *Catecismo da Doutrina Cristã.*
- (45) **E eu achei aquilo uma coisa linda, uma coisa do outro mundo,**
(46) que até aquela data nunca havia ganho um presente
(47) que me foi tão precioso.
(48) **Daí eu comecei a folhear o livro**
(49) e a ler
(50) e a decorar as primeiras lições.
(51) E me lembro muito bem,
(52) a primeira pergunta era esta
(53) *“Quem é Deus?”*
(54) E vinha logo a resposta
(55) *“Deus é um espírito perfeitíssimo, eterno, criador e senhor do céu e da terra.”*
(56) Eu, até então, eu nunca tinha propriamente ouvido falar assim Deus,
(57) quem era Deus,
(58) o quê que Deus era.

- (59) Nunca tinha me passado pela mente.
 (60) Aprendi
 (61) a rezar,
 (62) mas simplesmente a rezar,
 (63) mas nunca ninguém me havia falado em Deus.
 (64) Eu via a Natureza
 (65) porque fui criada na roça até a idade de sete anos.
 (66) Via aquela natureza linda
 (67) e os pássaros cantando, as florestas com aquelas parasitas.
 (68) E eu entranhava no meio da floresta com meu irmão mais velho um ano.
 E os rios, cachoeiras e e campos,
 (69) gado pastando, curral cheio de gado, os bezerrinhos, os porquinhos,
 (70) mas eu nunca tive idéia,
 (71) nunca ninguém me havia falado
 (72) que tudo aquilo foi Deus que criou.
(73) E o catecismo me valeu muito.
(74) E eu comecei a freqüentar o catecismo na igreja.
(75) Pouco antes- poucos meses depois minha mãe faleceu
(76) e nós voltamos para morar distante da cidade.

NARRATIVA 11 – PONTE

- (01) Um dia, o que é interessante nessa nessa história toda
 (02) é que voltávamos do catecismo mais tarde
(03) e não- a professora atrasou
(04) e nós saímos à noitinha.
 (05) Ainda não havia luz elétrica na cidade.
(06) E nós atravessamos a cidade toda ao ca- ao- à luz dos
lâmpioes de gás.
 (07) Mas na minha rua não havia lâmpião de gás,
 (08) e nós tínhamos que passar primeiro por uma ponte.
 (09) E a ponte era perto do cemitério, bem ao lado do cemitério. /UNHUM/
 (10) E quando íamos passando na ponte
(11) eu falei assim
 (12) *“Eu não vou na beirada*
 (13) *porque as almas me pegam, nem do lado esquerdo, nem do lado direito.”* (RISO)
 (14) **Então as duas Beneditas** que eram mais ou menos da mesma idade,
 (15) mas eram maiores,

- (16) eu é- fui sempre pequetitinha,
(17) **me abraçaram**
(18) **e nós passamos abraçadinhas.**
(19) **atravessamos a ponte até chegar bem longe, num escuro**
(20) que a gente enxergava os vagalumes
(21) que passavam.
(22) **Chegaram em casa- chegamos em casa mais tarde**
(23) **papai falou**
(24) *“Minha filha, o que é que foi?”*
(25) *“Não, a professora atrasou”.*

NARRATIVA 12 – BOM DE LEITURA

- (01) Diz que lá no interior tinha um um sujeito assim também
(02) que ele num sabia
(03) lê não,
(04) mas ele comprava aquelas caneta Parker de ouro, né?
(05) punha assim no no no paletó, por fora do paletó, né? (RISO)
(06) Naquele bolsinho de dentro ele punha as caneta pra mos-, duas três caneta, né?
(07) e ele gostava
(08) de exibí que-
(09) **Um dia ele chegô num bar lá**
(10) e tava chegado o jornal, né? o jornal novo.
(11) **Então ês falô assim**
(12) *“Ah, cê é bom de leitura,*
(13) *leia- lê aqui pra nós.”* Nê?
(14) **Ele pegô o jornal,**
(15) **pegô o jornal de cabeça pra baixo, né?**
(16) **Diz que ele afastô assim**
(17) **e disse**
“Nossa, desastre em São Paulo.”
(18) Que tinha um carro assim
(19) **e o carro ficô de cabeça pra baixo.** (RISO)
(20) **Pegô o jornal de cabeça pra baixo.**
“Desastre em São Paulo”

NARRATIVA 13 – FERNANDO SABINO

/NÃO. MAS ERA POR ISSO- POR ISSO
 QUE CÊ TEM ESSA HISTÓRIA DO FERNANDO SABINO?/
 Não, pera aí.
 Eu vô contá é o caso caso lá do do Rio, né?

- (01) O caso é que eu fui- planejei**
 (02) procurá-lo lá no Rio, né?
 (03) Mas o que acontece é o seguinte que eu escrevia, né?
 (04) e nessa época eu devia tê uns quinze anos /UHN/
 (05) e eu escrevia muito, né?
 (06) Desd'os treze assim que eu escrevia principalmente poesia.
 (07) E escrevia com muita freqüência.
 (08) Escrevia praticamente todo dia uma poesia.
 (09) E tava muito envolvido, né? com com isso.
 (10) Mas eu até que não lia muito não.
 (11) Eu tinha muito livro de poesia,
 (12) mas num lia tanto não.
 (13) Eu eu lia só algumas coisas
 (14) que eu que eu gostava mais
 (15) que era um escritor alemão chamado é Karl May.
 (16) E e eu lia muito Carlos Drummond e Mário de Andrade e Manoel
 Bandeira e
 Fernando Sabino.
 (17) Eram os os escritores /UHN/ que eu mais lia,
**(18) E aconteceu que teve um congresso de até de lingüística lá
 no Rio de Janeiro...**
 (19) Era um congresso de lingüística e literatura.
 (20) E nesse congresso ia ia- o Carlos Drummond de Andrade ia falá no
 congresso.
 (21) Parece que o o Fernando Sabino num ia não, mas o Ferreira Goulart e
 e uns outros escritores, né?
 (22) E era lá no Rio de Janeiro
 (23) e era em Janeiro,
(24) então eu aproveitei,
(25) fui lá pra casa da tia Margarida. /UHN/
(26) E- qué dizê, eu arrumei esse pretexto, né?
(27) Eu falei com tia Margarida
 (28) que eu queria

- (29) vê o congresso.
- (30) Aí ela me convidô pra lá**
- (31) ficá na casa dela, né?
- (32) Aí o que acontece é que- que eu tinha- nessa época eu tava com uma relação muito forte com um determinado livro do Fernando Sabino, (33) que é um livro de cartas entre ele e o Mário de Andrade, /UHN/ (34) que chama *Cartas a um Jovem Poeta*.
- (35) E é um livro
- (36) em que o o o Mário de Andrade ele tem uma relação muito estreita assim com o Fernando Sabino,
- (37) aconselha...
- (38) Eu gostava demais do livro.
- (39) Eu lia e relia várias vezes.
- (40) E eu também tava muito influenciado pelo *Encontro Marcado* do Fernando Sabino, /UNHUM/
- (41) que eu tinha lido várias vezes
- (42) e gostava demais do livro.
- (43) Então eu tava com essa coisa assim é na cabeça, né?
- essa essa coisa assim de da relação entre os escritores,
- (44) eu tava assim fantasiano muito em cima disso, né? /UNHUM/
- (45) Pra mim assim o má- o máximo era isso, né? Assim
- (46) os escritores, tendo uma relação,
- (47) assim trocando cartas, né?
- E aquela coisa lá do Viaduto Santa Tereza, né? /UNHUM/
- (48) que tem no no no livro.
- (49) Eu eu fui lá no Viaduto de madrugada,**
- (50) tentei subi e tal. (RISO)**
- (51) Num tive coragem.
- (52) Quando olhei lá pra baixo**
- (53) num tive coragem de subi.
- (54) Mas então eu fui lá no Rio**
- (55) e tava tendo o congresso, né?
- (56) O congresso era mais de lingüística do que literatura, né?
- (57) Então tinha umas palestras lá
- (58) que eu num entendia nada, né?
- (59) do que eles falavam, né?
- (60) Era um negócio lá complicado pra caramba.
- (61) Então eu eu eu num assistia essas coisa não,
- (62) eu fui embora.**

- (63) Ficava mais na praia, né?
 (64) Mas os dias que eram era de literatura,
 (65) que que era entrevista, né? com-
 (66) não, que que tinha palestra de literatura também
 (67) que eu também num ia não. /UNHUM/
 (68) Mas quando eram os escritores,
 (69) **eu fui, né?**
 (70) **Foram as únicas coisas do congresso que eu fui.**
 (71) **Então eu lembro que eu vi o Homero Homem,**
 (72) **que aliás foi muito interessante a a palestra do Homero Homem,**
 (73) **que ele levô um texto enorme.**
 (74) Eram páginas e páginas.
 (75) **Ele pegô e começô a lê aquilo.** /UHN/
 (76) Eu nem lembro
 (77) o quê que era.
 (78) Era um tema assim meio complicado, um negócio meio estranho.
 (79) Nem lembro direito o tema.
 (80) **Eu sei que ele começô a lê aquilo e numa voz assim monótona,**
né? aquela coisa assim,
 (81) olhano pro papel, tal.
 (82) **Aí de repente tinha um um- levantô no no no no fim assim**
do do auditório um
desses poetas de cordel, /UHN/
 (83) **levantô**
 (84) **e começô a falá os cordéis dele, sabe?** /UHN/
 (85) E o cordel dele- eu lembro do cordel mais ou menos,
 (86) falava
 (87) que que a que a língua não estava nos dicionários.
 (88) Não, a língua não era uma prisioneira dos dicionários e tal.
 (89) **Eu lembro que ele é esse esse poeta de cordel levantô assim**
muito abruptamente
 (90) **e o Homero Homem levô um susto tão grande**
 (91) **que as páginas dele caíram da mão dele,**
 (92) **espalharam assim,**
 (93) **saíram voando**
 (94) **e o óculos dele caiu no chão.**
 (95) **Então foi uma cena meio surrealista assim**
 (96) porque ele ficô- parece que ele tinha muitos graus assim, né?
 (97) então num enxergava nada sem o óculos.

- (98) Então ele tava ouvindo aquele poeta,
(99) **mas ele ficô assim totalmente atordoado, assim,**
(100) bateno a mão na mesa, assim,
(101) procurando o óculos, as folhas,
(102) e o poeta falando.
(103) **O cara desandô a falá cordel e tal.**
(104) **Foi super louco o negócio, né?**
(105) **Logo depois foi o Ferreira Goulart, né? que falô.**
(106) **Foi interessante, né? /UNHUM/**
(107) Mas o- e eu tava assim na maior expectativa
(108) pra vê
(109) se o Fernando Sabino aparecia lá no congresso, né? /UHN/
(110) porque o Drummond já num num num ia, né?
(111) Porque parece que tinha uma uma história assim
(112) como que o Drummond nunca participava de nada, né?
(113) Qué dizê, se ocê fazia uma homenagem ao Drummond
(114) ele num ia, né? /UHN/
(115) Nunca ia, né? /UNHUM/
(116) Então eles ele- o Drummond ia fazê uma palestra.
(117) Tava marcado.
(118) E ia tê uma homenagem ao Drummond,
(119) que o congresso era em homenagem ao Drummond, né ?
(120) Aí na hora que ia sê a palestra do Drummond,
(121) **chegô uma moça lá com uma cartinha lá do Drummond**
(122) falando
que ele- que- uma desculpa assim inclusive muito drummondiana-
(123) que ele tava com um pequeno- pass- pequeno mal-estar- uma coisa-
(124) parecia até um poeminha a desculpa dele, né? uma coisa super interessante.
(125) **Aí eu fiquei lá, tal,**
(126) **vi**
(127) que o Fernando Sabino num ia dá as cara por lá, né?
(128) **Aí eu falei**
(129) *“Bom, mas cumé que eu vô descobrí*
(130) *onde que o Fernando Sabino mora, né?”*
(131) Aí eu sabia
(132) que o- ele chamava Fernando é... Tavares Sabino, ou Sabino Tavares, num sei. /UHN/
(133) que eu já tinha olhado no catálogo do Rio, Sabino.

- (134) Tinha uns Sabinos lá,
 (135) mas num tinha nenhum Fernando, né? /UNHUM/
(136) Aí eu tive a idéia
 (137) de olhá em Tavares.
(138) Aí eu olhei Tavares.
 (139) Tinha lá um F. Tavares, né? /UHN/
 (140) **Aí eu** “*Quem sabe é, né?*”
(141) Aí eu peguei e disquei.
(142) Quando eu disquei,
 (143) eu num esqueço disso,
(144) atendeu
(145) e falô assim
 “*Alô, isso é uma- isso-*”
 (146) Cumé que é? Não, num num fala assim
 (147) “*Isso é uma gravação*” não.
 (148) “*Alô, aqui quem fala é o Fernando Sabino.*”
 (149) É... e ele falava um pouquinho.
 (150) Falava um um- mais ou menos uns trinta segundos /UHN/
 (151) e depois ele falava assim
 (152) “*Isto é uma gravação*”, né? /UNHUM/
(153) Acontece quando eu (RISO) aten- coloquei o telefone
(154) e o cara falô
 (155) “*Alô, aqui é o Fernando Sabino.*” (RISO)
(156) eu disparei a falá (RISO)
 “*Fernando Sabino, aqui é o-*” (RISO)
(157) eu falei falei,
(158) fui falano assim, sabe?
(159) tu- fiquei assim meio alterado com a coisa,
(160) fui falando.(RISO)
(161) Aí eu vi
 (162) que ele num parô de falá também, né? /UNHUM/
(163) Aí eu parei de ouvi,
 (164) “*Isto é uma gravação*”, né?
(165) Aí eu falei
 (166) “*Nó, então num é tão fácil assim.*”
(167) Aí quando ele falô assim
 (168) “*Após ouvir o toque*
 (169) *deixe o seu recado*”, né?
 (170) Aí dava o toque

(171) Aí eu desliguei, né?

(172) Aí eu pensei assim

(173) *“Ah, que que eu vô- que que eu vô falou”, né?*

(174) Aí eu peguei e escrevi um um um texto /UHN/

(175) pra pra colocá, na na na secretária dele. /UNHUM/

Mas um texto enorme, /AH, MEU DEUS/ (RISO)

(176) falando- nossa, mas eu nem lembro direito.

(177) Só sei que falava

(178) que eu vinha de Belorizonte,

(179) que que nem ele com Mário de Andrade, agora eu (RISO) também vinha de Minas e tal

(180) e que então ele- como ele- Mário de Andrade tinha orientado ele,

(181) ele podia me orientá, (RISO), que num sei o quê

(182) e eu lia todos os livros dele,

(183) e que tinha uma- muitas semelhanças, né? assim.

(184) Eu lembro que eu falei,

que eu falei no início aqui, né?

(185) que tinha um escritor

(186) que eu lia muito, um escritor alemão, /UNHUM/

(187) que chama Karl May, né? ou Mai, num sei /UNHUM/

(188) cumé que fala.

(189) E eu realmente tinha uma paixão incrível com esse escritor, né?

(190) Esse escritor ele ele só escrevia sobre índio, né?

(191) Ele só escrevia sobre o oeste americano

(192) Ele é- a história dele tinha dois dois personagens.

(193) Um era um índio chamado Winnetow

(194) e o outro era um um um um branco

(195) que chamava- num num tinha nome.

(196) o apelido dele era Mão-de-Ferro, né? /UNHUM/

(197) E é uma obra imensa.

(198) São dez volumes, /UNHUM/ assim, volumes grossos, umas quinhentas páginas.

(199) Tudo é história, aventuras desses dois, do Winnetow... /UNHUM/

(200) E eu li os dez volumes, né?

(201) Eu lembro que eu fiquei tão apaixonado com a coisa

(202) que eu ia leno

(203) no dia que acabô o décimo volume,

(204) que eu vi

(205) que num tinha mais um volume,

- (206) **eu quase que chorei assim, sabe?** /UNHUM/
 (207) **Minha vida perdeu o sentido, né?**
 (208) **Eu fiquei super ligado, né?**
 (209) E eu lembro que eu tava leno um livro do Fernando Sabino de entrevista,
 (210) um pessoal fazeno entrevista com ele. Aqueles livro de crônica dele, /UNHUM/
 (211) que tem de tudo, né?
 (212) Aliás tem umas coisas bem bem chatas mesmo.
 (213) E uma das coisas lá que era uma entrevista com ele
 (214) e a repórter perguntando
 (215) *“Qual é o livro*
 (216) *que você gostô mais na sua vida?”* /UNHUM/
 (217) **Aí o Fernando Sabino fala assim**
 (218) *“Olha, eu já li de tudo na minha vida.*
 (219) *Já li- já li os gregos,”* né?
 (220) **Ele até falô um negócio interessante.**
 (221) *“Eu já li aquelas insuportáveis obras primas /UNHUM/ de de Homero, e num sei quê”,*
 (222) **e foi falando um tanto de coisa**
 (223) que ele que ele tinha lido,
 (224) **mas- é mas- falô assim**
 (225) *“mas o que eu gostei mesmo,*
 (226) *o livro que eu li com mais paixão na minha vida foi um livro*
 (227) *que eu li com onze anos de idade de um escritor alemão, chamado Karl May, chamado Winnetow.”*
 (228) E o interessante que eu também li o Winnetow com onze anos de idade, né? /UNHUM/
 (229) **Aí eu falei assim**
 (230) *“Nossa, mas é coincidência demais, né?”* assim. (RISO)
 (231) **E eu falei isso lá lá no telefone também, né?** /UNHUM/
 (232) E tinha mais umas coin- umas coincidências
 (233) que eu tinha arrumado lá entre eu e ele, sabe?
 (234) **eu sei que eu escrevi tudo.**
 (235) **Aí eu, bom, eu preparei, né?**
 (236) **eu li aquilo,**
 (237) **li umas vinte vezes**
 (238) pra vê.
 (239) **Aí eu liguei de novo, né?**

(240) Aí falô

(241) *“Alô, aqui é o Fernando Sabino”*

é... de de de novo, né? a a gravação dele.

(242) Aí quando deu o toque,

(243) eu peguei e desandei a lê aquele meu negócio, né?

(244) Lê, lê, lê .

(245) Eu acho que eu devo tê gastado o resto da fita da secretária eletrônica dele, né?

(246) Deve tê sido uns dez minutos de de fala, né?

(247) E depois desliguei, né?

(248) E deixei o telefone da casa da minha tia.

(249) *“Se se quisé*

(250) *entrá em contato comigo,*

(251) *telefone aqui pra esse número, /UNHUM/*

(252) *que eu tô na casa da minha tia e tal.”*

(253) Aí- isso foi de manhã, né?

(254) foi lá- foi num domingo de manhã.

(255) Eu tava até escreveno,

(256) eu tava escreveno /UNHUM/ um conto, um negócio lá.

(257) E aí na segunda-feira de manhã, eu já tinha até- tinha ido na praia depois

(258) saí com com com a Marília. /UNHUM/

(259) Tinha até esquecido

(260) que eu tinha ligado pra ele, mais ou menos.

(261) Aí telefonam pra mim. /UHN/

(262) Tia Margarida falô

(263) *“Ó, tão tão telefonano pr’ocê.”*

(264) Aí é... eu atendi.

(265) Aí falô assim

(266) *“Ah, você que é o Marcos,*

(267) *que ligô pro Fernando Sabino?” /UM! NOSSA! /*

(268) Eu falei assim

(269) *“Sô.”*

(270) *“Ah, eu só a secretária particular dele.*

(271) É... eu ouvi-” Ela falô assim

(272) *“Eu ouvi o seu- a sua gravação.”*

(273) E... ela falô assim que s- ela falô assim

(274) *“O Fernando num tá aqui. Que ele tá- ele tá-“*

(275) Ela falô

- (276) que ele tava num num sei onde, num sítio, num sei quê,
 (277) escreveno um livro. /UNHUM/
 (278) Inclusive aquele livro que ele escreveu, chamado *O menino...*
 /NU. NÃO, ESSE É O HOMEM NU./
 (279) Não. É *O menino...* Como é que chama o livro, gente?
 (280) é um livro muito bonito.
O menino... de asa, O menino de vidro... O menino no espelho... O Menino no Espelho
 (281) que chama. /UNHUM/
 (282) É muito bonito o livro mesmo. /UNHUM/
 (283) Aliás eu achei o melhor livro
 (284) que ele escreveu.
(285) E ela falô
 (286) “*Ele tá escreveno um livro, né?*”
 (287) *então ele num qué*
 (288) *sê incomodado.*
 (289) *Quando ele vai escrevê*
 (290) *ele fica lá isolado*
 (291) *até escrevê.”*
(292) Mas falô
 (293) “*Mas o que que eu posso fazê por você?”*
**(294) Ela falô- mas- ela falô num tom assim é.../MATERNAL/
 maternal assim, quase de pena. (RISO)**
(295) Senti
 (296) que ela tava meio assim con- /UNHUM/ condoída, num sei, né?
(297) Mas aí me deu assim uma bobeira, sabe?
 (298) Um... sabe quando cê fica totalmente sem graça?
(299) E falei assim
 (300) “*Ah, não, pode deixá, é é... e é é ass- ass-“*
(301) Fiquei gaguejano assim, tal,
 (302) num sabia
 (303) o que dizê, né?
 (304) porque o quê que eu ia falá? /MAS TAMBÉM O QUÊ QUE ELA PODERIA
 FAZÊ POR VOCÊ?/
 (305) É. E o quê que eu ia falá, né?
 (306) porque o que eu queria era
 (307) falá com ele, né?
 (308) E mesmo se ele falasse comigo
 (309) eu num sabia
 (310) o quê que eu ia falá pra ele, né? /UNHUM/

- (311) *Quê que eu ia falá pra ele, né?*
(312) *eu num tinha levado nem nada*
(313) *pra ele lê? /UNHUM/ Nem nada assim meu es-*
(314) Se bem que eu tinha levado sim umas coisas escritas.
mas num ia tê coragem de mos- /MAS CÊ NUM TINHA UMA COISA PRA
PROPOR PRA ELE, ASSIM?/
(315) Eu num tinha nada.
(316) Eu queria
(317) que ele- que ele que ele fosse o Mário de Andrade pra mim, né? (RISO)
É, mas aí aí- /AÍ PRONTO?/ **Aí pronto.**
/DESLIGÔ E PRONTO? SEM NADA?/
(318) **Desligô...**
(319) Não. **Aí ela me deu acho que um telefone, num sei.**
(320) **Mas foi um trem assim super sem graça, sabe? /UNHUM/**
(321) **Aí depois** eu num quis
(322) mexê mais com isso nada,
(323) **deixei pra lá e tal.**
(324) **Mas enquanto enquanto durô**
(325) **foi muito interessante, né?**

Apêndice 2

PARTE A – DIVISÃO DOS TEXTOS EM UNIDADES ORACIONAIS

No texto oral encontram-se ‘formas’ verbais que não constituem predicados; há o problema das locuções, perífrases e outros. Esta é a descrição do processo de divisão dos textos em unidades oracionais:

1 – ‘FORMAS’ VERBAIS

A – MARCADORES DISCURSIVOS

Dentre os elementos que têm forma verbal, mas que não centralizam predicacões (em termos de significado, estrutura e flexão plenos), foram encontrados os seguintes, que foram interpretados como **marcadores discursivos**:

a) A função de *sabe?*, *viu?*, *né?*, *tá entendeno?*, *entendeu?*, *entendeu com’ê que é?*, *olha* que ocorreram, por exemplo, nas estruturas listadas a seguir, é nitidamente discursiva, de estabelecer contato falante/ouvinte. Esses elementos apresentam-se geralmente como formas fixas, ou mesmo reduzidas, com pouca ou nenhuma flexão:

Narrativa 1 – (20), (38), (40), (47), (58)

Narrativa 5 – (07), (09)

Narrativa 6 – (43), (57), (88)

Narrativa 7 – (06)

Narrativa 8 – (18)

Narrativa 13 – (31), (233)

Exemplos:

Narrativa 2

(27) Aí ele vinha outra vez,

(28) e eu passei mão num pedaço de pau, sabe?

Narrativa 3

(01) Aquelas uvinha miudinha, pequenininha, que tem assim,

(02) que só dá na beira do rio, tá entendeno? /UHN/

b) acho (que), parece (que), num sei/ sei lá/ num sei quê, diz (que)/ eles falam são marcadores discursivos de incerteza/dúvida, ou relativizam o comprometimento do falante com o conteúdo de sua fala:

Narrativa 6 – (39)

Narrativa 13 – (319)

Narrativa 13 – (96), (111)

Narrativa 1 – (23)

Narrativa 13 – (132), (221)

Narrativa 5 – (02)

Narrativa 12 – (01)

Exemplos:

Narrativa 12

(01) Diz que lá no interior tinha um um sujeito assim também

(02) que ele num sabia

(03) lê não,

Narrativa 13

(111) Porque parece que tinha uma uma história assim

(112) como que o Drummond nunca participava de nada, né?

Contrastam-se as ocorrências acima com outras em que *achar, parecer, saber e dizer* apresentam mais nitidamente caráter de predicado (flexão de pessoa ou temporal, presença do argumento objeto):

Narrativa 10 – (45)

Narrativa 13 – (283)

Narrativa 3 – (43)

Narrativa 13 – (124)

Narrativa 13 – (302), (309)

Exemplos:

Narrativa 13

(121) **chegô uma moça lá com uma cartinha lá do Drummond**

(122) falando

que ele- que- uma desculpa assim inclusive muito drummondiana-

(123) que ele tava com um pequeno- pass- pequeno mal-estar- uma coisa-

(124) parecia até um poeminha a desculpa dele, né? uma coisa super interessante.

Narrativa 13

(282) É muito bonito o livro mesmo. /UNHUM/

(283) Aliás eu achei o melhor livro

(284) que ele escreveu.

c) só sei (que), quer dizer (qué dizê) podem apresentar papel discursivo de elemento resumidor (semelhante à expressão *enfim*) ou introdutor de uma explicação/elaboração:

Narrativa 13 – (177)

Narrativa 9 – (52)

Narrativa 13 – (26), (113)

Exemplos:

Narrativa 9

(52) Quer dizer que o colégio levou o espelho grande da sala

(53) e levou a moldura do outro espelho,

Narrativa 13

(174) **Aí eu peguei e escrevi um um um texto** /UHN/

(175) pra pra colocá, na na na secretária dele. /UNHUM/

Mas um texto enorme, /AH, MEU DEUS!/ (RISO)

(176) falando- nossa, mas eu nem lembro direito.

(177) Só sei que falava

(178) que eu vinha de Belorizonte,

d) **Lembro (que), acontece/ aconteceu (que), eu sei (que)** desempenham, muitas vezes, no discurso, a função de sinalizar para o ouvinte um retorno (ou introdução) à linha central dos eventos, ou seja, mostrar que o narrador está voltando ao **DOMÍNIO DOS EVENTOS NARRATIVOS** (Figura), após algum tipo de divagação ou explicação de suporte:

Narrativa 13 – (89)

Narrativa 13 – (03), (18), (32), (153)

Narrativa 6 – (41)

Narrativa 13 – (80)

Exemplo:

Narrativa 13

(75) **Ele pegô e começô a lê aquilo.** /UHN/

(76) Eu nem lembro

(77) o quê que era.

(78) ra um tema assim meio complicado, um negócio meio estranho.

(79) Nem lembro direito o tema.

(80) **Eu sei que ele começô a lê aquilo e numa voz assim monótona, né? aquela coisa assim,**

(81) olhano pro papel, tal.

Lembrar, saber, por outro lado, são mais nitidamente um predicado em:

Narrativa 13 – (76), (79)

Narrativa 1 – (33)

Exemplo:

Narrativa 1

(31) *Eu sô daqui*

(32) *e tenho muito mais idade que você*

(33) *e sei de todas essas malandragens daqui.*

(34) *Quê que cê tá quereno, ô rapaz?"*

Há, no texto oral, outros recursos através dos quais o falante pode indicar um retorno aos eventos centrais da história, como, por exemplo, a repetição do último evento narrativo, e o marcador *ai*.

Fatores prosódicos, em especial a entonação, são muito importantes para a determinação das sequenciações das estruturas oracionais. Os elementos considerados marcadores discursivos apresentam, em geral, entonação típica, não sendo acentuados, ou pronunciados com tanta clareza.

B – FORMAS ENFÁTICAS E/OU CLIVADAS

é (que), foi (que), era (que) aparecem em estruturas enfáticas ou clivadas, por exemplo, as seguintes:

Narrativa 1 – (45)

Narrativa 6 – (43)

Narrativa 7 – (34)

Narrativa 10 – (72)

Exemplo:

Narrativa 1

(44) Falô

(45) “O que é que há?”

(46) *Num vai brigá comigo não.*”

Tais ocorrências podem ser contrastadas com formas do verbo *ser* como um predicado:

Narrativa 9 – (122)

Narrativa 13 – (22), (23)

Exemplo:

Narrativa 9

(121) “a *senhora* ainda qué a *santa ceia*”

(122) que é de *mamãe*?

Essa santa ceia, não.”

C – ELEMENTOS INTEGRANTES DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS/FORMAS CRISTALIZADAS

Exemplo:

Narrativa 6

- (79) “Olha, ele *qué*
(80) *mamá*,
(81) *dá de mamá pra ele.*”

Dá de mamá é computado como apenas um elemento verbal com conteúdo semântico semelhante a *amamentar*.

D – Outras

Também não foram catalogadas como centralizadoras de predicados:

- a) a forma *é (ê)*... (hesitação)

Exemplo:

Narrativa 13

- (147) “*Isso é uma gravação*” não.
(148) “*Alô, aqui quem fala é o Fernando Sabino.*”
(149) *É...* e ele falava um pouquinho.

- b) a forma *é (= sim)*

Narrativa 1 – (19)

Narrativa 3 – (31)

Exemplo:

Narrativa 1

- (17) **sentei ali na minha toalha, direitinho,**
(18) tava ali quieto, no meu canto,
aqueles malandros lá de praia, aqueles caras que
ficam cercan- /QUE FICAM SÓ SACANO O POVO, NÉ?/
(19) *É*, sacam
(20) que é gringo, né?

c) Formas verbais em estruturas abandonadas pelo narrador, que escolhe estruturar sua idéia através de uma outra construção:

Narrativa 7 – (02)

Narrativa 8 – (47)

Exemplo:

Narrativa 8

- (45) Apesar que lá em Cuiabá faz muito sol quente e tudo,
 (46) mas mas era uma parede externa /UNHUM/ da casa, né?
 (47) que vinha- recebia toda a umidade de fora, a parede.

‘Vinha’, nessa ocorrência, não foi computada, pois o falante reestruturou seu discurso através de um outro elemento verbal.

2 – PERÍFRASES E LOCUÇÕES

No momento da catalogação das estruturas oracionais, uma questão apresenta-se relevante. Havendo uma seqüência de dois verbos, torna-se necessário investigar se se trata de duas estruturas oracionais. Há casos em que tal seqüência forma nitidamente um todo (tempos compostos com *ter - tenho feito/ teria feito*; algumas locuções com valores aspectuais de inepção ou terminação - *comecei a/ terminei de fazer*; e outros). Por outro lado, encontramos uma série de construções nas quais se torna difícil a delimitação das unidades oracionais.

Neves (2000) relaciona os verbos que não constituem predicados, por ela denominados de operadores gramaticais. Para a autora, esses verbos indicam modalidade, aspecto, tempo e voz.

A – CONSTRUÇÕES COM VERBOS MODALIZADORES + V. INFINITIVO

Dentre os modalizadores, não-predicados, Neves situa os verbos de modalidade epistêmica e deôntica:

- necessidade epistêmica, ligada ao conhecimento

E você DEVERIA ser uma espécie de teólogo ou guru da nova doutrina.

- possibilidade epistêmica

Não PODE ser que eu tenha feito isso.

Carlos DEVE ter vindo.

- necessidade deôntica (obrigatoriedade)

E era ajuste que não PODIA demorar muito.

Betinho, amanhã TENHO QUE romper as estradas para Piranhas.

- possibilidade deôntica (permissão)

Se você é livre, PODE fazer o que quiser.

Não se DEVE fumar na sala de necrópsia.

Segundo a autora, “já os verbos que exprimem a chamada modalidade habilitativa (indicação de capacidade) na verdade constituem predicados”:

O bonde PODE andar até a velocidade de 9 pontos.

Se não lhe interessa, SEI defender a minha.

Também constituem predicados, para a autora, os verbos de expressão de volição:

Eu também QUERIA viver longe de tudo isso.

Neves (2000: 62-63)

Neves (2000) propõe, então, esse critério semântico para o estabelecimento ou não do status de predicado a um verbo. Adotei, distintamente da autora, porém chegando a resultados muito semelhantes, o critério sintático de “inserção de sujeito”, que se dá da seguinte maneira:

Inserção de um sujeito para o segundo verbo, distinto do sujeito do primeiro, com flexão do segundo.

No caso da aplicação desse critério a uma estrutura resultar em gramaticalidade, interpretou-se que havia uma maior independência entre um elemento e outro e, portanto, considerou-se a existência de dois predicados na estrutura. Justifica-se considerar esses dois elementos como predicados, pois seria possível atribuir argumentos distintos a ambos, compondo predicacões plenas:

Eu falei com tia Margarida
que eu queria
ver o congresso. (Narrativa 13)

- inserção de sujeito -
Eu falei com tia Margarida
(...) que eu queria
que ela visse o congresso

Se, por outro lado, o resultado obtido foi uma estrutura agramatical, considerou-se que a seqüência de elementos verbais forma uma locução, com valor modal, centralizando uma única unidade oracional:

e falô
se eu num podia vim pra dona Palmyra, (Narrativa 6)
- inserção de sujeito -
e falô
*se eu num podia que ele viesse pra D. Palmyra

B – VERBOS ASPECTUAIS

Neves (2000) relaciona, como operadores gramaticais, ou seja, não predicados, formando perífrases e locuções, verbos que indicam:

- início de evento (aspecto inceptivo)
E as lágrimas da mãe COMEÇARAM A correr pelas faces rugosas.
Sílvia DESANDOU A chorar mais ainda do que havia feito(...).
PASSOU Camilo A aguardar a desforra do Major.

- desenvolvimento do evento (aspecto cursivo)
Ricardo ESTAVA falando com João Camilo.
Laio e Creonte CONTINUAVAM lutando.
Motoristas FICAVAM A buzinar.

Sendo que o curso do evento pode configurar:

. hábito (aspecto habitual)
Ela vive fazendo perguntas sobre a saúde do garoto.
. progressão (aspecto progressivo)
O próprio cartão magnético ESTÁ evoluindo para garantir maior inviolabilidade.
A violência VAI crescendo à medida que é silenciada.

- término ou cessação do evento (aspecto terminativo ou cessativo)
BASTA DE proteger vândalos.
Não DEIXOU, porém, DE se ocupar no que habitualmente se ocupava.
 - resultado de evento (aspecto resultativo)
O problema dos homens ESTÁ resolvido.
(...), FICOU acertado que o Banespa não será privatizado.
 - repetição do evento (aspecto iterativo ou freqüentativo)
 - . com idéia de freqüência
TENHO saído com ele, ido a todos os lugares que quero conhecer.
A namorada do ateu DEU DE teimar para que ele a acompanhasse nessa visita obrigatória.
 - . sem idéia de freqüência
Fez-se um terrível silêncio até que Domício VOLTOU a falar.
TORNEI A entrar.
 - consecução
Tomavam a mãozinha rechonchuda, beijavam-na, CHEGAVAM A tirá-lo do carro.
 - intensificação
CANSEI-ME DE avisá-la, agora se agüente.
 - aquisição de estado
Bem queria que Aparício nunca VIESSE A saber deste desespero da nossa mãe.
- Neves (2000: 63-64)

Nos dados analisados nesta pesquisa, ocorreram vários casos de locuções com valor aspectual. No entanto, algumas estruturas apresentaram algum material lingüístico entre um e outro elemento verbal, descaracterizando os dois elementos verbais como formadores de um único predicado. Houve, então, nos dados, dois grupos de estruturas:

a) Seqüência de dois verbos (o principal no *Infinitivo* ou *Gerúndio*) formando *Perífrases* ou *Locuções com valor aspectual*, ou seja, uma única unidade oracional

Nos casos nos quais o verbo *ir* vem imediatamente seguido por uma forma verbal infinitiva, procedeu-se à interpretação da estrutura como uma perífrase com valor de Futuro, ou valor aspectual inceptivo:

Narrativa 1 – (46)

Narrativa 3 – (05)

Narrativa 5 – (12)

Narrativa 8 – (24), (26)

Narrativa 13 – (305)

Exemplo:

Narrativa 5

(10) Diz que fica ardeno,

(11) a galinha acha

(12) que vai botá

(13) e vai

Nos casos nos quais o verbo *ir* vem imediatamente seguido por um *Gerúndio*, procedeu-se à interpretação da estrutura como uma perífrase com valor aspectual durativo/progressivo, ou inceptivo:

Narrativa 4 – (08)

Exemplo:

Narrativa 4

(07) entrava lá pra cozinha a água,

(08) as galinha já ia subino pra pra pra cima, porco, tudo, né?

Em relação aos verbos *ser/estar/ficar* vindo imediatamente seguidos por um *Gerúndio*, procedeu-se à interpretação das estruturas como perífrases com valor aspectual durativo/progressivo:

Narrativa 1 – (34)

Narrativa 3 – (44)

Narrativa 4 – (39)

Exemplo:

Narrativa 4

- (37) porque num achava o prato mesmo, né?
- (38) e eu num aguentava,
- (39) já tava ficando roxa
- (40) de ficá ali, né?

Considerou-se uma única unidade oracional toda ocorrência que contém seus dois elementos verbais relativamente próximos um do outro, sendo o primeiro deles um verbo de movimento e o segundo uma forma de Gerúndio. O *Gerúndio*, nestes casos, desempenha função semelhante à adverbial, com uma nuance aspectual durativa:

Narrativa 2 – (13), (46)

Narrativa 10 – (30)

Exemplo:

Narrativa 10

- (30) **Eu desci correndo as escadas**
- (31) **e ele meteu a mão no bolso**
- (32) **e me tirou um livrinho**

b) Dois verbos próximos (o segundo deles no *Infinitivo* ou *Gerúndio*) formando duas estruturas oracionais

Houve casos, no entanto, em que havia material lingüístico se interpondo entre os dois elementos verbais, sendo esse material muitas vezes componente da estrutura argumental do primeiro verbo. Nesses casos, houve a tendência de separá-los em orações distintas, tendência reforçada por traços prosódicos.

Exemplo:

Narrativa 9

- (05) Tudo que precisava
- (06) eles- elas iam lá em casa
- (07) pedí
- (08) pra ajudá.

Nesse caso, o verbo *ir* apresenta complemento locativo e conserva mais o seu significado original de movimento.

Considerou-se, também, a existência de duas estruturas oracionais em:

Narrativa 5 – (43/44)

Narrativa 6 – (53/54)

Narrativa 10 – (18/19)

Narrativa 13 – (99/100)

Exemplo:

Narrativa 6

(52) todo mundo já ia caçano jeito de jantá,

(53) ficava sentado na porta

(54) conversando, né? com o vizinho,

e ainda em:

Narrativa 6 – (34/35)

Narrativa 13 – (121/122)

Exemplo:

Narrativa 13

(121) **chegô uma moça lá com uma cartinha lá do Drummond**

(122) falando que ele- que- uma desculpa assim inclusive
muito drummondiana-

Houve, também, nos dados:

3 – REPETIÇÃO COM FUNÇÃO ASPECTUAL

Certas estruturas envolvendo a repetição de elementos verbais não foram consideradas duas unidades oracionais. Tal repetição expressa valores como duração ou repetição, ligados à noção de aspectualidade:

Narrativa 9 – (66), (83), (84)

Narrativa 13 – (244)

Exemplo:

Narrativa 9

- (82) **Ela chegô lá na oficina,**
(83) **pediu isso, pediu aquilo,**
(84) **papai foi dano, foi dano.**

4 – FOI/VIROU/PEGOU + V *PRETÉRITO PERFEITO*

O texto oral, mais tipicamente, apresenta ainda uma outra situação em que há a conjunção de dois elementos verbais formando uma única unidade oracional, com valor aspectual ‘globalizante’ (Soares, 1982), relativo à apresentação do fato como um todo, típico do ambiente da Figura Narrativa. O primeiro elemento verbal destas estruturas vem destituído de seu significado pleno de verbo de ação. São exemplos de estruturas globalizantes – *foi e disse, pegou e fez, virou e falou, etc.*

Narrativa 9 – (97)

Narrativa 13 – (141), (243)

Exemplo:

Narrativa 9

- (97) **Aí a madre foi e bateu o olho assim na santa ceia assim.**

Por outro lado, há situações nas quais expressões semelhantes às estruturas globalizantes apresentam material lingüístico interposto, principalmente constituinte de estrutura argumental do primeiro elemento da estrutura, o que ajuda na percepção deste como um predicado. Tem-se, nestas ocorrências, duas unidades oracionais distintas:

Narrativa 5 – (48/49)

Narrativa 6 – (74/75)

Exemplo:

Narrativa 5

- (48) **Ela pegô a galinha pelos pés,**
(49) **virô assim, pelos dois pés,**

PARTE B – ANÁLISE DAS ESTRUTURAS ORACIONAIS EM TERMOS DE VALORES TAM

Legenda

(1), (2), (3), etc – números atribuídos às unidades oracionais das narrativas.

1, 2, ETC, ATÉ 10 – INDICAÇÕES DO TEMPO E ASPECTO DA SITUAÇÃO EXPRESSA PELA VERBO, DA SEGUINTE FORMA:

<u>Tempo</u>	<u>Aspecto</u>
1 - <i>Presente</i> (presente ou valor atemporal)	- Imperfectivo
2 - <i>Pretérito Perfeito</i>	- Perfectivo
3 - <i>Pretérito Imperfeito</i>	- Imperfectivo
4 - formas ou valores de <i>Futuro do Presente</i> e <i>Futuro do Pretérito</i>	- Imperfectivo
5 - <i>Pretérito Mais-que-perfeito</i>	- Perfeito
6 - <i>Infinitivo</i>	- Imperfectivo
7 - <i>Gerúndio</i>	- Imperfectivo
8 - formas ou valores de Imperativo	- Imperfectivo
9 - formas de Subjuntivo	- Imperfectivo
10 - <i>Presente</i> histórico	- Imperfectivo

at – atemporal (*Presente* atemporal, que inclui *Presente* com sentido genérico e habitual)

LV – locução verbal, que pode ser:

asp. – aspectual, que, por sua vez pode ser: durativa, progressiva, iterativa, inceptiva, terminativa.

modal

V. – valor de

-D – discursivo (forma verbal ‘não-predicado’, marcador discursivo)
Tais formas verbais podem assumir as funções discursivas, indicando:

- falta de comprometimento do falante;
- busca de atenção do /envolvimento do/ contato com o ouvinte;
- retomada da Figura / marcação de Figura Narrativa;
- reformulação.

-P – predicado (forma verbal ‘predicado’)

N – negativa

R – *Realis*

IR – *Irrealis*

2 unidades crit. ins. suj. – a estrutura assim marcada é a primeira de um grupo de duas unidades oracionais, contendo verbos contíguos, que foram separadas através do critério de inserção de sujeito, sendo cada um dos verbos considerado um ‘predicado’.

2 unidades: crit. de mat. ling. interposto – a estrutura assim marcada é a primeira de um grupo de duas unidades oracionais, contendo verbos contíguos, que foram separadas por ocorrer entre essas duas formas verbais algum material lingüístico. Tal material poderia ser interpretado como compondo a estrutura semântica/gramatical/argumental da forma verbal alocada na primeira estrutura do conjunto. Cada um dos verbos foi considerado um ‘predicado’.

est. aband. – ocorre, nesta unidade oracional, uma estrutura abandonada pelo falante.

est. asp. globalizante – estrutura aspectual globalizante *pegou e fez, falou e disse, virou e falou*, etc.

cliv./ênf – existência nessa unidade oracional de estrutura clivada ou enfática.

- elem. de idiom. – a forma relacionada a essa marcação é parte de uma estrutura idiomática, portanto ‘não-predicado’.

est. alternativa – estrutura alternativa.

é = sim – a forma ‘é’ significa ‘sim’.

é- hesit. – a forma ‘é’ indica hesitação.

repetição aspectual iterativa – o valor aspectual desta estrutura manifesta-se no nível do discurso.

Todo elemento sublinhado é item lexical da estrutura.

NARRATIVA 1 – GRINGO^{xii}

(1)	1	
(2)	2	
(3)	3	
(4)	2	
(5)	2	
(6)	3	
(7)	2	
(8)	1	at
(9)	2	
(10)	2	
(11)	(IR)	1 LV asp. progressiva/durativa <u>olha</u> -D (busca da atenção do owinite) <u>achar</u> -P
(12)	1	
(13)	2	
(14)	(IR)	3 N
(15)	2	
(16)	2	
(17)	2	
(18)	3	
(19)	1	at <u>é</u> = sim (resposta a <u>né?</u>)
(20)	1	at
(21)	2	LV asp inceptiva (2 unidades- crit. ins. sujeito)
(22)	6	
(23)	(IR)	1 at <u>sei lá</u> -D (falta de comprom.do falante)
(24)	2	
(25)	2	
(26)	1	<u>olha</u> -D (busca da atenção do owinite)
(27)	(IR)	1 at N
(28)	1	LV asp. durativa
(29)	1	
(30)	(IR)	1 at N
(31)	1	at
(32)	1	at
(33)	1	at <u>saber</u> -P

xii Na legenda acima, todos os itens estão em negrito, para destaque. Na análise, porém, cada um deles pode aparecer em negrito, em itálico ou em estilo normal. Em estilo normal, está toda informação referente às estruturas oracionais pertencentes ao Domínio Suporte – Fundo; aparecem em negrito as informações referentes às estruturas oracionais pertencentes ao Domínio dos Eventos Narrativos – Figura e, finalmente, em itálico, aquelas informações referentes às estruturas do Domínio da Encenação – Discurso Direto.

(34)	1	<i>LV asp. progressiva</i>	
(35)	(IR)	8	
(36)		2	
(37)		2	
(38)	(IR)	1	<i>at N olha-D (busca da atenção do ouvinte)</i>
(39)	(IR)	1	<i>at N</i>
(40)	(IR)	1	<i>at N</i>
(41)		1	<i>LV asp. progressiva</i>
(42)	(IR)	4	<i>LV V. Futuro (quase)</i>
(43)		2	
(44)		2	
(45)		1	<i>cliv./ênf.</i>
(46)	(IR)	4	<i>N LV V. Futuro</i>
(47)		2	
(48)		2	repetição discursiva não aspectual
(49)		2	
(50)		3	
(51)		1	
(52)		2	
(53)		2	
(54)		1	<i>at.</i>
(55)		2	
(56)		2	
(57)		2	
(58)		1	<i>LV asp. progressiva</i>
(59)		7	
(60)		2	

NARRATIVA 2 – JACARÉ (A)

(01)	6	<i>entendeu-D (busca do envolv. do ouvinte)</i>
(02)	6	
(03)	1	<i>at.</i>
(04)	1	<i>at.</i>
(05)	1	<i>at.</i>
(06)	1	<i>at. é – elemento de idiom. saber-D</i>
(07)	1	<i>at.</i>
(08)	1	<i>at. LV asp. durativa</i>

(09)	1	at.	
(10)	1	at.	
(11)	(IR)	1	at. N
(12)	1	at.	
(13)	10		LV asp. inceptiva + durativa
(14)	7		
(15)	2		
(16)	2		
(17)	6		
(18)	3		
(19)	2		
(20)	2		
(21)	2		
(22)	2		
(23)	2		
(24)	(IR)	3	N
(25)	6		
(26)	6		
(27)	3		
(28)	2	idiom.	<u>sabe</u>-D (busca de envolv. do ouvinte)
(29)	3		
(30)	3		
(31)	3	LV asp.inceptiva	
(32)	3		
(33)	3	LV asp.inceptiva	(2 unidades - crit. mat. ling. interposto)
(34)	3		
(35)	6		
(36)	3		
(37)	3		
(38)	2	LV terminativa	
(39)	2	<u>sam</u> (redução de <u>sabe</u>)-D	(busca de envolv. do ouvinte)
(40)	2		
(41)	3		
(42)	2		
(43)	1	at.	
(44)	1	at.	
(45)	2		
(46)	2	LV asp. progressiva/durativa	
(47)	2		
(48)	6		

NARRATIVA 3 - JACARÉ (B)

(01)	1 at.
(02)	1 at.
(03)	1 at.
(04)	2
(05)	2 LV asp. inceptiva
(06) (IR)	1 at. N
(07)	1 at. Voz passiva
(08)	1 at.
(09)	1 at.
(10)	1 at.
(11)	3
(12)	2 LV asp.inceptiva
(13)	2
(14)	3
(15)	1 at.
(16)	1 at.
(17)	1 at. <u>ser-P</u>
(18)	1 at. <u>ser-P</u>
(19)	3 LV asp.iterativa
(20)	6
(21)	2
(22)	3
(23)	1 at. LV asp.iterativa
(24)	1 at.
(25)	6
(26)	6
(27)	1 at.
(28)	1 at.
(29)	6
(30)	1 at.
(31)	1 at.
(32)	6
(33)	2
(34)	2
(35)	2
(36)	3

(37)	2	
(38)	3	cliv./ênf.
(39)	5	
(40)	1 at.	
(41)	1 at.	
(42)	1 at.	(2 unidades: crit. de mat. ling. interposto)
(43)	7	<u>parecer</u> -P
(44)	1 at.	LV asp. durativa
(45)	1 at.	
(46)	1 at.	
(47)	1 at.	LV asp. durativa
(48)	6	<u>tá entendeno</u> -D (busca de envolv. do ouvinte)
(49)	2	
(50)	2	
(51)	(IR) 3	
(52)	2	(GESTO avança a história)
(53)	6	<i>repetição discursiva não aspectual</i>
(54)	2	
(55)	2	
(56)	2	LV asp. inceptiva
(57)	6	
(58)	(IR) 6	LV modal
(59)	1 at.	<u>ser</u> -P
(60)	1 at.	
(61)	1 at.	<u>ser</u> -P <u>entendeu</u> -D (busca de envolvimento do ouvinte)
(62)	1 at.	
(63)	1 at.	
(64)	1 at.	
(65)	1 at.	
(66)	1 at.	<u>ser</u> -P
(67)	2	
(68)	(IR) 2 N	(2 unidades – crit. ins. sujeito)
(69)	6	
(70)	2	
(71)	2	
(72)	2	
(73)	2	resumidora

NARRATIVA 4 - SURRA (A)

(01)	3	
(02)	3	
(03)	3	
(04)	3	
(05)	3	
(06)	3	
(07)	3	
(08)	3	LV asp. Inceptiva/progressiva
(09)	3	
(10)	3	LV asp. terminativa
(11)	3	
(12)	3	LV asp. inceptiva
(13)	3	
(14)	(IR) 4	V. Futuro
(15)	2	cliv./ênf
(16)	3	LV asp. progressiva
(17)	2	
(18)	3	
(19)	3	
(20)	3	<u>é</u> =sim (resposta a <u>né</u> ?)
(21)	2	
(22)	6	
(23)	2	
(24)	(IR) 8	LV modal V. Imperativo
(25)	3	<u>ser</u> -P
(26)	3	<u>ser</u> -P
(27)	(IR) 3	N
(28)	3	<u>ser</u> -P
(29)	(IR) 8	LV modal V. Imperativo
(30)	7	
(31)	(IR) 8	LV modal - V. Imperativo
(32)	(IR) 1	LV modal
(33)	(IR) 4	V. Futuro
(34)	(IR) 4	V. Futuro (est. alternativa)
(35)	2	(2 unidades - crit. ins. sujeito)
(36)	6	

(37)	(IR)	3	N
(38)	(IR)	3	N
(39)		3	LV asp durativa/progressiva
(40)		6	
(41)		7	
(42)		3	LV asp. durativa/progressiva
(43)		6	LV asp. durativa
(44)		1	at.
(45)		6	
(46)		3	LV asp. durativa/progressiva
(47)		2	
(48)		2	

NARRATIVA 5 – SURRA (B)

(01)		3	
(02)		1	at. <u>eles falam</u> -D (falta de comprom. do falante)
(03)	(IR)	1	at. N
(04)	(IR)	1	at. N
(05)		1	at.
(06)	(IR)	1	at. N
(07)		1	at. <u>tá entendeno</u> -D (busca de envolv. do ouvinte)
(08)		2	
(09)		6	
(10)		1	at. LV asp. durativa <u>diz que</u> -D (falta de comprom. falante)
(11)		1	at.
(12)	(IR)	4	LV V Futuro
(13)		1	at.
(14)		6	
(15)		6	
(16)		3	
(17)		6	
(18)		3	
(19)		6	
(20)		3	
(21)		3	
(22)		3	

(23)	3	
(24)	3	
(25)	2	resumidora de eventos seqüenciados de Fundo
(26)	2	<u>acontecer-P</u> cli./ênf. resumidora
(27)	5	
(28)	2	(pequenas inversões, reparos, explicações)
(29)	2	
(30)	(IR) 2	N
(31)	2	<u>achar-P</u>
(32)	(IR) 5	N
(33)	2	
(34)	2	
(35)	3	
(36)	2	LV asp. terminativa
(37)	2	
(38)	2	(pequenas inversões, reparos, explicações)
(39)	(IR) 2	N
(40)	2	
(41)	2	
(42)	2	
(43)	3	<i>(2 unidades – crit. mater. ling. interposto)</i>
(44)	7	
(45)	1	at.
(46)	2	
(47)	5	
(48)	2	(2 unidades: crit. de mat. ling. interposto)
(49)	2	
(50)	3	
(51)	3	
(52)	2	

NARRATIVA 6 – IDA PRA CUIABÁ

(01)	2
(02)	(IR) 2
(03)	3
(04)	2
(05)	2

(06)		2	
(07)	(IR)	3	N
(08)		2	
(09)		2	LV asp. inceptiva
(10)		3	<u>ser-P</u>
(11)		1	
(12)		2	
(13)		2	
(14)		2	
(15)		2	<u>ser-P</u>
(16)		2	
(17)		2	<u>eu sei que-D</u> (retomada da Figura) resumidora
(18)		2	(2 unidades – crit. ins. sujeito)
(19)		6	
(20)		2	
(21)	(IR)	3	N LV modal
(22)		3	LV asp. durativa
(23)		2	
(24)		6	
(25)		2	
(26)		2	
(27)		3	LV asp. durativa
(28)		2	contra-seqüencial
(29)		3	
(30)		3	
(31)		3	
(32)		3	
(33)		3	
(34)		3	(2 unidades – crit. mater. ling. interposto)
(35)		7	
(36)		6	
(37)		3	<u>ser-P</u>
(38)		3	
(39)	(IR)	3	<u>acho que-D</u> (falta de comprom.do falante)
(40)		3	
(41)		2	<u>eu sei-D</u> (retom. Figura) <u>escuta só-</u> (busca envolv. do ouvinte)
(42)	(IR)	1	N
(43)		3	ênf./cliv.

(44)	3	
(45)	3	<u>ser</u> -P
(46)	1	<u>ser</u> -P
(47)	(IR) 1	<u>num sei</u> -D (falta de comp. do falante)
(48)	3	LV asp. inceptiva + durativa
(49)	3	<u>ser</u> -P
(50)	3	LV asp. inceptiva + durativa
(51)	1	<u>ser</u> -P
(52)	3	LV asp. inceptiva + durativa idiom.
(53)	3	(2 unidades – crit. mat. ling. interposto)
(54)	7	
(55)	6	idiom.
(56)	6	
(57)	3	
(58)	3	<u>ser</u> -P
(59)	3	
(60)	3	
(61)	3	
(62)	2	
(63)	2	(2 unidades – crit. ins. sujeito)
(64)	6	
(65)	2	
(66)	2	
(67)	2	
(68)	2	
(69)	3	
(70)	(IR) 3	N
(71)	2	
(72)	(IR) 2	<u>sabe</u> -D (b. env. do ouv.) <u>sei lá</u> -D (f. de comp.) (est. altern.)
(73)	2	
(74)	2	
(75)	3	
(76)	3	
(77)	3	
(78)	3	
(79)	1	<u>olha</u> -D (busca de env. do ouv.) (2 unid. – crit. ins. sujeito)
(80)	6	
(81)	(IR) 8	
(82)	3	

(83)	3	
(84)	3	
(85)	6	
(86)	3	
(87)	3	
(88)	2	<i>Q-D (forma reduzida de olha- busca da atenção do ouvinte)</i>
(89)	(IR) 8	
(90)	2	<u>eu sei que-D</u> (retomada de eventos da Figura)
(91)	3	
(92)	2	<u>achar-P</u>
(93)	(IR) 5 N	
(94)	2	
(95)	3	
(96)	2	
(97)	2	<u>eu sei que-D</u> (marca de Figura) <u>imagina-D</u> (b. de env. do ouv.)
(98)	2	
(99)	2	
(100)	2	
(101)	2	
(102)	3	
(103)	1	
(104)	2	contra-seqüencial
(105)	3	
(106)	2	
(107)	2	
(108)	2	
(109)	2	(2 unidades – crit. ins. sujeito)
(110)	6	
(111)	2	
(112)	2	
(113)	2	

NARRATIVA 7 – MALDADE

(01)	6	<u>ser-P</u>	
(02)	3	<u>ser-P</u>	(est. aband.)
(03)	2	LV asp. durativa	

(04)		2	
(05)	(IR)	1 at.	N
(06)		1 at.	<u>entendeu cum'ê que ê-D</u> (busca de envolv. do ouvinte)
(07)		1 at.	
(08)		2	
(09)		2	
(10)		2	
(11)		2	
(12)		2	
(13)		2	
(14)		1 at.	<u>ser-P</u>
(15)		2	
(16)		2	
(17)		2	
(18)		2	(est. globalizante)
(19)		2	
(20)		2	
(21)		2	contra-seqüencial
(22)		2	idiom.
(23)		2	
(24)		2	
(25)	(IR)	9	
(26)	(IR)	4	<i>V. Futuro do Pretérito</i>
(27)		2	resumidora/avaliativa
(28)		3	<u>saber-P</u> (flexão)
(29)		3	<u>ser-P</u>
(30)		1 at.	
(31)		1 at.	
(32)		1 at.	<u>ser-P</u>
(33)	(IR)	1 at.	N
(34)		1 at.	ênf./cliv.
(35)	(IR)	1 at.	N
(36)		2	resumidora/avaliativa

NARRATIVA 8 – PIANO

(01)	2	
(02)	2	(est. aband.)
(03)	2	
(04)	6	
(05)	(IR) 2 N	(2 unidades – crit. ins. sujeito)
(06)	6	
(07)	2	
(08)	3	
(09)	1 at.	
(10)	1 at.	
(11)	3	
(12)	3	
(13)	(IR) 3 N	
(14)	(IR) 3 N	
(15)	3	LV asp. durativa
(16)	3	
(17)	3	
(18)	(IR) 3 N	<u>sabe-D</u> (busca de envolv. do ouvinte)
(19)	3	
(20)	(IR) 3 N	
(21)	2	
(22)	3	
(23)	2	
(24)	(IR) 4	LV V. Futuro do Pretérito
(25)	6	
(26)	(IR) 4	LV V. Futuro do Pretérito
(27)	6	
(28)	6	
(29)	2	
(30)	2	<u>sabe-D</u> (busca de envolv. do ouvinte)
(31)	3	
(32)	2	
(33)	2	
(34)	(IR) 8	LV modal V. Imperativo
(35)	3	
(36)	3	<u>sabe-D</u> (busca de envolv. do ouvinte)

(37)	3	<u>ser</u> -P	
(38)	(IR) 9	N	
(39)	6		
(40)	3		
(41)	7		
(42)	7	<u>sabe</u> -D (busca de envolv. do ouvinte)	
(43)	3		
(44)	3		
(45)	1	at.	
(46)	3		
(47)	3	(est. aband.)	
(48)	3		
(49)	3	<u>ser</u> -P	
(50)	3		
(51)	2		
(52)	(IR) 8	<i>LV modal V. Imperativo</i>	
(53)	1		
(54)	(IR) 8	<i>LV modal V. Imperativo</i>	
(55)	1	at. <u>ser</u> -P	
(56)	1	at.	
(57)	(IR) 6	<i>N LV asp. durativa</i>	<i>ênf./cliv.</i>
(58)	6		
(59)	1		
(60)	1		
(61)	6		
(62)	6		
(63)	6		
(64)	2	<u>ser</u> -P <u>sabe</u> -D (busca de envolv. do ouvinte)	
(65)	3		
(66)	2		
(67)	2		
(68)	2		
(69)	3		
(70)	(IR) 3	N	
(71)	3		
(72)	(IR) 6	N	
(73)	2	LV asp. inceptiva	
(74)	6		
(75)	3		

(76)	5	cê acredita-D (contato com o ouvinte)
(77)	(IR) 2 N	(2 unidades – crit. de ins. de sujeito)
(78)	(IR) 6 N	
(79)	6	
(80)	2	

NARRATIVA 9 – IRMÃ DE CARIDADE

(01)	(IR) 3 N	<u>eu sei que</u> -D (introdutório)
(02)	3	<u>ser</u> -P
(03)	3	
(04)	(IR) 9	<u>sabe</u> -D (busca de envolv. do ouvinte)
(05)	3	
(06)	3	(2 unidades- crit. de mater. ling. interposto)
(07)	6	
(08)	6	
(09)	3	
(10)	3	
(11)	6	
(12)	3	
(13)	7	
(14)	7	
(15)	(IR) 9	
(16)	3	<u>sabe</u> -D (busca de envolv. do ouvinte)
(17)	3	LV asp. durativa
(18)	3	
(19)	1	at.
(20)	1	at. <u>ser</u> -P
(21)	3	<u>ser</u> -P
(22)	3	<u>ser</u> -P
(23)	2	contra-seqüencial
(24)	(IR) 9	ênf./cliv.
(25)	3	(2 unidades- crit. ins. de sujeito)
(26)	(IR) 9	contra-seqüencial
(27)	2	cliv./ênf.
(28)	3	
(29)	3	LV asp. durativa
(30)	5	

(31)	6	
(32)	2	
(33)	6	
(34)	2	
(35)	6	
(36)	2	
(37)	3	
(38)	3	
(39)	3	
(40)	3	<u>ser</u> -P
(41)	3	
(42)	2	Voz passiva
(43)	2	LV asp. durativa
(44)	3	LV asp. durativa
(45)	3	
(46)	3	
(47)	3	
(48)	2	
(49)	2	
(50)	2	
(51)	2	<u>viu</u>-D (busca de contato com o ouvinte)
(52)	2	<u>quer dizer</u>-D (reformulador)
(53)	2	
(54)	2	(pequenas reformulações, inversões, reparos)
(55)	3	
(56)	2	(2 unidades- crit. ins. de sujeito)
(57)	6	
(58)	2	(2 unidades- crit. ins. de sujeito)
(59)	6	
(60)	2	(2 unidades- crit. ins. de sujeito)
(61)	6	
(62)	2	
(63)	2	
(64)	3	
(65)	3	(2 unidades- crit. de mater. ling. interposto)
(66)	6	repetição asp. iterativa
(67)	3	ênf./cliv
(68)	7	
(69)	3	

(70)	3	LV asp. inceptiva	
(71)	3		
(72)	2	contra-seqüencial	
(73)	10		
(74)	2		(2 unidades- crit. de mater. ling. interposto)
(75)	2		
(76)	2		
(77)	(IR) 9		
(78)	6		
(79)	6		
(80)	6		
(81)	3		
(82)	2		
(83)	2		repetição asp. iterativa
(84)	2	LV asp. iterativa/progressiva	repetição asp. iterativa
(85)	(IR) 3	N	
(86)	3		
(87)	(IR) 9		
(88)	6		
(89)	3		
(90)	(IR) 3		
(91)	7		
(92)	(IR) 2	N	
(93)	(IR) 3	N	
(94)	3		
(95)	3		
(96)	(IR) 3	N	
(97)	2		idiom. est. asp. globalizante
(98)	5		
(99)	3		
(100)	2		
(101)	2		idiom.
(102)	2		est. asp. globalizante
(103)	(IR) 4	N	<i>LV V. Futuro</i>
(104)	2		
(105)	2		
(106)	(IR) 4	<i>V. Futuro</i>	(2 unidades- crit. ins. de sujeito)
(107)	6		

- (108) 2 contra-seqüencial (2 unidades- crit. ins. de sujeito)
- (109) 6
- (110) 6
- (111) (IR) 2 N (est. aband)
- (112) (IR) 4 LV V. Futuro do Pretérito
- (113)** 2
- (114)** 2 (**est. globaliznte**)
- (115) 2
- (116) 2
- (117) 2
- (118) 2 *repetição aspectual durativa*
- (119)** 2
- (120) 5
- (121) (IR) 1
- (122) 1 at. ser-P
- (123) (IR) 4 V. Futuro
- (124) 1 at. ser-P
- (125) 2
- (126) 6
- (127) (IR) 1 N sabe-D (*busca do envol. do ouvinte*)
- (128) (IR) 2 N
- (129)** 2
- (130)** 2
- (131) 2 olha aqui-D (*busca da atenção do ouvinte*)
- (132)** 2
- (133)** 2
- (134) (IR) 1 at. N ser-P
- (135) 1 at. ser-P
- (136) (IR) 1 at. N ser-P
- (137)** 2
- (138)** 2 sabe-D (*busca do envol. do ouvinte*)
- (139)** 2
- (140)** 2
- (141)** 2
- (142) (IR) 2 N
- (143) (IR) 2 N
- (144)** 2 **cliv./ênf.** (**pequenas reformulações, inversões, reparos**)
- (145) (IR) 4 N LV V. Futuro do Pretérito

(146)	(IR)	2	N
(147)		2	
(148)		2	
(149)		2	
(150)		6	

NARRATIVA 10 – PRESENTE

(01)		3	
(02)		2	
(03)		2	
(04)		2	
(05)		7	
(06)		7	
(07)		7	
(08)		3	
(09)		2	
(10)	(IR)	9	
(11)	(IR)	3	N LV modal
(12)		3	
(13)	(IR)	3	N LV modal
(14)		2	
(15)		2	
(16)		2	
(17)		6	
(18)		3	(2 unidades- crit. mat. ling. Interposto)
(19)		7	
(20)		3	
(21)		3	
(22)		2	<u>ser-P</u>
(23)		3	
(24)		2	
(25)		3	
(26)	(IR)	5	N
(27)		2	
(28)		2	
(29)	(IR)	8	
(30)		2	LV asp. durativa

(31)	2	
(32)	2	
(33)	2	
(34)	(IR) 8	
(35)	6	(2 unidades- crit. ins. de sujeito)
(36)	6	
(37)	2	
(38)	3	<u>saber</u> -P (2 unidades- crit. ins. de sujeito)
(39)	6	
(40)	3	
(41)	3	<u>saber</u> -P (2 unidades- crit. ins. de sujeito)
(42)	6	
(43)	2	
(44)	3	<u>ser</u> -P
(45)	2	<u>achar</u>-P
(46)	(IR) 5 N	
(47)	2	contra-seqüencial
(48)	2	LV. asp. inceptiva
(49)	6	
(50)	6	
(51)	1	<u>lembrar</u> -P
(52)	3	<u>ser</u> -P
(53)	1	<i>at.</i>
(54)	3	
(55)	1	<i>at.</i>
(56)	(IR) 5 N	idiom.
(57)	3	<u>ser</u> -P
(58)	3	<u>ser</u> -P
(59)	(IR) 5 N	
(60)	2	contra-seqüencial (2 unidades- crit. ins. de sujeito)
(61)	6	
(62)	6	
(63)	(IR) 5 N	
(64)	3	
(65)	2	Voz passiva contra-seqüencial V. asp. Completivo
(66)	3	
(67)	7	
(68)	3	
(69)	7	

(70)	(IR)	2	N	contra-seqüencial
(71)	(IR)	5	N	
(72)		2		cliv./ênf.
(73)		2		
(74)		2		LV asp. inceptiva
(75)		2		
(76)		2		LV asp. iterativa

NARRATIVA 11 - PONTE

(01)		1	at.	<u>ser</u> -P
(02)		3		cliv./ênf.
(03)		2		
(04)		2		
(05)	(IR)	3	N	
(06)		2		
(07)	(IR)	3	N	
(08)	(IR)	3	LV modal	
(09)		3		<u>ser</u> -P
(10)		3	LV asp. durativa	
(11)		2		
(12)	(IR)	1	N	
(13)		1		
(14)		3		<u>ser</u> -P
(15)		3		<u>ser</u> -P
(16)		2		<u>ser</u> -P
(17)		2		
(18)		2		
(19)		2		
(20)		3		
(21)		3		
(22)		2		(est. aband.)
(23)		2		
(24)		2		cliv./ênf.
(25)		2		

NARRATIVA 12 - BOM DE LEITURA

(01)	3	
(02)	(IR) 3	N (2 unidades- crit. ins. de sujeito)
(03)	6	
(04)	3	
(05)	3	
(06)	3	
(07)	3	(2 unidades- crit. ins. de sujeito)
(08)	6	
(09)	2	
(10)	3	LV asp. progressiva
(11)	2	
(12)	1	at.
(13)	(IR) 8	
(14)	2	
(15)	2	
(16)	(IR) 2	<u>diz que-D</u> (falta de comprom. do falante)
(17)	2	
(18)	3	
(19)	2	
(20)	2	

NARRATIVA 13 - FERNANDO SABINO

(01)	2	ênf./cliv.	(est. aband.)
(02)	6		
(03)	3	<u>acontece-D</u>	ênf./cliv.
(04)	(IR) 3	LV modal	
(05)	3		
(06)	3		
(07)	3		
(08)	3		
(09)	3		
(10)	(IR) 3	N.	
(11)	3		
(12)	(IR) 3	N	

(13)	3		
(14)	3		
(15)	3	<u>ser-P</u>	é-hesit.
(16)	3		
(17)	3	ênf./cliv.	
(18)	2	<u>aconteceu que-D</u>	(retomada da FIGURA)
(19)	3		
(20)	(IR) 4	LV V. Futuro do Pretérito	
(21)	(IR) 4	V. Futuro do Pretérito <u>parece que-D</u>	(f. de comprom. falante)
(22)	3	<u>ser-P</u>	
(23)	3	<u>ser-P</u>	
(24)	2		
(25)	2		
(26)	2	<u>qué dize-D</u>	(organizador/explicativo)
(27)	2		
(28)	3	(2 unidades- Crit. ins. sujeito)	
(29)	6		
(30)	2		
(31)	6		
(32)	3	<u>o que acontece é que- D</u>	(est. aband.)
(33)	1 at.	<u>ser-P</u>	
(34)	1 at.		
(35)	1 at.	<u>ser-P</u>	
(36)	1 at.		
(37)	1 at.		
(38)	3		
(39)	3	repetição asp. iterativa (+ prefixo asp. iterativo)	
(40)	3		
(41)	5		
(42)	3		
(43)	3		
(44)	3	LV asp. durativa/progressiva	
(45)	3	<u>ser-P</u>	
(46)	7		
(47)	7		
(48)	1 at.		
(49)	2		
(50)	2		
(51)	(IR) 2	N	

(52)		2		
(53)	(IR)	2	N	LV modal (ídiom.)
(54)		2		
(55)		3		LV asp. progressiva
(56)		3		<u>ser</u> -P
(57)		3		
(58)	(IR)	3	N	
(59)		3		
(60)		3		<u>ser</u> -P
(61)	(IR)	3	N	
(62)		2		
(63)		3		
(64)		3		<u>ser</u> -P
(65)		3		<u>ser</u> -P
(66)		3		
(67)	(IR)	3	N	V. Futuro do Pretérito
(68)		3		<u>ser</u> -P
(69)		2		
(70)		2		resumidora cliv./ênf.
(71)		2		<u>lembrar</u>-D
(72)		2		<u>ser</u>-P resumidora/avaliativa
(73)		2		
(74)		3		<u>ser</u> -P
(75)		2		LV inceptiva (est. globalizante)
(76)	(IR)	1	N	<u>lembrar</u> -P
(77)		3		<u>ser</u> -P
(78)		3		<u>ser</u> -P
(79)	(IR)	1	N	<u>lembrar</u> -P
(80)		2		LV asp. inceptiva <u>eu sei que</u>-D
(81)		7		
(82)		2		
(83)		2		
(84)		2		LV asp. inceptiva <u>sabe</u>-D (contato com o ouvinte)
(85)		1		<u>lembrar</u> -P
(86)		3		
(87)	(IR)	3	N	
(88)	(IR)	3	N	<u>ser</u> -P
(89)		2		<u>eu lembro que</u>-D
(90)		2		

(91)	2		
(92)	2		
(93)	2	LV asp. inceptiva + durativa	
(94)	2		
(95)	2	resumidora/avaliativa	
(96)	(IR) 3	<u>parece que</u> -D (falta de comprom.)	(est. aband.)
(97)	(IR) 3	N	
(98)	3	LV asp. inceptiva + durativa	
(99)	2	(2 unidades –crit. mat. ling. interposto)	
(100)	7		
(101)	7		
(102)	7		
(103)	2	LV asp. inceptiva	
(104)	2	resumidora/avaliativa	
(105)	2	cliv./ênf.	
(106)	2	<u>ser</u>-P resumidora/avaliativa	
(107)	3		
(108)	6		
(109)	(IR) 4	V. Futuro do Pretérito	
(110)	(IR) 4	N V. Futuro do Pretérito	
(111)	(IR) 3	<u>parece que</u> -D (falta de comprom. do falante)	
(112)	(IR) 3	N	
(113)	(IR) 3	<u>qué dize</u> -D (organizador/explicativo)	
(114)	(IR) 3	N	
(115)	(IR) 3	N	
(116)	(IR) 4	LV V. Futuro do Pretérito	
(117)	3		
(118)	(IR) 4	LV V. Futuro do Pretérito	
(119)	3	<u>ser</u> -P	
(120)	(IR) 4	LV V. Futuro do Pretérito	
(121)	2	(2 unidades- crit. mat. ling. interposto)	
(122)	7		
(123)	3		
(124)	3	<u>parecer</u> -P	
(125)	2		
(126)	2		
(127)	(IR) 4	N LV V. Futuro do Pretérito	(ídiom.)
(128)	2		
(129)	(IR) 4	LV V. Futuro do Pretérito	<i>cliv./ênf.</i>

(130)	1	at.	
(131)	3		
(132)	(IR)	3	<u>num sei-D</u> (falta de comprom. do falante)
(133)	5		
(134)	3		
(135)	(IR)	3	N
(136)	2		(idiom.) (2 unid. – crit. ins. sujeito)
(137)	6		
(138)	2		
(139)	3		
(140)	(IR)	1	at. <u>ser-P</u> <u>quem sabe-D</u> (incerteza)
(141)	2		est. asp. globalizante
(142)	2		
(143)	(IR)	1	N <u>esquecer-P</u>
(144)	2		
(145)	2		(est. aband.)
(146)	(IR)	1	at. N <u>cumé que é</u> (organizador do discurso)
(147)	1	at.	<u>ser-P</u>
(148)	1	at.	<u>ênf./cliv.</u>
(149)	3		<u>é-</u> hesitação
(150)	3		
(151)	3		
(152)	1	at.	
(153)	2		<u>acontece-D</u> (retomada da Figura)
(154)	2		
(155)	1		<u>ser-P</u>
(156)	2		LV asp. inceptiva + durativa (est. aband.)
(157)	2		repetição asp.durativa
(158)	2		LV asp. durativa
(159)	2		
(160)	2		LV asp. durativa
(161)	2		
(162)	(IR)	2	N LV asp. terminativa
(163)	2		LV asp. terminativa
(164)	1	at.	<u>ser-P</u>
(165)	2		
(166)	(IR)	1	at. N <u>ser-P</u>
(167)	2		
(168)	6		

(169)	(IR)	8	
(170)		3	
(171)		2	
(172)		2	
(173)	(IR)	4	LV V. Futuro
(174)		2	est asp. globalizante
(175)		6	
(176)	(IR)	1	N <u>lembrar</u> -P (est. neg.) (est. aband.)
(177)		3	<u>só sei que</u> -D
(178)		3	
(179)		3	
(180)		5	
(181)	(IR)	4	V. Futuro do Pretérito LV modal <u>num sei o quê</u> -D (f. de comprom.)
(182)		3	
(183)		3	
(184)		2	<u>eu lembro que</u> (retomada da Figura)
(185)		3	
(186)		3	
(187)	(IR)	1	at. <u>num sei</u> -D (falta de comprom. do falante)
(188)		1	at. cliv./ênf.
(189)		3	
(190)		3	
(191)		3	
(192)		3	
(193)		3	<u>ser</u> -P
(194)		3	<u>ser</u> -P
(195)	(IR)	3	N (est. aband.)
(196)		3	<u>ser</u> -P
(197)		1	at. <u>ser</u> -P
(198)		1	at. <u>ser</u> -P
(199)		1	at. <u>ser</u> -P
(200)		2	
(201)		2	<u>eu lembro que</u>-D resumidora/avaliativa
(202)		3	LV asp. durativa
(203)		2	
(204)		2	
(205)		3	
(206)	(IR)	2	<u>sabe</u>-D(contato com o ouvinte) <u>quase</u>
(207)		2	

(208)	2		
(209)	3	LV asp. progressiva	<u>eu lembro que-D</u>
(210)	7		
(211)	1	at.	
(212)	1	at.	
(213)	3	<u>ser-P</u>	
(214)	7		
(215)	1	at.	
(216)	2		
(217)	10		
(218)	2	<u>olha-D</u> (busca da atenção do ouvinte)	
(219)	2		
(220)	2		
(221) (IR)	2	<u>num sei quê-D</u> (falta de comprom. do falante)	
(222)	2	LV asp. durativa	
(223)	5		
(224)	2		
(225)	2		
(226)	2		
(227)	2		
(228)	2	contra-seqüencial	
(229)	2		
(230)	1	<u>ser-P</u>	
(231)	2		
(232)	3		
(233)	5	<u>sabe-D</u> (busca de envolv. do ouvinte)	
(234)	2	<u>eu sei que-D</u> (retomada da FIGURA)	
(235)	2		
(236)	2		
(237)	2		
(238)	6		
(239)	2		
(240)	2		
(241)	1	at. <u>ser-P</u>	
(242)	2		
(243)	2	LV asp. incetiva + durativa est. asp. globalizante	
(244)	6	repetição asp. iterativa	
(245) (IR)	1	LV modal Asp. perf. <u>eu acho que-D</u> (falta de comprom.)	
(246) (IR)	1	LV modal Asp. perf.	

(247)	2	
(248)	2	
(249) (IR)	9	
(250)	6	
(251) (IR)	8	
(252)	1	
(253)	2	<u>ser-P</u>
(254)	2	<u>ser-P</u>
(255)	3	LV asp. progressiva
(256)	3	LV asp. progressiva
(257)	5	
(258)	2	
(259)	5	
(260)	5	
(261)	10	
(262)	2	
(263)	1	LV asp. progressiva
(264)	2	
(265)	2	
(266) (IR)	1	at. <u>ser-P</u>
(267)	2	
(268)	2	
(269)	1	at. <u>ser-P</u>
(270)	1	at. <u>ser-P</u>
(271)	2	(est. aband.)
(272)	2	
(273)	2	(est. aband.)
(274) (IR)	1	N
(275)	2	
(276) (IR)	3	<u>num sei onde, num sei quê-D</u> (falta de comp.) (2 unid- Crit. mat. ling.)
(277)	7	
(278)	2	contra-seqüencial
(279)	1	at. cliv./ênf.
(280)	1	at. <u>ser-P</u>
(281)	1	at.
(282)	1	at. <u>ser-P</u>
(283)	2	<u>achar-P</u>
(284)	2	contra-seqüencial

(285)	2		
(286)	1	<i>LV asp. progressiva</i>	
(287) (IR)	1	<i>N</i>	(2 unidades- crit. ins. sujeito)
(288)	6	<i>Voz passiva</i>	
(289)	1	<i>LV asp. inceptiva</i>	
(290)	1	<i>at.</i>	
(291)	6		
(292)	2		
(293) (IR)	1	<i>LV modal</i>	
(294)	2		
(295)	2		
(296) (IR)	3	<u>num sei-D</u> (falta de comprom. do falante)	
(297)	2	<u>sabe-D</u> (busca de envolv. do ouvinte)	
(298)	1	<i>at.</i>	<u>sabe-D</u> (busca de envolv. do ouvinte)
(299)	2		
(300) (IR)	1	<i>LV modal</i>	
(301)	2	LV durativa/repetitiva	
(302) (IR)	3	<i>N</i>	<u>saber-P</u> (flexão e neg.)
(303)	6		
(304) (IR)	4	<i>LV V. Futuro do Pretérito</i>	
(305) (IR)	4	<i>LV V. Futuro do Pretérito</i>	
(306)	3	(2 unidades- crit. ins. sujeito)	cliv./ênf.
(307)	6		
(308) (IR)	9		
(309) (IR)	3	<i>N</i>	
(310) (IR)	4	<i>LV V. Futuro do Pretérito</i>	
(311) (IR)	4	<i>LV V. Futuro do Pretérito</i>	
(312) (IR)	5	<i>N</i>	
(313)	6		
(314)	5	(est. abandon.)	
(315) (IR)	3	<i>N</i>	
(316)	3	(2 unidades- crit. ins. sujeito)	
(317) (IR)	9		
(318)	2		
(319) (IR)	2	<u>acho que, num sei-D</u> (falta de comprom. do falante)	
(320)	2	resumidora/avaliativa	<u>sabe-D</u> (busca de envolv. ouvinte)
(321) (IR)	2	<i>N</i>	(2 unidades- crit. ins. sujeito)
(322)	6		

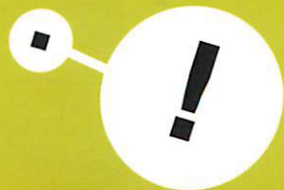
(323)	2	
(324)	2	resumidora/avaliativa
(325)	2	<u>ser-P</u> resumidora/avaliativa

Adriana Maria Tenuta de Azevedo é professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Leciona nessa instituição desde 1994. Realizou seu mestrado e doutorado em lingüística, na UFMG, tendo feito estágio, durante seu doutoramento, na Universidade de Portsmouth, Inglaterra. Sua área principal de interesse de pesquisa é a Lingüística Cognitiva, com foco nos estudos de aspectos gerais da língua em uso e nos estudos da narrativa. Realiza também pesquisa em Lingüística Aplicada ao ensino de língua estrangeira.



inCognito

Participa do Grupo inCognito dos estudos da interface entre linguagem, cognição e cultura, da FALE/UFMG.



Este livro apresenta uma proposta de descrição da estruturação de narrativas orais através dos modelos teóricos dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual da Linguística Cognitiva. Demonstra, através de diagramas realizados com base nesses modelos, uma das formas como atua na linguagem o princípio da percepção cognitiva proposto pela psicologia Gestalt em termos de figura e fundo. Segundo esse princípio, distinguimos, em nossa experiência no mundo, elementos salientes em relação a um pano de fundo preferencialmente mais homogêneo. Por focar as categorias verbais de tempo, modo e aspecto em textos narrativos autênticos, lida com a conexão entre a gramática e o discurso.

